UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

MARCO AURÉLIO DE LIMA

Contornos de subjetividades na web – a escrita de si em blogs: uma análise institucional do discurso

São Paulo
2016

MARCO AURÉLIO DE LIMA

Contornos de subjetividades na web – a escrita de si em blogs: uma análise institucional do discurso

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.
Orientadora: Professora Livre Docente Marlene Guirado

São Paulo
2016

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Lima, Marco Aurélio de.
Contornos de subjetividades na web: a escritura de si em *blogs*: uma análise institucional do discurso / Marco Aurélio de Lima; orientadora Marlene Guirado. -- São Paulo, 2016.
215 f.
Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração**:** Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Subjetividade 2. *Blogs* 3. Escrita de si 4. *Ethos* 5. Análise institucional do discurso I. Título.

LB1139.W7

LIMA, Marco Aurélio de
Contornos de subjetividades na web – a escrita de si em blogs: uma análise institucional do discurso

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.
Orientadora: Profa. Livre Docente Marlene Guirado

BANCA EXAMINADORA

Profa. Livre Docente Marlene Guirado
Instituição: IPUSP Assinatura: _____

Profa.. Dra. Luciana Albanese Valore
Instituição: Dep. Psicologia Univ. Fed. Paraná Assinatura: _____

Profa. Livre Docente Elizabeth Harkot de La Taille
Instituição: FFLCH USP Assinatura: _____

Prof. Dr. Sandro Luis Silva
Instituição: Dep. Letras UNIFESP Assinatura: _____

Prof. Dr. Paulo Albertini
Instituição: IPUSP Assinatura: _____

Dissertação apresentada e aprovada em: ____/____/____

À meus pais, ao Fá, à Mô e ao Apollo
E a recém chegada e já muito amada, Helô..

Agradecimentos

Depois de uma empreitada tão árdua como esta é muito satisfatório chegar a algum tipo de desfecho e perceber que foi possível contar com tantos apoios e amizades.

À meus queridos pais pelo apoio de sempre em todos os momentos de dificuldade.

À Marlene, orientadora e amiga, um agradecimento sincero pela orientação tão próxima, sem o qual tal empreitada não teria sido possível. Muito obrigado também por ter criado este discurso, a AID, em meio a tanta rarefação discursiva, uma senda valiosa por onde muitos de nós podem doravante caminhar.

Ao colegas/amigos de orientação, vozes valiosas que contribuíram bastante para a confecção desta tese. Renee, Helô, Lázaro, Tiago, Yuri, Marcel e um agradecimento especial para Lucas Tierry e Felipe pela sagacidade, perspicácia e agudeza no raciocínio analítico que muito me ajudaram nesta empreitada.

Danille, grande amiga, pela apoio e parceria nos momentos de "aperto", por perscrutar minhas palavras e permitir que elas saíssem um pouco menos desajeitadas.

Aos "chefes" Eduardo Becker, Ricardo, Fábio e amigos queridos pelo apoio nos momentos mais tensos desta empreitada.

Ao prof. Sandro Luis Silva e a profa. Elizabeth Harkot de la Taille por terem contribuído com este trabalho por meio de suas aulas.

Aos queridos amigos de lida diária Getúlio, Luciano, Ana Yara e Melina.

Amigos aqui da terra da garoa que souberam entender os momentos de ausência nos encontros, nas discussões políticas e nos chás de bebê. Renata, Juzinha, Mari, Guilherme, Serjão, Nivaldo, Daniel.

Aos eternos brothers de Sorocaba Enrico, Ricardo Chaves, Cintia, Dimi, Ju, Zé, Carol.

A Nely pela escuta transformadora de tantos anos

Lista de figuras

Figura 1 - Matriz para tipificação dos blogs 65
Figura 1 - Apresentação do blog Ana e Mia Sempre 67
Figura 2 - Foto de uma pessoa desconhecida onde se evidencia a obesidade 72
Figura 3 - Fotografia de uma pessoa não identificada em que o corpo fica em destaque 73
Figura 4 - Imagem de outra pessoa desconhecida, seminua comendo 73
Figura 5 - Novamente uma imagem de uma mulher desconhecida seminua 74
Figura 6 - Comparação de corpos meninos evidenciando a dicotomia esbelta/gorda 75
Figura 7- Novamente a comparação entre um corpo esbelto e um obeso 75
Figura 8 - A comparação entre as figuras sugere se tratarem das mesmas pessoas evidenciando a transformação do corpo 76
Figura 9 - Novamente a comparação entre corpos que alternam suas medidas 76

Figura 10 – Foto de Tauu 79
Figura 1 - Apresentação do blog Lenitivo em 04/05/2014 84
Figura 2 - Apresentação do blog em 30/10/2015 85
Figura 1- Apresentação inicial do blog "Apenas Ana" 105
Figura 2 - Recorte dos "links" apresentados na página principal do blog 107
Figura 3 - Figura que acompanha o primeiro trecho de auto apresentação e mostra Ana sorrindo 108
Figura 4 - Justaposição de fotos que permite uma comparação entre dois momentos da vida de Ana 110
Figura 5 - Foto da participação de Ana da revista capricho 113
Figura 6 - Foto que acompanha o último extrato do item "Sobre mim" 115
Figura 7 - Fotografia de Ana que acompanha texto de 2013 117
Figura 1 - Página inicial do blog Mundo dos Depressivos 127
Figura 3 - Página de história em quadrinho de Superman 136
Figura 1 - Página inicial do blog em 27/10/2015 149
Figura 2 - Página de apresentação do blog em 03/01/2016. 150
Figura 3 - Foto de Babi em seu texto de autoapresentação 152
Figura 4 - Foto em que se vê uma pessoa observando a paisagem 153
Figura 5 - Apresentação do *link* "Home" e sua frase correspondente 165
Figura 6 - Apresentação do *link* "Quenhé" (sic) e sua frase correspondente 165
Figura 7 - Apresentação do *link* "Blogroll" e sua frase correspondente 166
Figura 8 - Apresentação da página à que se é direcionado ao clicar em "Blogroll" 166
Figura 9 – Apresentação do *link* "Clipping" e sua frase correspondente 167
Figura 10 - Apresentação do *link* "Contato" e sua frase correspondente 167
Figura 11 - Figura do pequeno Príncipe 171
Figura 12 - Papel de carta escrito e digitalizado por Babi 177
Figura 1 - Um exemplo de aparição da fórmula "antes e depois" 192

RESUMO

LIMA, M. A. *Contornos de subjetividades na web – a escritura de si em blogs: uma análise institucional do discurso*. 2016. 218 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

O presente trabalho, concebido a partir da perspectiva da Análise Institucional de Discurso, objetiva desenhar a produção de subjetividade no âmbito de um suporte digital específico, de modo a delinear algumas "imagens de si" a partir da escolha de cinco *weblogs* de cunho pessoal. Para isto, foi necessário conduzir uma análise que visasse a configurar as *cenas enunciativas* constitutivas da escrita de si exibida nos *blogs*. Por meio dos *corpora*, realizaram-se três tarefas complementares: (1) montar as *cenografias* – entendidas como cenas que legitimam o enunciado, que distribuem lugares discursivos entre enunciador e coenunciador e que engendram um intrincado jogo de expectativas; (2) estabelecer os *ethé* dos escreventes (*ethé* é plural de *ethos*, termo que designa a imagem que se pode formar do enunciador a partir do modo como este toma a palavra); e (3) evidenciar os *efeitos de reconhecimento e desconhecimento* configurados na enunciação. As análises realizadas permitem afirmar que, pela própria maneira de expressar-se no blog, o escrevente cria uma relação de intimidade e familiaridade com o leitor. Além disso, é possível dizer que, por meio de oposições e diferenciações do escrevente em relação a um interlocutor produzido *no* discurso, emerge uma imagem valorizada do "eu", uma subjetividade como um elogio de si. O *blog*, muitas vezes, é visto como um "espelho" que reflete o que realmente se é, configurando, consequentemente, um "eu" consciente da verdade sobre si. Por fim, cumpre asseverar que, na escrita de si, presente nos *corpora* analisados, a vida é reconhecida como aquilo que acontece no *blog*. Em função dos contornos construídos pela análise, foi possível "apontar", retomando as palavras de Michel Foucault, processos de "subjetivação do discurso e objetivação do sujeito". Por fim, este trabalho também se constitui como uma apropriação do conceito de *ethos*, no âmbito da

Análise Institucional de Discurso.

Palavras-chave: subjetividade; *blogs*; escrita de si; *ethos*; Análise Institucional do Discurso.

ABSTRACT

LIMA, M. A. Subjectivities outlines in web – the self writing in blogs: a discourse institutional analysis 2016. xxx f. Thesis (Psychology Doctorate). Psychology Institute, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

This research, conceived by Discourse Institutional Analysis theory, aims to delineate the subjectivity production in a specific digital base scope, designing some "oneself images" from five personal features weblogs choices. For that purpose, it has been required to lead an analysis that intended to set up the *enunciative scenes* that constitute the self writing in the blogs. By means of the *corpora*, three additional tasks were accomplished: (1) to assemble the *scenographies* – perceived as scenes that justify the enunciation, that deliver discursive positions given between the enunciator and co-enunciator and that beget a complex expectation set. (2) to determine writers' *ethé* (this is the plural form of *ethos*, a term for that possible formed image from the enunciator since the means taken for this word) and (3) to evidence the *ignorance* or *acknowledgement effects* configured in the enunciation. The conducted analyzes allow to claim that, by the very way expression on the blog, the writer builds a close connection between him and the reader. Furthermore, it's possible to assert that, by writer's oppositions and differentiations regarding to a speech produced interlocutor, an enriched self-image arises, as subjectivity, a self-compliment. Frequently the *blog* is seen as a "mirror" with a real 'to be reflection', pursuant to depicting a conscious "self" about the oneself truth, Ultimately, it is needed to endorse that, in self writing in analyzed *corpora*, life is accepted as that is regarded in the *blog*. In terms of analyzes lineament, it could be possible to point out, in Michel Foucault words, "discourse subjectivation and objectivizing of the subject" processes. Finally, this research also consists in an *ethos* concept appropriation, concerned to Discourse Institutional Analysis.

Key-words: subjectivity; blogs; self writing; ethos; Discourse Institutional Analysis

- **INTRODUÇÃO**

O trabalho aqui apresentado é fruto de uma reflexão e de uma análise a partir de materiais oriundos da Internet, mais especificamente daquilo que se convencionou chamar *weblogs* ou simplesmente *blogs*.

A constituição deste traçado foi marcada desde o início pelo acionamento das engrenagens conceituais da Análise Institucional do Discurso (AID). Isto significa dizer que este método, entendido como uma *estratégia de pensamento* operou como *condição de produção* a partir mesmo da confecção da questão motriz do trabalho.

A graduação em Psicologia foi o que possibilitou nosso contato com este modo de pensar e também o

que permitiu que, anos mais tarde, o discurso da AID se constituísse como um dos elementos do contexto em que esta pesquisa se engendrou.

Durante a formação em Psicologia, uma disciplina destacou-se a nossos olhos por não tratar as teorias que nos eram transmitidas como verdades absolutas. Ao invés disto, o referido curso nos fazia atentar para o fato de que no próprio exercício de um determinado saber (seja por meio da atuação profissional, da pesquisa ou pelo ensino), produzem-se dois efeitos simultâneos: o reconhecimento daquele saber como verdadeiro e o desconhecimento do caráter relativo destas verdades, do intercontexto discursivo (GUIRADO, 2010) em que foram produzidas. Desta forma, a proposta apresentada na matéria Psicologia Institucional mostrou-se um jeito fecundo e instigante de pensar, ou melhor, de fazer psicologia.

Este interesse levou-nos a integrar o grupo de discussão e pesquisa em Análise de Discurso – coordenado por Marlene Guirado – e após alguns anos ingressamos na Pós-Graduação em Psicologia para produzir uma dissertação de mestrado nessa perspectiva. O trabalho realizado tomou como foco o discurso de psicanalistas a respeito de sua prática clínica e buscou configurar as concepções de término de análise ali presentes.

Ao final desta etapa, o simpático convite para que participássemos da disciplina Psicologia Institucional na qualidade de monitor permitiu-nos continuar estudando esta abordagem e também ocupar um novo lugar: o de alguém que deveria agora acompanhar os alunos de graduação no exercício de análise de alguns *corpora*. A princípio, trabalhava-se a análise de entrevistas de profissionais da área de saúde ou outros com uma atuação ligada ao campo da Psicologia. Em um determinado momento, um grupo de alunos trouxe uma proposta inusitada: a de produzir uma análise de materiais publicitários para televisão.

Aceitamos o desafio, ainda inseguros em relação à viabilidade de tal empreitada. Para realizarmos esta tarefa foi necessário atuar de uma forma particular: trabalhar o método apoiando-se mais fortemente em um de seus pilares constituintes, qual seja, o da Escola Francesa de Análise de Discurso, ou para sermos mais rigorosos, o modo de pensar de Dominique Mainguenau. Tal experiência ampliou nosso interesse pela obra deste "*linguista do discurso*" , especialmente naquilo que dizia respeito a análise de material oriundo de alguma mídia.

Em função deste histórico, estávamos muito familiarizados (e habituados a trabalhar) com a Análise Institucional de Discurso, um método que faz uma articulação entre um campo da sociologia (Análise das Instituições Concretas de Guilhon de Albuquerque), a psicanálise freudiana, o pensamento de Michel Foucault e a análise do discurso de Maingueneau. Como havíamos anunciado anteriormente, pode-se dizer que estes discursos, na medida em que alimentavam nosso modo de entender a pesquisa e a atuação profissional, constituíram-se como parte do contexto em que brotaram as ideias iniciais deste trabalho.

Os outros elementos deste cenário foram os discursos (entendidos agora de forma mais ampla e não como sistemas conceituais, tal como vínhamos tomando) que se produzem por meio de um suporte eletrônico e digital, qual seja, a Internet. Este meio de comunicação engendra o que para nossos olhos naquele momento surgiam como intrigantes *modos de enunciar*.

Assim, o "encontro" entre estes diferentes discursos – o da Análise Institucional do Discurso e o das mídias digitais – fez com que nosso olhar para os fenômenos virtuais da internet fosse marcado por um estranhamento. Chamava-nos a atenção o recurso à palavra (uma palavra agora mediada pelo computador e pela

world wide web) com a finalidade de *falar sobre si*. Ao que tudo indica, a internet foi aos poucos se mostrando como um campo comunicacional que facultou amplamente a ação de discorrer sobre si mesmo, de fazer uma apresentação e uma exposição de si.

Intrigava-nos o fato de que, por meio de categorias comunicacionais distintas, tais como *chats, redes sociais, weblogs, videologs* e outros, os indivíduos produziam discursos sobre si e por vezes expunham dimensões de suas vidas que, de certo ponto de vista, poderiam ser consideradas como pertencentes ao terreno da intimidade. Outro aspecto que nos atraia o olhar era a relação do enunciador com seu interlocutor. Muitas vezes o destinatário de uma fala mostrava-se inapreensível. Perguntávamo-nos: a quem se dirige uma pessoa que escreve em seu blog ou posta comentários no "mural" do Facebook sobre o fato de ter ficado doente durante a semana?

Este foi o contexto em que nossas inquietações se forjaram. Naquele momento ainda não nos dávamos conta de que os operadores conceituais da AID já instrumentalizavam silenciosamente nossas reflexões e aos poucos os faziam considerar estas mídias digitais como um campo de *práticas discursivas* que têm como efeito a *produção de subjetividades*. Paulatinamente despertou-se em nós o interesse de pensar como esses internautas *se reconheciam* ao escrever; que *imagem de si* construíam por meio destes suportes digitais; como constroem um "si" na relação com o outro (interlocutor); qual é o estatuto do destinatário dos enunciados assim produzidos. De súbito nos demos conta que tais indagações eram típicas de um raciocínio institucional que integra a proposta metodológica de Marlene Guirado.

Ao assumirmos a empreitada de realizar uma pesquisa a partir destes questionamentos, decidimos tomar como *corpus* o material oriundo de *blogs de cunho pessoal*. Esta escolha se deu por que o próprio dispositivo (blog) já funciona como certa delimitação que auxilia na seleção de material a ser analisado. O blog apresenta um número bem mais limitado de coenunciadores e coprodutores quando comparados às redes sociais. O tipo de blog que selecionamos é composto pelo "enunciador principal" (aquele que criou o blog) e por aqueles que podem tecer comentários sobre o que foi ali inserido. Por fim, embora hoje os blogs apresentem finalidades e usos muito diversificados, nossa opção também se dá pelo fato de que os blogs desde seu nascedouro foram associados (pelos próprios pesquisadores) a um tipo de escrita pessoal e íntima.

Isto posto, podemos dizer que neste trabalho visamos a realizar, por meio da análise, o *desenho da produção de subjetividade* em *weblogs.* Mas o que significa esta metáfora um tanto quanto pomposa? Significa operar uma análise que, em função de nossos pressupostos conceituais, tenha como foco os *modos de enunciação* e que esboce algumas *imagens* daqueles que tomam a palavra nos *blogs*. Dizendo de outra maneira, seria delinear os *reconhecimentos* que o sujeito pode ter de si (assim como do outro e da situação) no próprio ato de enunciar.

Assim, em função de termos como ponto de partida a ideia de que esses suportes digitais permitem a constituição de subjetividades e também devido a algumas de nossas leituras, produzimos, no nascedouro da pesquisa, as seguintes **hipóteses de trabalho**:

(1) a subjetividade engendrada nestes meios virtuais (nos blogs) vai ser marcada pela exposição de si, ou do que se costuma chamar de intimidade. Esta intimidade, por sua vez, não é aquela que se faz em espaços de reclusão, livre de olhares indiscretos, que permanece oculta e pode ser posteriormente exibida; mas outra que se produz pelo ato mesmo de evidenciar-se, de mostrar-se a um interlocutor complexo, múltiplo, pulverizado.

(2) as citadas mídias digitais funcionam como dispositivos que facilitam a produção de um sujeito confessional, engendrando também uma nova modalidade de confissão. As enunciações que se dão nestes espaços aparentam configurar-se como uma espécie de "confissão voluntária".

(3) Embora a dimensão da exposição de si seja importante, acreditamos que o modo de enunciar nos blogs não seja caracterizado apenas pela dicotomia público/privado, como sugerem alguns autores. Faz-se necessário desviarmo-nos momentaneamente deste aspecto para que nossa análise faça surgir outras configurações de si.

Após todas estas explanações, faz-se necessário uma reorganização, a título de maior clareza, das metas do trabalho. Tomando como foco as *apresentações de si na internet*, estabelecemos como **objetivo geral** deste trabalho:

- desenhar a produção de subjetividade na web, o que significa delinear algumas "imagens de si" a partir de *blogs* de caráter pessoal.

Em um âmbito mais **específico** de questionamentos, colocamos como objetivos:

- apresentar as cenografias de alguns *blogs* de cunho pessoal. Isto implica desenhar a *cena discursiva* produzida na relação entre os parceiros de "escrita" nestes sites. Significa configurar que tipo de relação se constitui, quais são os *efeitos de reconhecimento e desconhecimento* em questão, ou melhor: *configurar como*, em suas enunciações, *o enunciador se reconhece, que lugares atribui a si; como reconhece seu(s) interlocutor(es); quais são os lugares atribuídos a este(s); quais as expectativas produzidas nesta relação*;

- configurar, por meio da análise, os *ethé* que se constroem em blogs de cunho pessoal.

A justificativa para este trabalho reside no fato de se buscar contribuir com a produção de estudos sobre a *relação entre subjetividade e suportes digitais* que sejam pertinentes ao campo da *psicologia* e não a outros como o da comunicação ou o da linguística. Consideramos que a importância desta empreitada também esteja associada ao fato de ela ser inédita em relação às pesquisas realizadas com a metodologia da Análise Institucional de Discurso. Ela representa um esforço em pensar a viabilidade de se trabalhar esse *corpus* a partir da metodologia proposta por Guirado.

Em termos de organização, este trabalho é dividido da seguinte maneira: o primeiro capítulo faz uma revisão bibliográfica de trabalhos que abordem a relação entre subjetividade e suportes digitais. Este levantamento não se pretende exaustivo, pois visa a apresentar um sucinto panorama de estudos a respeito desta temática, tomando como foco principal a seleção de trabalhos que permitam uma discussão que aponte proximidades e distanciamentos em relação aos nossos dos dados de pesquisa.

O segundo capítulo possui um cunho metodológico, pois se presta a expor e discutir os conceitos que compõem a estratégia de pensamento da qual este trabalho é fruto. A proposta é embrenharmo-nos nas ideias daqueles que são os pilares de sustentação deste trabalho: Michel Foucault, Dominique Maingueneau e Marlene

Guirado.

Nos capítulos 3 e 4 fazemos a apresentação de nossas análises. Primeiramente mostramos as análises do material tomando-os individualmente (blog a blog) e desta forma, evidenciando as singularidades de cada um. No item seguinte fazemos uma reorganização do material com o objetivo agora de apontar regularidades discursivas que nossos pressupostos conceituais e nosso modo de analisar permitiram encontrar.

Por fim, trazemos um capítulo de considerações finais que busca pensar os resultados apresentados em sua relação com os trabalhos levados em conta na introdução.

Foi esse o percurso realizado por nós para poder dar conta do objetivo de desenhar alguns contornos de subjetividades em blogs. Esperamos que este trabalho possa ser para o leitor, assim como foi para nós, aquilo que Foucault (???) designa como *experiência*, ou seja, um exercício de experimentação realizada pelo pensamento que, por nos demover de um lugar seguro e já conhecido, permite que encerremos a viagem transformados.

Lancemo-nos então a experiência!

2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTERNET

O advento da Internet ao final do século XX representou não apenas o surgimento de inovadores aparatos comunicacionais, mas também o engendramento de práticas sociais específicas e relativas a estas tecnologias. Para o filósofo Pierre Lévy constituem-se até mesmo novos "ambientes" e formas de mediações socioculturais, o que ele denominou respectivamente de *ciberespaço* e *cibercultura*.

> O ciberespaço (que também chamarei de 'rede') é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo 'cibercultura', especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 2010 – p. 17)

Em função de nossa perspectiva discursiva/institucional, convém destacar o fato de que a *função enunciativa* pode se apresentar por meio de suportes eletrônicos digitais e que isto coloca em jogo novas formas de práticas comunicativas (MARCUSCHI, 2010) e modifica as modalidades tradicionais de produção do discurso (MAINGUENEAU, 2015).

Ao mesmo tempo, isto também apresenta novas questões, como por exemplo, de que modo as especificidades do universo digital e da Internet alteram as modalidades tradicionais de exercício do discurso? De que maneira as propriedades da web *condicionam* a produção e a recepção do discurso? De que modo as mídias virtuais possibilitam/restringem a escritura e leitura de um texto? Qual é a importância do modo de manifestação material (o suporte) na constituição dos discursos? Relatar os fatos corriqueiros do dia a dia em um blog é uma continuidade da prática de escrever diários no papel, ou trata-se de algo completamente diferente? Outra questão possível seria: as novas modalidades discursivas, *e-mails, chats, blogs, redes sociais*, mensagens via dispositivos móveis, configuram

novos gêneros de discurso?

Muitas outras indagações poderiam ser pensadas, de tal modo que para Maingueneau (2015), com o desenvolvimento das tecnologias digitais, os "[...] analistas do discurso são agora levados a se interrogarem sobre a pertinência das categorias que utilizam, a se perguntarem se elas ainda estão à altura dessa nova distribuição das cartas em jogo" (MAINGUENEAU, 2015 – P. 159).

Se a Internet coloca questões aos analistas do discurso, o mesmo se acontece em relação aos psicólogos. A estes pululam inquietações a respeito de como pensar a produção de subjetividade, a respeito de como os internautas se reconhecem, de como estabelecem relações com o outro e consigo próprios agora com a mediação do computador. Nossa pesquisa se insere nesse âmbito.

Continuemos nossa abordagem discursiva a respeito dos fenômenos digitais apontando dois aspectos importantes para nosso trabalho. Referimo-nos às dimensões *multimodal* e *hipertextual* da "world wide web".

A *multimodalidade* diz respeito ao fato de um discurso poder mobilizar simultaneamente diversos canais. O discurso oral já carrega, segundo Maingueneau (2015), uma dimensão multimodal, na medida em que aciona ao mesmo tempo a produção de um fluxo sonoro e movimentos corporais relacionados. A comunicação verbal é um todo expressivo que conjuga gestos e signos linguísticos (MAINGUENEAU, 2015).

Xavier (2010) faz uso de termos diferentes para expressar uma noção semelhante. Ele fala em *pluritextualidade* ou *multissemiose*. Ao comentar sobre o processo de leitura no ambiente "*online*", afirma que

> A pluritextualidade é novidade fascinante do hipertexto por viabilizar a absorção de diferentes aportes sígnicos numa mesma superfície de leitura, tais como palavras, ícones animados, efeitos sonoros, diagramas e tabelas tridimensionais. A fusão dos diversos recursos das várias linguagens em uma só tela de computador acessíveis e utilizáveis simultaneamente em um mesmo ato de leitura prova um construtivo, em embora volumoso, impacto perceptual-cognitivo no processamento da leitura. (XAVIER, 2010 – p. 214)

Para o autor, esta dimensão do discurso faria o leitor vivenciar uma experiência de leitura sinestésica, multissensorial (XAVIER, 2010).

Maingueneau (2015) coloca que mesmo sem tomar a Web como exemplo, seria possível dizer que a quantidade de enunciados "escritos" que comportam elementos icônicos cresce sem cessar, afetando a própria noção de "texto". Em função disto, teria surgido o termo "iconotexto" para se referir a produções semióticas em que fala e imagem são indissociáveis. Poder-se-ia encontrar exemplos na publicidade, onde se pode ter um anúncio em que os componentes visuais e verbais se interpenetram profundamente. O uso de PowerPoint, cada vez mais comum nos ambientes acadêmicos ou em empresas, também seria multimodal (MAINGUENEAU, 2015). Outro exemplo seria o uso de caracteres do teclado (parênteses, vírgulas, dois pontos, ponto e vírgula) como símbolo, uma maneira pictográfica de representar o sentido das palavras (alegria :), tristeza :(, dentre outras possiblidades). São chamados popularmente de "*emoticons*" (CHARTIER, 2002). O desenvolvimento da Internet leva ao extremo a dimensão multimodal do discurso, possibilitando novas práticas verbais (MAINGUENEAU, 2015).

Outro aspecto relativo à Internet põe em questão as concepções que se tinha de textualidade, qual seja, o *hipertexto*. A ideia de hipertexto, introduzida por Theodore Nelson em 1965, teria justamente como função problematizar o caráter sequencial do texto (MAINGUENEAU, 2015).

O hipertexto diz respeito à possibilidade de um elemento textual em destaque poder ser acionado e com isto a remeter a outro elemento. Esta vinculação entre um documento e outro é chamado de "*link*". Com isto, pode-se construir um texto, não mais linear, mas estruturado em rede (LÉVY, 2010).

> Um romance é percorrido, em princípio, da primeira à última linha, um filme da primeira à última imagem. Mas como ler uma enciclopédia? Pode-se começar consultando o sumário ou o índice remissivo, que nos remete a um ou mais artigos. No final de um artigo, são mencionados outros artigos correlacionados etc. Cada qual entra nesta "navegação" de acordo com os assuntos de seu interesse, e caminha de forma original na soma das informações, usando as ferramentas de orientação que são os dicionários, léxicos, sumário, índice remissivo, atlas, tabela de números e índice de tópicos que são, em si mesmos, pequenos hipertextos. Mantendo ainda a definição de "texto em rede" ou de rede de documentação, uma biblioteca pode ser considerada como um hipertexto. Nesse caso, a ligação entre os volumes é mantida pelas remissões, as nota de pé de página, as citações e as bibliografias. Fichários e catálogos constituem os instrumentos de navegação global na biblioteca (LÉVY, 2010).

Entretanto, o suporte digital apresenta diferenças em relação aos hipertextos não mediados pelo computador. O "*link*", a passagem de um elemento a outro é feita no computador, com uma rapidez muito grande. O processo de digitalização permite que agora não seja mais o usuário quem segue o instrumento de leitura e se desloca fisicamente no hipertexto, "virando as páginas, deslocando volumes pesados, percorrendo a biblioteca. Agora é um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor." (LÉVY, 2010 – p. 59)

Este tipo de textualidade hipertextual que caracteriza a web foi chamado por Maingueneau (2015, 2013) de *navegante*. Ela implica uma transformação da própria noção de leitura. É o internauta, em função das escolhas que faz durante a navegação, quem fabrica o hipertexto que o lê. Em relação a este aspecto, Chartier (2002), um estudioso da história do livro e da leitura, afirma:

> O texto eletrônico, tal qual o conhecemos, é um texto móvel, maleável, aberto. O leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica. Pode deslocar, recortar, estender, recompor as unidades textuais das quais se apodera. Nesse processo desaparece a atribuição dos textos ao nome de seu autor, já que estão constantemente modificados por uma escritura coletiva, múltipla, polifônica, que dá realidade ao sonho de Foucault quanto ao desaparecimento desejável da apropriação individual dos discursos – o que ele chamava a "função-autor". Essa mobilidade lança um desafio aos critérios e categorias que, pelo menos desde o século XVIII, identificam as obras com base na sua estabilidade, singularidade e originalidade. (CHARTIER, 2002 – p. 25)

A multimodalidade e o hipertexto característicos da web produzem novas textualidades (MAINGUENEAU, 2015) e problematizam algumas noções como as de texto, de leitura ou mesmo a de autoria, como vimos acima. Estas duas dimensões do discurso da web também vão ter efeitos sobre a concepção que se tem de gênero de discurso. Em função deste conceito, fazer parte do repertório conceitual de nossa estratégia de pensamento, deixaremos esta discussão para o momento que se tratará da metodologia.

Por fim, cumpre dizer que mostraremos em outro momento, por meio dos resultados desta pesquisa, como o hipertexto e, principalmente, a multimodalidade, podem ser importantes ferramentas nas diferentes estratégias de construção de uma imagem de si.

2.1 Algumas considerações sobre a noção de *virtual*

Um conceito importante para uma discussão a partir de nossos resultados é a de virtual. Para discorrer sobre esta noção, lançaremos mão das ideias de um dos principais pensadores da cibercultura, Pierre Lévy (2010).

Embora a virtualidade possa ser considerada como um dos principais aspectos da web, não se trata de uma noção que só pode ser pensada se referida ao mundo da Internet ou dos computadores.

Em sua acepção filosófica virtual significa "*aquilo que existe apenas em potência e não em ato*, o campo de forças e de problemas que tende a resolver-se em uma *atualização*" (LÉVY, 2010 – p.49 – itálicos do autor). O virtual é "anterior" a algum tipo de realização efetiva, como podemos compreender pela ideia de que a árvore está virtualmente presente na semente.

Para Lévy (2010) muitas vezes se coloca os termos virtual e real, como opostos e, portanto, excludentes. Quando o termo "realidade" é entendido como pressupondo uma presença tangível, uma efetivação material, o virtual acaba ganhando a conotação de "irrealidade". No entanto, em filosofia o virtual não se opõe ao real, mas ao atual. Virtualidade e atualidade seriam duas dimensões diferentes da realidade.

A concretização de algo que é virtual, ou seja, a *atualização*, não é algo que já estava determinado anteriormente. A atualização é uma "solução" (entendida como uma efetivação a partir do virtual) que não estava contida previamente no "problema" (no virtual) (LÉVY, 2014).

Para Lévy (2014 – p. 16) a "[...] atualização é criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades". A semente é a arvore em potencial, mas como vai ser essa árvore em seu estado "efetivado" ou "atualizado" não está dado a princípio. Para este autor, o virtual seria uma fonte indefinida de atualizações (LÉVY, 2010).

Uma das características do virtual é o fato de ser não físico, de ser imaterial. A linguagem pode ser entendida como um domínio virtual. É possível tocar fisicamente um homem que se encontra ao alcance de nossas mãos, mas não podemos "tocar" o conceito de humanidade. O virtual carrega, portanto, uma dimensão de abstração. Uma palavra é um conceito, uma ideia, que pode ser atualizada, materializada por meio da enunciação, podendo receber formas materiais diferentes, ser pronunciada (uma vibração acústica) ou escrita em um papel, projetada na tela do computador.

Mas o fato de uma palavra ser um conceito, uma abstração, não quer dizer que ela não exista. O virtual é real. Uma palavra existe de fato. Retomando uma fórmula de Lévy (2010 – p. 50), pode-se dizer que "o virtual existe sem estar presente".

Mas se a atualização é efetivação do virtual, como definir a *virtualização*? A virtualização seria o processo inverso da atualização. Mas não no sentido de "desfazer" o que foi concretizado. Supondo que algo do tipo fosse possível, a virtualização não seria retornar a *mesma* semente que deu origem a determinada árvore. Mas sim criar um novo campo indeterminado de atualizações potenciais. A passagem do atual ao virtual representa uma mutação de identidade (LÉVY, 2010).

A virtualização de informações, de acordo com Lévy (2010), não começou com o digital ou com os diversos processos de digitalização. A virtualização é um movimento iniciado por técnicas como a escrita, a gravação de som e imagem, com o rádio, a televisão e o telefone. No entanto, apenas as propriedades técnicas do ciberespaço

permitem que os seres humanos se coordenem, alimentem e consultem uma memória comum, quase em tempo real, independentemente da localização geográfica e da diferença de horários.

A concepção de virtual tal como proposta por Lévy (2014, 2010) será de grande relevância para nós quando precisarmos fazer uma diferenciação entre aquilo que os escreventes dos blogs analisados apresentam como a experiência não mediada pelo computador (ocasião em que surgem referências à dimensão física, empírica, sensível e material das vivências) e aquela que é mediada pelo computador, que acontece "*online*".

Vale destacar que a importância da noção de Lévy (2014, 2010) reside no fato de permitir que possamos nos referir ao virtual sem opô-lo à ideia de realidade, mas dando destaque à seu caráter imaterial e à uma dimensão da experiência que prescinde da presença física e representa uma espécie de desprendimento em relação ao "aqui e agora".

2.2 Breve histórico dos blogs

Se a internet pode ser pensada como uma forma de estabelecer vinculações entre documentos (o hipertexto), também podemos pensá-la como uma maneira de criar ligações entre indivíduos. A mediação do computador permitiu a constituição de uma imensa rede de interações sociais pelas mais diversas formas e em uma velocidade espantosa.

Em função das tecnologias digitais, surgem inúmeros "formatos" discursivos que facultam a comunicação com o outro. São exemplos o e-mail, bate-papo virtual (chat), educação a distância (EAD), redes sociais, blogs, entre outros. Concordamos com Marcuschi (2010) em sua afirmação de que a Internet também teria potencializado a dimensão *escrita,* ou mais precisamente, *textual* das interações.

Estas interações que os internautas estabelecem atendem às mais diversas finalidades, dentre as quais uma nos chama a atenção; aquela que se presta a produzir enunciações sobre si mesmo. Como dissemos anteriormente, para poder debruçarmo-nos sobre este tipo de discurso, tomamos, dentre as diversas formas de enquadramento da "fala" no âmbito digital, o blog como nosso *corpus*. Discorreremos agora brevemente a respeito de sua história.

O termo "blog" surgiu ao final de 1997 e representa a corruptela de *weblog*. Ele foi cunhado pelo norte-americano Jorn Barger (editor do site Robot Wisdom) e servia para designar sites pessoais que, como o seu, fossem frequentemente atualizados e que contivessem comentários e *links* (MARCUSCHI, 2010; AMARAL & RECUERO, 2008; KOMESU, 2005; MALINI, ***2001;*** OLIVEIRA, 2003)

A denominação para este tipo de site surge da contração de duas outras: *web* (rede de computadores) e *log* (uma espécie de diário de bordo dos navegadores que anotavam as posições do dia). Daí o termo weblog, que logo se popularizou como blog. (MARCUSCHI, 2010; AMARAL & RECUERO, 2008; KOMESU, 2005; SCHITTINE, 2004; MALINI, 2001; OLIVEIRA, 2003)

De acordo com Malini (2001) e Marcuschi (2010), o blog em seus primórdios era apenas para registrar as leituras que as pessoas faziam em suas navegações pela rede mundial. Consistiam em listas de *links* e sites interessantes (com breves comentários) que podiam ser consultadas. "Eram diários de bordo dos navegadores da

internet no sentido literal" (MARCUSCHI, 2010 – p. 72). Não havia ainda a possibilidade de um eventual leitor intervir por meio da ferramenta "comentário". Neste momento inicial do surgimento dos blogs não existia ainda um sistema de publicação específico para weblogs. Para ter um blog, o internauta precisaria saber como construir um site, ou seja, dominar a linguagem de computação chamada HTML (MALINI, *2001*).

No ano de 1999 a empresa Pyra Labs criou o *software Blogger* e com isto se observa uma verdadeira proliferação de blogs pela rede (KOMESU, 2005; MALINI, *2001*). Muitos autores atribuem a grande popularização do uso dessa ferramenta comunicacional justamente devido a facilidade para edição, atualização e manutenção dos textos em rede (MALINI, 2001, MARCUSCHI, 2010; RECUERO, 2008, SCHITTINE, 2004). Komesu (2005) por sua vez contrapõe-se a essa opinião pois para ela a emergência dos blogs estaria associada a uma trama múltipla de relações sociais que teria como efeito a promoção da visibilidade da intimidade.

Com isso o blog deixa de ser um "caderno" de anotações de *links* e sites filtrados na internet e passa a ser usado para a expressão da vida pessoal de seus usuários, tais como reflexões, sentimentos, acontecimentos do cotidiano, entre outros. Tal aspecto, juntamente ao fato de os textos se organizarem em ordem cronológica inversa, fez com que os blogs fossem rapidamente vistos como diários íntimos digitais, não só pelos usuários, mas também pelos pesquisadores (LIMA & SANTIAGO, 2009; SIBILIA, 2008; SCHITTINE, 2004; OLIVEIRA, 2003; LEJEUNE, 2000; LEMOS, 2002; BOGAERT & LEJEUNE 2000; MALINI, 2001).

Komesu, em 2005, apresenta a ideia de que a noção de blog não deveria se restringir a de um diário íntimo. Primo (2008) por sua vez afirma que embora muitos blogs baseiem-se na escrita de percepções, reflexões sobre o cotidiano e os sentimentos do escrevente, inúmeros outros não o faziam. Desta forma propõe uma matriz para tipificação dos blogs constituída por quatro grandes grupos: pessoal e profissional, grupal e organizacional.

Poderemos, no próximo item, apontar algumas concepções a respeito dos blogs, a partir de nosso breve levantamento bibliográfico sobre o tema.

2.3 Subjetividade e blogs: discussão a partir de alguns estudos

Como se pode supor, o estudo da escrita que toma a si mesmo como tema não foi inaugurada com o surgimento dos blogs. Este campo já foi bastante trabalhado no âmbito da crítica literária. (SCHITTINE, 2004 – p. 9).

Em outro âmbito de investigação, dois autores importantes se debruçaram sobre alguma modalidade de escritura de si. Um deles, em relação ao qual não nos deteremos, agora foi Michel Foucault (2012). O outro é Philippe Lejeune (1993).

Para nós, a importância deste professor universitário francês reside no fato de seu trabalho elevar o escrito íntimo ao status de objeto de pesquisa, já que conduziu estudos importantes sobre os diários pessoais de mulheres do século XIX - "Le moi de Demoiselles" (LEJEUNE, 1993) -, assim como outros tantos sobre a autobiografia e memórias. Além disto, em continuidade à suas pesquisas, Lejeune aborda também a temática da escritura pessoal no âmbito da rede global.

O autor aponta para o fato de que desde meados dos anos 1990, adolescentes e jovens adultos

franceses, fazendo uso de pseudônimos, mantinham diários na Internet. Isto permitia a estas pessoas levar uma vida dupla, escrever seus segredos na web, mas sem o conhecimento das pessoas com quem compartilham a vida. Além disso, Lejeune aponta o fato de que a Internet consistiria em um caderno que manifesta-se e que responde (BOGAERT & LEJEUNE, 2003). Para Lejeune, a escritura destes diários teria um objetivo, tal como a fidelização de seu leitor. Para isto, "o essencial é ter uma voz pessoal, que exprima sua maneira de ser, e o distinga de outros diários concorrentes" (BOGAERT & LEJEUNE, 2003 – p. 201 – tradução livre)

Um dos primeiros livros publicados a respeito dos blogs foi o de Rebeca Blood, "The weblog handbook". Nesta publicação, além de ensinar a como desenvolver e manter um blog, Blood (2002) apresenta os blogs a partir de contexto mediático e cultural da época.

No início dos anos 2000, um dos trabalhos a desbravar, em terras brasileiras, o terreno da escrita de si em blogs foi a dissertação de mestrado de Oliveira (2002), intitulado "Diários públicos, mundos privados". Oliveira considera a emergência dos blogs um dos fenômenos digitais mais importantes da cultura digital contemporânea. Para a autora o blog representaria uma transposição do diário de papel para o mundo digital, configurando o que ele chamou de "novíssimos diários" (OLIVEIRA, 2003 – p. 9). É possível identificar em seu trabalho a concepção deste processo como uma espécie de continuidade entre a prática diarista no papel e a escrita de si digital. Para ela, o blog teria como principal função servir como meio de expressão da subjetividade pessoal (OLIVEIRA, 2003).

Outro trabalho, bastante citado em artigos e pesquisas a respeito de blogs, é o de Denise Schittine (2004). Trata-se de uma dissertação de mestrado intitulada "Blog: comunicação e escrita íntima na internet". Deter-nos-emos um pouco mais nesta pesquisa fim de discutirmos a respeito de como este novo fenômeno estava sendo entendido naquele momento. Assim como Oliveira (2003), Schittine (2004) estabelece uma relação próxima entre a prática da escritura do diário íntimo e a produção do blog, como podemos ver pelo questionamento que coloca:

> Delimitando que os blogueiros (como são chamados estes diaristas virtuais) fazem parte de um grupo de hábitos e interesses amplos, surgem algumas dúvidas: A primeira delas é por que essas pessoas teriam decidido expor seu diário, um escrito de natureza íntima, na internet? (SCHITTINE, 2004 – p. 14)

Como podemos ver, o "blogueiro" é definido como alguém que já estava habituado a escrever sobre si e agora transportaria a mesma prática para outro canal de comunicação. Não haveria, segundo a autora, diferenças entre aquele que escrevia um diário e o que agora produz um blog, a não ser a substituição da folha de papel pela tela do computador. Ambos possuriam os mesmos "hábitos e interesses".

As motivações para este tipo de escrita seriam duas: uma de ordem psicológica – "a necessidade de ser lido" (SCHITTINE, 2004 – p. 14) – e outra social, a existência de interlocutores desconhecidos que se interessariam pelos assuntos pessoais daquele que escreve. (SCHITTINE, 2004)

Vale notar que esta necessidade é entendida por SCHITTINE (2004) como algo anterior ao advento do blog. Se aquele que escrevia sobre suas vivências mantinha, muitas vezes, estas anotações em segredo não o faziam por que a necessidade de ser lido estava ausente, mas sim por que esta "vaidade" estava contida. Estava em estado latente.

> Qual é a verdadeira importância de se ter vivido e escrito sobre o passar dos dias sem que haja um verdadeiro

> interlocutor para isso? Essa vaidade de falar de si mesmo como um dos assuntos mais importantes era uma questão que **era reprimida pelo próprio diarista**, ou quando externada, avaliada pelos outros como um sinal de puro exibicionismo. (SCHITTINE, 2004 – p. 12 – grifo nosso)

Tanto a anterioridade deste "enorme desejo de ser lido" (SCHITTINE, 2004 – p. 31), quanto a equivalência entre escrita de um diário e produção de um blog ficam marcados pela designação que SCHITTINE (2004) dá aos blogueiros: "diarista". O suporte digital não é considerado como tendo uma função constitutiva em relação aos enunciados, pois ele é visto como uma "pequena mudança no meio de comunicação" (SCHITTINE, 2004 – p. 31) que faz esse tipo de escrita deixar de ser algo da esfera íntima e se abrir para o âmbito público.

Tomado a partir da perspectiva da oposição público/privado, o blog ganha a conotação de um paradoxo: um escrito que deveria permanecer fechado para o mundo, mas que se abre para as relações exteriores.

Apesar de o blog representar, segundo Schittine (2004), a exposição do privado em um âmbito público, isto não teria anulado a possibilidade do segredo, uma vez que:

> O diarista cria, mesmo escrevendo para um público de estranhos, maneiras de fazê-lo participar ou não de sua vida íntima. Nem tudo é revelado por que existe uma seleção prévia, mas, principalmente, porque este autor estabelece uma maneira de contar a sua intimidade em meias palavras. De forma que determinadas informações sobre quem escreve só chegam a um grupo de pessoas escolhidas pelo autor. (SCHITTINE, 2004 – p. 19)

Para finalizar a exposição deste estudo, podemos dizer que Schittine produziu sua reflexão tendo como direção os seguintes eixos: a memória (a possibilidade da imortalidade e permanência), o segredo (o contar ou não a intimidade a um desconhecido), a tensão entre o espaço público e o privado e a relação com o romance (ficção) e o jornalismo (a observação dos fatos) (SCHITTINE, 2004 – p. 19).

Outra pesquisadora a se dedicar a estudos a respeito da subjetividade e blogs é Paula Sibilia (2003, 2008). Embora faça uma reconstituição histórica da escrita de diários e memórias na modernidade, em seu artigo chamado "Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica", Sibilia (2003) aponta para a possibilidade de conceber o blog de duas formas: como uma continuidade em relação à escrita íntima no papel, ou como uma ruptura e configuração de um novo tipo de escrita, direcionando seu raciocínio para esta última.

A autora apresenta uma ideia de estaria constituindo-se uma subjetividade e uma intimidade inscritos na fronteira entre o extremamente íntimo e o absolutamente público (SIBILIA, 2003). A construção de um "eu" por meio de processos introspectivos, tais como a escritura de diário, que conduziria a alguma forma de "hermenêutica de si" estaria sendo substituído por um outro movimento que tem como principal alvo a exposição e a visibilidade. Tal fenômeno estaria relacionado a influência do capitalismo contemporâneo e aos processos de globalização dos mercados, em uma sociedade altamente globalizada.

Assim, as novas práticas teriam como função dar conta, segundo ela (id, p.77) de um "desejo de evasão da própria intimidade, uma vontade de se exibir e falar de si". Este completaria um anseio do público em geral, uma vontade ávida de esquadrinhar e consumir vidas alheias (SIBILIA, 2008)

Sibilia apresenta, aparentemente, um certo "saudosismo" em relação a períodos em que um dos princípios que norteavam as condutas era a busca por uma "vida como obra de arte" (SIBILIA, 2003 – p. 8). Em sua perspectiva, a "banalidade" que invade diariamente a internet, em especial os blogs, estaria nos fazendo caminhar em

um sentido diferente.

> Apesar de seu evidente parentesco com tais práticas, porém, os blogs e as webcams que hoje inundam a Internet (bem como os e-mails e os chats que os atravessam e sustentam) assinalam outros processos e inauguram outras tendências, revelando a emergência de novos modos de ser: subjetividades afinadas com uma formação histórica cada vez mais distante do tempo em que fomos e devíamos ser absolutamente modernos (SIBILIA, 2003 – p. 9).

Ao longo deste trabalho se poderá perceber que nossos pressupostos para pensar a escrita de si em blogs são diferentes destes apresentados por Sibilia (2003, 2008), o que nos levará consequentemente a outros raciocínios. As considerações a respeito desta autora se inserem no objetivo deste capítulo, qual seja, o de um breve levantamento de concepções a respeito dos fenômenos digitais. Ao mesmo tempo, elas também têm a função de nos permitir apontar o que nos parece um ponto comum entre diferentes compreensões a respeito das práticas de escrita de si nos dias de hoje. Mas antes comentemos uma pesquisa que apresenta maiores aproximações em relação à nossa.

Outro trabalho que consideramos importante é a tese de doutorado "Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de *blogs* da internet" de Fabiana Komesu (2005). A relevância para nós deste trabalho reside, principalmente, no fato da autora produzir uma reflexão sobre os blogs a partir de uma perspectiva discursiva, tomando como referência para seu pensamento os trabalhos de Mikhail Bakhtin e Dominique Maingueneau.

A autora orienta sua pesquisa no sentido de investigar o modo de enunciação daqueles que produzem uma escrita sobre si em blogs, a quem ela chama de *escreventes*. É importante destacar, em função da reflexão que faremos adiante a respeito do estatuto pragmático dos blogs, que Komesu considera-os como um *gênero de discurso.* Este modo de conceber o blog implica uma análise que busca destacar as condições de produção do discurso como uma forma de problematizar a emergência da atividade de escrita neste âmbito digital. (KOMESU, 2005)

Para a autora, tais gêneros de discursos teriam como efeito apresentar publicamente histórias pessoais com o objetivo de cultivar um grupo de leitores-comentadores, o que ela chamou de "publicização de si" (KOMESU, 2005 – p. 30). Komesu afirma que a intimidade nos blogs é produzida na relação do escrevente com seus interlocutores, os leitores. Ao mesmo tempo, considera a visibilidade (tanto do enunciador quanto do interlocutor) como uma dimensão constitutiva desta intimidade. Para a autora, o funcionamento do discurso do blog visaria à busca do outro, a "*fazer ver e ser visto na rede*" (KOMESU, 2005 – p. 30).

Komesu, por meio de seus posicionamentos, coloca-se como um contraponto ao trabalho de autores como Schittine (2004), Oliveira (2003), Lemos (2002), Malini (*2001*), entre outros, que identificam uma continuidade entre a prática da escrita de diários íntimos e a produção de blogs. "Trata-se de conceber o blog não como um 'aperfeiçoamento' do diário íntimo, mas como um fenômeno outro, visto que é tecido num tempo outro que privilegia modos distintos de enunciação e de exposição pública." (KOMESU, 2005 – p. 33)

Outro aspecto levantado é o de que, apesar da quantidade de materiais produzidos nos blogs, haveria uma "rarefação" dos modos de dizer a vida e de refletir sobre a relação com o outro. Komesu, a partir de seus dados, aponta para um "quase esvaziamento" da linguagem em função do insistente recurso dos escreventes à banalidade do cotidiano. Ao contrário de contemplar a expectativa de uma prática libertária (como colocada por teóricos sobre a

internet, segundo a autora) o que se perceberia na verdade é que o novo não aparece (KOMESU, 2005).

Ao realizar as análises dos discursos dos escreventes, Komesu (2005) configura o *ethos* – a imagem que se pode apreender do enunciador em função do modo como ele toma a palavra (MAINGUENEAU, 2013; AMOSSY, 2005) – de um sujeito que "Arendt caracterizaria como **vaidoso**" (KOMESU, 2005 – p. 210 – grifo da autora), aquele que se preocuparia com a obtenção da visibilidade individual e que sentira uma ansiedade por isto. Para apontar tal aspecto, Komesu (2005) destaca de inúmeros escreventes que enfatizam o fato de terem seu blog classificado em algum ranking de blogs mais acessados, considerando este fato um evento especial. Não à toa, Komesu (2005) usa o enunciado de um dos próprios escreventes para dar título ao capítulo que discorre sobre este aspecto: '''*Ó, eu sou destaque*': o *ethos* do sujeito escrevente" (KOMESU, 2005 – P. 207 – p. 207 – itálicos da autora).

Os trabalhos apresentados, embora não se insiram no conjunto de pesquisas produzidas em psicologia, ao abordarem a discussão sobre os blogs, destacam como uma das dimensões envolvidas no fenômeno, aspectos de ordem psicológica.

Foi possível identificar que Schittine (2004) aponta o enorme desejo do escrevente de blogs de ser lido. Sibilia (2003, 2008) faz referência a vontade de evasão da intimidade e o anseio de se expor. Vale notar também que mesmo trabalhos que tenham uma perspectiva discursiva, podem de alguma forma, fazer uso de explicações de cunho psicológico. Vejamos.

Tavernari (2013) apoiada em Bakhtin e Maingueneau aponta uma diferença entre diário íntimo e blogs. Entre eles haveriam condições de produção distintas. O fato de o blog ser um site de internet faz com o que enunciador pressuponha, ao escrever, um interlocutor que não seja ele mesmo. Isto traria ao blog um caráter mais exibicionista. Nas palavras da autora.

> Conforme Lejeune menciona, o diário tradicional, como forma de escrita autobiográfica, guarda algumas semelhanças com a autobiografia, a memória e a biografia. Os três gêneros obrigam uma identidade entre autor, narrador e personagem, ou seja, os três níveis da hierarquia enunciativa. Se a identidade entre autor, enunciador e personagem permanece como uma semelhança entre os diários tradicionais e os blogs íntimos, neste último as condições de produção do discurso se alteram em função do estatuto público e interativo do hipertexto. O locutor presume a existência de um leitor e é a partir dessa conjectura que ele enuncia, transformando o blog íntimo em uma página pessoal destinada a fazer fluir **a necessidade narcísica de mostrar-se ao mundo**, conforme pode ser observado a seguir: "*sendo assim, se vocês disserem que este blog é um diário eu ficarei feliz;) comentem aí, vá, abram seus corações! (ZEL, Zel)*". (TAVERNARI, 2013 – p. 50 – negrito nosso)

Vale notar que a explicação da diferença entre blog e diário íntimo não se apoia apenas em uma dimensão discursiva (as condições de produção). Aparece também outro elemento, mas de cunho psicológico: a necessidade narcísica de mostrar-se.

No trabalho de Komesu (2005) também pudemos encontrar algo semelhante. Embora a autora considere a escrita pessoal em blogs como fruto de condições históricas e também tome elementos discursivos para pensa-los, tais como a relação entre enunciador e interlocutor, a noção de *ethos* e a importância do suporte, por meio de seus resultados, atribui também uma dimensão de ordem *psicológica* à produção dos blogs. Vejamos:

> Esta análise aponta, portanto, para <u>a necessidade (incessante) de falar de si</u>, radicalmente fundada na impossibilidade (histórica) de dizer o *novo*, o *revolucionário*, o *libertário* **na** e **pela** linguagem, como esperado

> em textos veiculados na internet. (KOMESU, 2005 – p. xiii – *itálicos* e **grifos** da autora; sublinhado nosso)

O exibicionismo seria, para a autora, um fenômeno que a "era dos computadores" (KOMESU, 2005 – p. 23) potencializou. Ao discorrer sobre este aspecto, surge novamente a dimensão psicológica ou talvez possamos dizer, íntima do indivíduo.

> Nesses pequenos espetáculos público-privados, pode-se ver, por um lado, a **necessidade** de exposição da intimidade física e emocional, e, por outro, o **desejo** de romper os limites, socialmente estabelecidos, da pessoa, pela participação na experiência (no corpo, na intimidade) do outro. (KOMESU, 2005 – p. 23 – **grifos** nossos)

Os trabalhos discutidos até então fazem parte de áreas como a comunicação e a linguística. Abordaremos agora outras pesquisas, mas no âmbito da psicologia. Neste campo existem também inúmeros trabalhos que buscam relacionar mídias digitais com a produção de subjetividade. Diante da grande quantidade de pesquisas, foi necessário fazer uma seleção de apenas algumas, mas que nos permitisse discorrer a respeito das concepções produzidas a respeito desta temática.

Nicolaci-da-Costa (1998) é uma psicóloga e pesquisadora que vem desde o final da década de 1990 procurando pensar a relação entre a Internet e as "configurações psíquicas" (id, 2000, p.71). De acordo com a autora, o advento da web seria acompanhado de novos conceitos – tais como os de ciberespaço, virtualidade, hipertexto, tempo real – que produziriam alterações no modo de agir e de ser dos indivíduos. Essas circunstâncias trariam de interpretar a realidade, o espaço, o tempo, a escrita linear, entre outros (id, 2005).

Por meio de algumas pesquisas que fez ou orientou, Nicolaci-da-Costa (2005) busca delinear o que chamou de "características subjetivas contemporâneas" (NICOLACI-DA-COSTA, 2005, p.71), assim como possíveis conflitos (internos e externos) entre esta subjetividade e valores tradicionais ainda presentes na sociedade e nos indivíduos.

Uma de suas pesquisas abordou o tema do uso intensivo da internet e embora a ideia de "vício" fosse veiculada por algumas mídias, os próprios usuários entrevistas reconheciam a web como um "vício saudável" (NICOLACI-DA-COSTA, 2002a). Em outra investigação é apontada a oposição entre o uso prazeroso da internet e aquele ligado à pesquisa ou trabalho, sendo que o primeiro é visto como improdutivo, impróprio, mau e o segundo como produtivo, correto, qualificado (id, 2002b). Também é apontado que usuários da Internet constroem forma de defesa de sua intimidade fazendo uso dos próprios recursos tecnológicos, como por exemplo o uso de diferentes e-mails para separar diferente círculos sociais dos quais fazem parte (id, 2003). A dimensão social também é discutida, pois a pesquisadora também apresenta o blog como uma forma de construir comunidades de escreventes e leitores com grande potencial de integração, contestação e formação de opinião (DI LUCCIO & NICOLACI-DA-COSTA, 2010)

A partir da somatória das pesquisas que produziu ou acompanhou, Nicolaci-da-Costa (2005) considera que as características da Internet teriam efeitos que transcendem os limites do virtual e penetram o âmbito da "realidade off-line" (NICOLACI-DA-COSTA, 2005 – p. 81). Isto resultaria em um sujeito com as seguintes características:

- sente prazer em tudo que faz online;

- está disposto a experimentar novas formas de ser;
- faz diversas coisas ao mesmo tempo;
- habita vários espaços por meio de sua escrita e ganha acesso a diferentes realidades;
- pode construir diferentes narrativas a respeito de si mesmo;
- que, por se expor a tantos espaços, realidades, experiências e retornos, tem a si mesmo como a única fonte de integração possível dos resultados dessas múltiplas exposições e desses múltiplos retornos;
- que, por efetuar, ele próprio, um recorte nas realidades às quais está exposto, torna-se cada vez mais singular e auto-referido;
- que conhece poucos limites para seus desejos (id, 2005)

Outro trabalho em psicologia que gostaríamos de elencar é a dissertação de mestrado de Ana Paula Prange (2003), intitulado "Da literatura aos blogs: um passeio pelo território da escrita de si". A autora considera os blogs como um gênero híbrido de escrita de si. Ele conjugaria características associados ao tipo de escrita presente nos diários íntimos, nos encontrados nas correspondências íntimas e nas escritas de si destinadas a publicação, como uma autobiografia (PRANGE, 2003).

Para Prange (2003), algumas das funções que a escrita de si nos blogs assume seria a de descrição de estados emocionais, do cotidiano de seus autores, de estados corporais. Outra função que essa escrita teria é a de conjugação de prazer e compromisso.

Prange (2003) defende que os blogs podem ser pensados como uma prática de construção de identidade. Para ela, esta escrita de si pode contribuir para que os escreventes possam exercitar-se enquanto sujeitos de sua própria história. A descrição de situações cotidianas funcionaria como uma maneira que alguns indivíduos encontrariam para se "situar na corrente de eventos – trágicos, cômicos, surpreendentes ou banais – que preenchem as suas vidas." (PRANGE, 2003 – p. 129)

Para a autora, a escritura de si nos blogs implicaria dois processos: o de construir um relato sobre si mesmo e o de verificar os aspectos mais valorizados desse relato. Estas duas dimensões seriam vivenciados, muitas vezes, como um processo único. Construir um relato de si estaria intimamente relacionado à necessidade de se situar no meio em que se vive. (PRANGE, 2003 – p. 130)

Os escreventes utilizariam este espaço para construir uma imagem de si mesmo e verificar, junto aos visitantes do blog, "quanto vale aquilo que são" (PRANGE, 2003 – p. 130). Além disso, a partir das trocas estabelecidas neste ambiente digital, o escrevente poderia conferir como são e como pensam as pessoas que se identificam com seu blog e a partir de então definir sua própria identidade no meio em que vive (PRANGE, 2003).

Nicolaci-da-Costa (2005) tece comentários sobre esta dissertação e, associando-o a outras duas pesquisas que tomam como corpus os *chats*, afirma que a escrita online seria uma importante forma de autoconhecimento.

> Nessas três investigações, fica claro que a escrita on-line é, de uma forma ou de outra, geralmente usada para falar de si (não importa se o que é dito corresponde à "realidade" ou se é uma construção de personagens) em programas interativos. Quando o usuário está interagindo com diferentes interlocutores, esse falar de si – que, de fato, é um teclar sobre si – leva-o a ter diferentes retornos sobre o que diz. O próprio ato de escrever sobre si,

> agora acrescido da visão do outro ou de outros, forçosamente torna conscientes para o usuário os aspectos subjetivos sobre os quais ele e seus interlocutores discorrem (NICOLACI-DA-COSTA, 2005 – p. 79).

Após a apresentação dos dados de nossa pesquisa, poderemos retomar no capítulo final alguns trabalhos aqui descritos e conduzir uma reflexão dando destaques a alguns pontos como a ideia apresentada do blog como forma autoconhecimento ou outros tantos aspectos. Após nosso sucinto levantamento de trabalhos sobre esta temática, faz-se necessário discorrer sobre quais são os operadores conceituais que orientaram nosso pensamento nesta empreitada.

3. MÉTODO

Após termos exposto diversas visões a respeito dos fenômenos digitais e algumas concepções a respeito da relação entre subjetividade e web, gostaríamos agora de nos direcionarmos para um âmbito de cunho mais metodológico. Faz-se necessário determo-nos na explicitação dos conceitos que instruíram nosso modo de pensar ao longo deste trabalho. Em outras palavras, é o momento de discorrermos a respeito da proposta denominada Análise Institucional de Discurso (AID).

Nosso objetivo não é realizar uma discussão exaustiva a respeito de como é construída tal proposta. Isto por dois motivos: tal empreitada poderia nos fazer trilhar uma rota diferente daquela pensada inicialmente para este trabalho; e principalmente por que a articulação de conceitos que configura a AID já foi muitas vezes demostrada por Guirado (2000, 2004a, 2004b, 2006, 2010). O que faremos é possibilitar ao leitor uma apreensão do método a partir do recorte interessado que fizemos do mesmo. Em outras palavras, trata-se de uma apresentação desta metodologia por meio da explicitação do modo como o trabalhamos nesta pesquisa. A especificidade dos *corpora* por nós tomado fez com que o abordássemos apoiando-nos mais fortemente em alguns dos eixos da AID do que em outros. Foram nossos principais orientadores: Michel Foucault, Dominique Maingueneau e Marlene Guirado.

Antes de lançarmo-nos na discussão a respeito destes autores, fazem-se necessárias mais algumas considerações. É importante dizer que operar com a Análise Institucional de Discurso implica conceber o termo método de uma forma particular. Significa entendê-lo como um conjunto de conceitos que organizam um modo de análise (GUIRADO, 2010). Ou seja, representa uma compreensão de método, não como uma lista de procedimentos a serem seguidos, mas um conjunto de conceitos que funcionam como operadores de análise.

Para dizer em outras palavras, esta concepção pressuposta na AID, implica entender método como o exercício de um recorte, que, ao se fazer (ao se exercer), delimita, constrói as condições de possibilidade de enunciação, assim como o próprio objeto que se conhece (GUIRADO, 2006). Tal posicionamento representa a assunção da ideia de que o método determina as conclusões a que se chega em uma pesquisa. Vejamos o que diz Valore (2005) a este respeito:

> Foucault, por sua vez, ao tratar do método de análise de um certo tipo de saber [...] nos alerta para o fato de que um método de estudo não pode ser considerado com pertencendo a um domínio científico neutro, livre e exterior

> às relações de poder-saber que nele se articulam. Mais do que propor, portanto, um conjunto de procedimentos adequados à "captura" e à compreensão de um determinado objeto – que estaria ali, desde sempre, aguardando por seu deciframento – um método de análise configura uma *estratégia de pensamento*, cujo ponto de chegada seria um objeto investido pelos procedimentos discursivos e pelas relações de poder-saber. (VALORE, 2005 – p. 89 – itálico e sublinhado da autora)

Desta forma, as considerações a que chegarmos por meio desta pesquisa devem ser vistas, não como algum tipo de revelação ou apreensão de uma verdade, mas como *produção*, a qual é fruto do acionamento das engrenagens conceituais da Análise Institucional do Discurso.

Detenhamo-nos agora na discussão de alguns elementos chaves de nossa estratégia de pensamento.

3.1 Com Foucault, o poder e a escrita de si

A importância de Foucault em nosso trabalho reside justamente no fato de ele ser um dos autores que nos faculta ferramentas conceituais bastante adequadas ao problema que desejamos abordar nesta pesquisa. Poder pensar com este autor a ideia de uma *subjetividade efeito* de práticas discursivas, e não como algo "imanente" (anterior às condições históricas de produção) nos será de grande valia, visto que desejamos pensar a produção de subjetividade em blogs. As noções de *poder* e de *tecnologias de si* serão úteis para encararmos tal empreitada.

Um texto bastante trabalhado por Foucault é o "Resposta a pergunta: o que é o esclarecimento?" de Kant (1783/2014). Neste escrito é possível ver Kant discutindo aquilo que normalmente chamamos de Iluminismo e também fazendo uma conclamação ao ser humano para que conquiste sua "maioridade" por meio da razão, do entendimento. "Sapere aude!" (KANT, 1783/2014 – p. 1) "Ouse saber!" Escreve o filósofo alemão.

Foucault (1982/2014) faz uma apropriação interessante deste trabalho. Segundo ele, este texto representaria a primeira vez que um filósofo teria se proposto a analisar um acontecimento histórico, um acontecimento recente, de atualidade. Para ele, a pergunta "O que é o esclarecimento?" teria o sentido de "O que acontece nesse momento? O que nos acontece? Que mundo é este, este período, este momento preciso em que vivemos?" (FOUCAULT, 1982/2014b – p. 127).

Para Foucault, estas perguntas poderiam ser resumidas em uma: "Quem somos nós neste momento da história?" Com isto, Kant teria instaurado uma nova tarefa para a filosofia, não mais se dedicar exclusivamente a questões de ordem metafísica e universal, mas realizar uma análise crítica do mundo em que vivemos (FOUCAULT, 1982/2014b – p. 127).

Podemos dizer que Foucault, a sua maneira, insere-se nessa tradição filosófica iniciada por Kant. Afirmamos isto a partir do texto "O sujeito e o poder" em que se propõe a explicitar qual teria sido o objetivo de seu trabalho ao longo de seu percurso como pesquisador e pensador. Segundo ele, muitos consideraram que o tema geral de suas investigações seria o poder, mas seu alvo era antes o sujeito. Ou melhor, sua meta teria sido a de "produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano em nossa cultura" (FOUCAULT, 1982/2014b – p. 118)

Como dissemos anteriormente, justamente por que Foucault se coloca a questão do "Quem somos nós hoje?" é que seus conceitos se mostram adequados a nosso problema de pesquisa.

À medida que coloca tal tipo de questionamento e também quando propõe pensar os modos de subjetivação do ser humano, Foucault deixa transparecer sua forte oposição à ideia de subjetividade como consciência solipsita e a-histórica, auto constituída e absolutamente livre (REVEL, 2005). Consequentemente, evidencia também sua concepção de subjetividade como efeito, como uma produção que se dá em meio a uma trama histórico discursiva, conforme já apontamos.

Modos de subjetivação para Foucault dizem respeito aos processos por meio dos quais se dá a constituição de uma subjetividade. Remetem às maneiras pelas quais os seres humanos se inserem em determinados *jogos de verdade* e desta forma podem se reconhecer como sujeito. E, além disto, correspondem a duas formas de análise: uma que evidencia como, na relação consigo e por meio de certos números de técnicas, o indivíduo pode constituir-se como um "eu"; e outra que destaca os modos de objetivação que transformam os indivíduos em sujeitos.

Os modos de subjetivação podem ser entendidos como práticas de objetivação, o que por sua vez, implica pensar o sujeito como "um objeto historicamente constituído sobre a base de determinações que lhe são exteriores" (REVEL, 2005 – p. 5). Se a objetivação é que o faz do indivíduo sujeito, logo só há sujeitos objetivados (REVEL, 2005). Foucault (1982/2014b) abordou, segundo ele mesmo afirma, três modos de objetivação do sujeito.

O primeiro seria aquele ligado às técnicas de sistemas de signos, que permitem a utilização dos símbolos, dos sentidos, da significação. Seria possível pensar, desta forma, na objetivação do sujeito engendrada na gramática geral, na filologia ou na linguística. Ainda relativo a esse primeiro modo seriam as técnicas de produção por meio das quais se podem fabricar, transformar e modificar objetos. Aqui se concebe a objetivação de um sujeito produtivo nas ciências econômicas. (FOUCAULT, 1988/2014a, 1982/2014b)

O segundo modo corresponde ao que Foucault (1982/2014b – p. 118) chamou de "práticas divisoras". Estão ligadas às técnicas de poder, que determinam a conduta dos indivíduos e os submetem a alguns fins. Esses processos fazem destes um objeto. O indivíduo seria "dividido" no interior dele mesmo ou apartado dos outros. Pode-se pensar na separação entre o louco e o são, entre o doente e o saudável, entre o criminoso e o "bom moço". (FOUCAULT, 1988/2014a, 1982/2014b)

Por fim, seria possível pensar na objetivação na relação do indivíduo com ele mesmo, fazendo uso de algumas "técnicas de si". Estas, que também foram chamadas de "tecnologias do eu", seriam técnicas que

> permitem aos indivíduos efetuar, sozinhos ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, seu pensamentos, suas condutas, seu modo de ser; transformar-se a fim de atingir certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade (FOUCAULT, 1988/2014a – p. 266).

Assim, para Foucault (1982/2014b) o sujeito se constituiria em meio às relações de produção, a relações de sentido e a relações de poder. Para ele as teorias econômicas e linguística (juntamente a semiótica) eram capazes de fornecer bons instrumentos para se estudar as duas primeiras. No entanto, não haveria ainda uma ferramenta definida que permitisse trabalhar as relações de poder entre os indivíduos e entre o indivíduo consigo mesmo.

É por este motivo este pensador que propõe uma conceituação do poder. Este conceito teria justamente

como função permitir uma investigação a respeito de como um indivíduo pode se reconhecer como sujeito. Em outras palavras, a noção de poder seria um operador analítico que lhe permitiria estudar a objetivação do sujeito no discurso (FOUCAULT, 1982/2014b). Foi esta noção que possibilitou a Foucault desenhar, no discurso, o reconhecimento do indivíduo contemporâneo como sujeito de uma sexualidade (FOUCAULT, 2003).

Em função da relevância da noção de poder para se pensar a subjetividade e devido ao posicionamento estratégico que o termo possui na AID, faz-se necessário determo-nos um pouco mais em sua explicitação.

3.1.1 A subjetividade e os jogos de força

A noção de poder em Foucault exerce uma função estratégica na medida em que configura um modo de análise, uma maneira de abordar os problemas que se tem como alvo.

Para que o conceito de poder possa exercer uma função analítica, para que permita pensar a objetivação do sujeito, não se poderia trabalhar com uma teoria do poder, já que uma teoria já traz uma objetivação prévia. Se tomássemos alguma das correntes da psicanálise para pensar os fenômenos digitais, este arcabouço teórico, já carregaria em algum grau, um sujeito objetivado. Poder-se-ia ter, antes mesmo da análise, uma ideia já estabelecida como, por exemplo, a de "sujeito do desejo". A partir de então bastaria, por meio do *corpus* tomado, "encontra-lo" e identificar como se manifesta seu desejo.

Para Foucault um trabalho de análise precisa prescindir de uma teoria do objeto, mas por outro lado, não pode abrir mão de uma conceitualização do problema em questão (FOUCAULT, 1982/2014b). Para entender o que isto representa, tomemos o estudo publicado por Foucault (1976/2003) com o título de "História da Sexualidade I". Neste trabalho, o autor precisou recusar a ideia de que a história da sexualidade no ocidente se resumiria ao um processo de crescente repressão e submissão do sexo ao silêncio.

Foucault (1976/2003) abdicou desta hipótese repressiva, a qual antes de uma análise histórica, já tomava a sexualidade como "um ímpeto rebelde, estranha por natureza e indócil por necessidade, a um poder que por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeitá-la e, muitas vezes fracassa em dominá-la inteiramente" (FOUCAULT, 1976/2003 – p. 98). o que diz respeito ao estudo sobre a sexualidade realizada em seu livro, isto representou

Assim, conceitualizar o problema implicou, não trabalhar com uma teoria, mas fazer uso de um conceito que permitisse pensar as intrincadas relações entre os indivíduos em torno da sexualidade. Ou seja, usou-se um conceito de poder como método para pensar estas relações.

> Dizendo poder, não significar "o Poder", como um conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um Estado determinado. Também não entendo poder como modo de sujeição que, por oposição a violência, tenha a forma da regra. Enfim, não o entendo como um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre outro e cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessem o corpo social inteiro. [...] Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização. O jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte. Os apoios que tais correlações de força encontram uma nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfirm, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. A condição de possibilidade de poder [...] não deve ser procurada na existência primeira de um ponto central, num foco único de soberania de onde partiriam formas derivadas e descendentes; é o suporte móvel das correlações de força que, devido a sua desigualdade, induzem continuamente estados de poder, mas sempre localizados e instáveis. [...] O poder está em toda parte; não por

> que englobe tudo e sim porque de todos os lugares. [...] Sem dúvida devemos ser nominalista: o poder não é um instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada (FOUCAULT, 1976/2003 – p. 89).

Retomemos a citação e façamos também alguns acréscimos. Quando Foucault (1976/2003) afirma a necessidade de "sermos nominalistas", aponta a ideia de que não deveríamos procurar essências ou trabalhar com ontologias, pois o poder não seria uma "coisa", uma substância. O poder, para este autor, não seria algo de que alguém pode se apropriar, como se costuma pensar ("tal indivíduo tem o poder"). Para Foucault (1976/2003) o poder seria o nome dado ao jogo que coloca indivíduos em relação. Seria uma correlação de forças, uma dimensão de toda e qualquer relação. O termo poder designaria interação entre parceiros, um conjunto de ações que se induzem e se correspondem umas às outras (FOUCAULT, 1982/2014b).

Mas segundo o pensador, haveria ainda uma especificidade destes jogos de força. O poder não seria exatamente uma forma de ação de um indivíduo *sobre* o outro. Ele seria na verdade uma *ação* de alguém *sobre* a *ação* de outrem. Ele agiria sobre um campo possível de ações, direcionando, apoiando, desviando, restringindo, delimitando, mas nunca anulando a possibilidade de reação do outro. Uma ação que agisse sobre um corpo, que força, destrói, fecha todas as possibilidades, não seria mais poder e sim uma relação de violência ou dominação.

Para que uma relação de poder possa ser considerada como tal, duas condições são necessárias: a primeira é que, aquele sobre cuja conduta o poder se exerce deve permanecer até o fim como um sujeito de ação, com alguém que pode reagir. A segunda é "que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis" (FOUCAULT, 1982/2014b – p. 133). Eis um aspecto fundamental da noção de poder segundo este autor: o poder não seria apenas repressivo ou restritivo, mas ele também traria *uma dimensão produtiva*. O poder também implicaria *criação*. Pois, retomando uma fórmula de Foucault (1976/2003 – p. 91), "lá onde há poder há resistência." A resistência seria a "contraparte" do poder. Sem resistência não pode haver poder.

Embora o poder possa, em função de uma momentânea polarização e cristalização dos jogos de forças, ganhar um formato de dominação, ele não seria em si uma violência. Segundo o autor, o poder

> É um conjunto de ações sobre ações possíveis: ele opera no campo de possibilidade em que vem inscrever-se o comportamento de sujeitos agentes: ele incita, ele induz, ele desvia, ele facilita ou torna mais difícil, ele amplia ou ele limita, ele torna mais ou menos provável; no limite, ele obriga ou impede absolutamente; mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou sobre sujeitos agentes, e isso enquanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações. (FOUCAULT, 1982/2014b – p. 133)

Para Foucault, o termo "conduta", em função de sua polissemia, permitiria apreender a especificidade das relações de poder. Conduta é, ao mesmo tempo, o ato de conduzir os outros e a maneira de se comportar em um campo mais ou menos aberto de possibilidades, um modo de agir. O poder estaria, portanto, menos associado ao enfrentamento entre opositores e mais a ideia de "governo", entendida como a maneira de dirigir a conduta de indivíduos ou de grupos: governo dos loucos, dos doentes, das almas, das famílias. Governar seria portanto estruturar o campo de ação eventual dos outros (FOUCAULT, 1982/2014b).

A consequência desta noção de poder como governo seria pensar que só existe poder se houver liberdade. O poder só se exerce sobre sujeitos que tem diante de si um campo de possibilidade em que várias condutas, várias reações e modos variados de comportamento podem aparecer. Onde não há possibilidade para

reações não há relação de poder.

Após expor estas considerações, é possível considerar os modos de objetivação do sujeito como uma forma de governo. Trata-se de jogos de força em que procura conduzir a conduta do outro, ou a de si próprio. E com isto, produzem-se subjetividades. Como se pode perceber, relações de poder e produção de subjetividade estão diretamente relacionadas na obra de Foucault. Configura-se um sujeito que é fruto de sua inserção em alguns jogos de verdade.

> Assim, fui levado a colocar o problema saber/poder, que é para mim não o problema fundamental, mas um instrumento que permite analisar, da maneira que me parece mais exata, o problema das relações entre sujeito e jogos de verdade. [...] O que eu recusei foi precisamente que se fizesse previamente uma teoria do sujeito. [...] Procurei mostrar como o próprio sujeito se constituía, nesse ou naquela forma determinada, como sujeito louco ou são, como sujeito delinquente ou não, atraés de um certo número de práticas, que eram os jogos de verdade, práticas de poder etc. era certamente necessário que eu recusasse um certa teoria a priori do sujeito para poder fazer essa análise das relações possivelmente existentes entre a constituição do sujeito ou das diferentes formas de sujeito os jogos de verdade, as práticas de poder etc. (FOUCAULT, 1984/2012 – p. 268)

Conceber a subjetividade desta maneira implica pensar um sujeito que "não é uma substância. É uma forma, e essa forma nem sempre é, sobretudo, idêntica a si mesma" (FOUCAULT, 1982/2014b – p. 133). Pode-se dizer, portanto que Foucault opera uma dessubstancialização do sujeito. Como dissemos, a subjetividade efeito de relações de poder, práticas discursivas e de jogos de verdade. Estes podem ser entendidos como um conjunto de regras de produção de verdade, procedimentos que conduzem a certo resultado, "o qual pode ser considerado válido ou não, ganho ou perda" (FOUCAULT, 1984/2012 – p. 276)

Após termos apresentado alguns aspectos da noção de poder em Foucault e sua relação com a produção de subjetividade, faz-se necessário direcionarmos para um tipo de jogo de força, não com o outro, mas aquela que se dá consigo. Tais práticas podem ser chamadas de "Técnicas de si" e o modo como são caracterizados pelo autor, nos permite considerar o corpus sobre o qual trabalhamos também como uma tecnologia de si. Segundo Foucault (1984/2012), o indivíduo pode encontrar na sociedade ou no grupo social em que vive modos de exercer uma prática de si.

> [...] se agora me interesso de fato pela maneira com a qual o sujeito se constitui de uma maneira ativa, através das práticas de si, essas práticas não são, entretanto, alguma coisa que o próprio indivíduo invente. São esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social. (FOUCAULT, 1984/2012 – p. 276)

Atentemos agora para o modo como Foucault caracteriza a relação do indivíduo consigo mesmo.

3.1.2 A escritura de si

Foucault vai se dedicar a estudar aquilo que ele chamou de técnicas de si, a partir da filosofia greco-romana e depois com o surgimento da espiritualidade cristã.

Entre os gregos, estas tecnologias assumem o formato de um preceito: o do "cuidado de si". Mas o que seria este "si"? Trata-se de um princípio relativo a alma. Cuidar de si é preocupar-se com a própria alma. Esta é a

principal atividade do cuidado de si. Mas para isto, é preciso saber o que é a alma. Isto faz com que o "cuidado de si" implique também o "conhece-te a ti mesmo".

No período que foi chamado de helenístico a noção do "cuidado de si" torna-se um tema comum, seja para os estoicos, epicuristas ou céticos. Epicuro pensa que nunca é tarde para ocupar-se de si. Os estoicos declaram que é preciso estar atendo a si mesmo, retirar-se em si mesmo e permanecer aí. Esta última, é levada a sério por Plínio que aconselha um amigo a guardar alguns minutos por dia para fazer um retiro sozinho, a fim de refletir sobre si. Esta reflexão implica estudar, ler, preparar para os reveses do acaso ou para a morte. É simultaneamente uma meditação e uma preparação.

Ao nos referir a estas técnicas, estamos já citando aquilo que foi chamado de *askesis*. Trata-se de um conjunto de práticas como meditações, memorizações, entre outras; era uma espécie de treinamento de si. Nessa cultura do cuidado de si e da *askesis*, a *escrita* é uma atividade muito importante.

Em função do nosso objeto de pesquisa ser também uma forma de escrita de si, embora em outros suportes, faz-se necessário desviarmo-nos da temática geral do cuidado de si e aprofundarmo-nos no assunto da escritura como técnica de si.

Dois modos de escrita, embora utilizadas para fins diferentes, podem ser pensadas como *àskesis*: os cadernos de notas (*hupomnêmata*) e a *correspondência*.

Os hupomnêmata eram livros de contabilidade, cadernetas individuais ou registros públicos. Segundo Foucault (1983/2012) eles seriam comuns entre grupos de pessoas cultas como livro de vida, guia de conduta. Ali eram anotados citações, fragmentos de obras, reflexões (ouvidas ou surgidas à mente) e ações testemunhadas formando uma antologia para leitura ou meditação posterior. Podiam ser utilizados como matéria-prima para a escritura de algum tratado sobre como lutar contra aspectos indesejados da alma como a cólera, inveja, lisonja, entre outros, ou para transpor alguma contingência problemática (luto, ruína, exílio).

No entanto, não são livros de recordações para suprir alguma falha de memória. Constituem um material para ser frequentemente revisitado e exercitado: "ler, reler, meditar, conversar consigo mesmo e com os outros. [...] Trata-se de constituir [...] um equipamento de discursos auxiliares capazes [...] de levantar eles mesmos a voz e de fazer calar as paixões como um dono que, com uma palavra, acalma o rosnar dos cães" (FOUCAULT, 1983/2012 – p. 145).

O hupomnêmata constituíam, pois, uma narrativa de si, um diário por meio do qual se faz aflorar o que se esconde nos recônditos da alma, como se verá com o advento do cristianismo. Tratava-se de captar e reunir aquilo que já foi dito, uma prática que operava uma ação sobre aquele que escreve e que contribuía para a formação de si.

Frente à agitação da mente, à instabilidade da atenção, à mudança de opiniões, ao olhar para o futuro (que torna o espírito ávido por novidades e o coloca no plano das incertezas) a redação dos hupomnêmata oferecia um ponto fixo e estável sob a forma da apropriação de uma verdade. A retenção dos elementos coletados permitia a constituição de um "passado", em direção ao qual sempre se pode voltar. Esta prática, segundo Foucault (1983/2012), aproxima-se da moral dos estoicos e epicuristas no que diz respeito a recusa de uma atitude de pensamento voltado para o futuro e também no que tange ao valor positivo atribuído à posse de um passado, em relação ao qual "se pode

gozar soberanamente e sem perturbação" (FOUCAULT, 1983/2012, p. 148).

Outros caminhos também conduzem a este efeito de produção de si. Na medida em que excertos dispersos e heterogêneos são anotados, ocorre um processo de unificação desses fragmentos no exercício mesmo de escrita. Ocorre, como diria Foucault (1983/2012, p. 148) uma "subjetivação do discurso". O mesmo ilustra este movimento por meio de metáforas de Sêneca: a escritura dos hupomnêmata seria como a coleta do néctar pela abelha ou como o processo de digestão.

> O papel da escrita é constituir, com tudo que a leitura constituiu, um 'corpo' [...]. E é preciso compreender esse corpo não como um corpo de doutrina, mas sim – segundo a metáfora da digestão, tão frequentemente evocada – como o próprio corpo daquele que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade delas: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida 'em forças e em sangue' [...] Ela se torna no próprio escritor um princípio de ação racional. (FOUCAULT, 1983/2012, p. 149)

Outro modo de realizar um exercício de si, segundo Foucault (1983/2012), seria por meio da correspondência. Ao escrever uma carta (a qual necessariamente tem por alvo o outro), lê-se o que se escreve, assim como ao se dizer algo, ouve-se o que se diz. A missiva, pelo processo de escrita, age sobre aquele que a redige e, pela leitura, atual sobre aquele que a recebe.

Foucault (1983/2012) produz estas reflexões a partir de cartas de Sêneca (*Lettre à Pythoclès e Lettre à Lucilius*). Nestas epístolas, a pedido de seus destinatários, Sêneca instrui, aconselha, envia material para meditação, transmite argumentos epicuristas sobre como alcançar a felicidade, entre outras coisas. Trata-se da escritura de um homem mais velho orientando outros mais jovens, ainda inseridos na esfera pública.

No entanto não se trata apenas de informar e aconselhar. Por meio destas missivas, Sêneca exercita-se, principalmente em função de dois princípios que lhe são caros: "é preciso adestrar-se a vida inteira" e "sempre se necessita da ajuda de outrem para a constituição da alma, na elaboração da alma por si própria". A carta – que tem a finalidade de ajudar o destinatário – acaba tornando-se, para quem escreve uma espécie de treino.

> [...] um pouco como os soldados [que] em tempos de paz se exercitam no manejo das armas, os conselhos que são dados aos outros na urgência de sua situação são uma forma de preparar a si próprio para uma eventualidade semelhante. (FOUCAULT, 1983/2012, p. 150)

Além de um treinamento de si por meio da escrita, a epístola também exerce outra função. É uma forma de manifestar-se para si mesmo e para os outros. É uma forma de fazer-se presente para o receptor. Uma presença constituída não apenas pelas informações sobre o escritor, mas também pela "sensação" de um comparecimento real. "Cada vez que me chega tua carta, eis-nos imediatamente juntos" (SÊNECA *apud* FOUCAULT, 1983/2012, p. 152)

Assim, para Foucault (1983/2012), escrever é exibir-se, mostrar-se, "fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro." (FOUCAULT, 1983/2012, p. 152) A carta opera dois efeitos simultâneos: lançar um olhar sobre o destinatário (que "sente-se olhado") e oferecer-se ao olhar do mesmo, na medida em que se relatam inúmeros fatos sobre si. A ação recíproca entre emissor e receptor não é simplesmente a de poder ajudar-se um ao outro, mas

principalmente a do olhar e do exame.

A correspondência, que deve ter um estilo mais livre, despojado no uso das palavras (o que lhe dá o caráter de pessoalidade), assimila, ou "digere", um ensinamento, uma verdade, na medida em que visa orientar. Como isto, opera uma subjetivação do discurso (assim como os hupomnêmata), mas produz também uma "objetivação da alma". (FOUCAULT, 1983/2012, p. 153 – grifo nosso) Foucault (1983/2012) lembra o preceito de Sêneca na carta a Lucílio, segundo o qual dever-se-ia guiar nossa conduta como se sempre estivéssemos sendo observados e também o princípio, igualmente do mesmo autor, de que nada (no que diz respeito ao "si mesmo") pode ser escondido de deus, o qual estaria eternamente presente em nossas almas. Com a epístola, abrimo-nos ao olhar do outro e colocamos o destinatário no lugar do deus interior.

A ação que a carta exerce, tanto em seu receptor quanto em seu emissor, seria segundo Foucault (1983/2012) a de introspecção. No entanto, introspecção não no sentido de um desvelamento ou decodificação de si por si mesmo, mas sim como uma abertura de si mesmo ao outro.

Foucault (1983/2012) vê em cartas como as de Sêneca a Lucilio e de Marco Aurélio a Froton o desenvolvimento de um tipo de narrativa de si. Uma narrativa que tomava este "si" como tema de ação relacionada a amigos e inimigos, a acontecimentos felizes ou infelizes. Uma narrativa da relação consigo, em que pode se identificar dois eixos. O primeiro seria o das notícias sobre a saúde, da descrição de sensações corporais, das perturbações sentidas, vivências narradas e transformadas em conselhos de dietas úteis, além de preceitos sobre como conduzir a cura do corpo por meio dos cuidados dispensados a alma.

O outro eixo seria o da descrição das atividades diárias, do desenrolar da vida cotidiana. Faz parte da atividade epistolar contar os acontecimentos do dia. Mas curiosamente, essa exposição não é motivada por algum fato que tenha marcado este dia e tornado-o um dia diferente. O dia vai ser descrito justamente quando se mostra exatamente igual a todos os outros. O que fica evidenciado então é menos a importância dos eventos e mais um modo de ser. Neste aspecto, a carta se aproxima de uma prática que Sêneca julga bastante saudável: o exame ou a revisão do dia.

> Lucilius acha natural pedir a Sêneca para lhe "prestar contas de cada um dos meus dias, e hora por hora". E Sêneca aceita essa obrigação de boa vontade, visto que ela o estimula a viver sob o olhar do outro sem nada ter a esconder. "Farei então como me pedes: a natureza, a ordem de minhas ocupações, tudo isso te comunicarei de boa vontade. Eu me examinarei a cada instante e, seguindo uma prática das mais salutares, farei a revisão do meu dia." (FOUCAULT, 1983/2012 - p. 155)

O que se vê aqui é a conjunção da prática epistolar com a técnica do exame de si. E é exatamente por meio da relação entre estes dois elementos, que o exame de consciência foi constituído como um relato escrito de si. Com isto o efeito obtido é o de colocar a si mesmo sob os olhos do outro. (FOUCAULT, 1983/2012)

Esta prática do exame de si, presente nas civilizações greco-romanas, era um exercício ligado à memorização, mas permitia, além disto, constituir-se como "inspetor de si mesmo" (FOUCAULT, 1983/2012, p. 156). Desta forma era possível checar as faltas do dia, além de manter ativas e sempre presentes no espírito, as regras do bom comportamento. O relato da banalidade cotidiana, das ações corretas ou não, da dieta seguida, dos exercícios praticados, das sensações físicas, dos sentimentos, colocam em evidência a extrema vigilância de uma atenção que se

encontra focalizada em si mesma (FOUCAULT, 1983/2012).

Pensemos agora, por meio da análise de Foucault, as técnicas de si inauguradas pelo cristianismo. Esta religião pode ser incluída entre aquelas que se encarregam de conduzir o indivíduo de uma realidade a outra, da morte à vida. Ou seja, incumbem-se da tarefa de salvação. Para isto, o cristianismo impõe um conjunto de condições e de regras de conduta que tem por objetivo certa transformação de si. (FOUCAULT, 1988/2014a)

O cristianismo é uma religião confessional, que impõe obrigações muito estritas de verdade, de crença e de modo de agir. (FOUCAULT, 1988/2014a)

> O cristianismo exige outra forma de obrigação de verdade, diferente da fé. Ela exige de cada um que saiba quem se é, isto é, a descobrir o que acontece em si, que reconheça seus erros, admita suas tentações, localize seus desejos; cada um deve, em seguida, revelar essas coisas seja a Deus, seja a outros membros da comunidade, levando assim testemunho, publicamente ou de maneira privada, contra si mesmo. Um ele existe entre as obrigações de verdade que concernem à fé e as que dizem respeito ao indivíduo. Esse ele permite uma purificação da alma impossível sem o conhecimento de si. (FOUCAULT, 1988/2014a – p.287)

Assim, a escrita de si com o cristianismo vai ganhar um formato e uma função diferente da que tinha com os greco-romanos. Com o advento do cristianismo que o registro de si vai assumir o valor de escrutínio da alma com o objetivo de purificação.

Vejamos um texto em que Santo Atanásio apregoa a anotação dos "movimentos da alma" visando o domínio de si diante do perigo representado pelo mal, pelo pecado e pelo demônio.

> Eis uma coisa a ser observada para nos assegurarmos de não pecar. Consideremos e escrevamos, cada um, as ações e movimentos de nossa alma, como para nos fazer mutuamente conhecê-los, e estejamos certos de que, por vergonha de sermos conhecidos, deixaremos de pecar, e nada termos de perverso no coração. Pois quem, quando peca, consente em ser visto e, quando pecou, não prefere mentir para esconder sua falta? Ninguém fornicaria diante de testemunhas. Da mesma forma, escrevendo nossos pensamentos como se devêssemos comunicá-los mutuamente, estaremos mais protegidos dos pensamentos impuros, por vergonha de tê-los conhecidos. Que a escrita substitua o olhar dos companheiros de ascese: enrubescendo tanto por escrever quanto por sermos vistos, abstenhamo-nos de qualquer mau pensamento. Disciplinando-nos dessa maneira, podemos forçar o corpo à submissão e frustrar as armadilhas do inimigo. (SANTO ATANÁSIO apud FOUCAULT, 1983/2012 – p. 141)

A escrita de si aparece aqui como uma forma possível de colocar o que se fez ou o que se pensou sob o alcance de um olhar. O embaraço que a presença de outra pessoa poderia exercer sobre a conduta, a escrita o fará no plano dos movimentos internos da alma. Neste sentido, segundo Foucault (1983/2012), ela desempenha um papel semelhante ao da confissão. Como esta última, ela deve revelar, sem exceção, os fatos do espírito constituindo-se uma arma no combate espiritual: "revelando os movimentos do pensamento, ela dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo" (FOUCAULT, 1983/2012, p. 143).

Assim, neste percurso que tomou as técnicas de si dos antigos, que passou pela reflexão sobre a escrita e chegou até os preceitos do período patrístico com Santo Atanásio foi possível identificar valores e funções diferentes das práticas de si. No caso dos hupomnêmata,

> [...] tratava-se de constituir a si mesmo como objeto de ação racional pela apropriação, unificação e subjetivação de um já dito fragmentário e escolhido; no caso da anotação monástica das experiências espirituais, tratar-se-á de desalojar do interior da alma os movimentos mais escondidos de forma a poder deles se libertar. No caso do relato epistolar de si mesmo, trata-se de fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se lança sobre si mesmo ao

comparar suas ações cotidianas com as regras de um técnica de vida. (FOUCAULT, 1983/2012 - p. 157)

Foucault, ao buscar compreender os processos de produção de subjetividade, ou em suas palavras, as "tecnologias de si", volta-se para o estudo de antigos textos greco-romanos. Ao fazê-lo, mostra seu modo de raciocinar e com isto nos oferece caminhos possíveis de trabalho. Uma das sendas que buscaremos seguir, na medida em que contemplamos a questão motriz desta empreitada, será o de configurar o estatuto da escrita de si que acontece por meio da web. Isto significa indagar-se sobre o lugar e a função destes "exercícios de si digitais". Ao mesmo tempo, procuraremos configurar os possíveis processos de "subjetivação do discurso e objetivação da alma" que aconteceriam no mundo da web.

3.2 Com Maingueneau, discurso, enunciação e pragmática

Caminhamos até agora com Foucault e com ele pudemos pensar uma concepção de subjetividade como efeito, ou seja, a noção de um sujeito produzido em meio a uma intricada correlação de forças. Agora que nos aproximamos de uma discussão a respeito da linguagem, faz-se necessário abordá-la a partir de uma perspectiva que apresente pontos em comum com a visão foucaultiana.

É por este motivo que nossa referência será a análise de discurso de Dominique Maingueneau, uma abordagem que, como aponta Guirado (2010 – p. 98), apresenta "uma concepção do sujeito da enunciação e uma concepção de discurso como construção do sujeito, um sujeito que, por sua vez, está no discurso; temos portanto, uma articulação diferenciada [...] entre realidade social e construção do sujeito." Detenhamo-nos então na apresentação dos termos de Maingueneau. Primeiramente a noção de discurso.

De acordo este autor, o uso do termo discurso permite ao mesmo tempo designar objetos de análise ("o discurso da imprensa", "o discurso dos blogs") e mostra que se adota um determinado ponto de vista em relação a eles. Isto significa dizer que o discurso pode ser concebido como uma abordagem, ou melhor, uma forma de compreender a linguagem.

Esta perspectiva discursiva difere-se da de Saussure, que pensa a linguagem por meio da oposição entre língua e fala. O primeiro estaria ligado a uma dimensão social, pois corresponde ao conjunto de conhecimentos partilhados pelos falantes de um mesmo idioma a respeito da língua e seu funcionamento. Já a segunda noção seria a efetivação da língua realizada por um indivíduo (FIORIN, 1996; MAINGUENEAU, 2015, 2000).

Maingueneau (2015, 2000) faz uma distinção entre as noções de discurso e fala. Embora próximas, não podem ser tomadas como equivalentes, pois o discurso não pode ser pensado com um ato individual, mas como a mobilização de um conjunto de regras que o sujeito não domina. Para este autor, enunciar implica inserir-se em um campo de realidade específico, diferente da realidade sintáxica ou morfológica.

> [...] falar não é a "expressão" do pensamento de um sujeito que utiliza a linguagem como instrumento, mas entrar em uma instituição que domina o sujeito. Falar é entrar nessa 'ordem do discurso', para retomar uma fórmula de Foucault." (MAINGUENEAU, 2000 – p. 22)

Assim, segundo Maingueneau (2000), aqueles que trabalham com esta perspectiva vão procurar pensar a relação entre um lugar social (uma aula, a política, um hospital, uma entrevista médica, entre outros) e uma organização textual. Para o analista de discurso o foco de sua atenção se torna justamente a articulação entre essas duas instâncias. E é a noção de gênero de discurso que de modo privilegiado permite pensá-la.

O conceito de gênero de discurso pode ser entendido como um dispositivo social de produção e recepção do discurso (uma aula por exemplo). É uma realidade empírica que é ao mesmo tempo, uma organização verbal e um fenômeno social. O gênero de discurso funciona como um sistema de coerções que condiciona a enunciação. Ele estabelece uma finalidade à atividade dos sujeitos; define papéis para os parceiros; implica um uso específico de recursos linguísticos, entre outros aspectos (MAINGUENEAU, 2015, 2013, 2000)

Apreender o gênero de discurso como um dispositivo que regula a produção do discurso é estudar o discurso como atividade. Trata-se portanto de pensar o discurso como uma forma de ação sobre o outro (MAINGUENEAU, 2015). Isto implica conceber a linguagem não apenas como um sistema arbitrário de símbolos que representam o mundo, pois a linguagem não é exterior a realidade, ela representa a realidade, mas também faz parte da mesma. "O discurso é um dispositivo social, mas também é uma representação dessa sociedade" (MAINGUENEAU, 2000 – p. 27).

Pensar desta forma o discurso implica dizer que ele possui uma dimensão pragmática, ou seja, que ele possui componentes que permitem, em um contexto dado, atribuir uma interpretação a um enunciado.

A perspectiva pragmática – a partir da qual estamos tomando o discurso – é composta por diversas vertentes. Elas se configuram como um conjunto de temáticas que juntas dão certo ar de unidade ao campo da pragmática. A discussão que se segue de algumas delas nos ajudará a formular alguns questionamentos parciais, os quais desembocarão na questão motriz do presente trabalho.

Uma dessas vertentes é a da teoria dos atos de fala, proposta por John L. Austin. Esta formulação não apenas vê a linguagem como uma forma de ação, mas também lhe atribui a propriedade de reflexividade. Isto implica dizer que ao falar sobre algo mostra-se que se está falando sobre esse algo. Cada enunciado faz uma referência ao próprio ato de enunciar. Falar é dizer algo sobre o mundo e também dizer algo sobre o ato de dizer. (MAINGUENEAU, 2000 – p. 27).

Outra temática importante é a da interatividade. A partir dela podemos pensar que falar não é somente uma atividade de expressão do sujeito. A linguagem seria, desta perspectiva, uma atividade fundamentalmente cooperativa. Trata-se de uma ação com dois parceiros implicados mutuamente. Qualquer enunciação, mesmo que produzida na ausência de um destinatário se dá em uma interatividade constitutiva. Toda vez que um indivíduo toma a palavra, está pressuposto nesta ação, outra instância de enunciação, em relação a qual alguém constrói seu próprio discurso. (MAINGUENEAU, 2015)

Os textos escritos podem ser pensados da mesma maneira. Para escrever é necessário construir uma representação do interlocutor, um leitor, que tem uma certa concepção do mundo, uma certa atitude em relação ao próprio enunciador. É a partir dessa imagem que ele tem do outro que se torna possível enunciar.

Esta implicação mútua entre os parceiros de fala faz com que, segundo Maingueneau (1997), a linguística francesa prefira o termo coenunciador (cunhado pelo linguista Antoine Culioli) ao invés de destinatário.

Tal escolha se justifica pela própria dimensão interativa do discurso. O destinatário tu, você, é sempre um eu potencial. Quando alguém fala, está ao mesmo tempo ouvindo o que está dizendo e controlando, por meio da audição, o que está o que está falando. Por observar os gestos, as expressões faciais, os movimentos dos olhos do coenunciador, o falante também corrige o que está dizendo (MAINGUENEAU, 2015).

É importante dizer que a construção da imagem do outro depende do gênero de discurso no qual os parceiros estão implicados. Não é cada sujeito quem inventa a figura do outro. O fato de estar em determinado gênero de discurso implica uma certa imagem desse outro. (MAINGUENEAU, 2000)

Outra vertente pragmática importante é a que Maingueneau (1997) chamou de dimensão jurídica da fala. Esta abordagem permite pensar que ao falar se está sempre procurando legitimar o que se está dizendo. Legitimar não apenas o conteúdo, mas a posição mesma de falante. Falar é sempre mostrar que você tem o direito de dizer o que está dizendo, e também o direito de dizer como está dizendo, o direito de dizer o que está dizendo, a quem se está dizendo.

É necessário acrescentar que para Maingueneau (1997) o gênero de discurso contribui para garantir a legitimidade do lugar de enunciador. No entanto, levando em conta esta dimensão jurídica do discurso, podemos adiantar que quando as coerções genéricas são mais fracas, como é o caso dos *corpora* tomados nesta pesquisa, é a própria cenografia que desempenhar esta função de legitimar um lugar de fala.

A última temática que apresentaremos é a da subversão texto/contexto. A subversão em questão é a da ideia de contexto como algo que está ao redor, fora do texto (MAINGUENEAU, 2015). Ao invés desta concepção, opta-se por compreender o contexto como algo que

> [...] está também na cabeça das pessoas que estão no contexto... Um contexto não é uma realidade objetiva, é algo que os parceiros da fala têm na cabeça. Cada um define, por intermédio de sua fala, o contexto no qual está falando. Os falantes cooperam ou brigam para definir o contexto no qual estão falando (MAINGUENEAU, 2000 – p. 30).

O contexto seria portanto uma realidade dinâmica, uma realidade negociada, não uma coisa dada. Parafraseando uma das imagens de Maingueneau, pode-se dizer que se trata de fenômeno circular, pois o contexto é constitutivo daquilo que se fala ou que se escreve. Ao mesmo tempo, cada enunciação constrói o contexto que lhe permite "existir". O contexto se configura como as condições de produção de uma fala ou de um texto escrito, mas simultaneamente, a enunciação produz essas condições. É um fenômeno de "enlaçamento paradoxal" (MAINGUENEAU, 2000 – p. 98).

Para alinhavar o que foi exposto até aqui, poderíamos dizer que por esta perspectiva pragmática a linguagem pode ser pensada como discurso, como uma forma de ação, como um ato de fala que implica: uma reflexividade; uma interatividade entre parceiros interligados; um jogo de legitimação do lugar de falante; um contexto entendido como uma rede ou um quadro de condições para o exercício da função enunciativa. Um ato de fala implica, por fim, uma instituição, compreendida como o conjunto das condições de enunciação.

> [...] cada ato de fala [...] é inseparável de uma instituição, aquela que este ato pressupõe pelo simples fato de ser realizado. Ao dar uma ordem, por exemplo, coloco-me na posição daquele que está habilitado a fazê-lo e coloco meu interlocutor na posição daquele que deve obedecer; não preciso, pois, perguntar se estou habilitado para

> isto: ao ordenar, ajo como se as condições exigidas para realizar este ato de fala estivessem efetivamente reunidas. Dito de outra forma, não é porque tais condições estão reunidas que o ato pode ser efetuado, mas é porque este ato foi efetuado que se consideram reunidas estas condições. Através de sua própria enunciação, este ato de fala é considerado pertinente. (MAINGUENEAU, 1997 – pp. 29 e 30)

Como se pode identificar, a pertinência do discurso é estabelecida pela própria enunciação na medida em que esta aciona convenções que regem as condições de fala entre os sujeitos, distribui papéis, institui regras entre parceiros na comunicação. Todos estes aspectos podem ser trabalhados (como o faz Maingueneau) por meio das metáforas de lugar e cena enunciativa. Ambos os termos configuram-se como operadores de análise e abrem espaço para pensar uma certa concepção de sujeito e subjetividade.

> Em geral [...] a AD prefere formular as instâncias de enunciação em termos de 'lugares', visando a enfatizar a preeminência e a preexistência da topografia social sobre os falantes que aí vem se inscrever. Um conceito de lugar 'cuja especificidade repousa sobre esse traço essencial segundo o qual cada um alcança sua identidade a partir e no interior de um sistema de lugares que o ultrapassa'. [...] trata-se então, segundo o preceito de M. Foucault, de 'determinar qual é a posição que pode e deve ocupar cada indivíduo para dela ser sujeito'. Isto equivale a dizer que 'a teoria do discurso não é uma teoria do sujeito antes que este se enuncie, mas uma teoria da instância de enunciação que é, a mesmo tempo e intrinsecamente, um efeito de enunciado'. (MAINGUENEAU, 1997 – pp. 32 e 33)

Temos portanto a concepção de subjetividade como efeito de práticas discursivas e a de um sujeito que não equivale a uma pessoa, a um sujeito empírico. Trata-se de pensar a subjetividade como algo que se dá num determinado nível da realidade, qual seja, o nível das representações. Importante destacar que o termo "representação" é tomado aqui não como signo, representante/cópia do real, mas como um reconhecimento que o sujeito pode ter de si (do outro, da situação) por ocupar uma determinada posição no plano discursivo.

3.2.1 A cena enunciativa e seus níveis de análise

Como dissemos anteriormente, algumas noções chaves instrumentam nosso modo de pensar e conduzir as análises neste trabalho. Um desses operadores conceituais é o de discurso. Deixar-se guiar por esta noção implica, como vimos, conceber a linguagem não mais como mera representação, mas como uma forma de ação, como um dispositivo social que coloca parceiros em relação. Desta forma, passa-se a considerar o discurso como algo que se produz em/como um "jogo de forças" entre estes parceiros.

O sentido daquilo que se diz, doravante só vai poder ser compreendido como efeito dessas interações. O sentido não será mais visto como algo dado desde sempre, mas sim como algo produzido em um contexto; concebido como fruto de determinadas condições de produção.

Como dito anteriormente, os sentidos da fala serão compreendidos por nós como efeito, como algo indissociável de um contexto, de um quadro ou de uma cena enunciativa (MAINGUENEAU, 1997).

A cena enunciativa pode ser pensada em três níveis de análise: o da cena englobante, o da cena genérica e o da cenografia. A cena englobante diz respeito ao tipo de discurso em questão. É necessário compreender em que espécie de discurso estamos inseridos para que possamos interpretá-lo. Isto implica entender em nome de que certo texto interpela seu interlocutor e em função de qual finalidade ele foi organizado. Por exemplo, se recebemos

um folheto no semáforo, devemos interpretar se se trata de um tipo de discurso publicitário, político, religioso ou outro. (MAINGUENEAU, 2008a)

A cena englobante não é bastante para especificar as atividades discursivas nas quais se encontram envolvidos os sujeitos. Os sujeitos veem-se confrontados também com certos rituais sociolinguísticos que vão então definir cenas genéricas. Dizendo de outra maneira, o nível da cena genérica especifica o plano dos papéis formais, constituídos pelos gêneros de discurso. Cada gênero define papéis específicos aos parceiros da relação. Uma aula, por exemplo, estabelece os lugares de professor e aluno aos participantes dessa cena. (MAINGUENEAU, 2008a; 2008b).

Por fim, a cenografia supõe a cena englobante e a cena genérica, mas estes se deslocam para o segundo plano, pois um mesmo gênero de discurso pode ser posto em ação de formas muito diferentes. O professor que exerce esse papel buscando ser próximo, amigo dos alunos põem em jogo uma cenografia diferente daquele que se coloca como professor/cientista impessoal (MAINGUENEAU, 2008a; 2008b).

Segundo Maingueneau (2008 – p. 87) a cenografia implica um processo de "enlaçamento paradoxal". O discurso, ao ser enunciado pretende convencer na medida em que institui a cena enunciativa que o legitima.

> [...] a fala supõe uma certa situação de enunciação que, na realidade, vai sendo validada progressivamente por intermédio da própria enunciação. Desse modo, a cenografia é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, estabelecendo que essa cenografia onde nasce a fala é precisamente a cenografia exigida para enunciar como convém, segundo o caso, a política, a filosofia, a ciência, ou para promover certa mercadoria... (MAINGUENEAU, 2008 – pp.87,88 – grifos do autor)

3.2.2 Cena enunciativa e ethos

Anteriormente apresentamos a ideia de que os sentidos da fala são efeito da enunciação que implica uma cena enunciativa (em todos seus níveis). Além disto, um outro elemento pode ser considerado como condição de produção dos sentidos e do discurso. Referimo-nos ao ethos.

Esta noção está intimamente ligada à cena enunciativa, em especial à cenografia na medida em que ambas participam das condições de êxito do discurso. Como vimos anteriormente, a cenografia "procura convencer" por sua própria manifestação. Ou mais precisamente, ela institui lugares discursivos que vão ser "aceitos" ou não. Ela configura-se como um constante processo de negociação, legitimação, subversão da própria cena. (MAINGUENEAU apud GUIRADO, 2000; GUIRADO, 2000, 2004)

Toda enunciação, ao se fazer, supõe uma determinada imagem de seu interlocutor. Da mesma maneira, ela também implica uma imagem daquele que fala. Produzem-se nestes jogos de expectativas, efeitos de reconhecimento (e desconhecimento). Aquele que fala, além de atribuir certos lugares ao outro, reconhece a si mesmo de uma determinada maneira e não de outra. O enunciador ao mesmo tempo em que produz uma fala, mostra como se vê, qual imagem está construindo de si próprio. Assim, ele faz inevitavelmente uma apresentação de si.

A ideia da imagem de si pode ser trabalhada a partir da perspectiva da cenografia, como o fizemos acima, mas também a partir da noção de ethos. Isto implica pensar esta imagem de si também como a construção de uma certa "aparência", uma certa "voz", um "jeito de ser" do sujeito falante. Com isto, esta imagem de si funcionaria também como a fiadora, o "lastro", a fonte garantidora do discurso. (MAINGUENAU, 2008a)

Para ajudar-nos a dar contornos a esta noção complexa, utilizemos algumas palavras da linguista Ruth Amossy, ainda que ela não participe e distancie-se um pouco do campo epistemológico da AID:

> Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si. [...] A apresentação de si não se limita a uma técnica apreendida, a um artifício: ela se efetua, frequentemente, à revelia dos parceiros, nas trocas verbais mais corriqueiras e mais pessoais. [...] Os antigos designavam pelo termo *ethos* a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório. (AMOSSY, 2005)

O conceito de *ethos* faz parte do campo da retórica clássica que remonta à Aristóteles. Maingueneau retira-o de leu lugar de origem para trabalha-lo não mais apenas como processo de argumentação. O autor vai pensar o *ethos* no interior da Análise de Discurso e refletir sobre a dimensão da adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva. (MAINGUENEAU, 2005) O *ethos* então será concebido a partir da perspectiva do discurso como forma de ação.

Segundo Maingueneau (2008a) o *ethos* diz respeito ao fato de que por meio da enunciação revela-se a "personalidade" do enunciador. Personalidade efeito do jogo discursivo, do próprio ato de enunciar, visto que ela não se baseia em conhecimentos anteriores sobre aquele que fala.

> "Persuade-se pelo caráter (*ethos*) quando o discurso é tal natureza que torna o orador digno de fé, por que as pessoas honestas nos inspiram uma confiança maior e mais imediata. [...] Mas é necessário que esta confiança seja o efeito do discurso, não de um juízo prévio sobre o caráter do orador." (ARISTÓTELES apud MAINGUENEAU, 2005 – p. 70)

Para Maingueneau, Roland Barthes teria dado destaque a uma característica essencial do *ethos*. Para Barthes o termo significa:

> [...] os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importa sua sinceridade) para causar boa impressão: são ares que assume ao se apresentar. [...] O orador enuncia uma informação, e ao mesmo tempo diz: 'eu sou isto, eu não sou aquilo' (BARTHES apud MAINGUENEAU, 2008a – p. 98)

Uma das novidades que Maingueneau traz é a de pensar estas noções não apenas na eloquência judiciária (como na retórica antiga) ou nos enunciados orais. Para este autor toda enunciação implica um ethos, mesmo um texto escrito. Isto implica dizer que este (o texto escrito) também implica um tom que dá autoridade ao que é dito. Esse tom dá àquele que lê a possibilidade de construir uma representação do "corpo" do enunciador (não obviamente, do corpo empírico de quem escreve). "A leitura faz, então emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de fiador do que é dito." (MAINGUENEAU, 2008a – p. 98 – grifo do autor)

O leitor de um texto vai construir a imagem deste fiador na mesma medida em que lhe atribui um caráter e um corporalidade. O primeiro diz respeito a um conjunto de traços psicológicos e o segundo corresponde a uma determinada "constituição física", a uma maneira de se vestir e de movimentar no espaço social. Segundo Maingueneau (2008), tanto o caráter, quanto a corporalidade para serem construídos baseiam-se em um conjunto de representações sociais valorizadas ou desvalorizads, em uma gama de estereótipos culturais que circulam em

domínios múltiplos como literatura televisão, cinema, fotos, publicidade, mídias digitais.

Dissemos anteriormente que os sentidos de um enunciado se produz em um contexto, em uma cena enunciativa. Além disto, um enunciado se transmite por meio de uma determinada maneira de dizê-lo, a qual remete a uma maneira de ser, a um *ethos*. De acordo com Mainguenau, o poder de persuasão do discurso viria da capacidade de fazer o interlocutor identificar-se com esta maneira de ser, com a "movimentação de um corpo investido de valores socialmente especificados." (MAINGUENEAU, 2008a – p. 99)

Vai ser chamado de incorporação a ação do ethos sobre o coenunciador. Isto está relacionado ao fato deu que a enunciação faz com que o interlocutor atribua um ethos ao enunciador. Pela enunciação, o fiador do discurso ganha um "corpo". O coenunciador incorpora, assimila uma gama de esquemas que definem para um determinado sujeito, uma forma específica de colocar-se no mundo. (MAINGUENEAU, 2008a)

Um último efeito desse processo parece-nos muito importante para pensarmos a relação escritor/leitor de uma mídia digital. A incorporação permite também a formação de um outro corpo, "o da comunidade imaginária dos que comungam na adesão a um mesmo discurso" (MAINGUENEAU, 2008a – p. 100) Por meio da identificação propiciada pelo ethos, o coenunciador pode experimentar a sensação de "formar corpo", de participar da mesma comunidade imaginária do enunciador do texto, de fazer parte de um grupo definido por conjuntos determinados de valores sociais.

3.2.3 Cena genérica, gênero de discurso, cenografia e web

Neste momento faz-se necessário reservarmos espaço para abordar um aspecto ainda não discutido e fundamental do discurso, qual seja, sua dimensão midiológica. Com isto queremos nos referir à seu modo de manifestação material, ao seu suporte assim como ao sua forma de difusão. Um texto pode ter sua existência somente por meio de ondas sonoras (regime da oralidade), ter suas ondas tratadas e depois restituídas por um decodificador (rádio, telefone, etc.), ser manuscrito, impresso em um ou em milhares de exemplares, fazer parte da memória de um computador, entre outras possibilidades. (MAINGUENEAU, 2008a)

> "O que chamamos 'texto' não é, então, um conteúdo a ser transmitido por este ou aquele veículo, pois o texto é inseparável de seu modo de existência material: modo de suporte/transporte e de estocagem, logo, de memorização."(MAINGUENEAU, 2008a – pg 68)

O suporte não é, de acordo com Maingueneau (2008a) mero "meio", instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança nesta dimensão midiológica da linguagem modifica o "conjunto de um gênero de discurso" (MAINGUENEAU, 2008a – p.72 – itálico do autor).

Maingueneau afirma que foi o desenvolvimento de mídias audiovisuais e da informática o fator responsável pela tomada de consciência desse papal crucial do suporte. Eles promoveram "revoluções" em relação a natureza do texto e seu modo de consumo. (MAINGUENEAU, 2008a - pg 72)

Ao pensarmos a linguagem como discurso, consideramos que parte-se sempre de um dispositivo comunicacional que integra desde início a mídia . As modificações das condições materiais da comunicação

“transformam”, ou melhor dizendo, reconfiguram os conteúdos e as maneiras de dizer. (MAINGUENEAU – 2008a – pg 72, 73)

> O modo de transporte e de recepção do enunciado condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero de discurso. Muitas mutações sociais se manifestam por meio de um simples deslocamento ‘midiológico’: quando casais em dificuldade discutem em um talk-show na televisão, em vez de se expressarem no consultório de um psicólogo, não se trata apenas de uma simples troca de lugares e de canal; toda uma transformação da sociedade aí se encontra implicada. (MAINGUENEAU – 2008a – pg 72)

Assim, podemos dizer que o surgimento da internet transforma as condições de comunicação. Melhor dizendo, este meio cria novas formas de comunicação. Ao mesmo tempo, modifica o que se considera gênero e a própria noção de textualidade (modos possíveis de ler/consumir um texto) (MAINGUENEAU, 2010; 2013).

A noção clássica de gênero foi estruturada por meio da hierarquia de componentes da cena enunciativa: cena englobante, cena genérica, cenografia. Na internet, o estado de coisas é diferente em dois aspectos:

- As coerções da cena genérica estão se tornando mais fracas. Nas internet todas as unidades comunicacionais são da mesma ordem (todas são “web sites”) e estão submetidas a um mesmo conjunto de restrições técnicas; a homogeneização é fortalecida pela necessidade de circular de uma página a outra por meio de “links”.

- A cenografia ocupa um lugar central, em detrimento da cena genérica e da cena englobante. A questão principal é encenar a comunicação de acordo com as estratégia de seus produtores – textos, imagens fixas, imagens em movimento, sons, criação de “links” (MAINGUENEAU, 2010; 2013).

Estes aspectos podem ser observados quando se toma um site específico: os blogs. É difícil classificá-los por meio dos critérios tradicionais de gênero. O que importa para o usuário do blog é criar cenografias convenientes no suporte material que se lhe apresenta.

> A escolha da cenografia sempre é significativa e implica transformações sociais. Ao definir a cenografia, o produtor pode impor o quadro da comunicação: o sentido de sua própria atividade semiótica, a imagem dos parceiros, a inter-relação entre eles... (MAINGUENEAU, 2010 – p. 135)

Segundo Maingueneau (2010), os gêneros discursivos são considerados como dispositivos de comunicação determinados sócio-historicamente, os quais estão sempre mudando. A categoria de gênero tem sido usada para descrever uma grande diversidade de tipos de enunciados produzidos em sociedade, por exemplo, jornais, programas de televisão, uma aula, uma sessão de terapia, entre outros. Entretanto, nem toda categorias pode ser considerada um gênero de discurso. “Diálogo”, “carta”, “diário” fazem parte daquelas que melhor se classificam como hipergêneros.

> Os hipergêneros não sofrem restrições sócio-históricas: ele apenas “enquadram” uma larga faixa de textos e podem ser usados durante longos períodos e em muitos países. As restrições que eles impõe são muito pobres; para categorizar um texto como um diálogo, por exemplo, é necessário apenas escalar dois interlocutores (MAINGUENEAU, 2010 – p. 131).

Ainda:

> "A carta e o diálogo podem veicular todas as espécies de conteúdos e se prestam às situações de comunicação mais variadas, explorando de maneiras diferentes esta forma básica da comunicação verbal que é a troca de indivíduo a indivíduo" ((MAINGUENEAU, 2008b – p. 122)

A noção de hipergênero seria útil para estudar práticas comunicacionais na web. Segundo Maingueneau (2010), um blog não pode ser considerado como gênero de discurso.

> Na realidade, 'blog' é uma categoria que atravessa categorias temáticas (pessoal, institucional, comercial, educacional...) e impõe rígidas restrições formais. Ele é uma espécie de hipergênero típico, cujas propriedades comunicativas são mínimas: alguém (com um nome próprio) fala sobre si mesmo(a) para alguém que esteja visitando seu website (MAINGUENEAU, 2010 – p. 131).

Assim, ao procedermos às análises trabalharemos preferencialmente com os operadores conceituais acima descritos: hipergênero, cenografia e ethos.

3.3 Com Guirado, os efeitos de reconhecimento e desconhecimento

Como dissemos anteriormente, a Análise Institucional de Discurso se configura como uma articulação entre quatro abordagens importantes: a sociologia de Guilhon de Albuquerque, a psicanálise freudiana, a linguística de Maingueneau e o pensamento de Michel Foucault - sendo este último fundamento de todas as anteriores (GUIRADO, 2000; 2006; 2010).

Em função da aproximação com a perspectiva de Maingueneau e também a de Foucault, a AID considera a o discurso como uma forma de ação. Isto implica enfatizar a dimensão da *enunciação* em detrimento do *enunciado*. Nas palavras de Guirado

> Dizer que o discurso é ato dispositivo é acentuar seu caráter de dizer, em vez de acentuar o dito. Ou seja, é atentar para o que se mostra enquanto se diz: que tipo de interlocução se cria, que posição se legitima na asserção feita, que posição se atribui ao interlocutor, o jogo de expectativas criado na situação, como se respondem ou se subvertem tais expectativas, e assim por diante. (GUIRADO, 2002, p. 34.)

Esta foi uma das formas pelas quais nos guiamos ao longo deste trabalho. Além disso, procuramos, a partir dos discursos dos blogs, delinear o *ethos* discursivo, configurar as cenografias, desenhar jogos de força. Todos aspectos já bem explicitados neste capítulo de método. No entanto, um outro conceito essencial para nosso trabalho ainda foi não abordado. Trata-se da noção de *efeitos de reconhecimento e desconhecimentos*.

Este conceito está diretamente atrelado a um dos pilares principais desta estratégia de pensamento: a noção de instituição. Este termo é oriundo de outro campo que não a psicologia. Seu nascedouro é a Análise das Instituições Concretas de Guilhon de Albuquerque. Ele pode ser definido como um "conjunto de práticas, ou relações sociais, que se repetem e se legitimam enquanto se repetem" (GUIRADO, 2004 – P. 44). Guirado (2004, 2006, 2010), a medida que pensava sua própria prática profissional enquanto a fazia, se apropria de tal conceito ao produzir aquilo que viria a ser um novo modo de fazer psicologia. Com isso, promoveu-se um "deslocamento de ênfase", do

aspecto da repetição, para o da legitimação das práticas.

Assim Guirado apresenta a ideia de que a legitimidade dessas práticas pressupunha imagens que os sujeitos que faziam a instituição em questão se representavam. E estas representações, por sua vez, poderiam ser pensadas como o nível subjetivo da organização e da estruturação da prática. Segundo a própria autora

> "Subjetivo" aqui entendido como o nível da identificação imaginária que é ocasião de um certo reconhecimento e de desconhecimento na – e da – ordem de relações instituídas. O termo representação, portanto, deverá ser sempre tomado, de agora em diante, como esse jogo de efeitos de reconhecimento e desconhecimento, não necessariamente consciente, e se simétrica, no plano imaginário, e sim algo constitutivo do fazer com sede no discurso. (GUIRADO, 2004 – p. 44)

Diante do corpus que decidimos trabalhar, a escritura de si em blogs, não buscamos delimitar a instituição que estava em jogo nessas práticas, ou o objeto institucional (aquilo em nome de que estas se fazem), mas mostrou-se muito frutífero desenhar os efeitos de reconhecimento e desconhecimento, como uma forma justamente de pensar a dimensão subjetiva das mesmas.

A Análise Institucional do Discurso configura-se como uma proposta de psicologia que tem como objeto "[...] *as relações, mas não aquelas imediatamente observáveis, e sim, tal como percebidas, imaginadas, por aqueles que concretamente as fazem*" (GUIRADO, 2004; 2010 – *itálico* do autor).

É por meio destes aspectos que podemos apresentar nossa pesquisa como inserida na perspectiva da AID, visto que o que tomaremos como objeto deste trabalho nada mais é do que *relações, tal como percebidas, imaginadas*, sejam aquelas do sujeito com "ele mesmo", sejam aquelas entre o sujeito e outros interlocutores. Ambas mediadas por um suporte comunicacional completamente novo, qual seja, a internet.

Sobre o recorte do corpus

A análise neste trabalho foi produzida a partir do material presente em blogs de escreventes brasileiros. Para melhor explicitação do recorte, faz-se necessário uma breve discussão a respeito das formas possíveis de classificação de um blog, a qual se dará apoiada na tipologia proposta por Primo (2008a, 2008b).

Para este autor, a primeira dimensão a ser considerada na tipificação é se o blog é produzido de forma individual ou coletiva. Ou seja, é preciso observar quem é responsável pelas publicações. Um blog individual pode ser pessoal ou profissional. Já um blog coletivo pode ser grupal ou organizacional.

> "A criação de um blog pessoal é bastante simplificada. Não depende da avaliação de terceiros, como em um blog coletivo. Enquanto um blog profissional parte da delimitação de uma estratégia e dos interesses da instituição que o veicula, um blog pessoal depende tão somente da vontade de criá-lo. Assume-se um compromisso apenas com a audiência, que é a única que pode reclamar por atualizações e discutir os posts. O conteúdo e a periodicidade de um blog profissional, apesar de ser produzido por uma única pessoa, respondem a um objetivo comercial ou até mesmo para criar uma reputação em um determinado ramo, visando ganhos futuros, como contratos de consultoria." (PRIMO, 2008b – p.7)

Os blogs profissionais e organizacionais tendem ao mundo do trabalho, enquanto os pessoais voltam-se para uma dimensão da vida que não diz respeito ao âmbito laboral, tendo como foco os relacionamentos pessoais, a intimidade, os processos de lazer e diversão.

Para Primo (2008b) um outro critério elegível para a classificação diz respeito a natureza das postagens. Estas podem variar entre o estilo relato (descrição do enredo de um filme, sugestão de um link, a cópia de um texto já publicado em outro lugar) e o texto reflexivo (como a crítica de um filme, a discussão a respeito de uma situação política, a avaliação de um software ou a reflexão sobre uma situação vivida).

A última dimensão desta tipologia é fundamental na delimitação de nosso corpus. O conteúdo do blog pode ser produzido com um olhar que volta-se para fora (economia do país, lançamentos da indústria da informática, resultados do campeonato brasileiro) ou para dentro (sobre a família e amigos, um projeto próprio do indivíduo ou da organização, sobre os sentimentos ou vivências particulares de um indivíduo ou grupo) (PRIMO, 2008b).

Assim, podemos afirmar que nosso corpus dirá respeito a blogs de cunho pessoal, reflexivo e com um olhar que volta-se para dentro. Isto coincide com o que Primo (2008a) chamou de blog pessoal auto reflexivo.

Para melhor visualização deste sistema de classificação, reproduziremos a matriz proposta por Primo (2008a) com seus respectivos tipos.

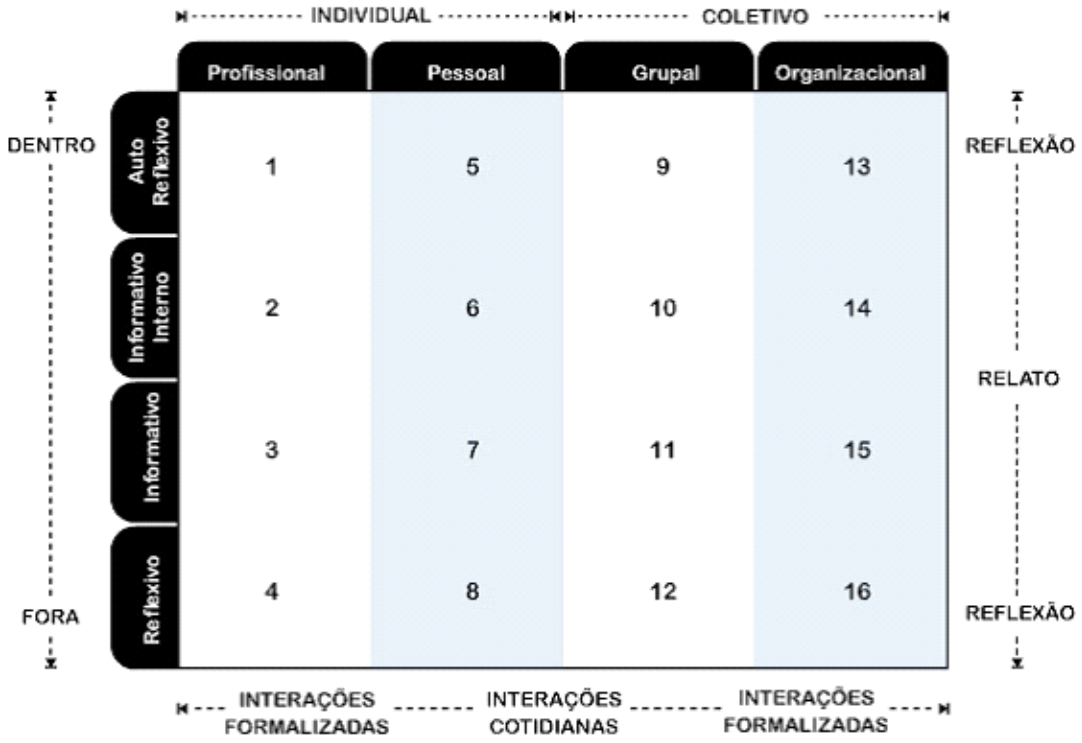


Figura 1 - Matriz para tipificação dos blogs

Fonte: Primo, 2008a.

Os tipos descritos pela matriz seriam:

1. Profissional auto reflexivo.
2. Profissional informativo interno.
3. Profissional informativo.
4. Profissional reflexivo.
5. Pessoal auto reflexivo.
6. Pessoal informativo interno.
7. Pessoal informativo.
8. Pessoal reflexivo.
9. Grupal auto reflexivo.
10. Grupal informativo interno.

11. Grupal informativo.
12. Grupal reflexivo.
13. Organizacional auto reflexivo.
14. Organizacional informativo interno.
15. Organizacional informativo.
16. Organizacional reflexivo.

Como anunciamos anteriormente, nossa seleção de material para análise se restringirá aos blogs de tipo pessoal auto reflexivo. Vejamos como Primo (2008a) os define:

> 5 - pessoal auto-reflexivo: blog individual voltado para a manifestação de opiniões e reflexões pessoais sobre si, sobre os outros e sobre sua vida cotidiana. Tais manifestações (mesmo em blogs privados, com acesso apenas para um pequeno grupo) podem constituir o que Nardi, Schiano e Gumbrecht (2004) chamam de "pensar enquanto se escreve". Segundo eles, a presença de uma audiência transforma não apenas a redação, mas também o próprio processo cognitivo individual: "'Pensar enquanto se escreve' incorpora a cognição numa matriz social na qual o blog é uma ponte para os outros para receber um retorno explícito, e também um meio pelo qual se regula o próprio comportamento (a escrita) através da conexão com uma audiência" (p. 227). As reflexões próprias podem repercutir no próprio processo de tomada de consciência (Piaget, 1977). Certamente, posts neste gênero de blog podem tratar do trabalho do autor e de colegas desse contexto. Contudo, diferentemente dos blogs profissionais, tais atividades participam como mais um aspecto da vida do blogueiro e não como foco ou tema principal. É importante salientar que o gênero pessoal auto-reflexivo é certamente o mais referenciado, tanto na academia quanto na imprensa. Possivelmente, permanece sendo o mais comum na blogosfera em números absolutos. Contudo, como se vê, ele não é sinônimo de blog. (PRIMO, 2008a – p.8)

4 ANÁLISES

- **Blog ANA E MIA SEMPRE!**

Antes de iniciarmos a análise faz-se necessário alguns esclarecimentos. A escrevente que produz este blog identifica-se como "Tauu", embora os nomes que ficam mais em evidência sejam Ana e Mia. Ana é a corruptela do transtorno alimentar designado como Anorexia e Mia, por sua vez, representa a Bulimia.

O título do blog em questão é o seguinte:

ANA E MIA SEMPRE!

A Perfeição De Ser Ana & Mia.

E abaixo, temos uma reprodução do *layout* da página principal do blog.

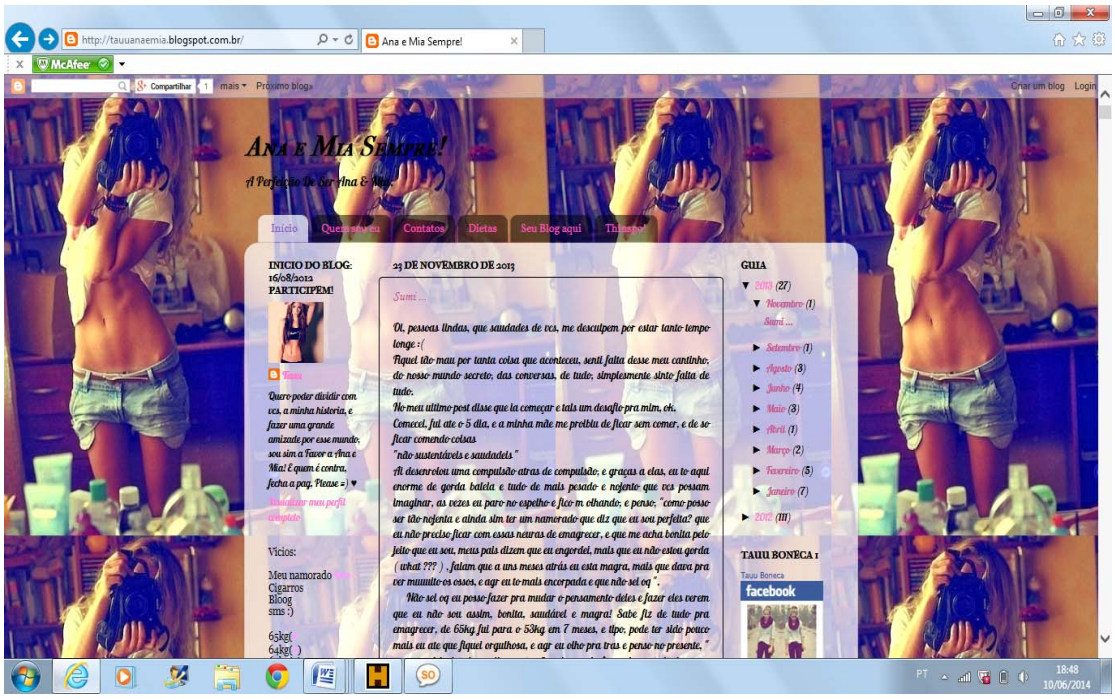


Figura 1 - Apresentação do blog Ana e Mia Sempre

A cenografia se apresenta inicialmente por meio do conjunto formado pelo título do blog e pelas fotos. Estes elementos apresentam o blog inserindo-o em uma determinada temática, em um "mundo ético", qual seja, o universo "Ana e Mia".

A percepção que o interlocutor pode ter tem (além do texto) é a de uma foto que se repete e que figura

como “pano de fundo” ocupando todo o espaço da tela do computador. Essas fotos preenchem, ou melhor, “inundam” todo o campo de visão. Não há nenhum espaço em branco. Ainda que se mude de página, o mesmo conjunto de fotos permanece.

O que se vê é a foto de uma mulher em pleno ato de fotografar, muito provavelmente a si mesma diante de um espelho, multiplicada algumas vezes. Pode-se notar também que a imagem foi “esticada” no sentido vertical de modo a acentuar o caráter esguio da fotógrafa. A câmera esconde seu rosto, o que permitiria identificá-la. Assim, o que fica em destaque é seu corpo. Um corpo sem identidade e com roupas curtas de modo que o que se sobressai são os contornos esbeltos.

Trata-se, portanto, de uma cenografia em que, aparentemente, é a temática do corpo e a própria imagem deste que ficam em primeiro plano. Essa cenografia aciona um “mundo ético” em que “Ana e Mia” representam um modo possível de ser. Este, por sua vez, estaria associado a ideia de perfeição. Assim, o corpo que é apresentado ocupa o lugar de corpo valorizado. Este seria o corpo da perfeição, que curiosamente é uma compleição que não existe, não é real, visto que a imagem foi modificada por meio de recursos gráficos.

Ao que tudo indica, o *ethos* que se constrói é o de alguém que faz parte desse universo e que pode valorizar tais tipos de corpos. A configuração deste *ethos* permite a adesão de um interlocutor que compartilhe os mesmos valores.

4.1.2. A subjetividade da sensorialidade e da espacialidade

Um dos links possíveis é o item chamado “Quem sou eu”. Quando se clica sobre ele, surge um texto onde a autora do blog faz uma autoapresentação.

> Quem sou eu
>
> Olá meus amores, tudo bem com vcs?
> Bom vamos começar, beeem do comecinho, **kkk avaá**!
> [...]
> Na minha filosofia de vida, é assim: não me diga, oq vc acha, cala a boca e se olha no espelho! Sou assim, **curta e grossa**, mais ao mesmo tempo sou meiga e carinhosa kkkk”(negrito nosso)

As palavras acima compõem um texto escrito (digitado na tela do computador), que assume o formato de um diálogo, como se enunciador e coenunciador compartilhassem do mesmo ambiente físico, situação esta em que se justificaria o uso do pronome “vocês”. No texto acima o referente deste pronome não é identificável.

Pode-se dizer que a cenografia configura-se como uma conversa amistosa entre amigas. Percebe-se que não há preocupação com a norma culta de escrita ou com a correção ortográfica, o que dá um caráter de informalidade às palavras. Esboça-se o *ethos* de uma pessoa bem humorada na medida em que faz uma gozação de si mesma (“*kkk avaá*”).

É interessante notar que faz uso de dimensões físicas (“*curta e grossa*”) para descrever sua personalidade. Adiante continua a descrição.

> Eu tenho 16 anos, tenho **1,57m** [**baixinha**] e **peso 62kg**
> Ja cheguei a pesar **50kg**, a uns 3 anos atras, quando ainda
> estava na capoeira!
> [...]
> Mais enfim, voltando a vaca fria, Ana/Mia ja estiveram cmg uma vez,com elas seguem a pesar **45kg,**
> mais ai agente se afastou, e hj me encontro assim **OBSSA**!
> (negrito nosso)

Mantém o uso de aspectos que remetem a materialidade. Coloca medidas de altura e peso, qualificando-as: a estatura é pequena e o peso é grande. Com isto Tauu vai configurando seu tamanho, o qual pode variar.

Vemos surgir um corpo que vai mudando de forma, que aumenta e diminui e vice e versa. É como se o *ethos* se anunciasse aqui por meio de uma corporalidade “palpável” e passível de variação.

Ao mesmo tempo, Tauu configura um tipo de escrita sensorial e espacial, escrita que “desenha”, que permite “visualizações”.

Continuemos a partir dos extratos abaixo.

> [...] mais sempre teve um fdp da vida
> que sempre fala, **" noossssa** como vc **engordou "** ai eu caiu em prantos e quero morrer!
> [...]
>
> Hoje eu me senti muuuito mau, a tarde eu andei com o meu primo de moto ne, ai ele estava fazendo uma curva pra subir a rua .Ai ele falou :' como é ruim subir a rua com garupa, ainda mais vc que **pesa uma tonelada** ', fingi que nem ouvi, pq ele diz isso pra tudo mundo, ate pra mãe dele é hiper magra e fala a msm coisa pra ela, mais meeu isso **doeu**, pra mim ele parecia estar falando a verdade, e me senti muuuito mau com isso, de verdade, resultado???? tive uma compulsão horrivel, com feito uma condenada, to me odiando **muuuuuuuuuuuuuuuito**.
> (**negrito** nosso)

Mais uma vez podemos ver a referência a um corpo que muda de forma (“*como vc engordou*”), assim como o uso de termos que remetem a uma dimensão de sensorialidade e espaço. A expressão “*pesa uma tonelada*” é uma hipérbole, ou seja, uma figura de linguagem que carrega uma ênfase expressiva resultante do exagero. Em outros termos, as palavras portam uma intensidade, dizem respeito à “imensidão incalculável” do peso de “Tauu”.

Além disto, o enunciado se apresenta como se as palavras também ganhassem, por si só, materialidade, o que lhes imputa uma força. Materialidade e força que se manifestam na forma mesma de escrever (“*noossssa*”, “*muuuuuuuuuuuuuuuito”*). Dizendo de outra maneira, essa grafia “descomprometida” com a língua permite força e ênfase na própria escritura.

Outro aspecto que podemos identificar é uma espécie de efeito, quase que palpável, da palavra do outro sobre o corpo dela (“isso doeu”). É como se a voz do outro fosse uma forma de ação sobre ela. Um “golpe

físico" que o atinge, que o marca, pois lhe dá contorno e lhe confere um tamanho incomensurável.

Esta forma de escrever utilizada por Tauu ("*noossssssa*", "*tonelada*"), mais do que produzir um sentido, produz força. Uma força que pode afetar seu corpo.

Tauu lança mão de palavras que possuem sensorialidade. Como se verá no extrato logo abaixo, é como se as palavras ocupassem espaço, tivessem peso, cheiro, pudessem causar nojo, como uma coisa material. Vejamos:

> Quer ver **eu morrer de nojo** de comer o resto do dia??
>
> É só colocar o meu pai comendo na minha frente!
> A cada mastigada dele me vez **aquele barulho de comida sendo triturada**, com uma respiração ofegante, chego até a tampar os ouvidos para não ouvir!!
> #TenhoNojo, em ver ele mostrando em ter prazer em comer!
> #TenhoNojo, em sentir o **cheiro da comida**!
> [...]
> #TenhoOdio, de todas as vezes que ele me deixou sozinha com a minha mãe no natal pra ir pro bar!
> #TenhoOdio, de quantas vezes ele já maltratou a minha mãe!
> #TenhoOdio, de quantas vezes ele já chegou bêbado perto de mim, com aquele **cheiro horrível**! (**negrito** nosso)

No extrato, as palavras ganham tal intensidade e expressividade, que é como se elas fossem a própria coisa, cheirassem, fizessem barulho... Novamente, um modo de escrever "sensorializado".

Ao que tudo indica, isto deve apontar para uma das especificidades do uso da modalidade discursiva blog. O uso desse dispositivo produz um corpo, que aqui é exposto. Talvez se possa dizer que temos aqui um exemplo do *corpo*, do *si* e da *intimidade* que o uso deste suporte ao mesmo tempo cria e expõe. Trata-se de uma intimidade da sensorialidade, da força expressiva, do corpo que é visualizável e passível de ser atingido diretamente pela palavra.

Também se pode dizer que este corpo aqui produzido é em si um corpo sem forma a espera do tamanho ou do contorno que a palavra vai dar. Veremos um pouco a frente que não apenas as palavras, mas as imagens também parecem ter o mesmo efeito.

Em diversos momentos em seu blog, a autora fala de si de forma bastante depreciativa, às vezes fazendo uso da terceira pessoa do singular.

> [...]eu morro de medo pelos julgamentos dos outros, pois **eu não sei me controlar**, e o **meu vicio horrivel** esta voltando, descontar tudo na comida![...]queria viver a base de agua e fruta nem que seja nesses 10 dias, mais **a idiota** aqui **consegue?????** agr, to com raiva quero comer, to com alegria quero comer, to me sentindo um lixo em todos os sentidos!! =/
> [...] tive uma compulsão horrivel, com feito uma **condenada**, **to me odiando muuuuuuuuuuuuuuuuito**, comi feito uma **porca gorda nojenta**, tomei tanta agua mais tanta agua que acho que eu vou explodir aqui. [...] mais eu to pessima, com tanta raiva de mim, tantas hrs de exercicios jogadas fora, tantas contagens de kcal, RAWR que raiva!!!! (negrito nosso)

O ato de comer aparece na fala Tauu como exagero, vício ou compulsão. O que se reconhece como desejável é viver a base de água e fruta. Não fazer isto é visto como incapacidade, fracasso e passível de condenação. O comer deixa como consequência um grande sentimento de raiva, que volta-se contra si pelas próprias palavras.

Tenta-se reverter a ação de comer, tomando muita água. Tauu faz uso de um modo de falar carregado de agressividade e que é praticamente um ataque a si própria. As imagens que se seguem parecem exercer a mesma função, uma forma de castigo ou auto agressão.

Na sequência faz uma curiosa e intrigante justaposição de fotografias. Mulheres com obesidade mórbida em uma impactante exposição de seus corpos seminus.

Figura 2 - Foto de uma pessoa desconhecida onde se evidencia a obesidade

Pode-se perceber uma imagem em que a pessoa, uma desconhecida, ocupa todo espaço da foto. Assim como as palavras descritas acima, a figura causa impacto e mostra um corpo já quase "sem forma de corpo".

Figura 3 - Fotografia de uma pessoa não identificada em que o corpo fica em destaque

Novamente uma imagem em que o corpo ocupa praticamente todo o espaço disponível, evidenciando seu tamanho.

Figura 4 - Imagem de outra pessoa desconhecida, seminua comendo

Mais uma vez um corpo que preenche todo o espaço. O fato da pessoa estar seminua exibe contornos não muito definíveis. A dimensão do exagero aqui aparece não apenas por conta das dimensões do corpo, mas também pelo ato da "personagem" comer um bolo inteiro.

Figura 5 - Novamente uma imagem de uma mulher desconhecida seminua

É possível ver o renitente destaque de um corpo que "se projeta" no espaço, que perde suas formas e se faz representante do corpo não desejável.

Após vermos estas figuras, podemos dizer que as imagens exercem a mesma função que o texto: são

fortes, carregadas de intensidade, trabalham com sensorialidade e evidenciam a dimensão espacial, preenchendo-o, ocupando-o quase completamente. Seja com palavras ou com imagens, “Tauu” parece lançar mão de uma espécie de “retórica do impacto”. As palavras, assim como as imagens, se configuram como algo que pode ser usado para agredir, castigar ou penalizar.

Além disso, outras imagens que se encontram no blog, também mostram um corpo que se transforma; que aumenta e diminui de tamanho. Conforme pode ser verificado a seguir nas figuras de número 6 a 9.

Figura 6 - Comparação de corpos meninos evidenciando a dicotomia esbelta/gorda

Figura 7- Novamente a comparação entre um corpo esbelto e um obeso

Figura 8 - A comparação entre as figuras sugere se tratarem das mesmas pessoas evidenciando a transformação do corpo

Figura 9 - Novamente a comparação entre corpos que alternam suas medidas

As imagens apresentam um "perfilar" de corpos em que o contraste evidencia os contornos e as dimensões magro ou gordo. Constrói-se uma oposição entre o que seria o corpo "execrável" e o desejável. São corpos transformáveis, volúveis, que variam em uma "escala de magreza" que só têm extremos, não tem pontos (ou corpos) intermediários: "oito ou oitenta". Só existem as ideias de "perfeito" ou "deplorável" (retomando a associação entre ser esbelto e perfeição presente já no subtítulo do blog e nas fotos iniciais da tela, que estão claramente distorcidas).

Ao que tudo indica, engendra-se neste blog um si que funciona de acordo com uma lógica do tipo "tudo ou nada", em que só pode se reconhecer valorizável quando se está em um estado (ou com contornos) que se considera próximo à perfeição.

4.1.3 A intimidade entre o revelar-se e o esconder-se

Retomemos o extrato abaixo.

> Quer ver eu morrer de nojo de comer o resto do dia??
>
> É só colocar o meu pai comendo na minha frente!
> #TenhoNojo, em ver ele mostrando em ter prazer em comer!

> #TenhoOdio, de todas as vezes que ele me deixou sozinha com a minha mãe no natal pra ir pro bar!
> #TenhoOdio, de quantas vezes ele já maltratou a minha mãe!
> #TenhoOdio, de quantas vezes ele já chegou bêbado perto de mim, com aquele cheiro horrível!
> #TenhoOdio, de quantas noite eu passei em claro de preocupação pela minha mãe estar chorando por ele ter saido de manha e só voltar na outra manhã bêbado, caindo, e andando torto!
> #TenhoOdio, de quantas vezes, nesses 11 anos, que ele esta comigo, que ele me olhou com uma forma diferente, uma forma que ele olha uma mulher, não uma filha!
> #TenhoOdio,NojoMedo, de todas as vezes que ele encostou em minha a força!
> #TenhoMedo, de que ngm perceba que quem acaba com a minha vida, é ele somente ele!"
>
> **"Nunca** contei isso a mais **ngm meus amores**, me desculpem por esse post, é que eu **não aguento mais**, e **me sinto muito segura** com **vcs aqui**, a **unica pessoa nesse mundo que sabe** de tudo isso, é o meu namorado, que me da forças sempre, que me mantem com o pé no chão, concentrada sem me deixar **explodir**! (negrito nosso)

Assim, como na maioria dos extratos recortados, a cenografia do segundo extrato é a de uma conversa e o interlocutor é tido como se partilhasse do mesmo ambiente não verbal. Isto fica claro pelo uso do "*vcs*" (pois a utilização deste pronome configura um interlocutor que pode ouvi-la) e do "*aqui*", que é uma referência direta ao ambiente concreto onde se deu a enunciação. Com isto, pode-se dizer que este suporte comunicacional é reconhecido como um lugar, onde enunciador e interlocutor podem encontrar-se. Um lugar em que o enunciador pode falar e reconhece poder ser ouvido.

O segundo extrato atribui ao anterior um caráter de segredo, pois ele é descrito como algo que "*nunca*" havia sido contado a ninguém. No mesmo ato em que revela esta dimensão de sua intimidade, a enunciadora atribui a seus interlocutores o lugar de confidentes.

Este segredo é algo que se não revelado pode tornar-se insuportável ("*é que eu não aguento mais*"), pode "tirar o pé" do chão e fazer a enunciadora "explodir". O uso destas imagens pela enunciadora, novamente carregam intensidade e expressividade.

Na medida em que faz este relato, a enunciadora reconhece o blog como um espaço em que é possível confidenciar algo que é lhe íntimo e, com isso, revelar-se. No entanto, a esta formulação é necessário acrescentar mais um elemento.

É interessante notar que em nenhuma das páginas do blog, nem mesmo naquela em que a autora faz sua autoapresentação, é dito seu nome. O que se pode encontrar na verdade é uma alcunha: Tauu. Ou seja, a enunciadora faz uso de um pseudônimo que não permite identificá-la e nem mesmo construir uma imagem, um *ethos* mínimo (como seria o caso de um pseudônimo como "Fominha" ou como veremos adiante "Superman").

Desta forma, parece que o blog se configura como um espaço onde se pode "*sentir muito segura*" para revelar confidências. Por outro lado, estes assuntos íntimos permanecem ocultos, no âmbito do segredo, já que não é possível atribuí-los a ninguém. Considerando-se o blog como um todo, talvez não seja ousado dizer que trata-se de um dispositivo em que se faz uma exposição de si por meio de um jogo de ao mesmo tempo *revelar-se e esconder-se*. A imagem abaixo (uma das poucas fotos da autora em todo blog) parece ser bem expressiva desta dicotomia.

Figura 10 – Foto de Tauu

Na figura 10 vemos, ao mesmo tempo, uma forma de exposição de si e mascaramento de aspectos identificadores como a fisionomia. Assim, como a foto que é pano de fundo do site, o que fica em evidência aqui é o corpo. Aqui a imagem exerce a mesma ação que as palavras: expor e ocultar.

4.1.4 As amigas Ana e Mia

Como dissemos anteriormente, os termos Ana e Mia são corruptelas dos termos Anorexia e Bulimia, dois tipos de distúrbios alimentares. Ambos, na medida em que são identificados por este apelido, passam por um processo de personificação, ou seja, são tratados como se fossem pessoas.

> [...] Ana/Mia ja **estiveram cmg** uma vez,com **elas** seguem a pesar 45kg,
> mais ai **agente se afastou**, e hj me encontro assim OBSSA!
> [...]
> **Obg Ana e Mia** mais uma vez de **estarem** na minha vida, e **me ajudando** a chegar a perfeição!!
> [...]
> Uma foto minha de como eu era **qndo tinha** ANA e MIA,[vide foto acima] **eu era tãaaao feliz** e nem sabia, quero um dia voltar a ser assim!!. (grifo nosso).

Ana e Mia são colocadas como pessoas que ajudam, que podem estar na vida ou se afastar. Quando

elas estão por perto a consequência é o baixo peso e a felicidade. Seu afastamento representa a obesidade e a infelicidade.

A única foto do corpo passível de ser mostrado é aquela que conta com a "companhia" de Ana e Mia, pois esta a imagem mais próxima da tão almejada "perfeição" que se tem registro.

Ao longo dos textos, o uso de expressões com significados particulares (compulsão, Ana, Mia) sem que sejam necessárias explicações permitem afirmar que a autora do blog supõe um interlocutor que compartilha os mesmos códigos. Além disso, aparentemente não é qualquer pessoa que vai ser considerada um usuário legítimo do blog, conforme se pode visualizar no extrato localizado em uma coluna a esquerda da página principal do site.

> "[...] sou sim a Favor a Ana e Mia! E quem é contra, fecha a pag, Please =) ♥
> **Tauu**"

Uma espécie de condição se coloca ao visitante: ser a favor a Ana e Mia.

e) A escritura do blog e o controle do peso

Ao que tudo indica, parece que Tauu estabelece uma relação entre o escrever o blog e certo sucesso na redução de peso. Vejamos

> 16 de novembro de 2012
> 4 meses de Blog amores!
> Post Tauu
> Ao longo dessa caminhada, ana e mia 55kg! Nesse ano, exatamenlte hj faz 4 meses eu que eu criei o blog, e que eu **voltei** pra ana e pra mia! **Nesses 4 meses eu perdi 9 kgs**! **Sei que é** muito pouco, mais eu estou orgulhosa de mim, minha meta, é estar pesando 50kg ate o dia 5 de dezembro [meu aniversario] **Vou com calma e devagar**, respeitando o meu corpo, e a minha mente, *--------* estou feliz, mais **não acabei ainda**, quero comprir a minha meta! E eu vou conseguir! (itálico e negrito nosso)

O tom em que o texto é escrito é o de alegria e de comemoração pelo aniversário do blog. Festeja-se também o retorno para "ana e mia". O verbo "voltar" faz supor um momento em que "Tauu, ana e mia" estavam "juntas", uma separação e o retorno, efetuado pela enunciadora. É ela quem faz o movimento de volta, o que representa a perda de 9 kilos.

Na quarta oração opera-se uma espécie de antecipação a um interlocutor virtual que poderia afirmar algo do tipo "ainda é muito pouco", ao que se responderia "eu sei que é". Constrói-se sutilmente a imagem de um interlocutor que julga ainda não suficiente o que foi realizado, assim como uma expectativa de que se perda mais peso. Diante desta expectativa e do interlocutor exigente, avisa que seguirá o percurso com "calma e devagar". A conquista comemorada aqui é apenas parte da "caminhada", não é ainda o ponto de chegada.

> 19 de dezembro de 2012
> 5 meses de blog

> Post Tauu
> Oi meus amores, tudo bem com vcs?? Então ontem o blog fez 5 meses :) parabéns para o blog! **obg** meus amores por **cada comentário**, **por cada ajudar**, **por cada conselho**, pelas **palavras amigas** de **forca** e de **incentivo**!! E amor estou feliz pq em cinco meses eu emagreci 11kgs, estou pesando 54,5kg! **Pará quem não emagrecia um grama**, **até que esta bom** kk, mais não e o bastante, estou nesse meu desafio, a 3 dias, e já emagreci 600g, estava pesado 55,kg e alguma coisa! [...] 11kg em 5 meses! Motivo se orgulho pra mim, mais ao msm tempo **sei que não e o que eu quero**, e nem pq [supomos que este "pq" signifique o "que"] **a sociedade quer**, e nem o que **alguém aceita**, **então vamoooos emagrecer mais**!!! :)" (itálico e negrito nosso)

No extrato do dia 19 de dezembro de 2012 também podemos identificar o tom de alegria e comemoração. O interlocutor aqui – "amores" – é reconhecido como alguém que merece agradecimento, é alguém que ajuda, que incentiva. Novamente, o período em que se conseguiu emagrecer corresponde ao período de existência do blog.

Embora motivo de orgulho, a perda de peso alcançada ainda não é suficiente. É curioso o uso do verbo saber no trecho: "sei que não é o que eu quero". Talvez aqui também seja possível supor a interlocução virtual que afirma para Tauu que aquilo ainda não é o que ela deseja. Aparece pela primeira vez, e de forma um tanto confusa, um novo personagem: a sociedade. Esta, aparentemente, é vista como uma referência e que "quer" pessoas com um determinado peso. Em nome disto e da aceitação de outrem, submete-se de bom grado ao emagrecimento.

Um texto curioso também foi encontrado no blog. Sigamo-lo a seguir:

> 17 de novembro de 2012
> Do not eat. I will not eat.
> Post Tauu
> Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat.Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat.Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat.Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat.Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat.Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat.Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat.Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat. Do not eat. I will not eat.Do not eat. I will not eat. Do not eat.

O extrato acima é apenas um pedaço do texto original encontrado no blog, onde ele possui aproximadamente sete vezes o tamanho do que foi aqui apresentado.

O texto referido apresenta algumas diferenças em relação aos outros textos do blog. Ele é composto por apenas duas frases grafadas em inglês. O interlocutor muitas vezes chamado de "meus amores" não aparece aqui.

A primeira frase ("*Do not eat*") não apresenta marcas de pessoa, pois foi escrito no imperativo, o que significa dizer que ele carrega uma ordem, um comando. Toda imposição dirige-se a alguém. Quem seria então o alvo deste mando (ou interdição se quisermos ser mais precisos)? A segunda oração ("*I will not eat*") nos dá a resposta pois apresenta o próprio enunciador ("eu") como a instância que obedece.

Assim, em função das particularidades desta escrita, cabe arriscar algumas considerações sobre o valor

pragmático da mesma. O material apresentado, diferentemente de outros textos, não é para ser lido inteiramente, palavra por palavra. Caracteriza-se pela repetição incansável das duas mesmas frases. Configura-se como uma imagem, uma forma em bloco, é puro preenchimento de espaço que tem um efeito de saturação.

Pela quantidade de vezes que as expressões foram escritas é possível supor que o enunciador precisou gastar certo tempo para fazê-lo. Com isto, tal escrita parece adquirir uma natureza quase ritualística, na medida em que seu valor se dá não por transmitir uma informação a outrem, mas por buscar um efeito sobre a conduta. Ao que tudo indica, é o próprio ato de enunciar que ganha importância, na medida em que visa exercer um controle sobre si e impedir a ação indesejada: comer.

Talvez tenhamos aqui a situação mais clara em que a escritura por meio deste dispositivo aparece como uma tecnologia de produção de si. Lembrando vagamente as práticas ascéticas, é como se o enunciador colocasse-se diante da revisão das tentações e da necessidade de contê-las. O tamanho do espaço ocupado pela escrita atesta a dimensão da importância da tarefa em questão. Trata-se aqui de um modo de exercício de si no meio digital.

4.2. Blog Lenitivo

Os escritos neste blog são separados graficamente por meio de quadros, os quais definem o fim de um texto e o começo de outro. As escrituras podem apresentar ou não um título, em função da data em que foram produzidos. Ao lado de cada texto, existe um "link" por meio **do** qual se pode escrever ou ler comentários sobre o que foi escrito Este blog apresentou mudanças em seu layout desde o período em que começamos a acompanhá-lo (2014), como se pode ver abaixo. Não há diferenças significativas entre um período e outro, a não ser pelo uso das cores ou pelo fato de que inicialmente os textos eram organizados de acordo com a data em que eram escritos e agora não se pode mais precisar o momento da escritura/postagem. Ao acessar o blog por meio de dispositivos móveis, tal com celular, ainda se pode ter acesso à data.

Figura 1 - Apresentação do blog Lenitivo em 04/05/2014

Figura 2 - Apresentação do blog em 30/10/2015

Diferente de muitos outros blogs, este apresenta um visual mais "limpo", sendo mostrado em um fundo branco inicialmente, ou, posteriormente, em uma combinação discreta de cores. A escrevente não faz uso das diversas possibilidades gráficas do site, tais como uso de fotos, figuras ou outros. Os espaços laterais ou de fundo não são preenchidos, de modo que há poucos elementos a chamar a atenção do leitor. Com isto o que fica em evidência é o próprio texto.

Este blog possui pouquíssimos elementos que permitam identificar a pessoa que o produz. Apesar de cada postagem ser acompanhada por uma espécie de assinatura (onde se lê Leni Boenny), são raros os aspectos que construam uma caracterização mais precisa da escrevente. Tal característica confere certo anonimato ao blog.

4.2.1. O "eu literário": a dispensa do interlocutor e a escrita de si como ficção ou como solilóquio

Ao acessar o site, o interlocutor (internauta) se depara com um termo que parece constituir uma espécie de título e cabeçalho (ele se repete em todas as páginas). Na sequência, é possível ler um breve texto.

> ***Lenitivo***
> Que serve para amolecer, abrandar ou mitigar. Que suaviza, consola, acalma. Lenimento..Leniente. Reduzir o impacto, diminuir as consequências, suavizar um dano. Amansar, tornar brando: Mitigar a indignação, a ira, o furor. Adoçar, aliviar: Mitigar a dor. Atenuar, diminuir: Mitigar a saudade, afrouxar, amortecer, aplacar, conter, desapoquentar, diminuir, lenificar, lenir, moderar, pacificar, paliar, reduzir, serenar, sossegar, tranquilizar.

Pode-se notar que o texto não apresenta vestígios de um enunciador ou de um interlocutor. Além disto, não faz referência ao momento e ao lugar da escritura. Em outras palavras, o trecho não apresenta elementos que poderiam ancorá-lo na situação de enunciação, tais como termos relativos à pessoa, tempo e espaço. O que é apresentado é a definição da palavra título, de forma semelhante a que se encontraria em um dicionário.

Embora o termo "*lenitivo*" possa ser classificado como substantivo ou adjetivo (HOUAIS, 2007), atribui-se a ele o sentido de *ação* (em função da sequência de verbos que o seguem). No texto, "l*enitivo*" conota aquilo que serve a uma ação de abrandamento. Ao empregar a palavra como título, estendem-se para o blog as qualidades (e as ações) expressas pelo termo; em outras palavras, estende-se a expectativa do efeito de mitigação.

Vale notar que neste trecho não há uma referência imediata ao que seria o alvo da ação lenitiva do blog. Ou seja, o que precisa ser alvo desta ação, o que precisa ser amolecido, abrandado, suavizado? Qual é o impacto que precisa ser reduzido, qual é o dano que precisa ser suavizado, qual é a dor e a indignação que precisam ser mitigadas? Quem carece dos efeitos desta ação?

No trecho, são poucos os elementos que permitiriam a construção de um *ethos*, ou seja, de uma "instância subjetiva" que delimitaria a um grupo específico de leitores a possibilidade de identificar-se com o texto (como ocorre, por exemplo, no blog "*Ana e Mia sempre*"). Ao mesmo tempo em que não se apresentam elementos que permitiriam a construção de uma imagem do enunciador (uma "personalidade", uma maneira de ser, um modo de

ocupar o mundo), também não se configura um alvo específico.

Com a apresentação do blog construída desta maneira, é como se esta ação pudesse abarcar qualquer coisa ou qualquer um. O trecho deixa o alvo da ação em aberto, o que produz o efeito de abranger cada um e todos, pois qualquer pessoa é potencialmente portadora de alguma dor, saudade ou ira e, portanto, passível de colocar-se neste lugar de quem pode ter algo a ser aplacado.

Chama-nos atenção a quantidade de termos usados. Embora não tenham significados exatamente equivalentes, são aproximados como se fossem sinônimos. Imprimem um caráter de repetição, pela insistência em apresentar um jogo de sentidos inúmeras vezes; tal como se o efeito (ação) descrito pelas palavras pudessem se dar pela própria persistência na ação de escrever, ainda que seja escrever o mesmo.

Leiamos o primeiro texto do blog.

> 19 de setembro de 2007
> Tá na cara que eu te amo.você ainda não entendeu né?se o meu nome vive nos seus visitantes recentes não é porque eu acho legal vasculhar a vida dos outros, mas sim a sua vida. se eu não puxo conversa com você no msn ou nunca te deixo um scrap no orkut não é porque eu não gosto de falar com você ou não tenho assunto. é simplismente porque eu tenho medo de que você me ache uma otária grudenta. aah. e sabe, quando eu te vejo eu travo, e não é porque eu tenho algum problema, mas sim porque diante de você eu mudo. aah, mas se meus olhos falassem você com certeza iria poder ler que eles estão dizendo: eu amo você.mas então, por quê você não me ama? Por Leni Boenny às 18:39 Nenhum comentário (grifos nossos)

O texto de 19 de setembro de 2007 corresponde, a postagem mais antiga que pode ser encontrada no blog. Pode-se identificar uma dissonância ou uma espécie de incongruência entre ele a descrição inicial. No cabeçalho do blog, vimos um enunciado produzido como se estivesse isolado da situação de enunciação, o que engendra uma indeterminação em relação ao enunciador e interlocutor. Com isto, o alvo da expectativa de abrandamento é potencialmente qualquer pessoa. Já na postagem em questão, constrói-se uma cena de "conversa" entre um "eu" e um "você". Não é evidente a relação entre a expectativa produzida pela apresentação e a situação encenada pela postagem. Ou seja, de que maneira a descrição de uma situação de conversa entre duas pessoas poderia ter um efeito lenitivo? Talvez não seja ousado dizer que esta diferença entre os textos produz certa ambiguidade, pois constitui-se uma possibilidade para o leitor a decisão de buscar ou não uma relação entre o cabeçalho e as postagens do blog.

A enunciadora começa sua escritura sem contextualizar o leitor, pois ele é colocado abruptamente diante de uma cena/situação e fica novamente sob seu encargo compreender e dar sentido àquilo que está testemunhando. O que o texto faz é a "mostração" de uma situação de interação verbal. O texto "faz presente" (cria) um interlocutor, a quem se dirige diretamente, como se enunciador e interlocutor compartilhassem do mesmo ambiente ou pudessem interagir de alguma forma. O uso de algumas modalizações ("*aah*", "*né*", "*sabe*") confere ao texto um caráter de oralidade, como se, ao invés de escrito, estivesse sendo pronunciado em um diálogo (como se o interlocutor pudesse ouvir).

Esta cena, no entanto está "solta", ou seja, quase não há referências ao momento e ao local de escritura. O único elemento de ancoragem do enunciado à situação de enunciação é o uso do verbo no presente, sugerindo que a referência temporal do texto seja a data da postagem (19 de setembro de 2007). Além desta frágil referência, não há outros elementos relativos à situação em que o enunciado é produzido. Com isto, a cena em

questão torna-se carente em elementos que permitiriam atribuir-lhe o estatuto de cena vivida, imaginada, inventada ou ouvida.

Pode-se notar que embora o enunciado faça referência a uma alteridade, a um interlocutor, "ouve-se" apenas a "voz" da enunciadora. Não há um diálogo propriamente dito, não há resposta, seja no "interior" da cena montada, seja por meio do recurso do "comentário".

Tal construção produz uma forte ambiguidade, seja em relação à instância enunciadora, quanto em relação à instância coenunciadora ou de interlocução. O "eu" que enuncia "*Tá na cara que eu te amo*[...]" pode corresponder à escrevente do blog, ou não, pois pode também dizer respeito a um "eu literário" (assim como quem fala em "Dom Casmurro" é Bentinho e não Machado de Assis). De modo equivalente, o interlocutor do texto pode ser uma pessoa específica, que faz parte do círculo de relações da escrevente, eventualmente vindo a ser também um leitor do blog (fazendo coincidir dois papéis), ou não. O "você" pode dizer respeito àquele a quem se dirige o "eu literário". Estas indefinições abrem um leque de possibilidades de compreensão.

Ao que tudo indica, o interlocutor do texto, entendido como aquela instância que recebe o enunciado e pode *replicar* ao enunciador, configura-se como um *lugar vazio*, pois, a menos que um eventual leitor venha a se reconhecer como amado (o que é pouco provável, visto que o blog contém pequena quantidade de traços que identifiquem quem o escreve e a quem se dirige), não é possível conceber alguém que pudesse ocupar este lugar e responder as interrogações colocadas no texto. Ter-se-ia assim, indagações lançadas ao vácuo.

Por outro lado, pode-se dizer que o leitor do blog não participa da cena construída, a menos, é claro, que ele coincida com a pessoa amada e que esta se reconheça como tal. O leitor em geral do blog não é interpelado, não é envolvido na cenografia. Ele fica fora da cena e ocupa o lugar de *espectador* das situações narradas.

De qualquer maneira, a consequência mais imediata desse modo de enunciar é a *despensa do interlocutor* e, com ela, também a do enunciador. Daí a possibilidade de intercâmbio livre entre esses dois lugares. Tem-se, portanto, a seguinte situação: um enunciador, que pode ou não corresponder à escrevente do blog; o interlocutor como lugar vazio; e um destinatário (entendido como aquele a quem se endereça um enunciado) que corresponde ao leitor em geral, ocupando o lugar de espectador. Por fim, também é preciso considerar como possibilidade, juntamente ao leitor, um último destinatário: *a própria escrevente*. Vejamos este aspecto no extrato do dia 9 de novembro de 2007.

> 9 de novembro de 2007
> Para quê continuar sendo a mesma? Se é tão divertido mudar toda hora?- Então um dia eu descobri que não poderia mudar algumas coisas, coisas que fiz e trago comigo, como uma bagagem, porque sim, tudo o que fiz trago em mim, trago também um pouco de cada um que passou por mim, parou e ficou um pouco, dividiu comigo um pouco de si mesmo e de sua vida, mas passou, porque tudo passa, mas a gente leva, com a gente, um pouco de cada coisa, de cada um, enquanto deixa pelo caminho um pouco de nós, do que fomos e deixamos de ser, e do que quem passou levou de nós..
> Por Leni Boenny às 21:10 Nenhum comentário

Como podemos ver no extrato, o leitor não é o alvo do discurso, uma vez que configura-se uma espécie de solilóquio, uma fala voltada para si. Além disto, o si aqui produzido parece representar o homem, a própria categoria "ser humano". Continuemos:

> 15 de abril de 2010

Nothing to lose…
Já é tomada a decisão, eu vou. Não deixo nada e ninguém para trás, levo tudo e todos comigo. Na minha mochila. Começando pelas coisas mais banais, e aos poucos colocando o que faz minha vida . Coloco meus amores, não correspondidos, fracassados, e sonhos. Coloco amigos, os de sempre, os de vez enquando,os inesquecíveis. Aventuras, erros, acertos e mancadas…E por assim vai. Por último aqueles que me fizeram ser o que sou hoje, mãe e pai. Os que mais pesam, pq você tem necessidade deles, tem carinho e a responsabilidade de fazer a esses o mais feliz possível. E assim vou, carregando o peso das minhas escolhas, sem olhar para trás. Sem arrependimentos. Porque nã tenho nada mais a perder. O que eu cativei sempre esteve comigo, e assim quando eu voltar -se um dia eu voltar- tudo estará comigo.
Quero que saibas que não estou a fugir. Tenho que ter comigo mesma um tempo pra me encontrar e ser o melhor pra mim. Não. Não é este o nosso final. Vou voltar mais forte e decidida mais do que nunca do que é melhor pra mim. Assim te deixarei a par de tudo que me passa a cabeça. E só então posso seguir meu caminho sossegada. Mas entenda, tudo que eu preciso agora é partir. Não. Sem despedidas, porque elas me partem o coração e não resistiria. Iria me render, me acovardar. Então vou, no silêncio da noite, enquanto a cidade dorme. Apenas eu, e você, em meus pensamentos, a correr pelo mundo pra nos encontrarmos aqui de volta um dia, quem sabe.
Por Leni Boenny às 12:35 Nenhum comentário: Links para esta postagem (grifos nossos)

Assim como em outro texto já comentado, pode-se perceber acima que a cenografia impõe-se bruscamente ao leitor (quase como se este assistisse a uma interação já iniciada). A cena que se constrói é a de uma situação de conversa. Vale notar a maneira pela qual a "fala" deste "eu" vai paulatinamente construindo uma alteridade, ou seja, um interlocutor. O modo de enunciar ("*Já é tomada a decisão, eu vou.*") evidencia uma atitude em relação ao enunciado; trata-se de algo já estabelecido e não aberto à discussão. O fato da enunciadora "precisar" posicionar-se com tamanha resolução permite formar a imagem de um interlocutor que eventualmente poderia questionar ou tentar exercer influência sobre a decisão.

Mais adiante, identificam-se algumas negações que são respostas a falas potenciais: "***Não. Não** é este nosso final.* [...] ***Não.** Sem despedidas,* [...]". As oposições da enunciadora fazem com que se "ouça" (com que se suponha, melhor dizendo) a voz de um interlocutor que poderia pensar se tratar de um final e que também gostaria de despedir-se.

Desta maneira, a enunciadora vai construindo um universo (cenário) onde se desenrola o enredo de uma conversa as vésperas de uma separação. Embora a enunciadora justifique-se e dê explicações para o "você" ("*Quero que saibas que não estou a fugir*"; "*Mas entendas tudo que eu preciso agora é partir*"), a enunciadora atribui-se um papel ativo, é ela quem determina o que vai acontecer e também como. Ela interage com um interlocutor em um papel mais secundário, o de ouvir aquilo que ela diz, o de, eventualmente, se contrapor a "partida" (como se pode supor pelo modo resoluto do posicionamento da enunciadora); o de considerar a situação como fim e desejar despedir-se (conforme as negativas apontadas).

A cenografia se constitui como uma espécie de narrativa/"romance" que não deixa a desejar em termos de "dramaticidade": "*E assim vou, carregando o peso das minhas escolhas, sem olhar para trás*"; "*Então vou, no silêncio da noite, enquanto a cidade dorme*". Configura-se um "eu" que se põe personagem; constrói-se um "*eu literário*". Com isto queremos evidenciar um enunciador (entendido como "fonte enunciativa", como aquela instância que estamos chamando de "escrevente do blog") que se confunde com um "eu narrador" (entendido como um eu ficcional que descreve suas vivências). Com esta cenografia tornam-se indiferenciados "autor" e personagem. Ao mesmo tempo, anula-se a separação entre um mundo material, empírico e outro criado, imaginado, sonhado. As ambiguidades e as indeterminações que apontamos como forte marca do blog, são fruto do efeito do "borrar os

limites".

Ao que tudo indica, o blog faculta uma escritura que produz este "eu" que é personagem e escritor de si. Em um ato paradoxal, produz-se simultaneamente a descrição e a invenção da vida. Talvez se possa dizer que este efeito de amalgama e apagamento de separações é uma das características do processo de virtualização que o blog permite.

Vejamos outras "indiferenciações" nos recortes abaixo

> 23 de abril de 2010
>
> E então...?
>
> Seja como for, continuo gostando muito de você - da mesma forma -, você está quase sempre perto de mim, quase sempre presente em memórias, lembranças, estórias que conto às vezes, saudade…
> Caio Fernando Abreu
>
> 18 de maio de 2010
>
> Arco-íris
> Basta-me um pequeno gesto, feito de longe e de leve, para que venhas comigo e eu para sempre te leve...
> (Cecília Meireles)
>
> [...] Caio Fernando, mais uma vez diz tudo por mim: "Eu preciso muito muito de você eu quero muito muito você aqui de vez em quando nem que seja muito de vez em quando você nem precisa trazer maçãs nem perguntar se estou melhor você não precisa trazer nada só você mesmo você nem precisa dizer alguma coisa no telefone basta ligar e eu fico ouvindo o seu silêncio juro como não peço mais que o seu silêncio do outro lado da linha ou do outro lado da porta ou do outro lado do muro.Mas eu preciso muito muito de você." E assim eu te quero e te preciso, não porque sem, não sei viver. Simplesmente porque este amo é muito, e quero e preciso dividí-lo com você, meu amor. [...]

Nestes extratos é possível identificar algo que se repete em inúmeros momentos ao longo do blog: o uso de citações. Por meio de sua escrita, Leni dá voz a autores consagrados como Cecília Meireles e Caio Fernando Abreu. O fato de a enunciadora citar os autores e inserir seus textos entre aspas (as quais delimitam o discurso direto), faz com que a responsabilidade pelo enunciado seja atribuído a outrem. No entanto, pode-se notar que os extratos trazem, não apenas a mesma temática discutida por Leni, como também o mesmo "modo" de escritura. Os trechos literários são escritos em primeira pessoa e também se observa uma narrativa romântica como cena, o tom reflexivo com um "eu" que não se vê o rosto e um interlocutor que não se pode identificar. Há uma espécie de continuidade entre as citações e os textos do blog, de tal modo que se não fossem pelas aspas ou referências, poder-se-ia atribuir a responsabilidade pelos enunciados à própria escrevente.

No trecho "*Mas eu preciso muito muito de você." E assim eu te quero*[...]" mesmo com a existência de aspas, apaga-se a separação entre o que seria o texto do autor e o da escrevente. Observa-se portanto, uma aproximação entre descrição de fatos pessoais e criação de texto ficcional. Produz-se um modo de falar de si como romance ou literatura.

Abaixo, reproduzimos apenas um trecho de um texto extenso, pois o objetivo é mostrar a escritura de um texto como citação.

15 de abril de 2013

"Até a borda de mim. Entupida de tudo o que, passiva em ser, apenas sou. Olhos inchados, boca cheia, coração apertando o peito, língua encharcada, a vida latejando e o corpo pesado demais para voar. Estou cheia de mim e de tudo que se relaciona ao assunto. Cheia da incapacidade em estacionar em um plano, em enquadrar um sonho feito uma borboleta morta, em continuar acreditando no que acreditei até a morte, em ter paz longe das arestas acolchoadas que criei durante toda uma vida de expectativas assustadas. [...] Estou vazando de tanto que me encho de mim. Sou uma sem-terra porque desprezo o superficial, mas dói demais ser intensa o tempo todo. Até o topo, até o céu, atolada, tô por aqui comigo. Cansada do meu vício de organizar tudo o que sou e de não deixar espaço para o novo, para o que eu poderia ser, para o que eu nem sei que é. Queria agora que uma asa rasgasse as minhas costas porque, mais do que sentir a dor da liberdade, preciso não ter sexo, nem nome, nem tempo e nem casa. Preciso enxergar e sobrevoar o mundo sem ser eu, para que ser eu não seja este mundo tão pequeno e apavorado. Preciso ser qualquer coisa que eu não saiba."
Por Leni Boenny às 23:42 1 comentário

Como visto, no extrato anterior a enunciadora, por meio da citação, faz "coincidir" as palavras de um outro autor com as suas. Já no presente trecho o uso de aspas causa nova ambiguidade. Mesmo com a "assinatura" Leni Boenny ao final, a responsabilidade do trecho enquadrado pelo sinal gráfico fica em suspenso. O leitor não pode decidir se se trata de um texto escrito pela enunciadora ou se seria um texto copiado de outro lugar sem a devida referência. Mais uma vez, é anulada (pela enunciadora) a distinção entre o que seria a descrição dos sentimentos da enunciadora e a produção de um texto ficcional. Como dissemos anteriormente, produz-se um si que se põe *personagem* e *narrador* de seus amores, frustrações, ficções.

Vejamos um último texto.

3 de abril de 2013

Autobiografia
Marlene, 23. Escorpiana, metida a "escritora", dentista (futura), beberrona, mal-humorada, intelectual de botequim & solteirona solitária. Faço dos males a diversão e do sofrimento a desculpa pra poder escrever. Quando vim a este mundo passei por uma transformação pessoal, considerada uma epifania dos acontecimentos futuros. Junto com a vida, veio a libertação, e com a libertação veio a literatura. Comecei minha jornada na periferia do mundo, devorando as migalhas que sobravam da vida. Foi vivendo que descobri qual era meu lugar no mundo.O que me fez ver que não era a única com problemas sem solução.
Havia chego a hora.
Os anos de obscuridade e sofrimento, anos mais tarde vieram-me a cair como luvas para minha formação pessoal e desenrolar de acontecimentos que posteriormente viriam a acontecer. Cá estou eu num enorme dilema que é viver. Mas eu, particularmente, não vou citar tais eventos, pois não cabem ao repertório. Vou viver com a marca da vida de inúmeras pessoas, marcas essas, ruins ou boas, ao quais hão de se tornar eternas.
Seria este um perfeito início para o uma bela autobiografia. Quem sabe essa minha vida fodida ainda vira arte, que não é na verdade, uma coisa tão ruim.
Por Leni Boenny às 23:39 Nenhum comentário: (Grifos nossos)

Chama-nos a atenção a seleção da palavra a ser usada como título do texto. A enunciadora usa "Autobiografia" ao invés de outras possibilidades como por exemplo "Auto apresentação", que é uma categoria de texto bastante comum em blogs pessoais. Normalmente a nomeação utilizada pelos escreventes de blogs é "Quem sou eu", o que confere um tom pessoal à escritura. No extrato, a escolha lexical tem o efeito de posicionar a enunciadora no lugar de alguém que tem uma história de vida que pode ser transformada em narrativa. A escrevente se reconhece como "biografável".

O texto começa sem traços de um enunciador, o que confere um efeito de objetividade à frase, como se fosse a avaliação de um terceiro a respeito dela. A apresentação busca construir um tom descontraído, bem

humorado e honesto. O recurso a algumas expressões, tais como "*metida a 'escritora'*" e "*intelectual de botequim*", traz suavidade a exposição de algumas características que de outra forma poderiam passar uma imagem de presunção ou arrogância.

Logo na sequência a escrevente assume a responsabilidade pelo texto, pois passa a falar por meio da primeira pessoa ("Faço dos males a diversão [...]"). O texto deixa de ter um caráter descritivo, voltado para as características do enunciador e passa para um formato narrativo. A enunciadora começa a falar sobre o ato de escrever e sobre sua história, construindo uma aproximação entre ambos. Estabelece-se uma relação entre a escritura e seus sofrimentos; fica sugerido que suas dores seriam aquilo que lhe permite a produção escrita.

Na continuação do texto, a ambiguidade se faz presente novamente. São usadas muitas expressões sem serem acompanhadas de indicações que permitam ao leitor identificar os respectivos referentes. Qual foi a transformação pessoal vivida? Quais foram os acontecimentos futuros? Qual foi a libertação ocorrida?

As duas últimas frases expressam uma *expectativa*, qual seja, a de que aquilo que se narra seja reconhecido como algo artístico. Para sermos mais precisos, não são exatamente os textos que se espera ver transformado em arte, mas a *vida (*"*Quem sabe essa minha* ***vida*** *fodida ainda* ***vira arte***"). Assim, pode-se dizer, a título de *hipótese*, que o blog e a escritura são reconhecidos não apenas como aquilo que vai trazer lenimento, mas também como algo que pode transformar a vida da enunciadora em arte. A "*vida fodida*" é a fonte de inspiração para a escritura. Aquilo que se escreve não é apenas a descrição da própria história, é também uma produção artística.

Neste ponto, a afirmação que fizemos por ocasião do extrato precedente parece ganhar sentido novamente. Assim, podemos retomar a ideia de que o eu que se produz no blog é um "eu literário", é um eu que faz desvanecer os limites entre o eu da escrevente e um eu narrável, ficcional. Como dissemos, constrói-se a descrição do que se viveu como quem constrói uma ficção.

Ao que tudo indica, em função deste modo de construção do blog, marcado fortemente pela ambiguidade, o efeito de borrar os limites entre o que seria o eu da escrevente e o eu ficcional é concomitante à dispensa do outro como interlocutor. O leitor, na maior parte das vezes, é colocado como espectador ou plateia. Produz-se, como apontamos, uma espécie de solilóquio, uma fala consigo onde o "eu" quase ocupa o lugar de representante do humano.

4.2.2. A construção do segredo na enunciação

Em muitos momentos se pôde identificar no blog um modo de escritura bastante genérico, com referências às situações em que não são apresentados fatos concretos, acontecimentos; mas, apenas alusões. Vejamos alguns extratos.

> 9 de novembro de 2007
> Para quê continuar sendo a mesma? Se é tão divertido mudar toda hora?- Então um dia eu descobri que não poderia mudar algumas coisas, coisas que fiz e trago comigo, como uma bagagem, porque sim, tudo o que fiz trago em mim, trago também um pouco de cada um que passou por mim, parou e ficou um pouco, dividiu comigo um pouco de si mesmo e de sua vida, mas passou, porque tudo passa, mas a gente leva, com a gente, um pouco de cada coisa, de cada um, enquanto deixa pelo caminho um pouco de nós, do que fomos e deixamos de ser, e do que quem passou levou de nós..

Por Leni Boenny às 21:10 Nenhum comentário

Talvez não seja ousado dizer que se produz uma escrita que ao mesmo tempo conta e esconde, que faz referência a algo, mas não diz exatamente do que se trata (por exemplo: não se explicita o que é a "*mesma*" que não se gostaria de "*continuar sendo*"; o que é feito; quem são as pessoas que passam; o que mudou). Ao que tudo indica, o blog permite ao escrevente um modo "genérico" de falar de si, um modo que mostra e esconde.

> 23 de abril de 2010
> Agigantei-me
>
> Quando de ti escutei coisas que jamais imaginei sairem da tua boca fiquei chocada. Não tive ação pra coisa alguma, a não ser chorar, o que lhe encomoda muito. Mas aquelas palavras jogadas na cara foram pesadas demais, parecendo ter o poder de matar. Meu coração bateu desordenadamente, como nunca batera antes. Senti enorme angústia e falta de esperança. Naquelas palavras, cuja felicidade eu julgava poder fazer para também poder ser feliz, causaram-me o tormento maior que uma alma pode sofrer.
>
> Quando a noite chegava, havia emoção natural em tudo. Ele voltaria. Voltaria sim, pensei. Haveria de compreencer que não tinha sensibilidade e as idéias de um monstro. Voltaria. Não era possível a morte de um amor assim sem causa plausível, justa. Eu não sabia que o excesso de razão é que mata os grandes amores.
>
> Quase já esqueço a tortura dos pensamentos. E sinto meu coração mais leve. Minha alma cresceu com essa desilusão inesperada, não para abrigar outro amor, porque a felicidade sentimental consiste em amar muito um único amor, quer tenha o brilho dos diamantes ou a tonalidade cinza de minha tristeza.
>
> O tempo continua a passar, eu já não sinto mais a tortura de cada minuto, magoando minha alma e meu coração, quase anulo a vontade de querer e de sentir-te, e me agigantei, levando ao infinito meu amor por ti, que ficou sendo o meu passado e a saudade.
>
> Por Leni Boenny às 15:14 Um comentário (grifos da autora, sublinhado nossos)

No extrato, aparece um "eu" que revela uma situação de sofrimento. O enunciador mostra-se com alguém que pode saber em que consiste a verdade da felicidade sentimental. Também se apresenta, em nome dessa verdade, como uma pessoa que só pode amar um único amor.

Novamente apresentam-se elementos aludidos e não mostrados. Não se sabe quais foram as coisas ouvidas, nem quem é "ele" que um dia regressará. Ao que tudo indica, apresentam-se "não ditos", uma espécie de segredo e mistério, que neste blog ganham cores "dramatúrgicas", "teatrais". Talvez se possa dizer que em alguns blogs (não em todos) há uma aproximação entre intimidade/ "pessoalidade" e segredo. O blog produz no próprio movimento de expor algo pessoal, a criação do mistério e do segredo. Cria-se e exibe-se um "algo" do qual se poderia ter falado, mas não se falou.

4.2.3. O sofrimento e suas vicissitudes: lenimento ou manutenção?

Como mostramos anteriormente, o cabeçalho do blog faz com que se estenda para o blog a expectativa de um efeito de abrandamento de dores, iras, saudades. Pelo modo indeterminado como é escrito, pode-se entender que não há um alvo específico para este efeito. Poderia estar voltado para aquela que escreve o blog, mas também para qualquer leitor indistintamente.

Desde a primeira postagem que data de 2007, é possível perceber que o texto encena uma conversa da enunciadora com a pessoa amada e está ligado à temática de um amor não correspondido. Esta mesma cenografia se repete incansavelmente pelo blog e permite a construção do *ethos* de alguém em sofrimento.

Caso desejemos estabelecer relações entre a apresentação/cabeçalho e as postagens poderíamos fazer

as seguintes considerações. As indeterminações e ambiguidades que apontamos deixam em aberto caminhos possíveis para a interpretação e para o posicionamento do leitor diante do blog. Apenas a título de exemplo, poder-se-ia pensar que por descrever uma situação de amor não correspondido, o alvo do efeito lenitivo (sugerido pelo cabeçalho) seria a própria enunciadora, que escreve e abrandaria assim sua dor. Outra possibilidade seria considerarmos que se que se constrói uma história facultando a um potencial leitor identificar-se com a situação dolorosa e com isto "obter" sua dose de lenimento. Também seria uma possibilidade supor um leitor que não estabelece relações entre a postagem e a apresentação, tomando cada uma destas unidades de forma isolada. Em outras palavras, inúmeras são as possibilidade de "preenchimento" dos espaços deixado por este modo indeterminado de enunciar.

Ao que tudo indica, o texto constrói a imagem de uma pessoa em sofrimento tendo como alvo o abrandamento das dores, seja por meio da escritura ou da leitura. Continuemos acompanhando por meio de outro texto.

> 15 de abril de 2010
>
> dor de amor
> Bom, estou tão insegura, tão sem saber o que fazer. Sei que ninguém le o meu blog ainda, porque não divulguei ainda, mas se alguém estiver aí espiando, ajude-me entender o que se me passa.
> Eu e meu amor nao estamos mais juntos. Ele terminou por causa de motivos pessoais dele, super egoísta. Mas agora ele fica me ligando, pedindo como estou e toda vez ele fala que sonha comigo. Isso seria arrependimento, amor demais… eu não sei que conclusão eu chego. Eu tento me afastar dele, porque ele terminou comigo e de maneira nenhuma vou correr atras dele (como já fiz algumas vezes). Tento ser um pouco indiferente, mas sempre que nos falamos, eu suo frio, dá um frio na barriga, tão gostosa sensação…Embora eu ainda ame ele muito, não sei seria uma boa voltarmos a namorar, depois de tanta coisa chata que ele me disse depois que brigamos.
> Me parte o coração saber que eu nao posso te-lô de volta, não por argulho, mas por amor próprio. Me corrói e me inunda com uma tristeza horrenda.
> Por Leni Boenny às 12:52 Nenhum comentário: Links para esta postagem (grifos nossos)

Neste texto, pelas referências ao próprio blog, podemos, aparentemente, considerar a escrevente como correspondente ao "eu" que enuncia. São apresentadas situações de dúvida, pois a enunciadora mostra não saber o que fazer, a que conclusão chegar e se seria "*uma boa*" voltar a namorar. Vale notar que no momento em que surgem as incertezas, também aparecem referências ao leitor, tomado como interlocutor.

Embora considere que possivelmente ninguém leia seus textos ("Sei que ninguém le o meu blog ainda [...]"), a escrevente mostra a expectativa da existência (que aparece quase como uma convicção) de um interlocutor, a quem interpela diretamente, solicitando ajuda. Este interlocutor é colocado no lugar de confidente e testemunha das dificuldades da escrevente com seu amor.

No trecho "[...] *se alguém estiver aí espiando* [...]" o uso advérbio confere ao blog o estatuto de um lugar material, onde poderia estar o leitor. Este lugar não corresponde ao mesmo em que se encontra a enunciadora (visto que ela não sabe se "há" alguém "lá"). Ao que tudo indica, parece haver um reconhecimento do blog como um espaço material, um local que não é aquele onde se encontra fisicamente o escrevente, tampouco, aparentemente, aquele em que está o leitor. O blog aparece como *outro* espaço, um âmbito virtual com conotação de empírico, sensorial.

Parece-nos importante notar que a solicitação de ajuda ao interlocutor não aparece ao final. A dúvida

ou a pergunta passível de ser respondida por um leitor potencial não ganha corpo sob a forma de uma pergunta, por exemplo, ao término do texto. Ao mesmo tempo, o "*não saber*" é substituído por um "*saber*", por uma certeza, qual seja, a de que não pode ficar com o amado. Ao que tudo indica, a dúvida ou a necessidade de ajuda dissipa-se na própria escritura do texto, dando lugar a um certo tipo de constatação. A escritura produz uma conclusão sem produzir o lenimento, visto que o texto termina sem a pergunta, mas com uma "tristeza horrenda" que "corrói e inunda".

Vale atentarmos para o fato de a enunciadora usar palavras que dão uma ideia de preenchimento e transbordamento. A escrevente configura a imagem de um "si recipiente" que não permite distinção ("*entender o que se me passa*") ou continência dos sentimentos.

Vejamos outras características desse si.

> 9 de novembro de 2007
> Para quê continuar sendo a mesma? Se é tão divertido mudar toda hora?- Então um dia eu descobri que não poderia mudar algumas coisas, coisas que fiz e trago comigo, como uma bagagem, porque sim, tudo o que fiz trago em mim, trago também um pouco de cada um que passou por mim, parou e ficou um pouco, dividiu comigo um pouco de si mesmo e de sua vida, mas passou, porque tudo passa, mas a gente leva, com a gente, um pouco de cada coisa, de cada um, enquanto deixa pelo caminho um pouco de nós, do que fomos e deixamos de ser, e do que quem passou levou de nós..
> Por Leni Boenny às 21:10 Nenhum comentário

No extrato, as ações ganham materialidade e são descritas como algo que pode ser transportado, carregado, como uma bagagem. Trata-se de elementos que não podem mudar e precisam ser levadas junto a si. Ao mesmo tempo, alguns trechos (tais como "*trago em mim*"; "*cada um que passou por mim, parou e ficou um pouco*") apresentam novamente um "si" como um lugar, um espaço por onde se pode passar.

A autora faz uso de metáforas que transformam ações e pessoas em "coisas" e que colocam a vida como movimento, como o deslocamento ao longo de um percurso, encontros de pessoas que param e depois continuam caminhadas diferentes. Simultaneamente, cria a ideia de um si que pode ser continente de elementos que agrega pelo caminho. Mas também pode, neste movimento, "perder pedaços". A autora expressa a ideia de um si que não limita a "entrada" de novos "objetos" e também não consegue encerrar em si mesmo aquilo que contém.

Aparentemente, existe no discurso da escrevente um movimento constante de "fazer e desfazer", como se ela mesma produzisse vetores opostos que se anulam. Isto fica mais evidente na medida em que fazemos uma oposição de trechos, por meio de um recorte analítico:

- "continuar sendo a mesma"; "mudar toda hora"; "não poderia mudar";
- "trago comigo"; "deixa pelo caminho";
- "dividiu comigo um pouco de si mesmo [...], mas passou" (ou seja, "deixou de dividir");
- "do que fomos e deixamos de ser";
- "a gente leva, com a gente, um pouco de cada coisa"; "quem passou levou de nós".

Torna-se difícil estabelecer após tantos movimentos, o que permaneceu, o que restou dos intercâmbios, o que continuou. Poder-se-ia perguntar: o que mudou? O que permaneceu? O texto não sustenta afirmações, a enunciadora assevera e nega, faz e desfaz. Este movimento de ação e anulação constrói a imagem de si que "não agrega conteúdo", pois ao mesmo tempo se "carrega algo", mas também se deixa "coisas" pelo caminho. Este é um si que não sustenta nenhuma ação em uma direção que avance em relação a um horizonte. Ele se anula constantemente e volta a um ponto que, aparentemente, é o mesmo.

Este "si" que não limita a "entrada" ou a "passagem", que mistura e torna indiferenciado seus "conteúdos", que não é continente, pois inunda e transborda, ao que tudo indica, não apresenta possibilidade de lenimento ou mudança. A repetição renitente da mesma cenografia (a conversa com o amor não correspondido) parece atestar essa ideia. Vejamos a última postagem do blog, datada de 04 de julho de 2015, ou seja, quase oito anos após sua criação: "Nada a dizer, além de que ainda sangro. A mesma ferida que me deixaste. Ela permaneceu latente, mas hoje por algum motivo ela pulsa novamente e volto a sangrar. Que aperto de saudade aqui no meu peito".

Ao invés de lenir, o blog e a escritura *sustentam*, *mantém* a situação de sofrimento, na expectativa de que (como vimos na autobiografia) esta vida sofrida possa ainda virar arte. Talvez se possa também colocar a hipótese de que, para que o blog ou a arte exista, a vida (enquanto narrativa) precisa ser sofrida.

4.2.4. O comentário: identificações e ensinamentos

Reproduziremos abaixo outro texto do blog, tendo como foco, para posterior análise, os comentários.

28 de abril de 2010

"Amo-te, enfim, com grande liberdade dentro da eternidade e a cada instante."

(Vinícius de Moraes)

Comentar este passar talvez pareça diminuir a dor que dilacera. Mas a mim não faz nenhuma diferença. Quero-te muito e nada vai mudar o meu sentimento. Dói muito essa nossa distância sem qualquer motivo aparentemente concreto. Não sabes como me entristece saber que nada mudará se dependendo de você.

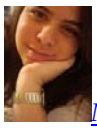
O que me revolta é o fato de você ter errado, não o julgo, pois muitas vezes também errei, mas você cometeu o erro, a agora nada fazes para corrigí-lo. Ter me deixado dessa forma, foi tão estúpido.

Se hoje eu te ligaria para conversarmos, penso no que me dirias. Em como seria nosso encontro desde o primeiro minuto até o instante de despedida. Suaria frio e tentaria disfarçar que gaguejo em todas as palavras proferidas.

Enfim, é demasiado degradante idealizar este encontro. Uma decepção mais, acabaria comigo. Se digo que te amo é porque de fato te amo com toda minha verdade, com o sentimento mais puro e lindo que tenho a te oferecer.

A verdade é que tenho sofrido muito. E somente anseio a sua companhia. Quero curar essa ferida que me machuca todo o corpo. E que bom seria te ter ao meu lado.

Por Leni Boenny às 13:07 6 comentários


Myrella Andrade disse...

Por que é tão difícil?

Em teoria amor é pra ser bom e fácil né?!Parece que ele tem um plano oculto...

28 de abril de 2010 19:59

A comentadora identifica-se por um nome próprio, juntamente a uma foto que funciona como instância fiadora do texto. O nome colocado também funciona como um *link*, ou seja, caso se deseje, é possível clicar sobre essas palavras e ser remetido a outro site. Isto acontece com o nome de todos os outros comentadores. Ou seja, fazer um comentário também é uma forma de estabelecer uma vinculação entre o próprio blog e o que se glosa.

A pergunta colocada traz como pressuposto a ideia de que o amor é difícil. Myrella coloca-se no lugar de alguém que, por algum motivo, sabe, pode afirmar isto e consequentemente é capaz de compreender a escrevente do blog. Por uma espécie de identificação, o comentário ganha um tom empático e de afinidade. A comentadora "ensina" que, "fora da teoria", o amor aparentemente não corresponde a algumas expectativas que se possa ter dele.

Isto pode ser pensado se considerarmos que a interrogação toma como interlocutor a escrevente do blog. No entanto, existe certo grau de ambiguidade na pergunta que deixa em aberto o alvo da mensagem: este também pode ser o leitor do blog ou até a própria comentadora.

Ba. disse...
*e você descreveu **tudo** que eu estou com medo de sentir, **exatamente** mesmo.*

não quero me apegar e ter que dizer ou sentir tudo isso.

tenso.
*eu não sei explicar, mas acabo **me encontrando** em **cada** palavra sua.*
*e já acho fascinante **aqui** ;* de verdade.*
28 de abril de 2010 20:26 (**grifos nosso**)

A comentadora identifica-se, por meio de uma alcunha. Por meio seu comentário "Ba" toma a escrevente do blog como interlocutora. Utiliza termos que expressam totalidade (tudo, cada) e equivalência perfeita (exatamente). O comentário atribui ao texto lido o lugar de um horizonte possível. "Ba" reconhece naquilo que leu a expressão de sentimentos da escrevente do blog e considera que estes sentimentos poderiam vir a ser os seus. Produz-se uma espécie de identificação "forçada", pois o que o blog apresenta não é o que "Ba" está sentindo nesse momento, no entanto, "Ba" considera que em um futuro virtual (em que não se precavesse e viesse a se apegar), as palavras lidas poderiam ser *exatamente* as suas. Ao que tudo indica, apresenta-se uma identificação com o que não é idêntico, em que a construção de um futuro potencial apaga as diferenças entre as interlocutoras.

Vale atentar para o uso do advérbio "aqui", que corresponde não ao local da enunciação, mas sim ao blog. Pode-se dizer portanto que o blog é visto como se fosse um lugar.

Renato Hemesath disse...
Oi Leni,

Lendo teu post fiquei a pensar sobre quantas verdades estas frases explicitam.
É interessante que à medida que conhecemos o outro aprendemos a modelar a intensidade e os limites de nossas idealizações, há situações em que de antemão, nos planejamos.

Bem escrito!
Boa semana, abraços
28 de abril de 2010 21:33

A leitura do texto leva Renato à reflexão e a atribuição de valor de verdade à postagem. É como o comentário de Renato operasse uma "alteração de estatuto" em relação ao texto: a uma escritura com um teor pessoal (anseios e sofrimentos da escrevente do blog) atribui-se um teor geral, que tem o peso de "verdades". A partir da leitura, o comentador executa no próprio espaço do comentário uma reflexão, que pelo uso da primeira pessoa do plural ("nós") ganha uma indefinição que permite enquadrar um grupo indeterminado de pessoas. Renato fala em nome do grupo de pessoas que "conhece o outro e aprende a modelar os limites de suas idealizações".

Este grupo concentra "idealizações", assim como a escrevente do blog. Assim como nos outros comentários, o comentador, aparentemente, acaba por encontrar, de um jeito ou de outro, algum ponto de identificação com aquele que escreve os textos do blog.

- | circunstâncias circunscritas | - disse...
Realmente. Percebo a sinceridade em suas palavras. Sinceridades estas que tenho medo de um dia vive-las. Gostar de alguem e nao ter reciprocidade, é complicadissimo. E isso me desanima muito.
Gostei. Vou segui-la.
Abraço
Por Lawrence Tayller

Neste comentário pode-se ver o nome de um blog ("*circunstâncias circunscritas*") como uma forma de identificação. Com isto o blog é colocado como uma fonte enunciativa, semelhante a quando, em um documento, reconhece-se a voz, não de uma pessoa em particular, mas a de uma empresa. Ao final, o enunciador assume a responsabilidade pelo comentário.

Lawrence assume o lugar de quem pode confirmar algo que tenha sido dito ("Realmente") ou o de quem é capaz de atestar a franqueza das palavras. Em um instante posterior já se coloca mais próximo a escrevente do blog, como alguém que pode vir a não ser correspondido em uma relação, mostrando certo grau de identificação. Ao mesmo tempo, faz do espaço do comentário, ocasião de falar de si próprio: desanima-se diante do risco da não reciprocidade. Ao final, expressa uma forma de aprovação, não ao blog, mas à própria escrevente: "*Gostei. Vou segui-**la***" (grifo nosso).

Amanda Figueiredo disse...
Você descreveu uma situação que deve ser uma das mais fáceis de se acontecer: amar e não ser amado(a). Ou pior ainda deve ser amar e ser amado de volta, mas por alguém que não sabe demonstrar isso da maneira certa e que acaba magoando mais do que amando.
Adorei o texto, parabéns. :)
beijos.
29 de abril de 2010 00:45

Amanda não apenas comenta o texto do blog, mas acrescenta uma situação diferente daquela descrita pela escrevente, que pode ser vista em:

Erica Vittorazzi disse...

Leni, é a primeira vez que venho aqui, e fui direto ao seu perfil. Você é tão bonita que não combina esta história de ser triste, tem alegria em tamanho grande, sabe? Que não dá calos e nem bolhas, é só procurar.

O seu texto é lindo também. Algumas pessoas não deveriam sair assim de nossas vidas, com indiferença! Ah, mas esta dor também passa, viu!

Beijos
29 de abril de 2010 09:50

Este comentário apresenta uma diferença em relação aos anteriores. Os comentadores precedentes, cada um a sua maneira, ratificavam a postagem do blog. Erica, por sua vez, ao estabelecer uma relação entre aparência e felicidade, aponta o que seria uma incongruência entre o fato de a escrevente ser bonita e a "*história de ser triste*".

Embora apresente certa anuência em relação à escritura da escrevente, Erica dá conselhos e ensina. Ao mesmo tempo, coloca a enunciadora do blog em um lugar de quem não sabe de ou de quem não procura "alegria em tamanho grande". Com isto procura oferecer alento e alternativas em relação ao modo como a escrevente se coloca.

A análise dos comentários acabou por delinear alguns aspectos que se repetem. Em maior ou em menor grau, é possível reconhecer na maioria dos escritos, uma identificação do comentador com aquilo que lê no blog. Ao mesmo tempo, os comentários, em sua maioria, apresentam a "mesma direção" dos textos postados, pois trabalham a mesma temática, ainda que seja por meio de autorrelato. Quase não há confrontos ou discordâncias. A única glosa (a de Erica Vittorazzi) a se opor acabar por evidenciar este movimento consoante entre texto e comentário.

4.3 Análise do Blog – Apenas Ana

4.3.1. O *ethos* e a valorização de um modo de ser

Iniciemos nossa análise pelo layout do blog.

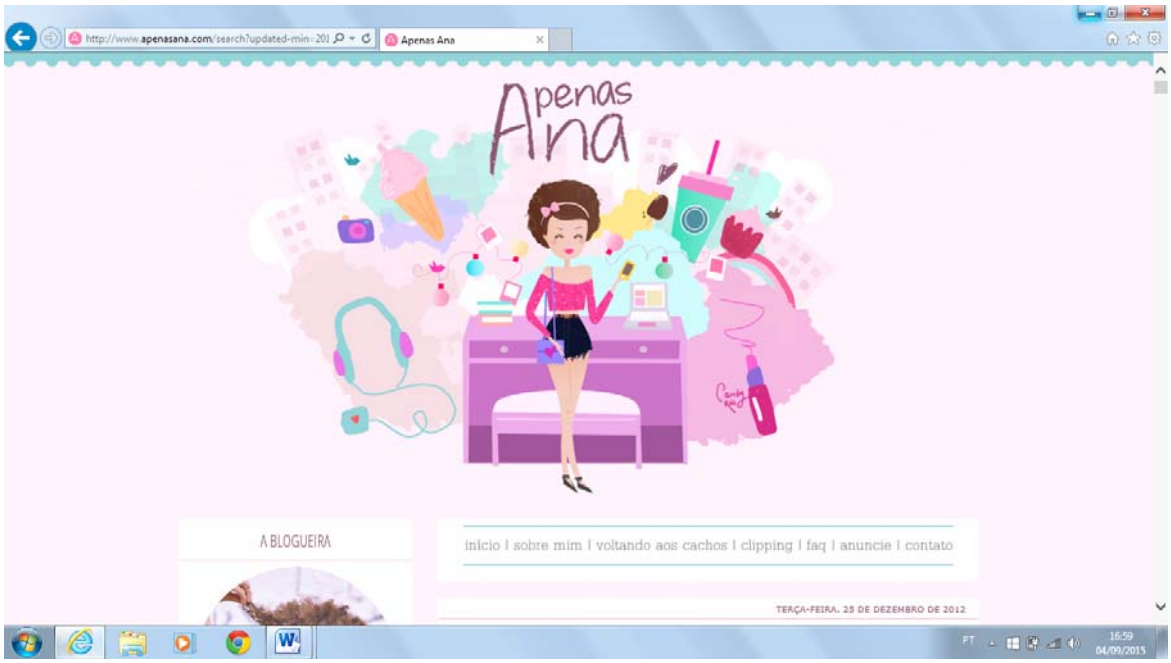


Figura 1- Apresentação inicial do blog "Apenas Ana"

Ao acessar o blog, o navegante é recebido pela página principal, a qual já apresenta de partida um determinado *ethos.* A imagem inicial constrói um modo de ser, ou seja, faz referência a certa maneira de se colocar no mundo. Essa maneira de se colocar é apresentada (ou construída) tanto pelo uso das cores quanto pelos objetos desenhados na figura.

Inúmeros elementos na composição da imagem fazem referência ao universo feminino: a cor rosa (ou um roxo claro) usada como pano de fundo; figuras de "coração" integrando outros apetrechos, bolsa e batom. Outros itens, por sua vez remetem ao mundo jovem: dispositivos tecnológicos como celular, fones de ouvido e possível referência a um *ipod*. O próprio fato de se usar desenhos e não fotos contribui para isto. Comestíveis também aparecem: "milk shakes", "cup cakes" dão o tom dos interesses de moda de uma determinada faixa etária.

A personagem desenhada apresenta um "figurino", ou seja, é possível distinguir a roupa (blusa com decotes, shorts) e seus detalhes, tais como laço na cabeça, cinto, bolsa, sapatos, batom nos lábios. Ou seja, são traços que remetem a vaidade e ao cuidado com a aparência.

Vale notar também que o desenho mostra a personagem sorrindo. Tal aspecto, somado aos já discutidos anteriormente, talvez permita afirmar que se constrói uma "personalidade" nesta página inicial.

Ao que tudo indica, o *ethos* aqui montado configura um determinado "mundo ético", entendido como

um universo de sentidos que o navegante é convidado a partilhar. Trata-se de um mundo habitado por meninas que se preocupam com a própria aparência.

Muitos elementos presentes na figura fazem referência ao próprio blog: o desenho de uma máquina fotográfica (conforme se navega pode-se notar que o blog é composto de muitas fotos e vídeos), uma escrivaninha (que remete ao quarto da enunciadora, onde são gravados os vídeos do site) e um notebook. O próprio desenho da personagem faz uma referência direta à autora do blog (trata-se de uma espécie de caricatura). Nesta página inicial do site, o *ethos* se produz na medida em que coloca em evidência o "modo Ana" de habitar o mundo.

Vale atentar para o aspecto gráfico do título do blog. Ele é feito de modo a imitar uma possível escritura a mão. É como se ele não fosse um tipo de letra padronizada feita por uma máquina, mas tivesse sido escrito de punho próprio (com uma caneta ou com um giz de cera) por uma pessoa. Tal aspecto traz um traço pessoal ao blog.

4.3.2. A valorização dos cachos (e de si) e o concomitante esquecimento das raízes

Como veremos adiante, a escrevente do blog transforma o fato ter deixado de passar por processos de alisamento do cabelo uma das temáticas centrais do blog. Ela aparece inclusive como uma das categorias que agrupa um conjunto de textos, como se pode ver pela figura 2. Este assunto recebe o nome de "Voltando aos cachos".

Figura 2 - Recorte dos "links" apresentados na página principal do blog

Na página principal do blog, à esquerda da região onde ficam os textos principais, encontra-se uma pequena apresentação sobre a autora, que recebe o título "A blogueira".

ana lídia lopes

A Ana tem 16 anos e mora em Unaí - MG. Em 2012 ela criou o Apenas Ana pra compartilhar sua vida com o mundo. Desde que resolveu assumir seus cachos, muita coisa - além do cabelo - mudou. Hoje ela faz parte da Galera Capricho, é inspiração para várias meninas e descobriu que seus sonhos não estão tão longe assim.

Um primeiro ponto que chama a atenção no texto é o fato de ele ter sido escrito em terceira pessoa, como se a descrição tivesse sido feita por alguém que não a autora do blog. Com isto, a responsabilidade pelo que é dito sobre Ana é atribuído a outrem (e que não se pode determinar quem seja). É ao mesmo tempo uma "voz sem rosto" e uma instância de credibilidade para o texto.

Após trazer alguns dados biográficos de Ana, o texto apresenta uma espécie de "antes e depois": descreve-se o objetivo inicial do blog e a sequência de fatos ocorridos na vida da autora. Aparentemente, as mudanças que a assunção dos cachos provocou foi paradoxalmente uma restrição. Em 2012 a intenção e o horizonte do blog era o mundo todo. Após a mudança nos cabelos, seu destinatário torna-se uma determinada "galera", a das meninas leitoras do blog e da revista. A apresentação termina afirmando que Ana faz uma descoberta: esta restrição acabou trazendo seus sonhos para mais perto.

A fotografia que acompanha o texto enquadra o rosto da blogueira, que expressa uma fisionomia divertida: Ana pisca e mostra a língua. Ao mesmo tempo, põe seus cabelos em evidência ao puxar com a mão uma pequena mecha. Ou seja, a fotografia é "solidária" com o texto na medida em que orienta para a temática dos cabelos cacheados e contribui para o estabelecimento de uma tonalidade afetiva positiva.

O uso do termo "*assumir seus cachos*" indica, de alguma forma, certo *confronto íntimo* ou *social* com a aparência anterior; traz implícita a ideia de algo que poderia não ser aceito por ela ou algumas pessoas.

Um dos links presentes no Blog chama-se "*Sobre mim*". Vamos a ele:

Figura 3 - Figura que acompanha o primeiro trecho de auto apresentação e mostra Ana sorrindo

Oi, muito prazer! Eu sou a **Ana Lídia Lopes**, tenho 16 anos e tô cursando o 2º ano do Ensino Médio. Moro em Unaí, uma cidadezinha do interior de Minas Gerais. Sou medrosa, inquieta, risonha, chorona, ansiosa, pensativa, criativa, intensa e nada orgulhosa. Criei o blog em Junho de 2012 por que sentia dentro de mim uma enorme vontade de colocar minhas ideias pra fora, e, desde então, muita coisa mudou - exterior e interiormente.

Esta parte do site inicia-se com duas fotos da autora em meio a um sorriso farto. Tal montagem contribuiu para o estabelecimento de um tom alegre. A imagem ajuda a constituir um *ethos*, pois ao mesmo tempo apresenta a instância fiadora do discurso, confere às palavras uma tonalidade afetiva. Elas podem ser "lidas" como alegres e festivas.

Para escrever seu texto a autora escolhe inicialmente um "estilo falado". Embora a mídia em questão suponha uma recepção à distância, a escritura encena uma situação de comunicação em que o interlocutor se encontraria no mesmo ambiente do enunciador. Assim, a cenografia constituída é a de uma conversa, tal como se a autora estivesse conhecendo pessoalmente seu interlocutor. "*Oi, muito prazer!*" Talvez não seja ousado dizer que se constrói uma relação de proximidade.

Diferentemente de outros blogs pessoais em que o enunciador oculta informações que poderiam identificá-lo, o "Apenas Ana" vai em uma direção oposta. Ana apresenta-se, mostra-se, faz-se conhecer: coloca seu nome completo em negrito; revela a idade, formação, local onde mora e algumas características de sua "personalidade".

Ao falar sobre a criação do blog apresenta uma ideia de si como alguém que tem um lado de dentro, onde estariam as ideias. Nesta representação, o blog aparece como aquilo que permite por as ideias para fora, o que possibilita a passagem das ideias de "dentro para fora". Aparentemente, estabelece-se uma curiosa relação (ou mesmo equivalência) entre o blog e o "lado de fora". A escritura do blog traz mudanças, transformações que tem efeitos sobre os dois "lados", o de dentro e o de fora.

Figura 4 - Justaposição de fotos que permite uma comparação entre dois momentos da vida de Ana

> Depois de muito tempo tentando esconder minhas raízes, resolvi me libertar dos alisamentos - chapinha, química, etc - que estavam escravizando meu cabelo e minha personalidade. No início de 2014 decidi entrar em transição capilar, mas não sozinha. Criei o Projeto **#VoltandoAosCachos** pra compartilhar com meus leitores essa minha mudança. Hoje, várias meninas inspiraram-se na minha história e resolveram assumir seus cachos também. Digo e repito: não é só cabelo... É autoestima, autoconfiança, autoaceitação!

As fotos colocadas apresentam dois momentos diferentes, constituindo novamente uma espécie de "antes e depois". Primeiramente temos Ana com os cabelos lisos e ao mesmo tempo com uma expressão mais séria, cabisbaixa e com menos maquiagem. Na foto em que aparece com os cabelos cacheados sua fisionomia é mais alegre, pois se mostra sorridente e com um olhar voltado para frente. O uso de batom, adereços como brincos e o penteado contribuem para

aumentar o contraste entre uma foto e outra. Ao que tudo indica as fotos são colocadas de modo a permitir ao interlocutor uma associação entre o "retorno aos cachos" e um estado de contentamento.

É possível estabelecer uma relação entre as imagens e o parágrafo que se segue. No texto, também aparece uma ideia de sequência temporal ("antes e depois") que tem como marco a "*transição capilar*".

O uso de expressões como "chapinha", "química" e "transição capilar" sem explicitar o que sejam esses elementos e processos nos permite supor que o interlocutor construído pelo blog é alguém que compartilha do mesmo universo de sentido. Trata-se de alguém que é capaz de compreender os termos associados ao mundo dos cuidados com cabelo.

Logo no início do texto Ana faz uma sutil alusão a sua afro descendência por meio do uso do termo "raízes". Descreve uma situação como sendo uma espécie de "passado superado"; um longo período em que se autoimpunha uma submissão e tentava esconder as próprias raízes. Além disso, ao atentarmos para o uso contíguo de termos como "raízes", "escravidão", "libertar-se", é possível dizer que Ana fala da escravidão que ela mesma se impunha por meio de uma referência a um fato histórico, qual seja, a situação da escravatura dos negros no Brasil.

Na mesma oração, esta temática da ascendência africana e da história de sua etnia desliza para a temática da escravidão que é imposta à seu cabelo e à sua personalidade pela chapinha, pela química ou por ela própria. Em outras palavras, poderíamos dizer que a questão da afro descendência aparece apenas como uma referência branda e sutil.

O momento descrito como posterior marcado pelo uso do advérbio de tempo *"hoje"*, é o período pós-mudança, em que a história da enunciadora aparece como inspiração para outras meninas. A transição não se dá apenas em relação ao cabelo, trata-se da passagem da autoimposição da escravidão para aquele em que se tem uma história que é modelo para outras pessoas.

No trecho "*Digo e repito: não é só cabelo...*" podemos identificar um fenômeno de polifonia, pois ele traz um enunciado virtual que é atribuído a outrem. É como se o extrato fosse uma resposta a uma fala do tipo: "*é só cabelo*". O uso do advérbio "só" faz com que a sequência do enunciado ganhe a conotação de algo sem importância. Assim, por meio da criação deste antagonismo, a *mudança* aparece como algo significativo, valoroso. Constrói-se também um interlocutor que pode não dar o devido valor à transição. Em relação a este se faz uma oposição. Oposição esta que pode ser repetida outras vezes, caso seja necessário.

Com a expressão e com a repetição que ela profere, criam-se opositores imaginários, oposições de opinião, mas passa-se ao largo de uma mudança e de um reconhecimento de peso: assumir o cabelo também poderia significar assumir a própria raiz. A transição que Ana vai descrevendo representa ganhos de autoestima, autoconfiança, autoaceitação, mas aparentemente não o reconhecimento de sua origem. A assunção dos cachos parece não coincidir, com a assunção da afro descendência, visto que esta temática não é abordada diretamente.

Portanto, a ênfase recai sobre a relação entre "cachos" e a autoestima. Outra vinculação possível, aquela entre o cabelo e a assunção das raízes, acaba ficando em um plano secundário. Tal aspecto parece também ser apoiado pelos retratos, o que resulta em uma espécie de validação recíproca entre texto e imagem. O interlocutor após ler o texto, pode se sentir autorizado a considerar a Ana da primeira foto como alguém sem autoestima e a da segunda como uma pessoa que se aceita e confia em si própria, mantendo numa zona de "(re)desconhecimento" a questão das

próprias raízes.

Ao que tudo indica, o que fica em primeiro plano é o alcance e os efeitos que tal mudança de atitude poderia ter, de acordo com a escrevente. O que se produz (e que se pode perceber em outras partes do blog) é uma espécie de *propaganda* ou um *convite* à assunção dos cachos. Este configura-se com um valor compartilhável.

Esse processo de "reabilitação" dos cachos é apresentado como superação de confrontos, conflitos pessoais e faz emergir uma imagem valorizada de si. Ao mesmo tempo, a assunção das raízes, pensada como a vinculação à história e à cultura afro descendente, embora anunciada, não é trabalhada e recai em uma espécie de região de esquecimento.

No trecho que vem em seguida, é possível identificar algo semelhante ao que acabamos de delinear. Vejamos.

Figura 5 - Foto da participação de Ana da revista capricho

> Depois que me aceitei, muitas portas abriram pra mim. Além de eu ter superado vários complexos interiores, concretizei muitos sonhos que antes eu achava que eram impossíveis. Um deles foi participar da **Galera Capricho 2014/2015**, onde tive a oportunidade de vivenciar os bastidores da redação, aparecer na revista, colaborar com matérias, conhecer Sampa... Nunca imaginei que isso aconteceria comigo.

Aqui a foto é montada com imagens de exemplares de uma revista feminina jovem. O que ocupa a maior parte da foto é um artigo em que a enunciadora do blog aparece logo ao lado do título. A escolha lexical do título, ou melhor, o uso do adjetivo "natural" qualifica não o termo "crespo" propriamente dito, mas sim o substantivo que foi elipsado, qual seja, "cabelo". O termo "natural" permite supor então que existem "cabelos crespos

naturais" e "não naturais". Desta forma, o artigo coloca em evidência o "crespo natural" como algo valorizável. O *ethos* construído configura um lugar possível de identificação para o(a) leitor(a) da revista.

Além disto, a revista apresenta um *ethos* "corporificado", ou seja, a imagem (foto) de Ana pode ser tomada como *referente*, ou ainda como *fiador* desse *ethos*. Esta reportagem remete, portanto, à temática do cabelo de modo que o tipo crespo aparece como "valor" e Ana figura como uma espécie de exemplo ou modelo. Por sua vez, ao fazer uso desta imagem para falar sobre si, Ana mostra-se justamente como modelo ou referência.

O restante da foto é preenchido com outras revistas de modo que se visualiza apenas uma parte das mesmas. Em uma delas se lê o nome "Capricho", que autoriza o navegante a supor que a reportagem "Crespos naturais" faça parte desta mídia impressa.

O texto que vem logo a seguir da fotografia novamente estabelece uma sequência temporal, coloca dois períodos separados agora pela "aceitação". O "antes" é marcado por uma oposição íntima, pelo fato de se ter algo e não aceitá-lo, assim como pelos "*complexos interiores*" que impediam Ana de concretizar os sonhos, considerados então como impossíveis. Em outras palavras, o período "pré-transição" está sempre sendo caracterizado por auto "oposições", auto "desaprovações", baixo autoestima, baixa autoconfiança. E todos estes aspectos estão relacionados com a aparência, mais especificamente com o tipo de cabelo que se tem.

Em função do que já foi apresentado anteriormente, é possível dizer que há uma equivalência entre aceitar os cachos e aceitar a si mesma. Este processo de aceitação tem como consequência não apenas efeitos "exteriores" como o de abrir portas, mas também sobre o "lado de dentro". A aceitação dos cachos e de si, é apresentada como uma espécie de potência que permite a libertação em relação ao período anterior, a superação de complexos interiores, assim como a realização de sonhos considerados impossíveis.

Vale lembrar que esta autoaceitação está associada ao ganho de confiança e autoestima e não tanto à assunção das raízes, uma relação que foi feita pela própria Ana no início da apresentação. Ao que tudo indica, a temática das origens acaba ficando "encoberta".

De certo modo, a utilização adequada que a enunciadora faz da gramática, assim como o recurso à figuras de linguagem ("*escravizando meu cabelo e minha personalidade*") permitem ao interlocutor construir um *ethos* de alguém que possui um bom domínio da língua. Talvez não seja ousado dizer que assim como há a demonstração de um cuidado com a aparência ou com os cabelos, evidencia-se também um cuidado com o uso das palavras. Elas também precisam ser bem tratadas.

4.3.3. O blog e sua "função social"

Figura 6 - Foto que acompanha o último extrato do item "Sobre mim"

Sou católica e acredito que tudo que acontece em minha vida é obra de Deus. Gratidão a Virgem Maria e Jesus Cristo que me guiam, cuidam de mim e iluminam meus passos. **Sou toda Deles**. Que aqui no meu blog eu possa transmitir pra vocês, através dos dons que Deus me deu, muita paz, alegria, amor... Só coisas boas. Entrem e fiquem a vontade, a porta está aberta e o coração também. Voltem sempre! (grifo da autora)

A foto aqui colocada mostra Ana um pouco mais distante e apresenta não apenas seu rosto, mas também seu corpo. Ana aparece sorridente, com o olhar para frente e com a aparência bem cuidada.

O último parágrafo do texto marca uma diferença em relação aos outros já discutidos. Neste não se identifica a separação entre "antes e depois". Ana apresenta-se como uma pessoa religiosa e professa sua crença. A não ser pela foto, os cachos saem de cena. A responsabilidade por aquilo que acontece em sua vida é atribuída a Deus e não à transição ou à assunção dos cabelos. Ana é alguém que é guiada, cuidada e iluminada pela dupla Virgem Maria e Jesus. Além disto, Ana é uma pessoa que recebeu dons de Deus.

Ao encaminhar para o encerramento do texto, a Ana faz referência direta a seu interlocutor (por meio do pronome de tratamento "vocês"), novamente tomado como se estivesse presente no mesmo ambiente. O blog figura como algo que se pode entrar e sair. Constrói-se um *ethos* de alguém hospitaleira, solidária e receptiva. Deseja compartilhar coisas boas.

O blog, que antes aparecia com a função de "compartilhar sua vida", agora passa a servir para distribuir ou doar "*coisas boas*" para os interlocutores. Talvez não seja ousado dizer que Ana se incumbe de uma tarefa, qual seja, a de fazer algo pelos leitores de seu blog, como por exemplo, transmitir alegria e paz, quase como se

o blog pudesse ter uma "função social". E são justamente os dons recebidos de Deus que permitem a transmissão de coisas boas. Ao que tudo indica, Ana se coloca como alguém guiada por Jesus e Maria, como veículo de transmissão de coisas boas por meio dos dons recebidos de Deus. Trata-se de uma tarefa de peso.

O blog é lugar onde se pode vir, ficar a vontade e receber coisas boas por meio de Ana. Também é possível dizer que aquilo em relação a que Ana se vê capaz de contribuir diz respeito a temática da aparência, dos cabelos e da autoestima.

4.3.4. A "desmaterialização" da vida e suas consequências: o lado bom e o lado ruim de "ser" virtual

TERÇA-FEIRA, 26 DE NOVEMBRO DE 2013

De repente, tudo mudou

25 comentários: | Tags: Blog, Desabafo, Meus textos, Sentimentos, Sonhos

E quando a gente percebe, tudo ao nosso redor mudou. Ou talvez o que mudou de verdade foi só o jeito como encaramos as coisas.

Figura 7 - Fotografia de Ana que acompanha texto de 2013

Às vezes, nossa vida nos dá uma sacudida e tudo muda, não é? Parei pra pensar nisso quando comecei a olhar umas fotos de algumas meses atrás. O sorriso já não é mais o mesmo, nem a forma como eu uso a minha franja. Parece que tudo mudou tão rápido. O meu jeito de vestir, de falar, de pensar. De ser.

O presente material faz parte do corpo principal do blog. Como se pode ver, trata-se de um texto que obteve muitos comentários (25) e que recebe algumas etiquetas (tags) que o classificam e ligam-no à outros escritos com temáticas semelhantes. Após o título, a autora escreve uma espécie de subtítulo que repete um trecho que está por vir. Com isto faz uma espécie de introdução daquilo que vai ser discutido.

Já na primeira frase do texto a cenografia construída é a de uma conversa entre Ana e seu leitor. É a partir deste contexto – o de um diálogo virtual – que o leitor do blog vai ser interpelado e convidado a participar de

uma reflexão sobre a vida. O interlocutor é inserido nesta cena como alguém que pode contar com as próprias experiências para confirmar ou concordar com a afirmação inicial ("*não é?*").

A reflexão que se propõe inicialmente é sobre a vida em geral. O uso dos termos "*a gente*", "*nos*" e "*nossa vida*" opera uma espécie de *captação* do leitor, pois a vida a ser considerada poderia ser potencialmente a de qualquer um que estivesse lendo o texto. Isto acontece na medida em que estes termos "coletivos" ("nos", "nossa") apagam a fronteira entre enunciador e interlocutor.

O leitor, colocado na posição de um igual (pois teria passado por situações semelhantes), "recebe" uma "proposta" de trabalho em conjunto: refletir sobre as vivências. No entanto, esta expectativa é sutilmente *subvertida*, pois na sequência, a vida que passa a ser examinada é somente a de Ana. Opera-se um deslizamento de uma situação genérica, sem referentes precisos ("*nossa vida*", "*uma sacudida*", "*tudo muda*") que permitiriam falar sobre a vida ou sobre mudanças em geral, para fatos concretos que dizem respeito às experiências de Ana (ou mesmo à autopercepção de Ana). As referências ao interlocutor – tais como o pedido de confirmação ("*não é?*"), o uso dos termos "*nos*", "*nossa*" – tornam-se mais raras. Passa-se sutilmente do "nossa" para o "minha" e o interlocutor exerce agora a função de testemunha dos percursos da enunciadora.

A reflexão de Ana é iniciada pela ação de ver algumas fotos. Percebe-se diferente. E a dessemelhança na aparência (inclusive marcando expressamente uma diferença no cabelo, na franja) leva Ana a pensar sobre as mudanças em seu modo de ser. A cena que Ana apresenta é a de uma pessoa que se flagra repentinamente diferente, sem ter percebido o processo de transformação.

> Parece que há alguns dias atrás - ou bem mais que isso, anos, talvez - eu era só uma menina perdida na internet que estava procurando um lugar pra se aconchegar enquanto conversava com os colegas no MSN e ouvia música no Kboing. Nada de fotos, muito menos blog. Só uma garota. Com mil pensamentos querendo ser libertados.

A cena construída no trecho apresenta Ana em meio a um exercício de recordação. Por meio da comparação entre um antes e depois, Ana conduz seu interlocutor através de um passado em que a ausência das fotos e do blog fazia dela *apenas* uma garota perdida, em busca de aconchego e com pensamentos aprisionados.

É importante notar que o tempo de que se tem lembrança é um período em que algumas situações acontecem <u>no</u> ambiente da "*world wide web*". Ana era perdida <u>na</u> rede. A história pessoal é a sua história na web. A internet é o lugar onde se ouve música, onde se conversa com os colegas e onde se procura aconchego. Talvez não seja ousado dizer que a internet aparece como o "terreno" onde acontecem o lazer, algumas relações, "as sacudidas", as mudanças, a vida. Ela parece ser reconhecida como o campo que enquadra a existência de que se tem registro. Ao que tudo indica, vida e memória passam por um processo de virtualização.

Também é possível dizer que a indeterminação do tempo que aparece no trecho "*há alguns* ***<u>dias</u>*** *atrás – ou bem mais que isso,* ***<u>anos</u>****, talvez* [...]" corrobora com esse efeito de virtualidade que afeta a lembrança.

> Depois de tanto tempo explorando uma câmera compacta, ganho a câmera que sempre sonhei - e que nunca achei que fosse ter nessa vida - e descubro que fotografia é realmente o que eu amo. Movida por essa paixão... Puf! Crio um blog. Pouco a pouco, vou descobrindo que fotografia, maquiagem e escrita são as coisas que mais me fazem bem. Descubro pessoas que também gostam disso, e acabam se tornando meus leitores. Que acabam se tornando também os meus melhores amigos. E com isso eu descobri que, existem pessoas que me entendem nesse mundo como ninguém, apesar de nunca terem me abraçado na vida. Pessoas que querem o meu bem, que

também sentem o que eu sinto e que precisam de mim como eu preciso deles.

A história aqui é contada por meio de uma sequência, de um encadeamento de eventos. A câmera fotográfica leva a um tipo de descoberta de si, conduz até uma verdade íntima, àquilo que é uma inclinação, um gosto, algo que dá satisfação: a fotografia. Essa "*paixão*", por sua vez, produz um movimento, impele Ana a ação, qual seja, a de criar um blog.

Ana começa o parágrafo falando de acontecimentos concretos, fatos que dizem respeito a experiência sensível:

- explorar uma câmara compacta;
- ganhar a câmara desejada;
- fotografar, descobrir a satisfação na realização desta ação;
- construir um blog;
- descobrir que fotografia, maquiagem e escrita são atividades que fazem bem.

Aos poucos o verbo "descobrir" vai sendo usando para situações e experiências que não são sensíveis, mas sim virtuais. No texto, "descobrir pessoas" diz respeito a encontrar pessoas e comunicar-se com outros indivíduos não concretamente, mas por meio da internet. Ana atribui às vivências virtuais o status de experiência empírica, sensível. Da mesma maneira, o "sentir" que aparece em sua fala aparenta ter o mesmo valor do sentir presencial, do abraço, do contato físico. A substituição do empírico e presencial acontece quando há um gesto, qual seja o de criar o blog.

A formação de melhores amigos e de relações de necessidade mútua, assim como o sentir-se compreendida e a percepção de que as pessoas querem o seu bem, acontecem nesse âmbito imaterial, dão-se em um plano virtual, sem que as pessoas tenham "abraçado" Ana. Apesar disto têm o valor de uma vivência empírica.

Talvez se possa afirmar que neste parágrafo a história do blog vai se misturando ou tornando-se equivalente à história de Ana. Uma história onde miscigenam-se o factual e o virtual.

> Mas parece que a vida quer mais um pouco de mim. Então ela prefere dar mais sacudida. E tudo aquilo que antes era rotina vai ficando para trás. O que me assusta e me deixa aflita de uma maneira que eu acho que ninguém imagina. Pequenas coisas que antes faziam parte do meu dia a dia e que agora dão lugar para os meus sonhos. Sinto falta de algumas coisas que hoje eu tive que abrir mão para cuidar do Apenas Ana. Como aquelas tardes preguiçosas em que eu ficava só assistindo TV. Ir pra casa das minhas amigas pra conversar fiado. Fotografar alguém sem se preocupar se a edição estava boa ou não. Coisas que, eu tento não deixar escapar, mas simplesmente se vão.

O "Apenas Ana" é um blog que demanda cuidado, atenção, dedicação, o que implica deixar de fazer outras coisas, tais como ficar a tarde na frente da televisão ou conversar com as amigas. Em outras palavras, a criação e escritura do blog implicam em algumas renúncias.

Os sonhos (que aparecem associados a criação do blog) trazem junto uma espécie de inevitabilidade, um movimento em que se é levado e não se pode interromper. A enunciadora vê-se obrigada ("*eu tive que*") a abrir mão de algumas coisas. Os sonhos ocupam o espaço das pequenas coisas que faziam parte do dia-a-dia. Tenta-se

evitar que essas perdas aconteçam, mas elas se dão mesmo assim. As "coisas" fogem. Apostar nos sonhos é algo que quebra uma rotina de que se sente falta.

O ponto que separa os períodos diferentes, o evento que causa o movimento, ou a "sacudida", para usar as palavras da autora, é a criação do blog. A vida antes das sacudidas é caracterizada pelas pequenas coisas que fazem falta, pelas tardes preguiçosas, pelas conversas fiadas na casa das amigas, pelas fotos sem edição. Todas estas têm em comum o fato de serem empíricas. A expressão "tardes preguiçosas", por exemplo, remete fortemente a uma dimensão sensorial. Ou seja, aquilo de que se sente falta é a sensorialidade.

Ao montar um blog, "cria-se" um universo e deixa-se de lado o prazer sensorial. A escolha do caminho virtual engendra uma espécie de "buraco", de "vazio". A expressão "*sinto falta*" sugere algo que se gostaria de retomar, algo que é da ordem da satisfação, da fruição. Existe uma dimensão aprazível da vida que foi necessário abdicar em nome do Apenas Ana. Mostra um aspecto não tão agradável no ato de se produzir um blog, algo que assusta e aflige.

O período inicial, caracterizado por Ana como "rotina", é constituído pela despreocupação, pela ausência de compromisso, pela experiência factual e pela vida "fora" da internet. Esta época é ocasião de prazer sensível que a virtualidade, ao que tudo indica, não consegue produzir ou substituir. Depois do blog surge a obrigatoriedade, o compromisso e a inevitável renúncia da satisfação sensorial de coisas simples.

> O pior é que mesmo quando eu me esforço para ser a melhor versão de mim mesma, sempre tem alguém para dizer que eu não fui capaz de algo. Mas tudo bem. Aprendi que sempre existirão pessoas que não são capazes de fazer o que você faz e elas vão te apedrejar como se você também não tivesse sido, mas você foi, e é isso o que importa. Então a gente tem que ser forte, sabe, eu tento ser forte. Erguer a cabeça e sair passando por cima de todos os problemas. Por que mudar não é fácil, mas é preciso. Nem sempre vai agradar à todos, mas tem que agradar à você.

Agora Ana descreve para seu leitor uma cena de antagonismo que acontece com um terceiro que faz uma má avaliação e que não a reconhece, apesar de todo esforço. Este personagem é alguém que está presente a todo o momento e por não ser capaz de fazer o que "*você*" faz, ataca, agride, apedreja.

Talvez se possa dizer outras vozes e não apenas a de Ana se fazem notar no parágrafo. A expressão "ser a melhor versão de si mesma" corresponde a uma espécie de fórmula que se poderia encontrar em manuais de autoajuda. Trata-se de uma espécie de discurso indireto livre, pois não é possível atribuir a responsabilidade pela a expressão a enunciadora ou a outrem.

É possível apontar o discurso indireto livre novamente mais a frente. Ana faz um sutil deslocamento do "eu" para o "você". Com isto produz um enlaçamento do interlocutor na cena descrita. Em outras palavras, o sujeito da ação do verbo não é mais apenas Ana, agora pode ser também o leitor ou qualquer pessoa. Cria-se um lugar possível de identificação. A descrição genérica das situações, sem referentes precisos ou concretos contribui para tal efeito, pois permite ao leitor "preencher" esses "espaços vazios" com suas próprias vivências.

Ana é alguém que por ter passado por todas essas situações, *aprendeu*. Ao falar para seu leitor, pode contar com a autoridade de sua própria experiência. Por esse motivo, pode se colocar no lugar de quem sabe o que é importante. Sabe também que, a despeito da opinião contrária dos opositores, foi sim possível "*ser"*. Assim, por ser detentora desse saber, Ana transmite ensinamentos: "*a gente precisa ser forte*", "*mudar não é fácil, mas é preciso*",

"*tem que agradar a você*".

O último parágrafo marca uma ruptura relação aos anteriores. Até então Ana vinha percorrendo o caminho de suas recordações e refletindo sobre sua história e sobre as mudanças. Já o extrato que estamos analisando, apoiado em uma cena de antagonismo ganha um ar prescritivo e motivacional, como se Ana estivesse dando algumas "lições de moral". Assim caberia perguntarmo-nos: em que momento surge esse discurso mais "pedagógico-moral"? Esta fala marcada por ensinamentos aparece quando Ana aponta:

- para aquilo que deixou de lado ao "entrar" na virtualidade;
- para o esforço que a "virtualização" exigiu dela;
- para os prazeres que deixou de ter;
- e também para uma espécie de incompreensão e não reconhecimento de seus esforços por parte do outro.

O esforço em questão é justamente aquele necessário para poder colocar-se na posição de quem tem algo para dar, para transmitir (como os ensinamentos, por exemplo). Ao que tudo indica, foi possível "*ser*" na medida em que se doa em que se concede algo virtualmente. Trata-se de um movimento que permitiu colocar-se como exemplo, embora isto implique renúncias. No entanto, pode-se perceber que Ana não encontra unanimidade no retorno, o que indica ter havido algumas expectativas (como a de reconhecimento ou de compreensão do esforço) que não se concretizaram. Ao menos, não em sua totalidade.

No texto não é possível identificar se essas pessoas que não a reconhecem e a apedrejam fazem parte do ambiente da internet ou da vida cotidiana. Essa não distinção reforça novamente a dimensão de virtualidade. É como se tudo se passasse nesse âmbito virtual. As situações que vai descrevendo após a criação do blog, assim como as ações que realiza, se dão todas "*no*" virtual. Ela *"é"* virtualmente. E isso é tudo. Esta é a cena, o quadro, que dá conta da intimidade, da identidade, do sofrimento. Depois da criação do blog, praticamente todas as dimensões da vida são descritas como acontecendo nesse âmbito virtual.

No esforço da virtualização deixou de lado a ocasião de prazer, renunciou à situação de ficar vendo televisão, jogar conversa fora com as amigas. No entanto aquilo que recebe em troca mostra-se algo um tanto quanto árido e "áspero", como por exemplo, a não unanimidade no reconhecimento por parte dos interlocutores.

Para retomar, talvez se possa dizer que esse discurso de "ensinamento" aparece nesse momento em que se fala das renúncias em nome do cuidar do blog. Ao que tudo indica, a virtualização trouxe junto, entre outras coisas, certa aridez e aspereza.

> E quando a gente percebe, tudo ao nosso redor mudou. Ou talvez o que mudou de verdade foi só o jeito como encaramos as coisas. Eu olho pra trás e vejo que sou a mesma de sempre. Mas estou vivendo uma versão renovada de mim mesma. Mudei minha vida pra agradar à mim mesma. O blog, minha câmera, meu corte de cabelo, a maquiagem que eu uso, as roupas que eu visto... Isso tudo é só consequência dos meus sonhos, do que eu sempre quis ser. Acordar de manhã e lembrar que você já não tem mais a mesma rotina não é fácil. Mas encarar isso com um sorriso no rosto - mesmo com aparelho ortodôntico - faz tudo isso valer a pena.
>
> Obrigada por tudo. ♥

Pode-se notar que Ana vai alterando o referente da palavra "mudança". No início do texto dizia

respeito à própria aparência. Depois tratava-se do entorno, do "nosso redor". Por fim, diz respeito ao modo como se encara a vida.

Aquilo que no extrato anterior aparece como uma tentativa, como o esforço de "ser a melhor versão de si mesma", agora aparece como algo realizado, ou seja, "estar vivendo uma versão renovada de si mesma". Neste momento, Ana atesta, apesar dos opositores, que foi possível "ser".

O extrato mantém o tom didático de transmissão de ensinamentos para o interlocutor. Ana mostra que pôs em prática a prescrição anterior, ela mudou sua vida para agradar a si mesma. Coloca-se novamente como modelo por meio de um sonho que realiza e apresenta sua própria experiência como "fiadora" em relação aos preceitos que transmite. Ana faz o que ensina e vice-versa.

Este último trecho permite pensar alguns aspectos a respeito da interlocução que se estabelece aqui. Poder-se-ia perguntar: quem é o interlocutor para quem Ana transmite ensinamentos? O final do texto sugere que seja, além do leitor do blog, a própria. Aquilo que se diz e se ensina, faz-se para outro, mas também para si. Aparentemente, produz-se uma espécie de fusão entre "locutor" e "interlocutor". Isto se atesta quando Ana fala de si por meio do uso dos termos "*a gente*", "*você*" e "*nosso*" e principalmente pelo agradecimento dirigido a um destinatário inapreensível, que não aparece como interlocutor na cena desse último extrato. Quem fez todas as coisas em relação a que se sente grata (a criação do blog, as renúncias) foi a própria autora do blog. Ana agradece a si mesma.

Retomando aspectos presentes neste e nos trechos anteriores, temos que o sonho, ou a criação do blog, ao mesmo que instaura o caminho da virtualidade, tem efeitos sobre a aparência, sobre o corte de cabelo, a maquiagem e a roupa que se usa. Mas tem outras consequências também. Concretizar os sonhos significa acordar cedo, não ter mais a mesma rotina, não ter mais as tarde preguiçosas ou as conversas fiadas com as amigas. O modo como Ana descreve o novo momento lembra uma rotina de trabalho, algo relativo a compromissos e obrigatoriedades. O blog e a virtualização que ele implica traz uma dimensão não tão aprazível e que "*não é fácil*", mas que precisa ser encarada. E o sorriso no rosto que se aprende a ter aparece como uma compensação frente a essa faceta não agradável.

4.3.5. O comentário: sintonia e ensinamentos

> CAROL MONTEIRO 26 de novembro de 2013 17:02
> Lindo o texto. A vida é assim mesmo, é cheia de mudanças, e quando a gente acha que tudo está certo, a vida vira tudo de cabeça pra baixo.
>
> DANIELA GOMES 26 de novembro de 2013 17:09
> Ana você é tão inspiradora. Nós devemos ser e fazer a mudanças que queremos, por só assim teremos aquilo que "almejamos". Algumas pessoas não encaram isso e fica invejando nossa mudança/movimento. ;)
> Continue assim, só querendo o seu bem e o bem de todos a sua volta. Quem quiser pegar a positividade pega, e quem não: dani-se! hahaha

As comentadoras acima identificam-se pelo nome. Ambas apresentam uma espécie de sintonia com Ana produzindo um comentário que parece acompanhar o movimento do texto de Ana. Elas reafirmam aquilo que foi

exposto; confirmam o caráter de mudança da vida, ou repetem a cena de antagonismo com um interlocutor que inveja. Assim, colocam-se no lugar de alguém que conhece a vida e mostram-se solidárias a Ana (no que diz respeito à esperança de mudança e rejeição da inveja).

> LARISSA SOUZA 26 de novembro de 2013 17:54
> Agr é oficiial,agente deve ter alguma ligaçao,pq ne,todos os textos que vc faz sao feitos pra mim! Sqn..mas ok / Sobre o texto de hoje...andei pensando esses dias msm,meu blog é novo (1 ano) ,mas depois q eu **entrei** pra mundo da blogosfera,eu passei a me interessar mais a ler sobre novas pessoas,pesquisar sobre moda,pensar maneiras de agradar **aquelas pessoas que sempre estao ali comigo,comentando no blog,mandando recados fofos e tudo mais**..meu pensanmento mudou,isso percebo pelos meus textos,minha forma de vestir tb,passei a ser mais critica comigo msm nesse ponto...Acho que toda mudança,por mais que agente acha ruim no começo,é satisfatoria algum dia..espero q vc continue crescendo como pessoa,pq vc é mt mais q uma simples blogueira e tal,vc ja se tornou parte do cotidiano de milhares de meninas como eu..Parabens por tudo Ana..bjs
> blog-cherrie.blogspot.com (Grifo e negrito nosso)

Larissa Souza escreve sem tomar em consideração a norma culta da língua, faz uso de abreviações e gírias (como "*Sqn*" que equivale a expressão "só que não"), o que confere ao texto o tom de escrita rápida e descompromissada.

A criação do blog produz o efeito de estabelecer novos interesses, tais como os de ler sobre novas pessoas, pesquisar sobre moda, agradar as pessoas que "estão" com ela. A "entrada" no mundo virtual engendra o desejo de saber sobre novas pessoas e a vontade de agradar, os quais são aspectos da ordem dos anseios de relação.

A criação do blog traz também mudanças ao pensamento e mudanças físicas. Tais aspectos percebe-se pelos textos e pelo modo de vestir.

Vale atentar que o extrato "*aquelas pessoas que estão **ali** comigo,comentando no blog,mandando recados fofos*" diz respeito à pessoas que Larissa se relaciona por meio da internet. No entanto, em função do uso do advérbio "*ali*", são descritas como se se tratasse de um contato presencial, como se se compartilhasse do mesmo espaço empírico. Curiosamente, a experiência de relacionamento por um meio virtual é vivida (ou pelo menos reconhecida) como empírica, com a materialidade da presença física.

O mesmo se dá com o verbo *entrar*. O uso deste termo confere ao blog o caráter de coisa material, de lugar que se entra e se sai.

Por fim, vale dizer que o comentário ao texto de Ana é também ocasião de fazer uma apresentação de si, de falar sobre si própria. Estabelece-se também uma ligação (a medida em que se deixa o link do próprio blog para que as pessoas que leem o Apenas Ana possa visitar) entre os blogs, o próprio e o que se lê.

> LAURA MARQUES 26 de novembro de 2013 18:49
> <3 eu sei, também estou numa fase de grandes mudanças, ainda não envolve meu blog, mas enfim...
> fico feliz que você considere a gente tanto assim!! tudo de bom Ana, e não se esqueça de ouvir Charlie Brown Jr. haah é muito inspirador para esses momentos. Eu descobri.
>
> Beijos
> http://o-doce-mundo.blogspot.com.br/

Laura inicia seu comentário como se estivesse continuando uma conversa e se reconhece na mesma

situação que Ana, ou seja, em fase de mudanças. Ao mesmo tempo, sente-se considerada (junto ao um grupo de pessoas) pelo texto de Ana. Assim como Ana e outras comentadoras, coloca-se no lugar de dar alguns conselhos.

> CAMILA VIEIRA 26 de novembro de 2013 22:23
> Ana sendo linda e inspiradora como sempre!
> Mudamos, re-mudamos e mudamos de novo, e aí está a beleza da vida! A magia de não permanecer na inércia de quem somos, mas nos reinventarmos a cada momento, criando novas metas, novos sonhos e novos sentidos de vida :)) Ser feliz, estar bem com a gente mesmo, se importar menos com o que outro fala, ter amor próprio, coisas que o Apenas Ana vem transmitindo, vem trazendo essa paz boa para dentro dos corações de muitas pessoas assim como o meu. E assim como você muda, nós mudamos também, mas independente de qualquer coisa permanecemos com essa essência bela de querer a mudança, de nós mesmas, do outro, e porque não do mundo?! Crescemos com você Ana, e muito bom fazer parte disso <3

Camila repete uma ação bastante comum nos comentários: o elogio. Ao mesmo tempo atribui a Ana o lugar de alguém que inspira aqueles que leem o blog. Na sequência "continua" o texto do blog que está sendo comentado e se põe no lugar de ensinar e mostrar onde está a beleza da vida.

Ao mesmo tempo, Camila, pelo uso do "nós", se faz porta-voz de um grupo, possivelmente o das leitoras do blog "Apenas Ana". Sugere uma tipo de vinculação em que, por meio do blog, aquilo que acontece com Ana, também ocorre com as leitoras.

Como se pode ver, o comentário por vezes toma por referência o texto principal como uma forma de guia de temática a ser discutida. Ao mesmo tempo, os comentadores podem repetir alguns posicionamentos da escrevente do blog, como a de transmitir ensinamentos.

4.4. Blog Mundo dos depressivos

4.4.1 A construção de si como uma "categoria": o "eu-deprimidos"

Comecemos a análise pelo página de apresentação do blog.

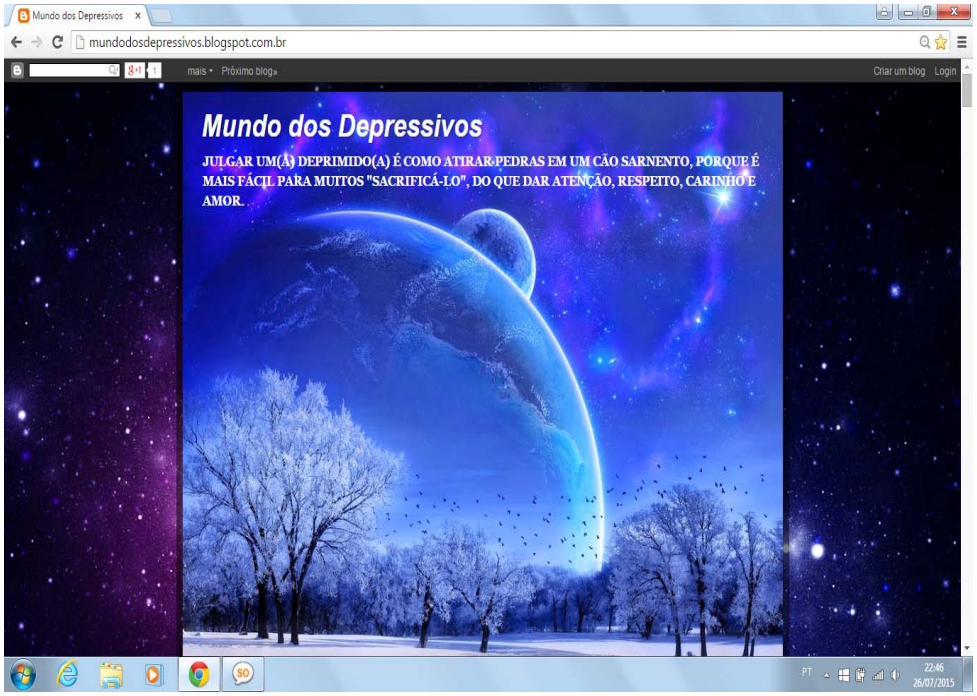


Figura 1 - Página inicial do blog Mundo dos Depressivos

A construção do layout inicial do blog conjuga texto e imagem. Ao que tudo indica, ambos são solidários na construção de um determinado *ethos*. Esses elementos exercem uma relação de cumplicidade e complementariedade, pois o texto faz a imagem ser pensada como uma representação possível do mundo dos depressivos e a imagem por sua vez agrega ao texto uma "dimensão afetiva" ao texto e ao blog.

O fundo do blog é preenchido por uma imagem do espaço sideral repleto de estrelas, o que confere uma tonalidade escura para a página. De uma forma geral é feito um uso de cores de pouco contraste e a imagem, em seu conjunto ganha um aspecto quase monocromática.

A imagem central apresenta uma visão da superfície de um ambiente coberto por neve e com algumas árvores. Além disto, não é possível identificar pessoas ou qualquer referência humana (como um prédio, um carro, dentre outros). Diante desta imagem o leitor não encontra "parceiros" humanos. O texto pode fazer com que o leitor acabe por buscar na imagem elementos socialmente associados à depressão, como a impressão de um ambiente frio e a ideia de solidão.

A imagem abrange também uma perspectiva do céu, o qual mostra planetas em sobreposição, alinhados, mundos diferentes, o que parece estar em sintonia com o próprio título do blog: Mundo dos depressivos. A imagem confere certa "personalidade" ao blog e ao mesmo tempo o blog apresenta uma representação possível da

depressão, ou mais precisamente, do mundo dos depressivos.

O *ethos* construído por meio desta somatória de elementos apresenta (coloca ao alcance, expõe) para o conjunto de leitores potenciais, uma "realidade" específica, em um universo de sentidos, ideias ou estereótipos associados à depressão, funcionando quase como um "convite à interlocução" para aqueles que venham a se identificar.

O modo como o enunciador faz uso da linguagem (lançando mão inclusive de elementos intersemióticos, tais como figuras, texto, cores) constrói uma imagem que permite a um interlocutor eventual aproximar-se e até "ocupar" a mesma posição do enunciador. É facultado ao leitor reconhecer-se por meio desta ou daquela característica da imagem construída, não exatamente do enunciador, mas de um "lugar depressivo". Podemos perceber, portanto, a produção de subjetividade por meio (ou concomitantemente) ao engendramento e acionamento de um *ethos*.

O layout inicial não constrói a imagem de um sujeito específico, como foi possível ver no "Apenas Ana" onde existem elementos que identificam um indivíduo particular (fotos pessoais, nome, naturalidade, gostos, atividades) e que associam a ele um determinado *ethos*. Ao que tudo indica, esta página de apresentação constrói um "lugar", um *ethos* como um universo de sentidos que o leitor pode aderir (se identificar) ou não.

Detenhamo-nos no "subtítulo" do blog.

> JULGAR **UM(A) DEPRIMIDO(A)** É COMO ATIRAR PEDRAS EM UM CÃO SARNENTO, PORQUE É MAIS FÁCIL PARA MUITOS "SACRIFICÁ-LO", DO QUE DAR ATENÇÃO, RESPEITO, CARINHO E AMOR. (grifo nosso)

A palavra "deprimido", embora encontre-se hoje completamente inserida nos usos verbais cotidianos, pode ser pensada como um termo que tem origem em campos específicos do conhecimento como a medicina, a psicologia, a psiquiatria. No trecho, assim como em todo o blog, o termo aparece menos com uma função diagnóstica e sim como um modo possível de ser, de dizer de si. Um modo de dizer de si com as palavras do "diagnóstico".

Vale notar que o uso do artigo indeterminado confere ao termo um caráter genérico. "Um deprimido", não se refere a um indivíduo específico, mas a uma classe. Desta maneira, aquilo que é dito aqui não se estende apenas ao enunciador (que por suposição integra o grupo), mas ao conjunto de pessoas classificáveis como tal.

Esta categoria, a "dos deprimidos", já surge sob a mira das pedras e do julgamento de muitos. Aparentemente, a cenografia é caracterizada por uma espécie de antagonismo entre duas instâncias:

- uma que julga, agride e considera o "deprimido" como um "cão sarnento" ao qual cabe apenas sacrifício, que joga pedras ao invés de carinho.

- outra que é vítima das pedradas, do julgamento e que não recebe a atenção e o respeito que, aos olhos do enunciador, mereceria.

A cena em relação a qual o interlocutor é levado a presenciar e a testemunhar, é aquela de uma situação de injustiça produzida pelo "muitos" contra o deprimido.

Continuaremos nossa análise a partir de um trecho da autoapresentação do escrevente.

> Dias sombrios de uma mente atormentada, atormentada pelo silencio da ignorância e pelos gritos da estupidez social, mentes que não entendem e não sabem compreender o sofrimento alheio, usam o julgamento falacioso como única arma para combater esse mal que já é considerada a doença do século, a depressão.

No extrato, aparece uma caracterização dos dias, a qual é construída menos por descrição de fatos concretos e mais por uma "impressão subjetiva". O interlocutor é colocado em contato com uma dimensão temporal. Aquilo que é vivido tem uma duração, permanece por dias. Além disto, tem a qualidade de ser sombrio. O tom pesaroso confere dramaticidade à cenografia. É como se o interlocutor fosse colocado em contato com uma dimensão de vivências subjetivas.

É importante notar que os "dias sombrios" dizem respeito a *uma* "mente atormentada". Esta indeterminação causada pelo pronome não permite que se atribua essas vivências exclusivamente ao enunciador. Trata-se de algo que diz respeito a uma espécie de categoria que pode abarcar ao enunciador, mas também à todo o grupo de pessoas deprimidas. Aparentemente o enunciador não fala só em nome de si. Ele não fala em nome de seu "eu", ele fala em nome de muitos outros "eus". É como se ao enunciar desta maneira, "Superman" construísse um "si" que é "múltiplo", um "eu" como categoria, um "eu-depressivos". Apresenta-se um sujeito que pode ser todos, mas não é ninguém ao mesmo tempo, pois se constrói uma imagem que se presta a dizer de todos os depressivos, mas não permite identificar nenhum, nem mesmo, o próprio enunciador.

4.4.2 A potência do dizer: as palavras usadas como armas

Neste subitem gostaríamos de pensar as atribuições de lugares feitas pelo enunciador aos depressivos, à sociedade, ao leitor do blog e a si mesmo. Vamos retomar abaixo o texto de abertura do blog.

> JULGAR UM(A) DEPRIMIDO(A) É COMO ATIRAR PEDRAS EM UM CÃO SARNENTO, PORQUE É MAIS FÁCIL PARA MUITOS "SACRIFICÁ-LO", DO QUE DAR ATENÇÃO, RESPEITO, CARINHO E AMOR.

O estatuto pragmático do extrato é curioso. Apesar de colocado como um subtítulo na página inicial do blog, ele não exerce a função de complementar o título e descrever o assunto a ser tratado. Configura-se na verdade como uma espécie de aforismo, de "ensinamento" que revela como são e o que fazem os "muitos". Talvez não seja ousado dizer que o trecho sutilmente se coloca como revelando o caráter questionável deste grupo constituído pelos "muitos". Assim, o trecho parece configurar-se como uma sentença que traz uma denúncia e também uma crítica, um juízo. O enunciador, na medida em que acusa, também coloca-se em posição de quem pode julgar a ação de "muitos".

É importante também dar destaque ao uso de metáforas ("[...] atirar pedras em **cão sarnento**[...]" e "[...] **sacrificá-lo** [...]") conferem certa agressividade ao texto. O aspecto gráfico do extrato (ser escrito com letras maiúsculas) parece reforçar este efeito.

> Quase não existe a compreensão amiga, quase não existe a amizade verdadeira, isso está se perdendo devido a rotina e a correria da sociedade, isso é o resultado desse mundo globalizado, um mundo em que prevalece a lei da selva.

> Muitos criam seus próprios mundos para tentar fugir dessa rotina chata, sem graça e solitária com que passa milhões de mentes atormentadas em busca de paz e compreensão, mas até nisso a sociedade é cruel, nos taxam de loucos, preguiçosos e tatuam permanentemente um código de barras em nossas testas para que outras pessoas vejam e possam **nos** identificar com maior facilidade e assim vai se juntando mais e mais gente até que a multidão já formada grite palavras que nos incentive ainda mais a desistir de nossas vidas, é como se estivéssemos a beira de um precipício e alguém simplesmente nos empurram para o buraco do silencio eterno (grifo nosso).

Mais uma vez emerge a denúncia, agora evidenciando a correria e a crueldade da sociedade, os resultados do mundo globalizado, um mundo em que prevalece a lei da selva. No segundo extrato, "Superman" se põe representante dos milhões de mentes atormentadas, em nome de quem toma a palavra. O uso do pronome "nos" mostra que ele se inclui como um dos membros desse conjunto.

Os extratos permitem caracterizar as instâncias em antagonismo. De um lado haveria o grupo formado pelos muitos atormentados em busca de paz que são sujeitos aos maus-tratos e a arbitrariedade da sociedade. São incompreendidos, não tem paz, são taxados de loucos, são rotulados para serem identificados mais facilmente e até estimulados a desistir da vida. Na escritura do enunciador, o lugar em que os deprimidos surgem é o de vítimas e de pacientes em relação às crueldades dos agressores.

Por outro lado, as palavras de "Superman" constrói um lugar de agressor, representado pela sociedade, um personagem indeterminado (não há como identificar quem sejam estas pessoas "cruéis"), mas que é ativo, pois age de diferentes maneiras para atacar as mentes em busca de paz. Para falar destes personagens "Superman" constrói oposições: agressor/agredido, agente/paciente, opressor/vítima.

No entanto, não podemos deixar de apontar que ao construir a cena desta maneira, "Superman" se coloca em um lugar ativo, uma posição de quem sabe das coisas e pode denunciar. Uma denúncia que desqualifica o "opressor" na medida em que revela suas ações condenáveis.

> Eu culpo mais o sistema do que as pessoas, apesar de as pessoas contribuírem abundantemente com esse sistema podre e ineficaz, onde o poder do dinheiro prevalece, o egocentrismo, a hipocrisia, o egoísmo e a inveja nos fazem ficar mais fracos de espírito e nos consomem feito um câncer em sua fase terminal.

Agora "Superman" já se atribui um lugar de peso. O daquele que pode julgar e dizer quem é o culpado por tal estado de coisas. O enunciador constrói "vilões". Esta atribuição desliza sutilmente de uma personagem para outro: o sistema, as pessoas, o poder do dinheiro, o egocentrismo... Tais agentes são inespecíficos, genéricos e não identificáveis. Eles exercem a ação de prejudicar um determinado grupo de pessoas no qual o enunciador se insere: o "nós".

Este grupo também guarda razoável grau de indeterminação, pois não é possível saber de quem se trata, a não ser pelo enunciador. "Superman", no entanto, se põe representante desse grupo de pessoas que têm sua fraqueza potencializada pela ação dos já referidos vilões. "Superman" é o porta voz do grupo e exercer a função de escancarar esta situação de injustiça para todos os leitores do blog.

O enunciado é construído por meio de imagens que causam certo impacto: "*sistema podre e ineficaz*",

"*nos consomem feito um câncer em sua fase terminal*". Tal aspecto confere um teor de dramaticidade ao texto. São expressões carregadas de agressividade, como se visassem a atingir e ferir um determinado oponente. Palavras usadas como denúncia e arma.

> A vida para alguns pode ser repleta de privilégios, repleta de oportunidades e alegrias, isso os tornam felizes e dignos de serem respeitados pela sociedade. Mas e para aqueles que não "conseguem" viver a vida como normalmente ela é vivida?
>
> Para esses a vida é implacável e cruel, ela nos ensina a duras penas de que se não lutarmos por nossos sonhos sozinhos, não agirmos como querem a sociedade, com certeza iremos desaparecer, cairemos no ostracismo e na ignorância daqueles que nos julgam, que tentam nos converter a crença deles achando que esse é o único caminho, que dão concelhos (sic) arrogantes, que nos perturbam com lições(sic)zinhas de moral, e bate papo furado.

A força da escrita de "Superman" também aparece na distribuição de lugares na cena montada. A oposição entre um grupo que tem muito e outro que não tem nada e precisa se esforçar para superar uma desvantagem, serve como forma de acusação e ataque. Além da denúncia, pode se perceber a desqualificação e anulação das crenças, dos conselhos, das lições de moral e do bate-papo do antagonista.

4.4.3. O elogio da depressão

Um dos aspectos que pudemos delinear a respeito da escrita de "Superman" foi o lugar atribuído a si e também a própria condição depressiva, tomada por vezes como uma forma de diferenciação. Acompanhemos.

> **Um Pouco de Mim.**
> Sou um ser humano da espécie Homo Sapiens, uma pessoa comum, um pensador liberto e ateu, mas não sou igual a ninguém, minha impressão digital, arcada dentaria, íris, saliva e sinais(tenho um sinal em forma de barata nas costas) provam isso (grifo do autor).

O título que aparece aqui ("Um pouco sobre mim") sugere um texto com um caráter auto descritivo e com um tom despretensioso ("falar um *pouco* e não *tudo* sobre si").

Embora se apresente como pertencente a um mesmo grupo que todos indivíduos, o enunciador apresenta-se como diferente. O enunciador traz elementos de diferenciação, aspectos que são tidos socialmente (e também cientificamente) como marcas físicas da singularidade de um indivíduo. Desta forma, esta qualidade estende-se ao próprio enunciador, ele é único. Até mesmo aquilo que ele tem nas costas em forma de barata é um "*sinal*" de sua distinção em relação aos outros seres humanos.

As diferenciações não físicas aparecem por meio de oposições implícitas. O enunciador também se distingue daqueles que são não libertos (pensadores) e não ateus, sugerindo inclusive, pela justaposição, uma ligação entre estas duas características.

O enunciador apresenta-se por meio de um jogo de inclusão/exclusão. Por meio de uma categoria taxonômica (espécie) insere-se em grupo, o dos seres humanos, e logo retira-se por meio de marcas que atestam (quase que biológica e "juridicamente" – se pensarmos nas digitais) sua distinção. Produz-se dois conjuntos de pessoas, o que ele se insere e é composto por um único elemento e o formado por todos os representantes da espécie.

> Dias sombrios de uma mente atormentada, atormentada pelo silencio da ignorância e pelos gritos da estupidez social, mentes que não entendem e não sabem compreender o sofrimento alheio, usam o julgamento falacioso como única arma para combater esse mal que já é considerada a doença do século, a depressão.

A cenografia é marcada pelo antagonismo entre duas "instâncias": uma "mente" versus muitas "mentes". O grupo constituído pelas "mentes" é caracterizado como aquele que julga, que não entende e que usam armas contra as pessoas deprimidas. Novamente aparece um modo de enunciar que é uma espécie de denúncia. A descrição da ação do "agressor" é feita por meio de metáforas que envolvem sensorialidade ("silêncio, gritos"). No entanto, o ato concreto, a ação retratada como injusta não é apresentada, ficando a cargo de o interlocutor supô-la.

Vale notar o modo como o enunciador escreve sobre a depressão no trecho "[...] como única arma para combater esse mal que **já é considerada** a **doença do século** [...]"(grifos nossos). O uso da voz passiva ("considerada") tem como efeito retirar do enunciador a responsabilidade pelo que se diz e conferir legitimidade ao enunciado, pois lhe atribui o valor de algo já estabelecido. Trata-se de uma polifonia (a voz que se faz ouvir não é propriamente a do enunciador) que permite conferir um estatuto de verdade a um enunciado que, embora designe a depressão como patologia, lhe dá um lugar de importância: não é qualquer doença, é a doença do século.

> Algumas pessoas tem a sorte de ter alguem ou mais que um alguem que tentam e até conseguem tirar aquele que sofre da rotina costumeira, mas acredito eu que raridades como essa são difíceis de ocorrer, também não tenho a certeza absoluta se alguem consegue ajudar um deprimido(a) a sair do casulo em que este está envolvido, fruto deixado pela maioria da sociedade, é comum entre nós depressivos termos recaídas, mas até o amigo(a) que está convivendo a muitos anos **com você caro leitor**, é difícil para ele entender (grifo nosso).

O "deprimido" aparece nas palavras de "Superman" como alguém que sofre e novamente em uma posição passiva, impossibilitado de reação, envolvido pelo casulo deixado pela sociedade. Denuncia-se uma ação de quase anulação da sociedade sobre o deprimido.

No entanto, vale atentar para o lugar que "Superman" atribui a si mesmo ao fazer tais afirmações. Aquele que faz uma denúncia coloca-se no lugar de quem sabe de algo que não é de conhecimento de outras pessoas. Ao mesmo tempo, podemos ver pelo trecho em negrito que o enunciador interpela diretamente o leitor do blog, transmitindo-lhe um ensinamento, uma advertência, portanto, portador de um saber.

Além disso, a ação renitente de "Superman" em mostrar o deprimido no "casulo", no lugar de vítima e impossibilitado de movimento, acaba sendo uma forma de resistir ou de anular a ação do opressor sobre ele.

Assim, ao contrário do que poderia parecer em um primeiro momento, o lugar de "Superman" está longe de ser um lugar de passividade ou de alguém imobilizado, anulado. Seu lugar é o alguém ativo, que pode denunciar, explicar coisas ao leitor, atribuir à sociedade a responsabilidade pelo sofrimento dos depressivos, resistir e anular a ação maléfica dos "muitos". O blog e, principalmente, o modo como toma a palavra, permitem que "Superman" ocupe um lugar de força.

É importante direcionarmos nosso olhar para o lugar atribuído ao interlocutor do blog. O trecho grifado também permite asseverar que a ele é dado o estatuto de "leitor", de depressivo, de alguém na mesma situação de suposta opressão por parte dos "muitos" e que agora está sendo *esclarecido* por "Superman" a respeito de sua condição.

“Superman” vai ensinando ou revelando para o interlocutor como é a sociedade, a injustiças impostas ao deprimido, as mazelas da condição depressiva, “desvendando” como o mundo é, e como trata os depressivos. A fala do enunciador para o leitor assume um caráter de conclamação, quase um chamamento para uma causa. Autorizando-nos a licença de fazer alusão a uma obra clássica, poderíamos dizer que o blog fica próximo de assumir a conotação de um “manifesto depressivo”.

quinta-feira, 22 de janeiro de 2015

Eu Tenho Que Ser Forte.

Figura 3 - Página de história em quadrinho de Superman

Tenho que acreditar em mim e ter esperança!

Postado por *Superman* às *23:17*
6 comentários:

Nesta postagem podemos ver como "Superman" faz uso de outros recursos que não só o texto para falar sobre si. A imagem escolhida se encaixa perfeitamente na temática discutida. O escrevente fala de si por meio de uma produção de outrem. A figura permite materializar simultaneamente a figura de um depressivo, assim como a de "Superman".

O quadrinho monta uma cenografia em que é sugerido que um dos personagens está prestes a se suicidar quando um super-herói aparece. Na cena o super-herói ocupa o lugar de alguém que dá apoio e ensina ao personagem que ele é forte. Por esta fala fica pressuposto que o personagem se supusesse "fraco" equivocadamente.

O texto em seguida da tira (assim como próprio título da postagem) escritos por "Superman" é consoante com a imagem. No trecho, o escrevente mostra-se em uma espécie de solilóquio motivando a si próprio. Ao dizer a si mesmo que precisa ser forte, pressupõe-se que não se considere como tal. É interessante notar que por este texto o escrevente exerce o papel dos dois personagens do quadrinho. Poder-se-ia supor uma identificação do escrevente com o personagem "depressivo", por não se acreditar tem si (sua escritura poderia muito bem ser uma fala do personagem), mas também com o super-herói, seja pela alcunha autoatribuída ("Superman") quanto pela ação realizada pelo herói de motivar, incentivar. O escrevente "faz as vozes" dos dois personagens.

segunda-feira, 17 de agosto de 2009
Saudades, Tristeza, Apatia e Depressão.

Saudades daqueles bons tempos que não voltam...
Boas músicas, bons amigos, bons lugares e por aí vai.
Acho que antigamente as pessoas tinham mais tempo para se descontraírem umas com as outras, tinha mais altruísmo, se importavam mais uns com os outros...

Hoje em dia ninguém tem tempo pra mais nada, é tudo uma correria.
Será que no futuro será pior ainda ou as coisas irão melhorar?

O texto acima é a primeira postagem do blog. Aparentemente, mostra-se em uma espécie de estado de nostalgia e a cenografia montada tem o tom de uma reflexão. Monta uma dicotomia presente/passado. O que poderia ser reconhecido como bom já se perdeu, ficou no tempo pretérito e não volta mais. O tempo do qual faz parte "Superman" é aquele em que não sobrou nada que pudesse ser satisfatório ou bom. Aparentemente, fica sugerido que o que era bom está perdido, está fora do alcance do escrevente.

Vale notar que "Superman" constrói uma fala genérica, pois não explicita quais eram as situações, pessoas ou músicas boas, assim como não se pode saber qual é o referente do "ninguém" no presente. O escrevente produz um texto que não é apoiado em situações concretas, mas apenas em pensamentos e reflexões. Reflexões que, ao que tudo indica coloca tudo o que é bom de um lado (passado, perdido, inacessível) e tudo o que não é bom de outro (presente, momento em que se insere o escrevente). Não há intercâmbio.

Recuperemos um extrato já discutido

Eu culpo mais o sistema do que as pessoas, apesar de as pessoas contribuírem abundantemente com esse sistema podre e ineficaz, onde o poder do dinheiro prevalece, o egocentrismo, a hipocrisia, o egoísmo e a inveja nos

fazem ficar mais fracos de espírito e nos consomem feito um câncer em sua fase terminal.

Agora "Superman" já se atribui um lugar de peso. O daquele que pode julgar e dizer quem é o culpado por tal estado de coisas. Além disto, o escrevente se põe representante de um grupo de pessoas (os depressivos) que têm sua fraqueza potencializada pela ação dos já referidos vilões. "Superman" é o porta voz do grupo. Vem exercer a função de escancarar esta situação de injustiça para todos os leitores do blog, para o mundo.

> Não gosto muito de mudanças, mudanças no geral, pelo menos no meu caso, foi muito ruim pra mim.
> Perdi o censo de orientação, perdi muitos amigos, reencontrei alguns, os perdi novamente, devido à mente de alguns que não nos compreendem mais como antes e simplesmente nos afastam como se eles fossem a água benta e nós os demônios.

No extrato acima repete-se a configuração que vem constituindo a cenografia: um antagonismo entre um "vilão" e um indivíduo alvo/vítima de ações prejudiciais. O deslocamento do papel de antagonista também reaparece. Ora são as mudanças, ora são as mentes que não compreendem mais como antes. O escrevente novamente se coloca como alguém que teve muitas perdas. Aparentemente "Superman" é alguém que se encontraria sem acesso às coisas boas do passado, aos amigos e ao censo de orientação. Mas por outro lado, é portador de uma voz potente, acusatória e que se põe como a possibilidade de fala de uma multidão de depressivos. E, é sua própria condição que lhe faculta esse lugar.

Novamente não há referência a situações concretas.

> A amizade hoje em dia é muito difícil de preservá-la, temos que dar algo em troca antes de obtê-la...
>
> Por exemplo: dando alguma coisa ou ainda mostrando que você tem algum valor pra oferecer a esse ser, senão você não se encaixa, é como uma peça defeituosa, não presta mais, então é jogado fora.
>
> É triste, mas a realidade é essa (pelo menos para mim).

O extrato denuncia o grau de vilania (ou "crueldade") dos opositores. O sujeito de verbo muda do "nós" para o "você", configurando um discurso indireto livre. Com isto, o interlocutor também pode ser incluído nesse lugar de quem é descartado como uma peça defeituosa. O leitor está sendo, novamente, instruído sobre o que fazem com ele.

O trecho "É triste" pode ser entendido como uma espécie de polifonia, é como se o escrevente concordasse com uma opinião do interlocutor e reafirmasse que é assim que as coisas são ("é triste mesmo, mas é assim").

"Superman" se coloca aqui no lugar de alguém que consegue apreender uma verdade, ou melhor, ele pode saber como é a realidade. Com isto, esclarece o leitor a respeito de um fato que ele pode eventualmente não conhecer. Novamente, este entendimento de "Superman" está associado a sua condição de depressivo. Abaixo retomaremos um trecho já trabalhado.

> sexta-feira, 21 de agosto de 2009
> **A Felicidade é para Poucos.**

> A vida para alguns pode ser repleta de privilégios, repleta de oportunidades e alegrias, isso os tornam felizes e dignos de serem respeitados pela sociedade.Mas e para aqueles que não "conseguem" viver a vida como normalmente ela é vivida?
>
> Para esses a vida é implacável e cruel, ela nos ensina a duras penas de que se não lutarmos por nossos sonhos sozinhos, não agirmos como querem a sociedade, com certeza iremos desaparecer, cairemos no ostracismo e na ignorância daqueles que nos julgam, que tentam nos converter a crença deles achando que esse é o único caminho, que dão concelhos (sic) arrogantes, que nos perturbam com lições zinhas de moral, e bate papo furado.

O primeiro extrato inicia-se fazendo uma caracterização de um grupo de pessoas que possuem uma série de vantagens em relação à outro conjunto. Tal diferença não é reconhecida como fruto da ação própria destes indivíduos, ou seja, não advém de um mérito. São os privilégios que as tornam felizes e dignas de serem respeitadas. Trata-se de sorte ou de benefícios que não atinge a todos. Configura-se portanto uma situação de desigualdade.

Por meio do uso das aspas no trecho "conseguem", "Superman" faz ouvir a voz do antagonista que julga o depressivo um incapaz. Não é o escrevente quem faz esse atribuição, mas sim o vilão ou os vilões.

Existiria, portanto o grupo daqueles que são privilegiados e o grupo das pessoas representadas agora por "Superman". Para estes é necessário lutar sozinhos frente ao risco do ostracismo e da ignorância do outro. Além disso, "Superman" desqualifica o opositor ("[...] dão concelhos (sic) arrogantes, que nos perturbam com lições zinhas de moral" [...]") e faz uma valorização do grupo dos depressivos. Esta valorização se dá até mesmo pelo fato de serem desprestigiados. Precisam superar uma situação de desigualdade. São lutadores.

Como "Superman" faz parte deste grupo que precisa lutar talvez se possa dizer que a escritura do blog se insira nesse movimento de combate, enfrentamento, resistência. Pode-se dizer que o escrevente, se faz um guerreiro por meio de suas palavras.

> **A felicidade é pra poucos**, **eu vejo as outras pessoas felizes** e morro de inveja, sei que eles não são felizes todo tempo, estou ciente disso, mas eu não consigo me conter. (grifo nosso)

A felicidade é algo que está ligado aos outros e não a "Superman". O sentimento de felicidade é um dos elementos que diferencia o escrevente das outras pessoas. Vimos até agora que "Superman" faz uma distinção e valorização simultânea da figura do deprimido e que a depressão surge como uma condição que permite a percepção da realidade, o exercício de uma função crítica e da denúncia. Considerando tais aspectos, autorizamo-nos a dizer que se a felicidade é para poucos, a depressão (entendida como esta condição distintiva e potencializadora do entendimento do indivíduo) também é.

> Muita gente quando me olham vêem alguém que não possui nada, me olham com aquela ironia que todo depressivo percebe na hora, é como se eles me dissessem que eu deveria me envergonhar por eu ser assim e que eu deveria olhar para a situação das outras pessoas para eu me sentir bem.É horrível isso, eu realmente estou cansado de tudo.

O enunciador constrói uma cena em que é observado, é alvo de olhares depreciadores e que carregam mensagens e assim a cena de antagonismo se instaura novamente. Fazer parte do grupo (e do mundo) dos depressivos não é algo de que o escrevente sente vergonha, como atesta o uso do futuro do pretérito ("deveria"). Considerando os escritos anteriores de "Superman", diríamos que o sentimento em relação a esta condição (embora sofrida) está mais

próximo de uma espécie de orgulho. Fazer parte deste grupo é o que faculta ao escrevente ter uma apreensão da realidade do mundo, exercer uma função crítica, denunciar vilões, ensinar e esclarecer seus pares, mostrar-se forte e capaz de, por meio de suas palavras, anular a ação de seus opositores. Assim, ao invés de qualquer depreciação de sua condição, o que "Superman" faz é um elogio da depressão.

4.4.4. A produção do segredo na exposição de si

Acompanhemos agora de que maneira o escrevente vai produzindo uma série de lacunas em seu discurso, uma intrigante e paradoxal forma de anunciar e não revelar.

> **Me chamem** de "Superman", porque preciso ter a resistência de um super-herói para resistir ao cotidiano da minha vida e também para continuar a manter minha própria existência.
> Superman é o meu super-herói favorito.
> Também sou alguem que possue sentimentos, sentimentos variados, mudo de humor constantemente. (grifo nosso)

Pode-se perceber que o enunciador ao falar, constrói um interlocutor plural, ou melhor, um conjunto de interlocutores, os quais poderiam ser representados pelo pronome "vocês". Este grupo de interlocutores, interpelados diretamente, é suposto como pessoas que eventualmente vão chama-lo, que vão se dirigir a ele. É como se já houvesse de saída uma convicção de interlocução. O blog permite que "Superman" reconheça-se como alguém que tem leitores que vão conduzir-se a ele.

O enunciador não se apresenta pelo nome próprio, mas por uma "identidade secreta". "Superman" fala sobre seu cotidiano e sobre sua existência, mas não mostra quem é. Se por um lado o trecho traz pressuposto à "necessidade" de explicar o porquê da alcunha "Superman", por outro o enunciador aparenta não ver motivos para explicitar o porquê do uso de um pseudônimo.

Até aqui foi possível perceber que "Superman" se apresenta por meio de uma diferenciação entre si e os outros seres humanos, por meio de seu pseudônimo, de suas preferências (o super-herói preferido) e por suas variações emocionais. Por outro lado, abre mão de identificar-se e de explicar o motivo dessa decisão. É como se "Superman" constituísse uma imagem de si por meio de um jogo simultâneo de revelar/ocultar. Estabelece assim um limite em relação ao que o leitor pode saber dele. Retomemos um extrato já discutido.

> Eu não sou feliz, acho que nunca serei, estou quase entrando em conformidade com isso, não sou feliz desde que me entendo por gente, para ser mais especifico, desde os meus quatro anos sou assim.

No extrato, "Superman" se apresenta pelo "negativo", por aquilo que ele não é. Ele não apresenta o que ele "é". Como a temática da felicidade é usada pelo enunciador como referência para se definir.

Apresenta a idade de quatro anos como o momento a partir do qual se tornou "assim". No entanto, não explicita a razão disso. Novamente, tem-se a alusão a algo que não é apresentado.

> Aproveito a solidão para digitar palavras que me aliviam um pouco desse sofrimento, desses pensamentos perturbadores e da vida que sempre tive desde os meus quatro anos.

"Superman" faz referência a seu sofrimento e à pensamentos perturbadores. Introduz estes elementos, mas não os especifica e não diz a que se referem. Ao mesmo tempo não explica por que sua vida teria assumido esta forma aos quatro anos. Novamente sua fala se constitui por meio de uma alusão sem referente. "Superman" mostra que há dimensões de sua vida que não são aqui reveladas. Ao fazer isto, "produz" um segredo. Talvez se possa pensar que se engendra no próprio discurso âmbito privado ou mesmo uma intimidade em termos de segredo.

4.4.5. Blog: "lugar" de comunicação com um mundo e onde não se é estrangeiro

Desde a página de apresentação, como pudemos discutir, produz-se uma aproximação entre as ideias de blog e mundo. A associação entre estes elementos ao longo do site é renitente. Vejamos o trecho final da auto apresentação, momento em que "Superman" encerra com votos de boas vindas:

> Sejam bem vindos ao meu mundo, mas ele é de vocês também.

Podemos ver no extrato um grupo de pessoas sendo tomadas como interlocutoras ("vocês"). Esta frase que serve para encerrar o texto chamado "Sobre mim" também cumpre a função de apresentar o mundo de "Superman". O que se falou até então compõe o mundo do enunciador.

Se o mundo de Superman é o "Mundo dos Depressivos", o interlocutor está sendo tomado como alguém que faz parte desta categoria. Por isso se pode dizer que este mundo também lhe pertence. É como se o enunciador tivesse produzido uma imagem de si, um *ethos* que agora atribui também aos interlocutores, engendrando uma espécie de ligação com estes. "Superman" e seus interlocutores compartilham uma condição em comum. Se o blog e o *ethos* constituído desta forma facultam uma vinculação virtual com alguém (o leitor), no âmbito da vivência "off-line" não aparecem referências de contatos agradáveis. Cita-se apenas a solidão.

> A solidão é minha companhia na maior parte do meu tempo, aproveito esses momentos para escrever e passar alguns dos meus sentimentos contidos **dentro de mim para** o blog e assim compartilhar com **o mundo** a minha existência e minha vida atormentada e sem graça. (grifo nosso)

Cria-se também um si que possui um "lado de dentro", um si que é continente de sentimentos que podem passar de dentro para fora, ou melhor, para o blog. É como se houvesse uma equivalência entre o blog e o lado de fora. Ao mesmo tempo, passar para o blog é compartilhar com o mundo, outra equivalência. Estas aproximações nos permitem delinear um reconhecimento que se dá no extrato: o blog é o mundo.

Pode-se dizer também que o alvo da fala é inespecífico e generalizado. "Superman" busca

compartilhar sua existência, não com algumas pessoas ou um grupo em particular, mas com o mundo.

O blog aparece como o meio pelo qual se pode compartilhar alguns sentimentos. Como dissemos não há referências, por exemplo, às conversas com amigos ou pessoas próximas no âmbito da vida não mediada pelo computador. Aparentemente é o blog o que torna possível uma comunicação com outrem, sem ela isso não aconteceria. É como se não houvesse outra forma de mediação ou outro canal de ligação com o mundo a não ser pelo blog.

Vale ainda atentar o uso de uma espécie de paradoxo ("a solidão é minha companhia") como figura de linguagem na construção do texto.

O texto que se segue apresenta o modo como "Superman" descreve seu próprio blog.

> Sobre o Blog.
>
> O blog não tem nenhuma meta, não é um livro virtual de auto-ajuda, o considero um diário da minha vida cotidiana e desabafos.
>
> É o meu espaço, meu mundo, sei que muitas pessoas que possuem variados distúrbios emocionais e psicológicos possuem seus próprios mundos, até pensei em mudar o nome do blog, mas resolvi deixar como está, porque o considero o meu próprio mundo, meu "Mundo dos Depressivos".
>
> Criei este blog para fugir da rotina sem graça e perturbadora que é a minha vida, aqui me sinto em paz.
>
> Para aqueles que se identificam com ele, sejam bem vindos.

O blog é reconhecido como um espaço, como um lugar ("meu mundo", "*aqui* me sinto em paz"). Ao que tudo indica, atribui-se ao site a conotação de um lugar privado ("É o *meu* espaço", "o *meu próprio* mundo").

Além disto, o blog parece ser um ambiente que permite ter-se sensações, mais especificamente a sensação de paz, à medida que se "sai" de outro "ambiente", qual seja, a própria vida. "Superman" fala como se estivesse "dentro" do blog. A fala do escrevente parece estabelecer uma contiguidade: "sai" da vida e "entra" no blog.

Além disto, há uma diferença na forma como o escrevente se posiciona diante do mundo palpável que o rodeia e aquele imaterial possibilitado pela Internet e pelo blog. Vejamos como se dá o posicionamento do escrevente diante do mundo empírico, palpável e aquele imaterial, possibilitado pelo blog.

> Fiz um supletivo para terminar parcialmente os estudos(terminei o antigo segundo grau) e passei, quanto a vestibular e faculdade,ainda não sei se irei fazer, escolas nunca me deixavam a vontade.

Também faz parte da autoapresentação o falar sobre a vida acadêmica. Após colocar o que conseguiu fazer (ter "passado" no supletivo), apresenta um posicionamento em relação a uma expectativa ("vestibular e faculdade") que, aparentemente é atribuída ao interlocutor. É como se "superman" se antecipasse a uma possível pergunta a respeito da continuidade dos estudos. Além disso, a vivência de frequentar a escola, algo palpável e material, faz com que "Superman" não se sinta a vontade. Em outra rara descrição de uma situação concreta que pudemos encontrar no blog, o escrevente também refere uma espécie de desconforto. Vejamos.

> Quando eu estou caminhando em direção a loja do meu pai, eu as vezes fico em transe, literalmente hipnotizado, é como se eu me teletransportasse para outro mundo, começo a falar sozinho, é como se fosse uma válvula de escape para mim, mas depois que chego na loja a rotina volta a tomar conta de mim, me sinto como um índio que saiu de sua oca e foi morar na casa grande no meio de pessoas estranhas que não tem nada a ver comigo, trabalho em uma loja de motos, não entendo nada de peças para motos, é algo inútil para mim, mas todos insistem de que esse é o melhor para mim.
>
> Meu pai é o dono do estabelecimento, mas fico sempre com receio de magoá-lo se um dia eu for tomar a decisão de sair da loja.

Diferentemente de outros extratos que assumem a configuração de uma reflexão, o trecho acima recortado traz elementos de situações concretas. Quando é possível, o escrevente se faz ausente do mundo empírico que o rodeia. Teletransporta-se para outro mundo. Em função destas colocações, talvez não seja ousado afirmar, que o blog também pode ser pensado como mundo para o qual ele se "transfere". Quando essa mudança de mundo não é possível, "Superman" sente-se como um estrangeiro em sua própria rotina. No acontecer do cotidiano o escrevente sente-se como se estivesse fora de seu ambiente natural. Em função disto, hipotetizamos que o ambiente que "Superman" reconhece como natural é esse do transe ou então o mundo do blog.

Surge um grupo de personagens genéricos, inespecíficos, não identificáveis. As únicas características que se pode atribuir a elas é o fato de julgarem saber o que é o melhor para o escrevente e de serem insistentes no esforço de convencimento do escrevente. Novamente se produz uma cena de antagonismo configurada pelo "muitos" versus "Superman".

Em função do que discutimos, pode-se dizer que, assim como na imagem inicial, os mundos de "Superman" se contrapõem: de um lado o universo que é palpável e concreto, onde se encontram as pessoas que exercem uma função de antagonismo, que julgam saber o que é melhor para o depressivo, que atiram pedras e tentam submeter. Neste mundo o escrevente sente-se pouco a vontade e experimenta uma sensação de não pertencimento, com se fosse um estrangeiro em seu cotidiano. Não há registros, neste ambiente não mediado pelo computador, de contatos agradáveis. Tudo que era bom ficou no passado ou se perdeu.

Já no mundo que é o dos depressivos e também o de "Superman", o escrevente sente-se em paz. Lá "encontram-se" pares. Estes são semelhantes que precisam ser alertados sobre realidade do mundo e sobre a condição à que podem ser submetidos pelos muitos. Para o escrevente, externar um sentimento não significa relatar presencialmente para um ou muitos aquilo que se sente. Por para fora é por no blog. O fora, aquilo que se opõe lado de dentro não é apenas o lado do entorno material e sensível. É também o mundo impalpável do blog, um "lugar" onde se pode sentir a vontade e ter uma voz potente que faz calar a fala injusta e autoritária da maioria da sociedade.

4.4.6. O comentário e a ratificação da existência

> *Gordo19 de outubro de 2012 11:19*
> *Achei sei (sic) blog por acaso, em poucos minutos já chorei muito lendo seus relatos, pois é justamente como me sinto. Desculpa não falar nada de útil, mas eu hoje estou muito mal.*

Um primeiro ponto a notar é o de que o comentário foi escrito três anos (2012) após o texto do blog (2009). Em função de o texto ficar registrado, este tipo de interlocução pode acontecer em momentos distantes do da

produção da escritura.

O autor do comentário escreve diretamente para "Superman" para informar que os relatos têm efeitos sobre ele. Reconhece-se nas palavras do blog, pois estas descreveriam com exatidão aquilo que sente. No entanto ele não dá elementos que permitam apontar em quais aspectos se identifica. Assim a leitura permite não só um reconhecimento de si no blog, mas também produz efeitos como o choro.

O comentário que escreve não é visto como algo de "útil" e ao dizer isto, justifica-se. Ao mesmo tempo, esta escritura é ocasião de falar sobre si, ou mais especificamente, de compartilhar o fato de que está "*muito mal*". Embora não se conheçam, o autor do blog é colocado no lugar de "ouvinte"/confidente.

> *Superman19 de outubro de 2012 15:18*
> *Olá, seja bem vindo e sinta-se a vontade para comentar, seus comentários assim como de outros leitores(as) deste blog são importantes para mim,* ***significa que minha existência pode ser sentida****, entende?Portanto sinta-se a vontade para comentar, sem receio, desejo-lhe melhoras e não desista de lutar. Um abraço.* (Grifo nosso)

Na resposta ao comentador do blog, "Superman" permite configurar um *ethos* diferente daquele de uma pessoa em sofrimento e vítima da crueldade de outrem. Aqui se mostra receptivo e incentivador.

O comentário ao blog é apresentado como algo que tem importância e significado. É importante atentar para a escolha lexical que se dá aqui. O blog é reconhecido como algo que permite não apenas a leitura, mas algo do âmbito dos sentimentos ou do sentir. E o que se sente é a existência. A princípio não fica claro quem sente: aquele que escreve o blog ou aquele que escreve o comentário. O sentimento que o outro pode ter da existência de "Superman" é expressa por meio do comentário, o qual por sua vez funciona como um atestado da existência do autor do blog.

4.5 Blog Uai Babi

Desde o período em que iniciamos as análises, o blog sofreu alterações em sua "aparência". Comentaremos a página inicial que tivemos acesso em outubro de 2015 e depois tal como se encontrava em janeiro de 2016.

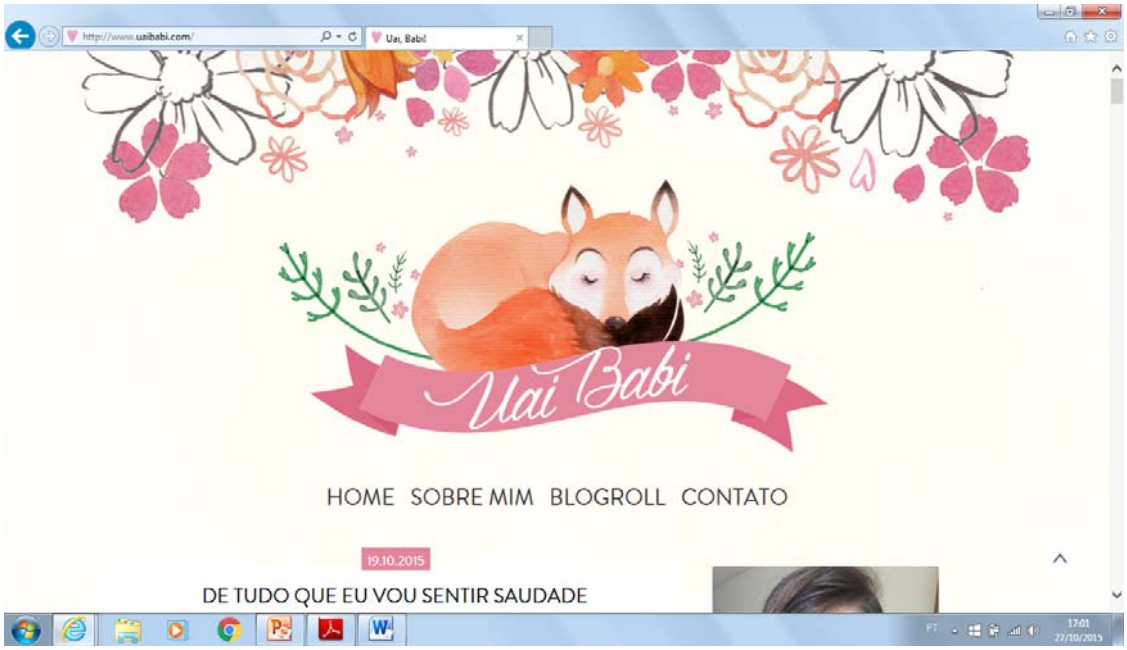


Figura 1 - Página inicial do blog em 27/10/2015

A página inicial do blog traz elementos que dizem respeito ao universo feminino, tais como as cores, o uso de flores e os detalhes nos olhos da raposa que sugerem se tratar de uma fêmea.

O título do blog faz referência ao nome (ou apelido) da autora. Além disto, traz uma expressão regional típica de alguns estados brasileiros ("*uai*"), o que confere um tom informal ao site. Ao mesmo tempo, aponta para aspectos que dizem respeito à autora, de modo que essa dimensão "regionalista" (ou "caipira") aparece como um dos elementos que vão compor o *ethos* da escrevente.

Em função de um dos textos do blog discorrer comovidamente a respeito do efeito da leitura de "O Pequeno Príncipe" sobre a escrevente, é possível construir a *hipótese* de que esta página de abertura, por meio do desenho de uma raposa, faça uma referência ao livro (o que seria um forma de intertextualidade). Aparentemente, a página coloca em evidência algo que em um determinado momento teve significado para Babi e ao mesmo tempo faz com que certa temática fique associada ao blog. O leitor/navegante para ser inserido nesta cenografia, precisa que conste em seu repertório de conhecimentos ("competência enciclopédica", nos termos de Mainguenau) o enredo da história. Ainda em caráter hipotético, esta parece ser uma forma da escrevente estabelecer um vínculo inicial com um determinado interlocutor. Ao apresentar seus gostos e interesses Babi constrói um determinado *ethos* e isto cria a possibilidade do enlaçamento de interlocutores com "paixões" semelhantes.

Talvez se possa dizer que esse tipo de construção agregue ao *layout* um caráter de "pessoalidade". Esse "teor pessoal" vai ficar um pouco menos marcado na configuração mais recente. Vejamos tal aspecto na figura 2.

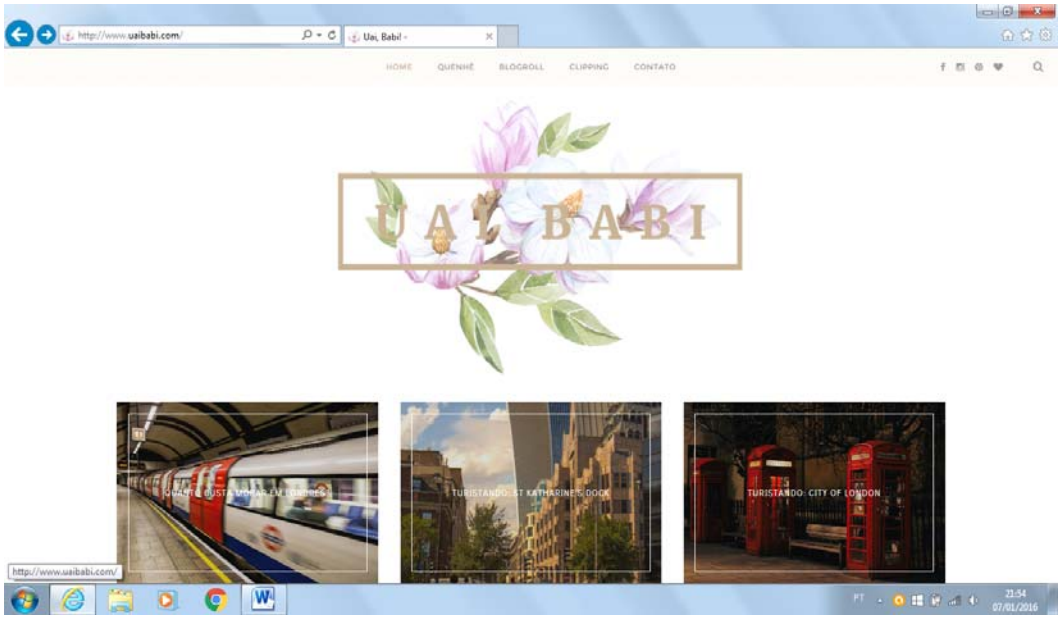


Figura 2 - Página de apresentação do blog em 03/01/2016.

Com o novo layout os links que apareciam logo abaixo do título mudaram-se para a parte superior. O item que anteriormente se chamava "Sobre mim" passou a ser denominado por "Quenhé". Mais a diante faremos alguns comentários a respeito desta escolha. Reaparece o uso de flores, o qual continua a remeter ao universo feminino. O fundo em branco acaba por dar destaque a três fotografias que funcionam como links, ou seja, se o leitor clicar sobre elas vai ser enviado ao texto correspondente. Dizendo de outra forma, estas imagens dão destaque e anunciam certos conteúdos do blog, funcionando como uma forma de direcionar o leitor/internauta para determinados assuntos.

Cada imagem traz ao centro uma frase que corresponde ao título do texto ao qual ele está vinculado, que são as seguintes: "*Quanto custa morar em Londres?*"; "*Turistando: St Katharine's Dock*"; "*Turistando: City of London*". As fotos juntamente com as orações introduzem uma temática que vai fazer parte da cenografia do blog: a vida em Londres.

A primeira pergunta, por não apresentar indícios dos coenunicadores, ganha um caráter de impessoalidade e assume o formato de uma frase que poderia constar em um guia de informações. A sobreposição do texto à fotografia constrói uma relação de complementariedade entre ambas ao mesmo tempo em que estabelece uma aproximação entre dois fatos: morar em Londres e usar metrô. O leitor está autorizado a supor que viver na cidade londrina implica, dentre outras coisas, deslocar-se por meio deste tipo de transporte. A conjunção destes elementos diferentes – texto e imagem –, além de tornar o texto híbrido, também instaura uma cena que remete a rotina, ao cotidiano de quem lá vive.

As outras frases título fazem uso de um neologismo, o verbo "turistar" conjugado no gerúndio, o que transmite a ideia de uma ação em andamento, embora se refira a algo no passado (visto que as fotos já foram tiradas). Coloca-se em destaque com isto a ação visitar tais locais sem com isto especificar o sujeito. Pode-se considerar que a agente seja Babi, mas também se pode considerar o leitor como alguém que eventualmente venha a ocupar este lugar (ao modo dos roteiros de viagem). O termo "Turistando" constitui-se no blog como uma categoria, ou seja, ele abarca um conjunto de textos a respeito da mesma temática.

- **A produção da familiaridade e da intimidade na relação com o interlocutor**

Como pudemos ver na apresentação do blog, a própria construção do *ethos* já se configura como uma forma de estabelecer uma relação de proximidade com o interlocutor, pois apresenta a possibilidade de vínculo pelas afinidades. O tom pessoal engendrado no blog também contribui para este efeito.

Agora detenhamo-nos em alguns trechos do texto de autoapresentação da escrevente.

SOBRE MIM

Como vocês já devem saber meu nome é Babi Lopes, tenho 25 anos, sou de Belo Horizonte/MG e moro em Londres já há 6 anos (na verdade são quase 10 mas são tantas idas e vindas…)

No início do texto chamado "Sobre mim", uma das primeiras elementos que se vê é uma foto que contribui para fazer emergir a instância de credibilidade daquilo que se pronuncia, ou seja, apresenta-se a fiadora do texto. Esse é o rosto daquela que pronuncia tais palavras.

O interlocutor criado pelo texto de Babi é plural, diz respeito a um grupo ("*Como vocês já devem saber* [...]"). Este grupo é reconhecido como composto por pessoas que podem já conhecê-la. Vale notar que mesmo se tratando de um texto de apresentação, sugere uma familiaridade com estes leitores (possivelmente em função de seu nome já aparecer no título do blog ou por considerar seus interlocutores como pessoas que já a acompanham

antes mesmo da produção do presente texto). Ao mesmo tempo introduz o interlocutor em certa temática, qual seja; a de uma moradia estrangeira. Desta forma, Babi simultaneamente cria uma familiaridade e se se descreve como alguém longe há muito tempo, possivelmente em um movimento de aproximação em relação a um interlocutor distante (é importante notar que embora Babi more em Londres, o blog é escrito para falantes de português).

> Criei esse blog há 2 anos atrás porque sentia falta de escrever (não que eu seja boa nisso!) e queria re-aprender a estimular minha criatividade. Já tive um blog tosquinho que criei quando tinha 12 anos, mas nunca divulguei (nem existia esse negócio de divulgação na época) e sempre foi só diarinho mesmo. Hoje, morando na Europa, eu vejo e passo por muitas coisas que sinto falta de compartilhar com meus amigos. Passei por uma fase difícil na minha vida e em 2013 eu decidi criar esse blog. Pra ser sincera, ele se tornou uma das melhores terapias! E por isso esse não é um blog apenas sobre Londres, maquiagem ou qualquer outra coisa específica. **Esse é um blog meu, sobre mim!** 🙂 (grifo da autora)

Em um texto em que o título sugere uma autoapresentação, vê-se um parágrafo (assim como o que virá em seguida) que faz um comentário sobre o blog. Sob o título "*Sobre mim*" Babi fala sobre o blog. É quase como se houvesse uma espécie de equivalência entre falar de si e falar do blog que escreve.

Ao que tudo indica, a escritura do blog assume o papel de suprir algo que não se faz mais, ou seja, o escrever tem a função de compartilhar. A produção do blog é tida como algo que pode ter o mesmo efeito ou preencher o espaço deixado por não mais dividir coisas com os amigos, um acontecimento que se dá no âmbito da vida não mediada pelo computador (que chamaremos de "empírica"). A escritura virtual aparenta ser reconhecida como tendo o mesmo efeito que a vivência empírica de contar fatos e dificuldades para os amigos.

O que leva à "entrada" no mundo virtual é um fato, ou melhor, algo que acontece no terreno "*off-line*", ou seja, os problemas mencionados por Babi. Desta forma, o blog aparece como uma saída para tais dificuldades. O efeito do blog e da escritura são reconhecidos como terapêutico. O blog aparece como uma espécie de ponte entre ela e os amigos, assim como entre um problema e uma saída.

Vejamos agora extratos de outro texto inserido no blog.

> 19.10.2015
> De tudo que eu vou sentir saudade

Figura 4 - Foto em que se vê uma pessoa observando a paisagem

O título apresenta a antecipação de um sentimento da autora, uma saudade que está por vir, sem especificar a que está relacionada tal saudade. Logo abaixo, identifica-se a foto de uma paisagem sendo observada por uma mulher. A foto sugere um olhar contemplativo, ou melhor, uma situação em que alguém se deixa ficar em uma observação prolongada. Desta forma, o interlocutor pode considerar que a paisagem em questão faça parte daquilo que Babi vai sentir falta.

Acompanhemos o texto que vem na sequência e tentemos identificar se ele possui algum tipo de continuidade com o título e com a foto postada. A primeira frase é a seguinte: "Que terrível esse título. Até parece que eu nunca mais vou voltar, né? Ai que horror".

O texto inicial, ao invés de cumprir com a expectativa produzida, a de falar sobre aquilo vai fazer Babi sentir saudade, faz um comentário sobre o próprio título. É quase como se Babi fizesse às vezes de um olhar que observa de fora. A autora escreve e logo em seguida coloca-se como avaliadora de seu texto, reputando ao mesmo um tom de exagero.

Além disto, é possível afirmar que o julgamento sobre o título do texto também poderia ser considerado como aquele supostamente feito pelo interlocutor de Babi. É como se Babi se fizesse juíza de seu próprio texto ao mesmo tempo em que antecipa a crítica potencial daquele que lê sua postagem. Isto também pode ser considerada como uma forma de aproximação ou mesmo uma demonstração de "sintonia" com seu leitor.

Babi convoca diretamente seu interlocutor por meio do pedido de confirmação "*né?*". O leitor do blog é colocado aqui no lugar de alguém que conhece a escrevente ou sua história e por isso pode saber que ela vai voltar. Novamente (vide análise do texto "Sobre mim") a enunciadora insere seu interlocutor em uma relação pautada pela familiaridade ou mesmo por certa intimidade.

Ao que tudo indica, o discurso de Babi constrói "achegados", amigos próximos com quem se pode falar sobre aquilo que vai deixar saudade, por exemplo. Se recuperarmos um trecho que Babi traz em sua autoapresentação, no texto chamado "Sobre mim" ("*Hoje, morando na Europa, eu vejo e passo por muitas coisas que* ***sinto falta*** *de compartilhar com meus* ***amigos***" – **grifo nosso**) podemos dizer que o blog exerce a função de suprir uma necessidade, uma falta. E isto é feito na medida em que coloca seus interlocutores no papel de cúmplices ou no de alguém íntimo. Parece que a relação *virtual* mediada pelo blog vem ocupar o lugar de uma relação de amizade, intimidade, familiaridade, de troca, que se dava (ou poderia se dar) em um âmbito não mediado pelo computador.

Isto posto, podemos retomar dois aspectos: agora a foto pode ser considerada como algo que faz parte deste objetivo de partilhar algo com outrem. Por meio dela se pode compartilhar a vista do local em que mora com este interlocutor familiar.

Outro aspecto compartilhado por Babi é o sentimento, um tanto quanto indefinido, de "horror" em relação à ideia de não mais voltar para a Inglaterra, percebido em "E é Outono de novo aqui na Zoropa e cês já tão cansados de saber que essa é minha estação favorita. Já comecei a arrumar minha tralhas e uma hora dessas domingo que vem já estarei em solo Tupiniquim".

O uso da expressão "*de novo*" sugere que já se falou em algum outro momento sobre estações do ano ou sobre o Outono. O interlocutor é colocado no lugar de alguém que acompanha Babi e, portanto já ouviu falar muitas vezes de suas preferências, "já tá cansado de saber". Novamente vê-se uma relação pautada pela intimidade, mas também por certo acompanhamento. O blog permite uma companhia (virtual) que se mantém ao longo do tempo.

Babi fala sobre a viagem que vai fazer ao Brasil, mas vale notar que ela traz este fato como se não se tratasse de algo novo, como se fosse algo já conhecido. A autora traz o tema proposto pelo título, mas não por meio de uma descrição ou uma apresentação. Babi simplesmente "cai" no assunto. Tal aspecto traz novamente a "sensação" de familiaridade para a cena. Compartilha uma intimidade com o leitor por meio do uso de certos termos como "*tralha*", "*solo tupiniquim*", ou seja, por meio da partilha de um "código" particular.

> Ainda que eu esteja indo para ver minha família, descansar e resolver algumas pendências, tenho que admitir que dá um certo aperto no coração deixar Londres pra trás. Minha casa, meu cantinho, todos os rituais que descobri serem necessários para manter minha sanidade aqui na Terra da Rainha.
> Vou sentir saudade do Wi-Fi conectando automaticamente assim que eu entro no elevador. Vou sentir saudade do meu sofá que já tem a forma da minha bunda e do espaço que eu tenho pra esticar minhas pernas nele. E também da conveniência do braço do mesmo que se faz melhor que qualquer mesa quando se trata de apoiar meu laptop.
> Vou sentir saudade da minha torradeira e da minha cafeteira. Cafeteira essa que faz valer a pena acordar mais cedo só pra sentar e tomar um cafézinho tranquila. Vou sentir saudade da comodidade do metrô, que me leva em qualquer lugar que eu quiser, que (quase) nunca está atrasado, que passa de 2 em 2 minutos. Não vou sentir saudade, porém, do preço que ele custa.
> Também não vou sentir saudade da minha rotina que se resume a casa-trabalho-casa. Ah, se eu pudesse me livrava dessa maldita para sempre.

Babi compartilha com seu interlocutor os sentimentos produzidos pela ideia de deixar Londres. E isto se dá por meio de uma figura de linguagem que confere certa materialidade ao sentimento ("*um aperto no coração*"). Babi reconhece que sua casa, seu cantinho e seus rituais encontram-se em Londres, não no Brasil. E é assim que ela efetivamente parece iniciar o desenvolvimento do tema proposto pelo título ("De tudo que vou sentir saudade"). Uma perspectiva de Babi está em "Os gringos não conseguem compreender por quê nós sempre insistimos em levar 2 malas de 32kg e que uma delas esteja lotada de presentes e coisas pra dar pros outros. Parte de ser brasileiro né migxs?"

Aqui a aproximação e a familiaridade com o interlocutor se dá por meio de uma diferenciação em relação aos "gringos" e pelas marcas identitárias. O leitor é interpelado como amiga(o) e como brasileiro, ou seja, como um igual. E é justamente esta nacionalidade em comum que permite que o interlocutor possa ser tomado como alguém que pode compreender Babi.

A construção de uma relação de *proximidade*, *familiaridade* e *intimidade* com o interlocutor pode ter acontecido de diversas maneiras. Ela tem início já na página inicial por meio de um *ethos* que, por meio da exposição de interesses, permite a constituição de afinidades. Na sequência, ocorre, de forma súbita e um tanto inesperada, a interpelação do leitor a partir do lugar de alguém conhecido, familiar, de amigo, de alguém que acompanha e compreende Babi.

É possível ver também uma vinculação com o interlocutor por meio do compartilhar o que se vive, o que se sente e, quiçá, o que se vê (se considerarmos as foto descritas e outras que aparecem no blog). Por vezes, percebe-se o uso de uma maneira particular de "falar" (tais como regionalismos) que além incorporar ao blog o

“modo Babi de ser”, aproxima a escrevente de um tipo específico de interlocutores, quais sejam, aqueles que conseguem compreender os “códigos” e gírias usados. O último recurso que gostaríamos de apontar diz respeito à constituição de uma identidade em comum com o leitor. Desta forma, acreditamos ter podido desenhar a produção da familiaridade e da intimidade *em ato* no discurso.

- **A construção e valorização de si pelo negativo do outro**

Por meio das análises, foi possível delinear a produção de um interlocutor virtual que não é aquele a quem se dirige diretamente, mas outro de quem se fala. Acompanhemos isto por meio de extratos que fazem parte da autoapresentação de Babi, denominada “*Sobre mim*”.

> O que é diferente sobre esse blog? Não sei. Tenho meus pés no chão e não tento fazer minha vida parecer perfeita aos olhos de quem lê. Minha pele é uó, não entendo porcaria nenhuma de moda e pareço ter 2 mãos esquerdas pra maquiagem. Mas precisa entender dessas coisas pra criar um blog legal agora? Desde quando? **Eu sou o que eu mostro aqui**, eu converso exatamente do jeito que eu escrevo e minha meta não é virar estrelinha na internet (nada contra quem é/quer ser). (grifo da autora)

A cenografia por meio da qual o texto desenrola é, desde seu início, a de uma conversa de Babi com seus interlocutores. Neste momento, Babi coloca uma pergunta que poderia ser a de seu interlocutor virtual (“*O que é diferente* ***sobre*** *esse blog?*” grifo nosso). Curiosamente, a resposta que se segue apresenta o que *ela* tem de diferente na comparação com outras pessoas e com certas expectativas. Até pelo uso diferenciado da preposição há uma aproximação com o título (“sobre este blog” – ”sobre mim”) o que sugere esta superposição entre ela e o blog. O que é diferente é ela, Babi descreve as *suas* diferenças. Assim como no extrato anterior, reaparece a equivalência entre a autora e o blog.

Pode-se notar também que Babi fala sobre si ao mesmo tempo em que constrói a ideia de que existem pessoas que não têm o pé no chão e que tentam fazer a vida parecer perfeita para quem lê. Dessas, ela se diferencia.

Na sequência, Babi vai se apresentando como o negativo de uma série de expectativas, tais como: ter uma pele perfeita, entender de moda e saber fazer boas maquiagens. Ao que tudo indica, aparece uma “valorização pelo negativo”, uma espécie de orgulho deste modo de ser e de mostrar-se assim.

Nesta cena em que se constroem oposições e diferenciações, Babi interpela (ou mesmo afronta) diretamente um interlocutor potencial (“*Mas precisa entender dessas coisas pra criar um blog legal agora? Desde quando*?”). Com isto permite a construção do *ethos* de alguém contestador que questiona as imposições. O uso de alguns termos informais (“*blog tosquinho, minha pele é uó, ter duas 2 mãos esquerdas*”) permite agregar a esse *ethos* certo tom de espontaneidade e franqueza. Esses termos dão certa “personalidade” ao blog. Tornam “visível” ao leitor o modo Babi de ser, a partir de seu modo de dizer.

> Não prometo posts todos os dias e nem looks trabalhados com aquela velha desculpa de “ir resolver coisinhas no centro”. Não frequento eventos importantes e não me hospedo em hotéis caríssimos. Minha maquiagem é básica e meu estilo também. Gosto de andar descalça e sentar no chão, de ir pro interior e subir em pé de jabuticaba. Gosto de comida, coisas e principalmente **pessoas simples**.
>
> Se quiser entrar em contato, meu e-mail é: **babi@uaibabi.com** 🙂

Um beijo e um queijo! :* (**grifos** da autora)

Novamente mostra-se uma oposição a uma série de expectativas virtuais. Babi avisa que não vai cumprir com conjunto de requisitos que, ao que parece, seriam esperados. É possível especular que está em jogo na construção do texto a temática da aceitação/rejeição. Babi constrói um *ethos* de alguém que se apresenta "tal como é" e caso alguém venha a gostar dela ou do blog, será por aquilo que se "é de verdade" e não por aquilo que se quer passar, como por exemplo, frequentar eventos importantes ou hotéis caríssimos. Caso, ainda assim, alguém venha a se interessar e desejar entrar em contato existe um *e-mail* para isto.

Além disto, parece haver uma espécie de indiferenciação entre gostar da Babi e gostar do blog, quase como se estivesse tratando da mesma coisa. Babi mostra, "defende" e "valoriza" o blog e a si mesma simultaneamente.

No extrato acima, Babi vai apresentando suas especificidades. Faz uma complementação da imagem de si como contestadora, a qual havia sido produzida anteriormente. Ela também é *simples*. Babi marca com insistência o fato de ser uma pessoa que não pretende enganar ninguém a seu respeito. Com isto, constrói uma oposição (ou mesmo um antagonismo) entre pessoa simples e pessoa exibida, cult (que vai no centro – possivelmente de Londres), convencida, que finge ser mas não é.

Pode-se dizer então que engendra-se um si por meio da oposição com um *"outro"* construído no discurso. Em outras palavras, produz-se um si por meio da diferenciação em relação a um tipo específico de interlocutor potencial. Ao mesmo tempo coloca o "simples" como o *verdadeiro* e o que se apresenta como "sofisticado", como o *falso*.

- **O blog como suporte da existência e da vida**

Alguns dos aspectos que nossa análise pôde desenhar dizem respeito à forma como o blog é reconhecido e a relação deste com a vida. Para discorrer sobre isto vejamos outros trechos de um texto discutido anteriormente.

> 19.10.2015
> De tudo que eu vou sentir saudade
> Que terrível esse título. Até parece que eu nunca mais vou voltar, né? Ai que horror.
> As postagens desse blog estão cada dia mais esporádicas. Deixei ele fechado por um tempo porque eu estava me sentindo pressionada a postar. Não sei o que acontece, mas quem tem blog pessoal sabe que vida de blogueira é constituída de fases. Às vezes a gente tá animada, às vezes não.

Como comentamos anteriormente, aquilo que se apresenta não corresponde ao que se poderia esperar em função do título do texto. Os extratos (colocados na ordem original) se configuram como glosas a respeito do blog.

Babi traz explicações a respeito do por que deixou seu blog "fechado". As justificativas apresentadas ao interlocutor sugerem haver uma expectativa de postagens menos esporádicas. Ter o blog "aberto" faz com que a escrevente sinta-se pressionada a publicar novos textos. Ao mesmo tempo, a enunciadora apresenta um

desconhecimento em relação ao motivo de não escrever sempre. Talvez não seja ousado dizer que a dúvida colocada pressupõe e, até por isto, ratifica a "obrigação" de postar constantemente. A razão pela qual não escreve sempre no blog só é passível de conhecer aquele que também possui um blog pessoal. Ao explicitar isto, Babi faz uso do termo "*a gente*" e com isto fala em nome do grupo "blogueiras".

Criar e administrar um blog pessoal define certo estilo de vida, faz com que se tenha "*vida de blogueira*". Ao que tudo indica ter e manter um blog faz com que se pertença a um grupo específico e ao mesmo tempo produz efeitos sobre a vida.

Vale notar que o uso do termo "fechado" confere ao blog certa materialidade; trata-se de algo que pode ser aberto e fechado, como uma porta, e com isto permitir ou não a "entrada". E é ela quem faculta essa entrada ou não, assim como ao tema proposto pelo título.

> Meu quarto no momento parece uma cena do apocalipse. Tem caqueira pra todo lado que vai até onde a vista alcança. Eu vou, arrumo um pouquinho, canso e paro. Venho pra sala, procrastino mais um pouco, volto pro quarto. Eu arrumo, dobro e guardo mas parece que a bagunça desse galinheiro não termina!

Neste extrato o rumo do texto novamente desvia-se em relação a temática sugerida pelo título. O foco se volta para seu quarto. Pode-se identificar uma marcação bastante bem definida no tempo e no espaço. O uso do termo "*no momento*" estabelece que a escritura do texto é simultânea ao fato que está em curso. Além disto, o trecho "*venho para a sala*" permite definir o lugar preciso onde se dá a enunciação.

Pode-se dizer que duas ações acontecem simultaneamente, a de arrumar o quarto e a de escrever um texto para o blog. No mesmo instante acontecem uma ação material (arrumar o quarto) e outra virtual (ou o objetivo de tornar-se virtual). O blog parece facultar uma narração instantânea daquilo que se faz (e de si), assim como esmorecer a delimitação entre empírico e virtual. É como se houvesse certo amálgama entre estas dimensões.

> Espero que no Brasil eu tenha mais sobre o que postar. Quero tirar bastante fotos pra recompensar todas as que perdi da minha última ida. Da última vez não levei meu laptop e minha internet era limitada, então postar do celular era bem difícil. E eu também fiquei pouco tempo, pouco mais de 20 dias, foi bem corrido. Agora eu tô indo e vou ficar o dobro! Não tirei nenhum diazinho de férias do trabalho o ano inteiro só pra poder fazer isso.

Parece que a miscigenação entre empírico e virtual continua no extrato acima. Uma das expectativas que se tem da viagem é a de que ela possa alimentar o blog. Existe uma aproximação entre viajar e produzir o blog. Talvez não seja ousado dizer que há uma associação entre viver e produzir o blog.

> E me desculpem o sumiço, gente. Não que alguém ligue, mas fico imaginando que seja chato ter um blog no seu feed que nunca atualiza. Eu tô aqui vivona, e sempre posto uma besteirinha ou outra no Instagram ou no Snapchat (babi.uai).
> Só tenho a agradecer a quem lê minhas bobagens e ainda por cima tem o trabalho de comentar, mesmo com todo esse meu vai-e-volta <3

Os interlocutores aqui são alguém a quem se devem desculpas. Novamente, a temática da obrigatoriedade em relação a frequência das postagens.

É possível notar também que não escrever novos textos é "traduzido" como "sumiço", uma palavra com forte conotação material, significa desaparecimento, deixar de ser visto ou percebido. A presença ou a existência

se garante na medida em que se coloca um texto no blog. Isso de se dá de tal forma a autorizarmo-nos a um trocadilho com o *cogito* cartesiano: "*Posto logo existo*".

A sequência parece confirmar esta ideia, pois Babi sente necessidade de avisar ao interlocutor que está "*vivona*", estabelecendo novamente a relação entre produzir o blog e estar viva. Mais do que isto, um afastamento virtual pode significar uma falha da vida, ou seja, pode ter o valor de não estar viva.

Se retomarmos um trecho da autoapresentação em que a escrevente se contrapõe a interlocutores potenciais, também podemos pensar a relação do blog com a vida. Vejamos:

> Mas precisa entender dessas coisas pra criar um blog legal agora? Desde quando? **Eu sou o que eu mostro aqui**, eu converso exatamente do jeito que eu escrevo e minha meta não é virar estrelinha na internet (nada contra quem é/quer ser). (grifo da autora)

Por meio do negrito, Babi dá destaque e importância a sua asseveração: "***Eu sou o que eu mostro aqui*** [...]". É como se a escritura ou a produção de blog desse conta de revelar aquilo que se é em sua totalidade. Ao mesmo tempo em que afirma a si própria e valoriza certo modo de ser, Babi constrói a impressão de que na vida "*off-line*" não há nada de diferente de daquilo que faz ou mostra no blog. É como se a vida "coubesse" no blog.

Percebe-se que algumas vivências vão alimentando o blog e a inserção de novos materiais denota que Babi está viva. A existência pode ser afirmada a medida em se posta. Ao mesmo tempo o que se posta corresponde, no caso de Babi, *exatamente* àquilo que se é. O que se é e o que se faz pode ser abarcado pelo blog. Desta forma, talvez não seja ousado considerar o blog como suporte da existência e continente de vida.

- **As marcas de identidade e as diferentes estratégias de construção do *ethos***

Em alguns pontos do blog Babi traz a tona o fato de ter nascido no Brasil e de morar atualmente na Inglaterra. Vejamos os contornos que isto vai ganhando a partir de trechos do texto "*De tudo que vou sentir saudade*".

> Ainda que eu esteja indo para ver minha família, descansar e resolver algumas pendências, tenho que admitir que dá um certo aperto no coração deixar Londres pra trás. Minha casa, meu cantinho, todos os rituais que descobri serem necessários para manter minha sanidade aqui na Terra da Rainha.

Babi compartilha com seu interlocutor os sentimentos produzidos pela ideia de deixar Londres. E isto se dá por meio de uma figura de linguagem que confere certa materialidade ao sentimento ("*um aperto no coração*"). Babi reconhece que sua casa, seu cantinho e seus rituais encontram-se em Londres, não no Brasil.

> Vou sentir saudade do Wi-Fi conectando automaticamente assim que eu entro no elevador. Vou sentir saudade do meu sofá que já tem a forma da minha bunda e do espaço que eu tenho pra esticar minhas pernas nele. E também da conveniência do braço do mesmo que se faz melhor que qualquer mesa quando se trata de apoiar meu laptop.
> Vou sentir saudade da minha torradeira e da minha cafeteira. Cafeteira essa que faz valer a pena acordar mais cedo só pra sentar e tomar um cafézinho tranquila. Vou sentir saudade da comodidade do metrô, que me leva em qualquer lugar que eu quiser, que (quase) nunca está atrasado, que passa de 2 em 2 minutos. Não vou sentir saudade, porém, do preço que ele custa.
> Também não vou sentir saudade da minha rotina que se resume a casa-trabalho-casa. Ah, se eu pudesse me livrava dessa maldita para sempre.

Ao falar das coisas que sentirá falta na Inglaterra, Babi apresenta situações que expressam comodidade e conforto: "*Wi-Fi conectando automaticamente; meu sofá; espaço para esticar as pernas; a conveniência do braço do sofá para apoiar o laptop; cafezinho tranquila...*" entre outros. Babi vai envolvendo seu interlocutor em uma cena de "pequenos prazeres sensoriais" que acontecem no âmbito "*off-line*".

Este mundo de sensações agradáveis de que a autora sentirá saudades é, curiosamente, vazio de pessoas. É como se ela estivesse sentindo saudade de uma marca que ela cravou no espaço. A marca que Babi deixou é material (realizada por seu corpo e pelo uso do ambiente) em um espaço também material e não outro, como por exemplo, um espaço social, ligado às pessoas. O fato de Babi usar a primeira pessoa ("eu", e os possessivos "minha", "meu") também caracteriza este ambiente como um espaço pessoal, próprio.

Ao que tudo indica, Babi supõe que ao viajar não terá tais comodidades e conveniências. Assim, mostra-se nostálgica, não em relação à terra de origem, mas sim em relação ao lugar que se encontra.

Londres é onde Babi marcou seu espaço, criou um ambiente adaptado, deixou seu "carimbo", ou seja, onde se sente em casa. O Brasil é o lugar onde encontra-se com a família, no qual poderá descansar e resolver pendências. Não vê chances de resgatar as mesmas marcas, o mesmo conforto no Brasil, o qual se constitui como um local de passagem.

É notável essa inversão não esperada, a casa de origem não é a casa dela. Não apresenta perspectivas de se sentir em casa no Brasil. Não vê essa possiblidade de constituir marcas sensoriais e pessoais, onde tem a família.

A partir destes extratos, talvez não seja ousado afirmar que Babi sinaliza por meio daquilo que vai deixar saudade, uma subjetividade construída sobre as marcas sensoriais, materiais, e relativas ao próprio corpo. O modo como ocupa este espaço, marca-o, "deforma-o" e ajusta-o a Babi, torna-o pessoal. E este ambiente garante conforto, comodidade, sensações agradáveis e também sanidade ("*Minha casa, meu cantinho, todos os rituais que descobri serem necessários para manter minha sanidade aqui na Terra da Rainha.")*.

> A pior parte da viagem – fora a despedida e volta pra casa – pra mim sempre é arrumar as malas. Primeiro porque eu sou cabeça de vento e sempre esqueço alguma coisa. Segundo porque eu quero levar tudo que eu tenho. Terceiro porque eu sempre reservo um espaço desse tamanho pra mim: |___| e um desse tamanho pros outros: |_____|. Os gringos não conseguem compreender por quê nós sempre insistimos em levar 2 malas de 32kg e que uma delas esteja lotada de presentes e coisas pra dar pros outros. Parte de ser brasileiro né migxs?

Na sequência Babi diferencia-se dos "*gringos*" e fala em nome de um grupo ("*nós sempre insistimos*"), os brasileiros. Uma das características deste grupo e o que o diferencia em relação aos ingleses é a insistência em dar presentes. Pode-se dizer que aqui se produz um si por confronto: ele se constrói por meio da oposição entre identidades, a brasileira e a londrina. Esta oposição identitária também está relacionada com uma espécie de ambiguidade que se pode identificar no texto: o trecho "*despedida e volta para casa*" refere-se ao Brasil ou a Londres? Os "*outros*" a quem presenteia, são os brasileiros ou os londrinos?

Ao final do extrato, a leitora do blog é interpelada como uma amiga (ou como o grupo de amigas) e

novamente podemos ver uma relação de intimidade, mas também de compreensão mútua. Babi fala para alguém que a entende, que sabe o que significa ser brasileiro. É importante destacar que é dada uma conotação ligeiramente negativa ao "ser brasileiro", visto que a consequência deste fato integra os itens que compõem a "pior parte" da viagem.

Babi ao mesmo tempo reconhece Londres como sua casa, seu cantinho e identifica-se como brasileira (ou pelo menos como tendo "parte brasileira"). Como vimos na análise do texto "Sobre mim", o blog estabelece uma ponte entre o local em que Babi sente como casa e sua identidade brasileira. A ponte também a liga aos amigos com quem sente necessidade de dividir experiências. Vale apontar que o fato de o blog estar escrito em português supõe interlocutores que compartilhem esta língua.

As marcas da identidade de Babi, seja em relação à parte brasileira ou a londrina, aparecem também por meio do *ethos* que nossa análise pôde desenhar. Desde a página inicial, o blog apresenta traços de regionalismo tipicamente brasileiro (possivelmente de Minas Gerais) e também aspectos associados ao fato de se viver em Londres. Tudo isso por meio da forma como toma a palavra ou monta seu blog. Seu modo peculiar de escrever deixa traços em diversos momentos, a começar pelo próprio título do blog: *Uai Babi*.

O uso do nome pessoal no título coloca a escrevente como assunto do site. Além disso, o termo "Babi" sugere se tratar de um apelido, uma corruptela do nome de batismo, o que agrega à designação um traço de afetuosidade. O "Uai", por sua vez, dá o tom regional tipicamente mineiro. É como se pelo título já se constituíssem condições de certo tipo de relação do blog com o interlocutor, uma relação de proximidade e "pessoalidade". Talvez se possa dizer que o título acaba se configurando como uma espécie de "marca" ou símbolo (identidade do blog). Ele constrói simultaneamente certa imagem do blog e da responsável por ele.

Em vários momentos é possível observar um modo de escrever que imita a oralidade. Vejamos abaixo.

> Aí quis ser exxxxperta e fazer 2 coisas em 1 post só! Pode isso produção?
> [...]
> ***SEM-OR tinha esquecido COMO É DIFÍCIL escrever textão no papel.*** Cês me desculpem, ficou um lixo, teve erro de ortografia e teve coisa sem sentido, mas só fui reparar quando tava lá no final e essa era a única folha de papel bonitinho que eu tinha. Então desculpa. (grifos da autora)
> **[.**..]
> Deixo aqui registrado meu amor pelo século 21, não sei escrever de papel e caneta mais. Desculpem saudosistas conservadores, nem rolou. Não me julguem pelo meu garrancho, eu sou gente boa. Beijos.
> Ficou ó, uma BOSTA!

Esse *ethos* configurado pelo escrever como se fala e pelo uso de regionalismos e gírias (*ethos mostrado* ou *discursivo*) é solidário com aquilo que Babi declara sobre si (*ethos dito*): que ela é "pessoa simples". O modo de se expressar e as escolhas lexicais agregam ao blog um tom de franqueza e espontaneidade. Com isto vai se construindo uma imagem de "pessoa verdadeira", de alguém que é capaz de revelar suas qualidades, seus defeitos e os coloridos afetivos de seu "interior" (este último aspecto ficará mais evidente no item de número 6 desta análise).

É interessante notar que Babi explora propriedades que são específicas deste suporte digital também como estratégia de construção de uma imagem de si. Na parte superior do blog, existem cinco palavras que são, na verdade, links que levam a outros tópicos do site. Conforme se passa o cursor sobre alguma delas, mas sem clicar, surgem "caixas" com uma curtíssima frase. Vejamos.

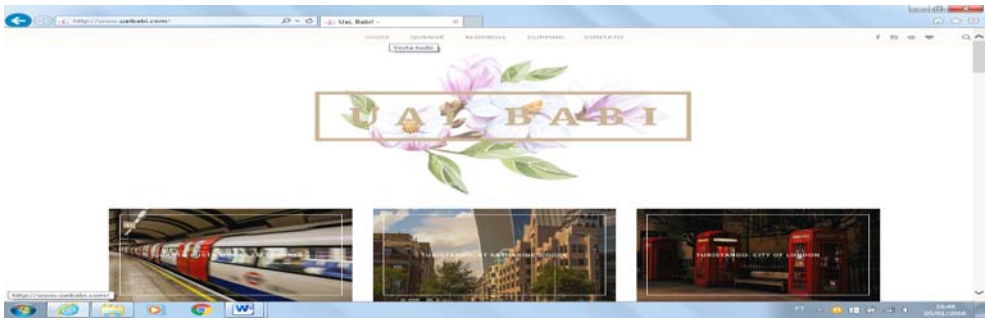


Figura 5 - Apresentação do *link* "Home" e sua frase correspondente

Ao passar o cursor sobre a palavra “HOME”, surge um texto que explica o que acontece se o interlocutor clicar ali. Faz-se “ouvir” uma voz caipira e obsequiosa que expressa ao leitor a sua “compreensão” a respeito do que se trata o termo.

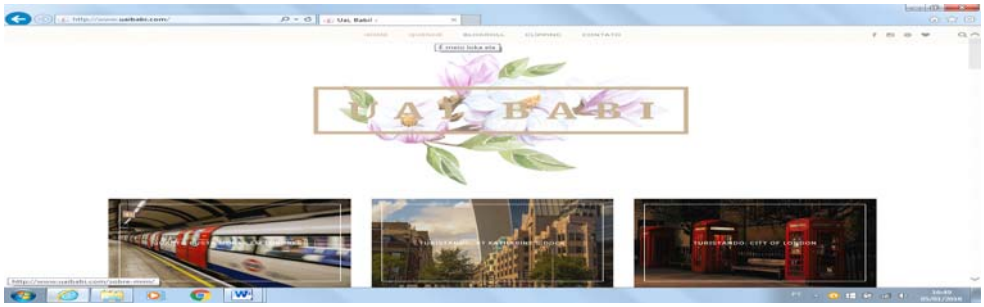


Figura 6 - Apresentação do *link* “Quenhé” (sic) e sua frase correspondente

O texto no quadro pequeno é o que se pode ler ao passar o cursor sobre o termo “QUENHÉ”. Como dissemos anteriormente, esta expressão substituiu a designação “Sobre mim”. Novamente se observa uma escrita como *mímesis* de um modo regional de falar. No quadro, “ouve-se” a voz anônima de um(a) terceiro(a) que faz uma apreciação sobre Babi e expressa uma advertência ao leitor que não a conhece. Talvez não seja ousado dizer que tal aspecto faz aflorar um tom lúdico, bem humorado e que faz eco a imagem, construída em outros momentos do blog, de Babi como alguém que se mostra tal como é.

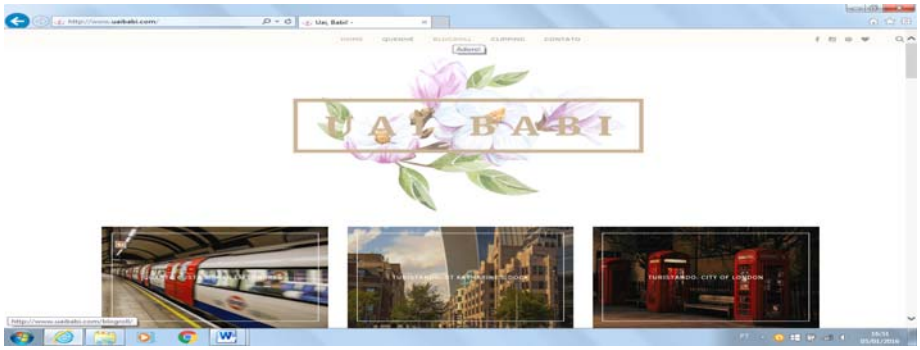


Figura 7 - Apresentação do *link* "Blogroll" e sua frase correspondente

"BLOGROLL" diz respeito à lista de blogs que Babi acompanha. Agora se pode dizer que a voz que faz se "ouvir" é a de Babi expressando uma apreciação positiva em relação aos sites citados. Ao clicar no link se vê o seguinte quadro.

Figura 8 - Apresentação da página à que se é direcionado ao clicar em "Blogroll"

Agora, a escritura que imita um determinado modo de falar ("abigos"), reconhece os blogs citados como amigos. Ou seja, atribui-se aos blogs o lugar de entidade, ou quase o de pessoa, em relação a quem se pode ser amigo. A amizade se dá com o blog e não com a pessoa responsável por ele.

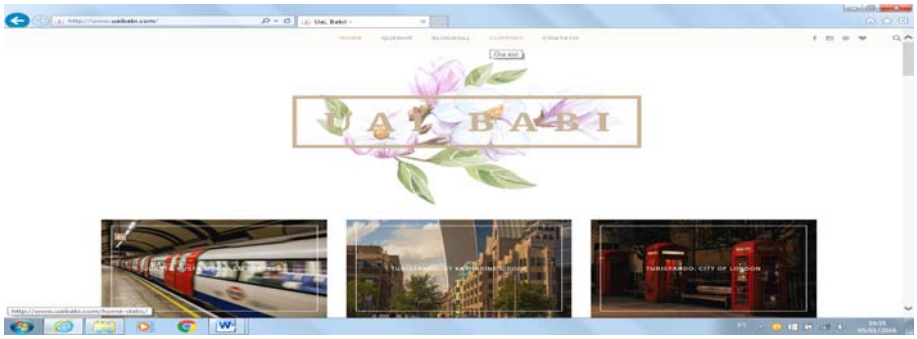


Figura 9 – Apresentação do *link* "Clipping" e sua frase correspondente

Este link estava em branco no momento da pesquisa, mas supõe-se que sirva para mostrar a publicações em que Babi aparece. Novamente a voz que se ouve é a de Babi.

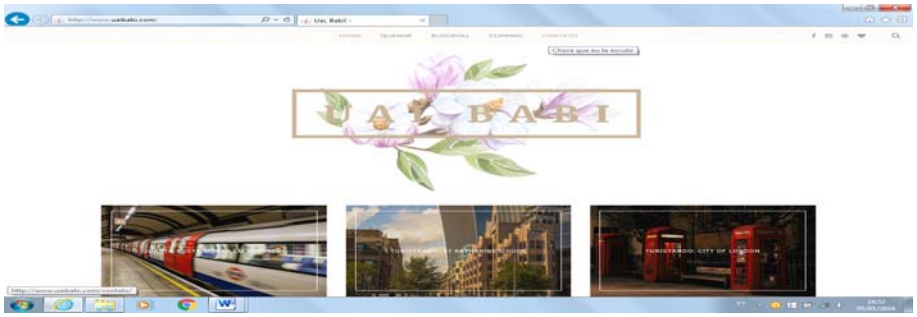


Figura 10 - Apresentação do *link* "Contato" e sua frase correspondente

O texto no pequeno quadro faz uma espécie de "tradução" cômica de um termo mais formal, "contato". Mais uma vez, nota-se a voz de Babi que faz uso (possivelmente) de uma paródia (que tem certa circulação no Brasil) de um programa televisivo chamado "Fala que eu te escuto". O recurso ao repertório do leitor *brasileiro* atesta mais uma vez a "brasilidade" da escrevente. Babi, de forma jocosa, mostra abertura para ouvir e interpela seu interlocutor do lugar de alguém que eventualmente gostaria de falar com ela.

Todos estes elementos vão agregando "caráter" e "corporalidade" ao blog, pois colocam em jogo modos de "falar" que rementem a um conjunto de "traços psicológicos" e a um modo de ocupar o espaço social. Tais aspectos contribuem para agregar ao blog a "personalidade" e o jeito Babi de ser.

- **O comentário: identificações e projeções**

Seguem alguns comentários ao texto “De tudo que vou sentir saudade” que analisamos anteriormente. O primeiro comentário é seguido de uma resposta de Babi. Vejamos.

> Brenda Andrade
> Boa viagem <33 sai da zona de conforto as vezes é bom, e sua torradeira vai estar no mesmo lugar quando vc voltar, então... haha
> 20 October 2015 08:11

Comecemos pela parte final do texto. A autora do comentário faz uso de um tipo notação que chama a atenção. Ela “mostra” estar rindo por meio do uso da onomatopeia “haha”. É como se a palavra ganhasse o valor de “coisa”, ou seja, é como se o termo escrito equivalesse a uma risada. A palavra deixa de ser apenas representação e passa a também se constituir como o próprio referente. Além disto, tal recurso também contribui para constituir uma imagem de quem escreve, ou seja, auxilia na produção de um determinado *ethos*. O que se diz tem o tom de uma brincadeira, de algo que se pode rir.

Apesar do teor “descontraído” da escritura, é possível dizer que Brenda faz uma atribuição a Babi. A dona do blog seria alguém que está na “*zona de conforto*”. No texto em que escreveu. Babi não havia usado esta expressão para falar sobre si. Ou seja, Brenda faz uma espécie interpretação pessoal do texto. As descrições de Babi (possivelmente no que se referem a sua vida em Londres) “significam” estar em uma “zona de conforto”. É como se Brenda acrescentasse ao texto algo que não estava anteriormente (a sua interpretação como zona de conforto). A partir disto, transmite um ensinamento ou mesmo uma “moral”: sair deste lugar é bom. Coloca-se em posição de quem pode saber o que é bom e também que as coisas não vão mudar (“sua torradeira vai estar no mesmo lugar”).

Vejamos como Babi responde a atribuição de lugar que lhe foi feita.

> Babi Lopes ·
> *Ei Brenda! Brigada, e é verdade... Preciso sair da zona de conforto urgente. Mas aos poucos eu chego lá, devagar e sempre*
>
> *Beijo*
> 21 October 2015 12:58

Como podemos ver, Babi agradece e *ratifica* aquilo que foi dito (“ *e é verdade*”). Rapidamente (sem contestação ou discordância) Babi assume o que lhe foi imputado e o ensinamento mostra-se “acatado”. Produz-se então algo que não estava presente no texto de Babi: a necessidade e a urgência de sair da “zona de conforto”. Vejamos o próximo comentário.

> Mayara Anjos ·
> *Poxa vida, eu imagina o quanto deve ser difícil você morar em um lugar tão perfeito como Londres e ao mesmo tempo tão distante da família e amigos. Eu tenho um sonho de um dia ainda morar fora do país, mas essa distância acaba deixando a gente bem dividido. Espero que você consiga vir para cá, matar a saudade de todo mundo, lembrar de como os brasileiros são calorosos e felizes e voltar para aí com muita felicidade! Beijos*
>
> *http://desneurando.com.br*
> *26 October 2015 09:13*

O comentário começa com uma interjeição que, somado a continuidade do texto, sugere um compadecimento de Mayara em relação à Babi. A leitura do blog faz com que a internauta se imagine no lugar da escrevente. A comentadora constrói uma cena de oposição ("lugar tão perfeito" versus "tão distante da família e amigos") em que o segundo elemento pode anular o eventual valor positivo do primeiro. Esta situação é qualificada como difícil.

> A partir disto, Mayara passa a falar de si e expressa qual é seu sonho. Neste percurso, altera sutilmente o uso da primeira pessoa do singular ("eu") para o plural ("a gente") e assim aquilo que se fala não diz mais respeito apenas a ela, mas também a outras pessoas, dentre as quais, a escrevente do blog. A comentadora se faz "representante" deste grupo e com isto pode falar em nome próprio, mas também em nome da escrevente do blog: "ficar dividido" é algo que também diria respeito à Babi. Assim como a outra leitora, Mayara apresenta elementos novos, mas como se pertencessem ao texto de Babi, tais como a cena de oposição e o "ficar dividido".

Desta forma é possível dizer que da mesma maneira que a leitura do blog produz uma *identificação* da internauta, na medida em que esta se coloca no lugar da escrevente, também podemos dizer a escritura do comentário permite uma atribuição de elementos novos ao texto. Porém, não são quaisquer elementos, pois, ao que tudo indica, opera-se uma espécie de *projeção* de aspectos pessoais na "tela" do blog. Aparentemente o blog faculta um si do escrevente que é ao mesmo tempo ocasião de identificação e "instrumento" de projeção.

- **O "eu autoconsciente" e o blog como o espelho da verdade de si**

Neste momento gostaríamos de nos deter nos reconhecimentos de Babi a respeito de si própria. Acompanhemos mais um texto.

> 03.03.2015
> O Pequeno Príncipe e eu
> Esses dias eu cismei que queria ler O Pequeno Príncipe. Na verdade não cismei só de uns dias pra cá, eu já queria ler há tempos. Mas sabe aquela coisa de ir na livraria, comprar outros livros e deixar o que cê foi na livraria pra comprar em primeiro lugar pra trás? Isso acontecia toda vez.
> Sexta-feira saí de casa decidida a não voltar sem ele. Quando cheguei no Waterstones e perguntei do livro imediatamente a vendedora me deu um sorriso tão doce que eu quase estranhei. Sabe daqueles que você faz igual cachorro e chega até a entortar cabeça pra um lado? Ela com toda certeza sabia o que estava por vir, enquanto eu, inocente, apesar de nunca ter duvidado que a história fosse linda, nunca achei que ela me faria chorar. **Tanto.** (grifo da autora)

Por meio da escolha do título do texto, a escrevente se insere como parte do assunto a ser tratado. O conteúdo da postagem não diz respeito apenas a "O Pequeno Príncipe".

O texto possui elementos ("*Esses dias*"; "*Sexta-feira*") que ancoram o enunciado na situação de enunciação, ou seja, permitem tomar como referência a data de postagem. Trata-se de algo que aconteceu não muito tempo antes à escritura do texto.

A escrevente coloca-se como narradora de uma história em que ela mesma é a "personagem". Babi narra os momentos que antecedem a leitura de "O Pequeno Príncipe" e ao mesmo tempo descreve aquilo que se passava em uma dimensão íntima, "interior": ela *cismou*, saiu de casa *decidida*, quase *estranhou* o sorriso da vendedora, era *inocente* em relação ao que estava por vir.

Ao mesmo tempo, estabelece uma conversa com o leitor, o qual é interpelado do lugar de alguém que

poderia reconhecer as situações descritas ("*Sabe aquela coisa...?*"). Na medida em que pede para o leitor/interlocutor identificar em sua própria experiência a situação em questão, estabelece uma relação de proximidade. O discurso de Babi constrói cenas "visuais" ("*igual cachorro*"; "*chega até a entortar a cabeça para um lado*") para descrever – ou mesmo "desenhar" – o caráter "enternecido" da vendedora. É como se Babi fizesse uso de um repertório potencial do leitor para coloca-lo em contato com uma dimensão afetiva, emocional e, quiçá, em contato com suas próprias vivências.

Vale notar que Babi se coloca como alguém que tem conhecimento sobre o que a vendedora sabia. Ao mesmo tempo, "aquilo que estava por vir" é colocado como se fosse algo inevitável. O entortar da cabeça é uma evidência da antecipação da vendedora sobre o que aconteceria com Babi. Constrói-se uma cena onde há uma pessoa que tem um conhecimento sobre o futuro e outra que o ignora e que é "*inocente*". O uso da construção "*o que estava por vir*" agrega um "clima de suspense" à narrativa. Além disso, fica em aberto o que na história a teria feito chorar. "***Tanto***".

Figura 11 - Figura do pequeno Príncipe

Logo após os dois primeiros parágrafos, a enunciadora faz uso da imagem de uma animação homônima ao livro, que foi veiculada em 2015. Com isto, a figura "dá corpo" e materializa o personagem do qual se fala na postagem. Vejamos como continua o texto.

> Esse post não é uma resenha, longe disso. Só queria desabafar porque estou com **depressão-pós-príncipe**. Eu não leio tanto como antigamente, mas leitura pra mim tem sido igual bebida (péssima comparação eu sei): Bebo pouco mas quando bebo fico de ressaca por dias. Tô de ressaca literária. Demoro 2, 4, 6 meses pra ler um livro mas quando leio, leio um bom pra caramba que vai me deixar triste pelos próximos 2, 4, 6 meses. Aí só leio outro quando a ressaca passar e eu melhorar. (grifo da autora)

O parágrafo apresenta uma espécie de ruptura, pois se passa da descrição da situação "pré-leitura" (como vimos nos trechos anteriores) para uma glosa sobre o próprio texto e sobre si.

É possível identificar de que maneira Babi vai desenhando as marcas de um interlocutor potencial. Este interlocutor é alguém que poderia tomar a postagem como uma resenha (visto o uso da negação na primeira oração) e também é alguém que pode fazer uma avaliação negativa a respeito da fala de Babi, como se percebe a partir do trecho "*(péssima comparação eu sei)*".

Babi classifica o que escreve como um desabafo e comenta o efeito que esta e outras leituras têm sobre ela. De forma bem humorada, o termo "*depressão-pós-príncipe*" nomeia e explica algo que se passa com ela. A comparação com o estado de ressaca também assume a função de explanar a tristeza ou outros afetos relacionados à leitura. O que ela está vivendo trata-se também de uma "*ressaca literária*". Em ambos os casos, Babi se "autodiagnostica", ou seja, declara um saber sobre si. Aparentemente, coloca-se como alguém que entende e não tem dúvidas sobre seu modo de funcionar.

> Postei uma foto na página do Facebook ontem, bobinha, sem saber o que estava por vir. Faltavam umas 10 páginas e minha ficha ainda não tinha caído sobre o que iria acontecer, pra mim até então estava tudo bem. Eis que 30 minutos depois estou lá eu: **Devastada. No chão. Em pedaços. Arrasada.** (grifo da autora)

A descrição de eventos passados é retomada aqui. Aquilo que é narrado toma como referência temporal a própria enunciação; o "ontem" a que o trecho se refere diz respeito ao dia anterior à postagem. A enunciadora estabelece um antes e depois que tem como marco a leitura de "O Pequeno Príncipe". No período "pré-príncipe" existe uma Babi ingênua, desavisada em relação ao que lhe aconteceria. Já na situação "pós-príncipe" a enunciadora sofre os efeitos emocionais do contato com o livro.

Algumas escolhas lexicais (como "*devastada*", "*arrasada*", o advérbio "lá" usado como ênfase), as metáforas ("*no chão*", "*em pedaços*") e o próprio negrito dão a dimensão do efeito que o "príncipe" teria causado na escrevente. Ao mesmo tempo, eles mostram que Babi descreve com aparente clareza e exatidão aquilo que se passa com ela. Novamente, a escrevente coloca-se como detentora de um saber indubitável de si, como alguém que tem certeza da ciência precisa de si mesma.

Vale notar que Babi não relata o que no livro teria causado a "devastação" emocional. Tal aspecto, somado a um extrato supracitado ("*Este post não é uma resenha* [...]"), permite afirmar que o assunto não é tanto "O Pequeno Príncipe", mas sim a própria Babi. O que o texto deixa em primeiro plano, sutilmente, não é a história do pequeno viajante, mas a posição de Babi como alguém conhecedora de si.

> Eu sou uma pessoa naturalmente exagerada. Não só em palavras, mas exagerada em sentimentos: Sinto tudo demais. Amor demais, tristeza demais, raiva demais. Nenhum sentimento cabe em mim porque nenhum sentimento é pequeno ou pouco. Então talvez alguém estranhe o fato de que chorei pra cacete, mas é quem eu sou: não sinto pouco.

Pode-se novamente identificar um si que é apreendido, aparentemente, com considerável clareza. Talvez não seja ousado afirmar que se trata de uma renitente *declaração do conhecimento exato da verdade de si*. Aquilo que talvez cause estranhamento em alguém, não causa em Babi, pois ela não se pergunta, não tem dúvidas, não interpela o leitor a fim de saber se ele sente o mesmo ou algo do tipo. A escrevente tem uma explicação para o fato de chorar bastante: não sente pouco. Esta explicação dá conta de exprimir com exatidão *quem ela é*; não há "regiões" de ignorância sobre si. Ao que tudo indica, não surgem estranhamentos ou dúvidas sobre si em função da autoconsciência que Babi julga portar.

> Esse livro pode ser interpretado de várias maneiras e todas elas são lindas. Chorei porque eu interpretei da minha maneira e minha maneira sempre me deixa muito triste (só de lembrar eu já quero chorar), mas a tristeza vira

> uma dor meio agridoce quando exposta sob o ponto de vista do autor. Você lê sem saber que cada linha carrega uma lição e a cada vez que você volta e lê novamente a lição é diferente, porque você está diferente. É como se ela mudasse com você e se ajustasse a quem você é, para aquilo que você precisa aprender naquele momento. É um livro muito ambíguo, no bom sentido da palavra.

O conhecimento do funcionamento de si sutilmente se transforma em saber sobre o funcionamento do livro (ele é composto de lições que se modificam conforme a necessidade de aprendizagem do leitor) e este por sua vez, transfigura-se em ensinamentos que (em função do uso de um "você" indeterminado) pode se estender a qualquer um: enunciador ou interlocutores do blog.

Ao falar sobre o sentimento causado por suas interpretações, interrompe a narrativa do passado ("Chorei") e de um tempo com duração indeterminada ("*sempre me deixa muito triste*") para a descrição de um sentimento que é simultâneo à escritura do blog (vontade de chorar). O blog permite não apenas narrar histórias pessoais, mas também retratar o que se passa nos "interiores" instantaneamente. O texto entre parênteses "*(só de lembrar já quero chorar)*" é quase uma "demonstração" daquilo que Babi estava descrevendo. Ao mesmo tempo em que fala da tristeza, sente-a. E no instante em que a sente, a escrevente pode nomeá-la, dar contorno ao que sente. Isto parece atestar a capacidade de perceber com clareza aquilo que se passa consigo. E Babi encerra o texto da seguinte forma:

> Pra quem não sabe agora são 6 da manhã, e voltando até a época de blog-diarinho, fiquei feliz de ter escrito isso. Hoje eu acordei meio tristinha, mas isso aqui tirou um peso enorme das minhas costas.
>
> Foi bom 🙂

Novamente o texto aparece ancorado na situação de enunciação. É possível localizar o momento preciso em que a escrevente digita suas palavras. O horário (muito cedo, possivelmente antes de Babi sair para o trabalho) sugere uma espécie de urgência em relação à escritura. Trata-se de algo que não pode esperar o transcorrer do dia.

Babi associa à escritura do texto ou mesmo à descrição de si, que realizou uma espécie de alívio em relação ao "peso" causado pela leitura. Aparentemente, *escritura* e *postagem* do texto "desfazem" o "efeito príncipe". A figura de um rosto sorridente, assim como as últimas palavras, conferem ao final do texto um teor emocional que anula ou se sobrepõe ao "acordar tristinha". O sentimento não é apenas referido, ele também é expresso graficamente. É quase como se o desenho fosse o próprio sentimento.

É interessante notar que este modo de falar de si pode se "estender" ao leitor do texto. Vejamos o comentário de uma navegadora em relação ao texto de Babi. Trata-se de uma situação em que este "saber de si" se reapresenta.

> *Leite com Biscoitos*
> *Eu poderia pegar esse texto e definir quem eu sou pra todo mundo que ainda não me conhece nenhum pouco. Eu sou assim também, oito ou oitenta, pra mim não existe o meio termo, mas sabe? Eu até gosto disso.*
> *Eu já li O livro no minimo umas 4 vezes, e toda vez que eu leio tenho uma impressão diferente dele também, a primeira vez que eu li O pequeno príncipe eu tinha 11 anos e ganhei o livro de presente do meu pai. Antes de ler eu subestimava o livro demais (sou dessas que fica suspeitando de tudo que faz muito sucesso) quando li, chorava a cada capitulo, quando terminei de ler fiquei no minimo meia hora parada pensando e olhando da janela do meu quarto pro céu lá fora. Esse livro é maravilhoso, e quando a gente tem uma abertura emocional e se deixa enxergar as mensagens que ele guarda, parece que a gente renasce e vira uma outra pessoa que é*

capaz de enxergar tudo na vida com mais ternura né? Pelo menos pra mim foi assim.

http://www.leitecombiscoitos.com/
Like · Reply · 1 · 4 March 2015 11:37

Vale notar que a fonte enunciativa do texto não é apresentada por meio de um nome pessoal, mas pelo nome de um site. O blog "*Leite com Biscoitos*" é o "sujeito" responsável pela enunciação. Apesar disto, este sujeito se apresenta por meio da primeira pessoa do singular e como um enunciador do gênero feminino ("[...] *sou dessas que* [...]"). Ou seja, o "eu" que fala não é uma instância "organizacional", anônima, mas refere-se a um indivíduo específico, que é ao mesmo o responsável pelo blog e por aquilo que é dito no comentário.

A postagem do blog é reconhecida como algo que permitiria entender com justeza quem é: não Babi exatamente, mas a comentadora. É como se as palavras de Babi apresentassem uma equivalência precisa em relação àquilo que a enunciadora do "*Leite com Biscoitos*" considera como verdade de si. A comentadora identifica no texto de outrem a mais pura verdade sobre si mesma ("*Eu poderia pegar esse texto e* ***definir quem eu sou*** *pra todo mundo que ainda não me conhece nenhum pouco*" – grifos nossos).

A responsável pelo "*Leite com Biscoitos*" define a si própria ("*Eu sou assim* *também*, *oito ou oitenta* [...] – sublinhados nossos") e em um movimento de aproximação/identificação, atribui a mesma definição à Babi. Com isto evidencia-se a certeza do saber sobre si. Efeitos de reconhecimento e desconhecimento: a comentadora considera que existe *no* texto uma verdade, mas desconhece (desconsidera) o fato de que quem atribui este valor é ela própria, a partir de um conhecimento que julga portar sobre si mesma.

No segundo parágrafo a comentadora repete a ação realizada por Babi: descrever a experiência e os efeitos de ler "O Pequeno Príncipe". O comentário aparece como ocasião de falar sobre si, mas em sintonia com que já foi estabelecido pelo texto principal. Após isto, a fonte enunciativa deixa de ser o "eu" e assume a forma de uma "a gente", de modo que aquilo se diz abrange não apenas quem pronuncia tais palavras. O trecho ganha então o valor de ensinamento e de explicação sobre o sobre o livro e sobre os efeitos que ele pode proporcionar. Aquele que ensina o faz por que tem o que ensinar.

Após estes apontamentos, seria possível varrer alguns pontos do blog com esta perspectiva em mente. Seria possível fazer outros recortes que permitiriam pensar aquilo que estamos apontando. Por exemplo, vejamos um momento em que certa dúvida sobre si se manifesta e qual é a vicissitude que ela encontra.

> As postagens desse blog estão cada dia mais esporádicas. Deixei ele fechado por um tempo porque eu estava me sentindo pressionada a postar. **Não sei o que acontece**, mas quem tem blog pessoal sabe que vida de blogueira é constituída de fases. Às vezes a gente tá animada, às vezes não. (grifo nosso)

Pode-se perceber um "não saber" no extrato, mas que rapidamente encontra uma explicação: vida de blogueira é constituída de fases. Com isso, certo conhecimento de si se recoloca.

Por fim, este "eu conhecedor de si" também pode ser delineado em uma postagem curiosa. Trata-se de um material "híbrido", pois mistura a dimensão digital, de uma comunicação mediada pelo computador e outra, manual, que não faz uso de um suporte virtual. Vejamos.

10.10.2014

Post escrito à mão: Analisando meu blog

Nesse mês os temas *Rotaroots* tão crocância pura! Como cês vão ver abaixo, esse post foi escrito à mão. E isso tudo é graças a uma (ou mais) cabecinhas criativas que deram a ideia do ***meme "Post Escrito"*** e ***Blogagem Coletiva "Analisando meu blog"***. Aí quis ser exxxxperta e fazer 2 coisas em 1 post só! Pode isso produção?

Obs[1]: Não reparem o garrancho, juro que minha letra era bonitinha antigamente

Obs[2]: Ai que vergonha. Aposto que a letrinha de todo mundo vai ser linda!

Obs[3]: Scaneei igual minha fuça. DEAL WITH IT. (grifos da autora)

Fazer uma análise do meu blog seria fazer uma análise sobre mim.

Talvez vocês não perceboam tanto quanto eu, mas meu blog é um espelho que reflete absurdamente como eu sou. e - pelo menos pra mim - meu estado de espírito sempre é marca profunda e distinta em cada post que faço.
Se tô de bem com a vida, bem humorada, escrevo rápido, do jeito que vem na mente. Tiro fotos boas, sou objetiva.
Se não, nada flui. Demoro pra fazer posts, nada tá bom. Isso além de parecer reclamona!

Mas é como eu já disse: Eu sou como eu mostro aqui, não tenho intenção de fazer com que minha vida pareça perfeita pra quem tá lendo. Todo mundo tem seus dias ruins e não tenho obrigação de vir aqui só quando tô feliz. O blog é meu, ora essa.

Por que eu criei esse blog? Criei porque... Eu quis? Sim. Mas pra falar a verdade, criei em uma época em que eu estava bem triste. Criei pra me manter ocupada. Eu estava desempregada e vocês sabem, cabeça vazia é oficina do diabo.

Em algum lugar da minha cabeça blogs eram sinônimo de apenas resenhas, produtos e muito glamour. Tentei sustentar mas descobri que não sou assim, sou muito desastrada pra essas coisas. Devagarzinho fui achando meu "eu".

O diferencial do meu blog é não ter um diferencial, não seguir um padrão, não fazer parte de um nicho particular.

É um blog meu, das minhas coisas, de mim.

Figura 12 - Papel de carta escrito e digitalizado por Babi

Aguardando o xingão da minha mãe por essa letra horrível.

SEM-OR tinha esquecido COMO É DIFÍCIL escrever textão no papel. Cês me desculpem, ficou um lixo, teve erro de ortografia e teve coisa sem sentido, mas só fui reparar quando tava lá no final e essa era a única folha de papel bonitinho que eu tinha. Então desculpa.

Escolhemos o item acima como o último a ser analisado. Ele nos parece ser exemplar, pois reúne muitos dos elementos usados para operar a análise. É quase como se fosse um resumo do blog.

Primeiramente façamos um comentário a respeito do caráter híbrido do texto. Ele é ao mesmo tempo carta escrita à mão e uma postagem virtual, ou seja, opera uma espécie de imbricação entre suportes diferentes. Com isto, mescla suas especificidades. As restrições impostas pelo papel e caneta fazem com que Babi estranhe e considere a tarefa muito difícil. Ao mesmo tempo, uma carta teria um número de leitores bastante limitados. Já a carta postada no blog tem um alcance irrestrito.

Outro aspecto que gostaríamos de destacar é o fato de que a postagem é texto (entendido como um discurso fixado por meio da *escritura*) e também imagem. Ele é feito para ser lido, mas também para ser *visto*: a carta é feita em papel especial, apresenta uma cor diferente em relação ao fundo branco do blog, tem textura, possui desenhos decorativos. Ela é "*bonitinha*". Além disto, trata-se de um modo de Babi fazer-se conhecer por meio de sua caligrafia (em relação à qual a escrevente dá bastante destaque nos comentários anteriores e posteriores à carta). Ao que tudo indica, o blog (e possivelmente a internet em si) faculta uma forma de comunicação que apaga as fronteiras entre texto e imagem, assim como diminui a distância entre *ver* (enquanto possível apreciação estética) e *ler* (entendido como apreensão de um sentido oriunda exclusivamente da escrita).

Quando nos voltamos ao texto da carta, é possível apontar a que escrevente encena por meio de seu discurso o processo de análise de seu blog *em ato*. Ao fazer isto estabelece uma equivalência entre analisar o blog e analisar a si própria. É como se não houvesse diferenças entre uma coisa e outra ou como se não houvesse característica de Babi não contemplada pelo blog. O site é visto como um *espelho* capaz de refletir Babi em sua plenitude, ou seja, tal como ela é.

O segundo parágrafo do texto coloca o blog como algo que está presente nos bons e maus momentos da vida. O site pode assumir diferentes configurações de acordo com o estado de espírito de Babi. Ou seja, o blog pode ser considerado como uma espécie de continuidade da própria escrevente. Ele pode adquirir *feições* e estas por sua vez permitem evidenciar aos "olhos" do leitor a personalidade (ou o humor) de Babi. Pode, por exemplo, fazer Babi *(a)parecer* (ser percebida e ao mesmo tempo ser considerada como) "*reclamona*". A feição do blog é a feição de Babi. O blog *é* Babi.

É importante notar que a revisão gradual a respeito do que *é um blog* resulta na descoberta do que *Babi é*. Vejamos: "*Em algum lugar da minha cabeça **blogs eram** sinônimo de apenas resenhas, produtos e muito glamour. Tentei sustentar, mas descobri que **não sou** assim, **sou** muito desastrada pra essas coisas. Devagarzinho fui achando meu 'eu'*"(grifos e sublinhados nossos). Como apontamos anteriormente, Babi coloca-se como alguém que tem o conhecimento de sua verdade, principalmente se considerarmos que seu "eu" já foi encontrado. É por este motivo que

Babi pode afirmar: "***Eu sou o que eu mostro aqui***" (grifo nosso).

5. Discussão

No capítulo anterior apresentamos as análises dos blogs individualmente e com isto foi possível evidenciar as particularidades dos diferentes textos, especialmente no que diz respeito à construção de si. Neste momento, gostaríamos de tomar as regularidades passíveis de serem apontadas no que diz respeito à produção de subjetividades facultadas por este dispositivo midiático. A partir dos pontos comuns destas diversas escrituras organizamos alguns temas que serão debatidos um a um neste capítulo. Vamos a eles.

1. O weblog, o mundo e a existência: a virtualização da experiência e o blog como continente da vida

Um dos pontos de regularidade discursiva desenhada por nossas análises, diz respeito à relação entre o blog, a vida e o mundo. A partir de nossos resultados foi possível pensar que o uso dos blogs opera uma espécie de *virtualização das experiências*, o que significa ter algumas de suas vivências mediadas pelo computador. Isto, em alguns momentos, se mostrou como uma espécie de desconexão em relação ao ambiente físico, como uma renúncia a dimensão empírica das vivências. As oposições empírico/imaterial ou físico/virtual nos pareceram bastante marcadas nas escrituras trabalhadas.

Outro aspecto desta virtualização como se pôde delinear em "Mundo dos Depressivos", diz respeito à possibilidade de construir o blog como um "mundo" que tem como características ser pessoal (e ao mesmo tempo compartilhável) e dizer respeito a um modo particular de "ser". Produzem-se lugares discursivos que facultam a um leitor potencial identificar-se, acompanhar o blog e até mesmo participar por meio de seus comentários.

Na construção e apresentação deste mundo feita por "Superman", emergem elementos relativos ao âmbito empírico, seja pela página inicial, que faz uma aproximação, por meio da imagem, do *ethos* à um lugar, quanto pela própria descrição do blog como um espaço físico ("meu mundo", "*aqui* me sinto em paz"). Por meio da forma como apresenta o blog, é como se estivesse "dentro", envolvido por este "Mundo dos Depressivos" ("É o *meu* espaço", "o *meu próprio* mundo").

Como pudemos ver nas análises, "Superman" ao descreve-se como alguém que possui um "lado de dentro" e que deseja por para fora seus sentimentos. Nesta caracterização há uma equivalência entre o blog e o mundo. O blog também aparece como o canal de possível mediação com o mundo. No "Apenas Ana" identificamos elementos semelhantes a estes, como se vê em "Criei o blog em Junho de 2012 por que sentia dentro de mim uma enorme vontade de colocar minhas ideias pra fora, e, desde então, muita coisa mudou - exterior e interiormente" (APENAS ANA).

Novamente uma ideia de si como alguém que tem um lado de dentro, onde estariam as ideias. Nesta representação, o blog aparece como aquilo que permite por as ideias para fora, o que possibilita a passagem das ideias de "dentro para fora". Assim como em "Mundo dos depressivos" o blog tem valor semelhante ao de "exterior", de mundo.

Em uma das primeiras postagens de seu blog, Ana põe-se a fazer uma reflexão sobre as mudanças da vida. Por meio de um olhar para o passado, Ana vai recuperando uma série de lembranças sobre como ela era. Foi possível apontar que as reminiscências que afloram são aquelas que aconteceram *no* ambiente virtual. A história pessoal da qual consegue se lembrar é a de sua história na web. A fim de podermos comparar, lembremo-nos que para "Superman" o blog é o "lugar" onde pode se sentir a vontade, onde não se sente "estrangeiro", onde pode se comunicar, ensinar, opor-se aos agressores, mostrar força. Ou seja, o blog parece ser o campo privilegiado em onde sua existência pode se dar. Para Ana, não é muito diferente, pois a Internet e o blog são "terreno" onde acontecem o lazer, relações de amizade, "sacudidas", transmissão de seus conhecimentos, renúncias, compromissos e reconhecimento. É onde pode simultaneamente vivenciar e compartilhar mudanças na personalidade e na aparência.

O blog (e a Internet) parecem se constituir como o "ambiente" que enquadram a vida. Aparentemente a existência passa por um processo de virtualização.

Também demos destaque ao fato de que pelo modo de enunciar, Ana produz uma indissociabilidade ou uma equivalência entre fatos (acontecimentos que se dão no âmbito empírico e presencial) e ações realizadas no âmbito virtual. Conhecer pessoas presencialmente e no blog são descritos como sendo a mesma coisa. O blog permite que Ana encontre pessoas que a entende, que tenham aspectos em comum, que se tornem "melhores amigos", mas sem que tenham se visto pessoalmente, sem o contato físico. Tudo isso acontece, para usar as palavras da escrevente, "apesar de nunca terem me abraçado na vida" (APENAS ANA). Da mesma maneira, faz referência ao que sente nessas relações virtuais e esse "sentir" tem o mesmo valor do sentir presencial. O contato mediado pelo blog ocupa o lugar daquele que duas pessoas podem ter por ocuparem o mesmo espaço. Assim, como no "Mundo dos Depressivos" o virtual substitui o físico.

Em "Apenas Ana", a história do blog sutilmente torna-se equivalente à história de Ana. Uma história onde se miscigenam factual e virtual.

Vimos que este processo de virtualização é iniciado pelo gesto de criar o blog e que apesar dos ganhos, implica também em renúncias. Paradoxalmente, a virtualização que trouxe ganhos, permitiu a "realizações de sonhos", produz também a sensação de perda. E aquilo que se vai e que é sentido como falta é justamente a dimensão sensível da experiência.

Afastando-nos ligeiramente da discussão das análises, seria interessante pensar se em outros sites, que não apenas blogs, encontrar-se-ia este tipo de oposição entre o sensorial e o virtual. Esta ideia de se abrir mão de certo tipo de prazer ao "adentrar" ao virtual talvez possa ser estendida, por exemplo, aos sites de pornografia, onde se tem um "prazer", mas que não aquele do contato sensorial e da presença do outro. Outras pesquisas poderiam investigar se existem relações semelhantes àquelas evidenciadas por nossos blogs. O "Apenas Ana" apresenta, aparentemente, a ideia de que onde há um aparente ganho com a virtualidade, com a comunicação instantânea, com a redução das distâncias, com a possibilidade de "conhecer" pessoas, há também um "sentir falta" causado pela ausência de contato físico.

Inúmeras situações são descritas por Ana após a criação do blog e todas elas se fazem parte do âmbito virtual. Assim como no "Mundo dos Depressivos" e também no "Uai Babi", a vida é o que acontece nos blogs.

Embora com menor destaque que no "Apenas Ana", no blog "Uai Babi" também podemos perceber esta oposição presencial X virtual**.** Aqui o contato com os amigos, o que permitia compartilhar o que se vive e o que se sente é rompido em função da escrevente mudar de país. Desta maneira, o blog aparece como algo que pode restabelecer a ligação por meio de uma interlocução virtual.

Se em "Apenas Ana" viu-se uma equivalência entre a história de Ana e a história do blog, em "Uai Babi" a equiparação se dá entre o blog e a própria escrevente. Mostramos que em um determinado momento Babi propõe-se a falar de si, mas discorre sobre o blog. Em outro, pretende apresentar o blog, mas pronuncia-se sobre si mesma.

Ao falar sobre o fato de ser uma pessoa sincera e sem o interesse de fingir o que não é para parecer interessante no blog, Babi produz uma afirmação, com toda a veemência que o negrito lhe permite expressar: "**Eu**

sou o que eu mostro aqui" ("UAI BABI, grifo da autora). O blog e sua produção é reconhecido como algo que dá conta de revelar o que ela é em sua totalidade. No âmbito da vida não mediada pelo computador não há nada de diferente do que Babi faz ou mostra no blog.

Ao tomarmos tanto o "Apenas Ana", quanto o "Uai Babi", pode-se perceber que o blog tem alguns efeitos sobre a vida. No caso de Ana a "entrada" na virtualidade tem efeitos sobre a aparência, sobre a roupa que se usa, sobre a assunção do seu tipo de cabelo. Mas também representa mudança de rotina e algumas renúncias. A produção e a manutenção do blog é reconhecida como compromisso e trabalho, aspectos não tão aprazíveis. Babi, após algum tempo sem inserir novos textos, justifica-se diante de seus interlocutores. Assim como nestes dois blogs, identificamos também em quase todos os outros uma espécie de obrigação em postar. Retomaremos este aspecto no próximo subitem.

Babi coloca como justificativa pela ausência de novas postagens o fato de "**vida de blogueira** ser constituída de fases. Às vezes a gente tá animada, às vezes não" ("UAI BABI" – grifo nosso). Como apontamos anteriormente, produzir um blog define certo estilo de vida, faz com que se tenha "vida de blogueira". Ao que tudo indica, manter um blog significa reconhecer-se como blogueira(o), o que implica considerar-se como parte de um grupo específico, assim como ter o fato de produzir um blog como um traço de identidade. Atentemos abaixo ao modo como se apresentam alguns comentadores de nossos blogs.

> Leite com Biscoitos
> Eu poderia pegar esse texto e definir quem eu sou pra todo mundo que ainda não me conhece nenhum pouco. [...]
>
> http://www.leitecombiscoitos.com/
> Like · Reply · 1 · 4 March 2015 11:37 (COMENTÁRIO AO BLOG UAI BABI)

> Ivan disse...
> Oi Leni,
> Sou o Ivan do amordepapelão e estou tentando por em dia minhas visitas aos blogs amigos. [...]
>
> Ivan.
> amordepapelão
> 25 de abril de 2010 13:43 (COMENTÁRIO AO BLOG LENITIVO)

Embora no segundo extrato o enunciador ainda faça uso do nome próprio, uma das formas de se apresentar é pelo nome do blog. Fala-se em nome do blog e ao mesmo tempo usa-se o blog como um dos elementos definidores de quem se é, da identidade.

Gostaríamos de dar destaque a mais um ponto. Vimos configurar-se uma intrigante relação entre a manutenção da escritura no blog e a vida. Quando Babi ficou um tempo sem escrever precisou avisar seus leitores que estava "vivona" ("UAI BABI). A percepção de que Babi está viva se daria em função das postagens não se interromperem. É como se a interrupção da escrita pudesse representar a interrupção da vida.

No blog "Mundo dos Depressivos" foi possível identificar algo semelhante. Em determinado momento

“Superman” posta um brevíssimo texto, que sugere justamente a não continuidade da vida. Vamos apresenta-lo abaixo.

> segunda-feira, 13 de abril de 2015
>
> A Morte me Chama.
> Adeus.
>
> Postado por Superman às 20:44

Quando posta um novo texto, um mês após ter inserido a mensagem anterior, encontramos alguns comentários de leitores.

> Pessoa R.19 de junho de 2015 23:20
> Fala mano, beleza?
> Primeira vez que eu visitei o site foi hoje, e achei muito estranho você não ter postado mais nada de uns tempos pra cá, confesso que fiquei preocupado contigo, apesar de não te conhecer... [...]
>
> Emerson Lopes26 de junho de 2015 13:29
> por onde anda o dono deste blog? preciso muito falar come ele !

Assim como em “Uai Babi”, vê-se aqui que a ausência de postagens pode representar a própria morte, aspecto que aqui é potencializado pelo texto anterior com sua mórbida sugestão. Aparentemente a manutenção do blog representa a manutenção da própria existência. Talvez não seja ousado dizer que o blog se configura como um suporte da vida, pois é uma das formas de se reconhecer e se mostrar vivo. Como dissemos anteriormente: “Posto, logo existo”.

Para encerrar este item pode-se dizer, portanto que se reconhece o blog como equivalente à vida. O blog ao mesmo tempo enquadra a existência, delimita o que se pode chamar de vida e configura-se como um mundo. No que diz respeito a “Superman”, trata-se de um mundo em que pode se inserir sem sentir-se um estrangeiro, como naquele em que não há a mediação do computador.

Em “Uai Babi” a dimensão da existência não mediada pelo computador algumas vezes acaba por servir, entre outras coisas, como uma forma produzir material (histórias, textos, fotos) para alimentar o blog.

Reconhece-se a vida como aquilo que acontece nos blogs e, aparentemente, não se dá conta de que também existe vida fora do blog. Estes parecem ser alguns dos efeitos de reconhecimentos e desconhecimentos produzidos.

2. A quem se fala nos blogs?

Por meio de variadas cenografias, os autores dos blogs constroem interlocutores que muitas vezes são interpelados diretamente. Ao mesmo tempo, a constituição de um determinado tipo de *ethos* configura um universo específico e uma forma de inscrever-se no mundo. O enunciador, por sua *maneira de dizer*, remete a uma *maneira de*

ser, o que, por sua vez, permite ao interlocutor identificar-se.

Pudemos perceber em nossas análises que o "tu" para quem a enunciação se dirige é alguém que comunga a adesão a um mesmo discurso. Por vezes, a enunciação parece construir um co-enunciador que é um igual, um par e que pode ser colocado no lugar de cúmplice, testemunha, amigo, ou alguém à quem se transmite algo. Em alguns momentos, esse outro produzido no discurso é quase um duplo de si mesmo.

No blog "Apenas Ana" o interlocutor é alguém com quem Ana divide suas experiências, seus aprendizados e suas transformações. Este leitor é, como a escrevente, alguém que se preocupa com a aparência. O fato de Ana usar certos códigos que só pode conhecer aqueles que estão ligados a este mundo dos cuidados com o cabelo confirma nossa asserção. Ao mesmo tempo, o interlocutor de Ana também é alguém que eventualmente pode estar "ainda" preso aos jugos da estética e do cabelo liso. Portanto, é alguém a ser libertado, vindo a passar – caso isso aconteça – por transformações inclusive em sua autoestima.

Em "Mundo dos Depressivos", "Superman" interpela seus interlocutores a partir da mesma classificação que se auto impõe: depressivo ou deprimido. Além disto, o leitor do blog é reconhecido com alguém que eventualmente não tem conhecimento (pelo menos não totalmente) da vilania da sociedade na relação com um depressivo. Por isso, carece ser instruído, esclarecido e até mesmo conclamado.

No blog "Uai Babi", o interlocutor aparece como um "achegado", alguém com quem se tem proximidade, familiaridade e intimidade. É um amigo, confidente e também alguém que compartilha a mesma nacionalidade (isto se confirma pelo fato do blog ser escrito em português, apesar de Babi morar em Londres).

Em "Lenitivo", o leitor do blog não é um interlocutor propriamente dito. São raras as vezes em que ele interpelado no texto da escrevente. Colocado em uma posição passiva, ele é antes um espectador dos enlaces e desenlaces amorosos de Leni. Como se pode perceber, o lugar de interlocutor é, muitas vezes, um espaço vazio.

O interlocutor do blog "Ana e Mia para Sempre" é definido não só pelo modo como Tauu fala, pelo *ethos* construído, pelos assuntos que veicula, mas também pelas próprias condições de visitação ao site que ela impõe. Seu discurso produz dois tipos de interlocutores, ambos tendo como referência um posicionamento em relação a Ana e Mia. Em suas palavras: "[...] sou sim a Favor a Ana e Mia! E quem é contra, fecha a pag, Please =) ♥ **Tauu**" (ANA E MIA SEMPRE). Como se nota, ele pode ser um igual, uma amiga e aliada em relação a uma causa, ou alguém que é contra, uma espécie de inimigo e que por isto recebe o impacto da indignação de Tauu. Vejamos.

> "Então nesses, 2 meses aconteceu de tudo, desde eu receber elogios ate eu quase sair no tapa com alguém, e tbm descobrir denuncias do meu blog e citações em sites que são contra ana e mia! Já disse e repito:
>
> MEU BLOG E PUBLICO ENTRA E LÊ QUEM QUER, SO QUE ACEITA OU NAO LEVAR A ANA E A MIA NA SUA VIDA, CADA UM TEM A SUA MANEIRA DE ENCARAR A VIDA, A MINHA E ESSA (ou pelo menos era, mais vai voltar a ser, a ser uma vida ana e mia), SE FOSSE POR MIM EU NAO SERIA ASSIM MAIS CADA UM E CADA UM NE, E CADA UM FAZ OQ TEM VONTADE, SE A MINHA VONTADE E ESSE E O BLOG E MEU, CABE A CADA UM QUE ENTRA AQUI ACEITAR A MINHA DECISÃO!

Faltou desenhar apenas um último interlocutor a partir do material do blog: Trata-se do próprio escrevente. Por vezes, o produtor do blog dirige as palavras a si mesmo, configurando a escrita como uma espécie de

solilóquio. “Superman” pronuncia frases para se motivar e se colocar metas. “Preciso ser forte” (“MUNDO DOS DEPRESSIVOS”). Ana, por meio de uma espécie de fusão dos papéis de enunciador e interlocutor, agradece a si mesma pelas coisas que já realizou (“APENAS ANA”). Leni, por construir um interlocutor que não é passível de ser “assumido” por um eventual leitor, também estabelece uma espécie de conversa consigo própria (“LENITIVO”).

Foi importante poder desenhar a imagem do interlocutor a partir da escritura de nossos escreventes, pois isto permite evidenciar que ela é tomada em consideração quando o produtor do blog escreve. A imagem do interlocutor é também uma condição de produção do discurso nos blogs. Aquilo que se escreve em um blog, seja sobre um assunto qualquer ou sobre si, toma como referência a imagem que se tem do leitor. Como vimos na maioria de nossos blogs, conceber o interlocutor como alguém interessado e ávido por novos textos, é algo que tem condiciona a própria conduta do escrevente, pois faz com que se imponha uma obrigação de escrever constantemente. Isto se dá até mesmo em relação aos comentadores, como se pode ver pelas justificativas apresentadas.

> Ivan disse...
> Oi Leni,
>
> Sou o Ivan do amordepapelão e estou tentando por em dia minhas visitas aos blogs amigos. Cara, eu tou super atrasado, mas nao estou sendo relapso não. O tempo é que tem sido curto.
> [...]
> Ivan.
> amordepapelão
> 25 de abril de 2010 13:43 (“LENITIVO”)

Tendo em mente o conjunto de ideias que Foucault (1975/2012) nomeou como “panoptismo”, talvez se possa dizer que nos blogs o escrevente pauta e “disciplina” sua conduta em função de imaginar-se observado, lido e acompanhado.

3. A relação com o interlocutor: proximidade, familiaridade, intimidade

Foi possível identificar que o blog faculta a construção de interlocuções entre o enunciador e o interlocutor, pautadas por certa familiaridade ou mesmo intimidade.

No blog “Apenas Ana”, a escrevente, repetidamente, faz uso de uma cenografia constituída como uma conversa entre amigas. A escrevente muitas vezes escolhe, ao escrever, um “estilo falado”, ou seja, embora se sirva de um suporte gráfico e pressuponha uma recepção diferida, este estilo mimetiza uma situação de comunicação em que os coenunciadores estariam juntos no mesmo ambiente. Encena-se não apenas uma proximidade em termos de conhecimento mútuo, mas também uma proximidade *física*.

É no blog “Uai Babi” que esta dimensão da familiaridade se apresentou de maneira mais marcada. Desde os primeiros momentos de sua auto apresentação já emerge abruptamente uma intimidade com o interlocutor sem qualquer indício de como ela teria se produzido. É como se o discurso de Babi produzisse em ato a familiaridade, pois toma o leitor como alguém íntimo há muito tempo. Mesmo antes de ter se apresentado a ele. Relembremos.

> **“<u>Como vocês já devem saber</u>** meu nome é Babi Lopes, tenho 25 anos, sou de Belo Horizonte/MG e moro em Londres já há 6 anos (na verdade são quase 10 mas são tantas idas e vindas…)”(“UAI BABI” - grifo e sublinhado nosso)

Em “Ana e Mia para Sempre” e em “Mundo dos Depressivos” a proximidade se dá pela construção do *ethos*, pois se fala para um igual. A interlocução se dá com alguém que tem os mesmo gostos, preferências, opiniões, modos de falar. Sem se conhecerem (ao menos presencialmente) os coenunciadores relacionam-se como se soubessem muito um do outro.

4. O “eu beligerante”: a construção de si por meio de oposições e antagonismos

Até aqui pudemos perceber que se estabelecem relações virtuais com um interlocutor que pode ser interpelado diretamente. Além disto, os discursos constroem também outro interlocutor a quem não se dirige diretamente, mas a quem se faz referências. Pode-se dizer que se engendra um interlocutor *com quem* se fala e outro *de quem* se fala. Se a relação com o primeiro é marcada por cumplicidade, compreensão mútua, ensinamentos, já com este último é, em geral, pautada por oposições e antagonismos.

No blog “Mundo dos Depressivos” a oposição em relação a um terceiro ficou bastante marcada. Como vimos este terceiro mostra-se com muitas faces: os “muitos”, a maioria da sociedade, o sistema, as pessoas, o poder do dinheiro, o egocentrismo, entre outras. A estes personagens é atribuída certa “vilania”, crueldade e incapacidade de compreensão na relação com os depressivos. Diante de pessoas como “Superman”, tais “vilões” de julgar e atirar pedras. São portadoras de uma grande força que estaria mantendo os depressivos em seus casulos. A “maioria da sociedade”, juntamente com o “sistema podre e ineficaz”, seriam os responsáveis pelas misérias sofridas pelos depressivos.

O outro envolvido nesta situação seria o grupo das pessoas depressivas, no qual escrevente se inclui. “Superman” atribui a este conjunto certa fragilidade, uma incapacidade de por si só saírem de seus casulos. Seriam, portanto vítimas da opressão do muitos. Ter-se-ia, portanto uma cena de antagonismo, marcada por uma desigualdade de forças e pelos *ethé* de um opressor potente e o *ethos* de um grupo vítima, sem muito poder de reação. No entanto, é fundamental apontar que o que se apresenta como os *ethé* e a cenografia *ditos*, *declarados*, não coincidem com os *ethé* e a cenografia *mostrada*. O que se mostra, pela própria escritura de “Superman” é um “eu” resistente, combativo, ativo e não vítima passiva.

Ao fazer contraposição a este interlocutor, o escrevente se põe como quem pode acusar, julgar e condenar e aí mostrar sua força. Constitui-se um si que afirma uma determinada condição (depressivo) e faz do seu discurso, de seu posicionamento os armamentos para anular o interlocutor potencial constituído como um opositor.

No blog “Ana e Mia para Sempre” a oposição aparece no próprio modo de falar, com alguém que “atira” palavras no outro.

> "Então nesses, 2 meses aconteceu de tudo, desde eu receber elogios ate eu quase sair no tapa com alguém, e tbm descobrir denuncias do meu blog e citações em sites que são contra ana e mia! Já disse e repito:
>
> MEU BLOG E PUBLICO ENTRA E LÊ QUEM QUER, SO QUE ACEITA OU NAO LEVAR A ANA E A MIA NA SUA VIDA, CADA UM TEM A SUA MANEIRA DE ENCARAR A VIDA, A MINHA E ESSA (ou pelo menos era, mais vai voltar a ser, a ser uma vida ana e mia), SE FOSSE POR MIM EU NAO SERIA ASSIM MAIS CADA UM E CADA UM NE, E CADA UM FAZ OQ TEM VONTADE, SE A MINHA VONTADE E ESSE E O BLOG E MEU, CABE A CADA UM QUE ENTRA AQUI ACEITAR A MINHA DECISÃO!"

Neste caso o antagonista é aquele que se opõe a uma determinada maneira de encarar a vida. Pela insistência, pela repetição das ideias e mesmo pelo aspecto gráfico do texto (letras maiúsculas) a autora expressa a força de sua decisão, sobrepondo-se aos seus detratores.

No blog "Apenas Ana" por meio de frases construídas de forma negativa, foi possível desenhar a voz de um interlocutor que não reconheceria o real significado de uma transição capilar. "Digo e repito: **não** é só cabelo..." Frente a este personagem, a escrevente se opõe, se posiciona e reafirma: "É autoestima, autoconfiança, autoaceitação!"("APENAS ANA" – grifo e sublinhado nosso).

Outro opositor seria aquele que apedreja. Por não conseguir fazer o que Ana já fez, desmerece-a e não reconhece as suas conquistas. "O pior é que mesmo quando eu me esforço para ser a melhor versão de mim mesma, sempre tem alguém para dizer que eu não fui capaz de algo" ("APENAS ANA" – grifo e sublinhado nosso). Na relação com este personagem, Ana mostra que foi possível aprender algumas lições. Os opositores construídos neste blog geram na escrevente força, poder e resistência, mudança assertiva. Neste ponto, Ana diferencia-se de "Tauu" ("Ana e Mia para Sempre") cujo texto é uma espécie de ataque voltado para aquele que agrediu primeiro; ou seja, engendra-se em "Tauu" uma força de reação também agressiva no modo como constrói a escritura.

A produção de subjetividade sustentada em uma situação (em uma cena) de antagonismo também aparece no "Uai Babi". Babi fala sobre si ao mesmo tempo em que constrói uma imagem de pessoas que passariam uma imagem enganosa de ter uma "vida perfeita".

Babi engendra uma imagem de si como o negativo de uma série de expectativas atribuídas a outrem, tais como entender de moda e saber fazer boas maquiagens. No mesmo ato em que se diferencia, produz uma forma de valorização de si.

Em oposição um outro sofisticado, "cult", Babi define-se como pessoa simples. Com isto procura mostrar-se tal como é, sem fingir algo apenas para impressionar. Ao colocar em cena possíveis personagens que fariam isto, a escrevente diferencia-se e estabelece a ideia de que pessoa simples é equivalente a pessoa verdadeira.

A partir dos destaques que apresentamos, talvez não seja ousado dizer que esta forma de produção de si em oposição a um outro em uma cena de antagonismo parece ser um traço marcante da subjetividade nos blogs.

5. A subjetividade como o elogio de si

Ao longo de nossas análises pudemos perceber que independentemente do blog ou dá temática que ele trazia, produzia-se sempre um si como algo valorizável. Atentemos para as diferentes maneiras que isto acontece.

A temática da aparência e a da assunção do cachos se configuraram como elementos muito importantes do blog “Apenas Ana”. E eles aparentam ser complementares na função de apresentar uma imagem de si como um valor.

Aparece repetidamente no blog, tanto por meio do texto quanto por meio das imagens, a fórmula “antes e depois”, onde a comparação com um “eu” anterior produz um forte efeito de contraste, fazendo emergir um valioso “eu atual”. O foto a seguir e os recursos usados ilustram bem o que estamos querendo dizer.

Figura 1 - Um exemplo de aparição da fórmula "antes e depois"

É possível perceber que a ausência/presença de cores e a diferença de fisionomia produzem um efeito de contraste, que valoriza o presente, o atual. O marco que separa um período do outro é à volta aos cachos.

Por meio desses jogos renitentes de diferenciação, apresenta-se um eu melhorado, transformado, aprimorado, libertado. O responsável por isto tudo é a assunção dos cachos. Isto se passa tanto exteriormente (aparência) quanto interiormente. “[...] não é só cabelo... É autoestima, autoconfiança, autoaceitação!” (APENAS ANA). Apresenta-se, para retomar as palavras da própria Babi, a melhor versão de si mesma.

Isto permite à escrevente colocar-se como referência, como um modelo a ser seguido. No blog, os textos ou audiovisuais produzidos são organizados em conjuntos temáticos. Uma dessas sessões se “Minhas leitoras me inspiram” onde são expostas fotos de pessoas que, como Ana, assumiram seus cachos. Estas pessoas são mostradas e colocadas como exemplo, como fonte de inspiração, assim como a própria Babi. É uma forma eficaz de, por meio de um elogio ao outro, produzir um elogio a si mesmo.

No blog “Uai Babi” pudemos ver como a oposição a um interlocutor potencial e também a um conjunto de expectativas no permitiu afirmar a valorização de si pelo “negativo”. Faz-se um elogio a um determinado

modo de ser à medida que se diferencia e se cria a categoria "pessoa simples" correspondendo ao "verdadeiro" e a de "pessoa sofisticada" ao falso.

No blog ***Ana e Mia para sempre*** não se vê tanto um elogio a si mesma, mas principalmente a valorização de um determinado modo de ser.

Figura 10 – Foto de Tauu

> **"Obg(sic) Ana e Mia** mais uma vez de **estarem** na minha vida, e **me ajudando** a chegar a perfeição!!
> [...]
> *Uma foto minha de como eu era* ***qndo(sic) tinha*** *ANA e MIA,* ***eu era tãaaao feliz*** *e nem sabia, quero um dia voltar a ser assim!!"* (ANA E MIA SEMPRE - negrito nosso)

Ana e Mia além de uma "maneira de ser" são também "pessoas" que ajudam. A adoção desse modo de vida (ou a presença das "amigas") aproximam a autora da perfeição e da felicidade. No extrato colocado anteriormente (vide página 11), vemos inclusive uma defesa veemente e feroz desta "maneira de encarar a vida".

No blog "Mundo dos depressivos**"** vimos o uso da categoria "deprimido" como uma forma de dizer de si. O autor, na condição de "deprimido" apresenta-se como alguém injustiçado, crucificado, aparentemente vítima da sociedade. No entanto, o que ele mostra é justamente o seu lugar de agente, de quem tem a possibilidade de julgar e culpar o outro que o ataca, de quem pode reconhecer-se merecedor de um carinho que não está recebendo.

Este lugar de "deprimido" caracteriza-se como um lugar especial. Diz respeito a uma minoria, está fora do grupo formado pela maioria da sociedade cruel. O autor ao escrever coloca-se em um lugar de quem pode avaliar

a sociedade ou mesmo culpar o sistema. Ele exerce papel distinto, ou seja, uma função crítica.

O autor se coloca no lugar de quem pode ensinar, instruir, desvelar uma realidade oculta e por isso *esclarecer* o interlocutor. Tal ação funciona quase como uma conclamação e alerta sobre os riscos representados pelo sistema e pela sociedade.

Talvez não seja ousado dizer que se "a felicidade é para poucos", como diz o autor do blog, a depressão (como uma condição diferenciada) também. Desta forma, o que vemos não é o uso dos termos "deprimido" e "depressivo" como algo depreciativo, mas o contrário. Ao que tudo indica, o autor faz um "elogio da depressão".

Ao que tudo indica, não importa a característica que se use para se definir (depressão, simplicidade, cabelos cacheados, ser a favor a Ana e a Mia, o sofrimento, o amor não correspondido), pois ela sempre vai aparecer como um traço distintivo do indivíduo, como algo que o valoriza. É por isso que aquilo que se faz, que se é, que se come ou deixa de comer, que se lê, entre outras coisas, pode ser reconhecido e apresentado como assunto de interesse geral. Pode ser visto como temas que as pessoas em geral gostariam de saber ou teriam curiosidade.

6. O lugar de fala como um lugar de força

O blog atesta a força de quem pode pronunciar palavras. O blog cria um lugar de fala que permite ao sujeito enunciar e ser potente ao mesmo tempo.

Em "Apenas Ana" a força está em colocar-se como um modelo que pode orientar os valores e as condutas do outro. Mostra-se também pelo fato de poder transforma a oposição de que pensa diferente ou não reconhece as conquistas da escrevente, em superação e aprendizagem.

"Babi" em seu blog instaura um jogo de verdadeiro/falso no que diz respeito aos modos de ser. Fingir o que não é, somente para agradar ao outro está ligado ao falso. Ser simples, mostrar-se tal como é, pertence ao campo do verdadeiro. Assim, mostra a potência de se auto diferenciar e se auto valorizar na comparação com um outro.

"Tauu" mostra sua força ao desqualificar, atacar e destituir a legitimidade de fala de um adversário. Devolve na mesma moeda as agressões sofridas. Talvez ainda mais importante é o fato de poder legitimar por meio de sua escrita, um determinado modo de ser, a despeito da opinião de muitos opositores.

No "Mundo dos Depressivos" o autor declara-se vítima da vilania do mundo e dos "muitos", afirma-se como alguém dependente do outro para ser retirado ou não do "*casulo do sofrimento*". Em outras palavras, diz-se em um lugar de passividade. No entanto, o que pudemos perceber é que a possibilidade de ação se dá por meio de sua insistência na denúncia, no julgamento e na atribuição de lugares a si e a certo interlocutor. Por meio destas construções discursivas constitui-se uma forma definitiva de anulação da ação do outro. Ao invés de passividade, identifica-se uma ação renitente, ativa, positiva, produtiva.

Tanto "Mundo dos Depressivos" quanto "Ana e Mia para Sempre" mostram também uma força no modo de dizer, no modo de implicar o interlocutor opositor, na possibilidade de chocar com imagens ou palavras, na possibilidade de apresentar uma escrita que carrega intensidade, agressividade. Parecem fazer uso, como denominamos anteriormente, de uma "*retórica do impacto*".

Estas parecem ser algumas das configurações possíveis dos jogos de força neste meio virtual.

7. O comentário: a construção por meio da imagem do outro

Como vimos anteriormente, parece se produzir, em relação à produção de comentários, uma espécie de obrigação auto imposta pelo comentador. É como se, para ter o próprio blog comentado, faz-se necessário comentar também. Com isto vão se estabelecendo vínculo em rede de modo a formar comunidades de escreventes de blogs, ligados por um tema em comum ou não.

O comentário permite construir uma ponte entre o próprio blog e aquele que se glosa, pois ao comentar deixa-se o nome do blog por qual se responsável. Este nome é um "link", uma construção de hipertexto.

Em maior ou em menor grau, é possível reconhecer na maioria dos escritos, uma identificação do comentador com aquilo que lê no blog. Estas identificações, por vezes, configuram-se uma sobreposição justa entre as imagens do escrevente e do comentador, quase como se não houvesse diferenças entre eles. O comentador faz uso de termos que expressam "totalidade" ("você disse **exatamente** o que sinto", por exemplo) sugerindo uma ideia de equivalência perfeita entre o que leu e o que reconhece de si.

Os comentários, em sua maioria, apresentam a "mesma direção" dos textos postados, pois trabalham a mesma temática. Quase não há confrontos ou discordâncias. Ao que tudo indica configura-se uma produção de si (no caso do comentador) a partir da imagem do outro.

O comentário também é uma ocasião do comentador falar de si. Condicionado pelo texto do escrevente faz uso do espaço para produzir uma apresentação de si. Assim como o produtor do blog, também se põe como assunto.

Se for verdade que a leitura do blog produz uma identificação do leitor com texto, na medida em que esta se coloca no lugar da escrevente, podemos que há também um movimento oposto. Muitas vezes, o comentador inseria o seu ponto de vista, a sua interpretação como se fosse algo que fizesse parte do texto principal. Assim, sem que escrevente ou comentador se dessem conta, produziam-se acréscimos ao texto do blog (por exemplo, um comentador pode atribuir ao texto do blog um teor triste que não havia inicialmente). Pode-se dizer então que a escritura do comentário permite uma atribuição de elementos novos ao texto. Porém, não são quaisquer elementos, pois, ao que tudo indica, opera-se uma espécie de *projeção* de aspectos pessoais na "tela" do blog. Aparentemente o texto do blog é ao mesmo tempo ocasião de identificação e "instrumento" de projeção.

8. O segredo produzido no discurso

Dos cinco blogs analisados, três deles não possuem elementos que possam identificar o escrevente, o que sugere que eles se pretendem anônimos. São eles "Lenitivo", "Ana e Mia para Sempre", "Mundo dos Depressivos". Estes blogs guardam alguns pontos em comum em relação ao modo de escrever sobre si.

Em todos eles pode-se identificar um jogo simultâneo do escrevente em ao mesmo tempo revelar e

ocultar a si mesmo. Este efeito se produz de diversas maneiras.

Ainda que o escrevente por vezes revele aspectos apontados por ele mesmo como muito íntimos, fato que não contaria a mais ninguém, a não ser ali no blog, é como se isso continuasse em segredo, pois pela falta de elementos identificadores, não se pode atribuir estas informações a ninguém.

Outra forma de ”produzir” o segredo é pelo modo como o escrevente toma a palavras. Por vezes engendra-se uma escrita bastante genérica e inespecífica para falar de si mesmo. Constitui-se um “eu” ambíguo, pouco definível e quase inapreensível. Gera-se um eu que é quase uma categoria, pois o escrevente se põe o representante de uma classe: a dos depressivos e a dos que precisam de lenimento para a dor. Falar de si “como” uma categoria permite mostrar muitos elementos sobre os indivíduos em geral desse conjunto e pouquíssimos sobre aquele que pronuncia as palavras.

Outra característica deste modo de falar é a de fazer alusão a algum elemento, mas sem apresentar seu referente. O leitor fica apenas com uma parte da informação. Talvez se possa dizer que em alguns blogs (como os citados) há uma aproximação entre intimidade/ “pessoalidade” e segredo. O blog produz no próprio movimento de expor algo pessoal, a criação do mistério e do segredo. Cria-se e exibe-se um “algo” do qual se poderia ter falado, mas não se falou.

Assim, o âmbito privado da vida não desaparece ao se fazer uma exposição pública de si, mas ele é produzido discursivamente. Não se poderia pensar, portanto em uma intimidade que é anterior a escrita do blog, mas sim em intimidade ou segredo instaurado pela própria enunciação.

9. O eu conhecedor de si e o blog como expressão da verdade do sujeito

Um dos elementos que pudemos desenhar a partir do material dos blogs foi o modo de reconhecer-se como alguém que porta um saber praticamente completo sobre si mesmo.

No blog “Lenitivo” é possível notar que a escrevente tem decisões firmes, por saber o que é melhor para si, tem ciência do que pode ou não mudar e de como funciona seu coração. Mostra uma compreensão a respeito do que é a verdade da felicidade sentimental (“só se ama um amor na vida”), saber este que pauta seu posicionamento na vida e seu modo de falar sobre si no blog. O entendimento que tem de si também permite que reconheça na escritura de autores famosos a sua verdade em forma plena (“Caio Fernando mais uma vez diz tudo por mim”).

Uma breve dúvida, razão pela qual interpela o leitor diretamente, dissipa-se na própria escritura do texto, pois se chega rapidamente a um saber. O espaço vazio da dúvida, que eventualmente produziria uma resposta do leitor, não dura muito tempo. Sem tardar ela é preenchida com uma constatação, a de que não pode ficar com o amado.

Em “Apenas Ana”, o fato da escrevente deixar de usar chapinha, de fazer alisamentos e de assumir seus cachos é visto como uma tomada de consciência em relação à escravidão à que se submetia e não sabia. A percepção de que alisamentos e afins são uma forma de aprisionamento constitui-se para Ana como uma verdade. Doravante, portadora deste saber, busca divulga-lo em seu blog e ajudar a “libertar” outras pessoas.

“Superman” em seu blog mostra ser consciente de realidade do mundo, do que é feito aos depressivos e o que eles sentem. Além disto, o conhecimento em relação aos depressivos (e por extensão, a si mesmo) permite saber que eles têm méritos e necessidades que não são contemplados pela sociedade. Chega a especificar exatamente o que o depressivo tem direito e que lhe é recusado: atenção, respeito, carinho e amor. Em função desta sapiência pode se fazer porta voz de um grupo e conclamar potenciais companheiros de causa.

“Tauu”, a despeito de opiniões contrárias legitima e defende certa maneira de levar a vida, que é fazer-se em companhia das amigas Ana e Mia. Em nenhum momento, ao menos não no blog, surgem dúvidas ou questionamentos sobre este posicionamento, sobre a personalização feita com a anorexia ou bulimia ou da busca de perfeição por meio de um ideal de corpo esbelto. Nenhum destes fatores causam estranhamento, pois são convicções estabelecidas. E assim, tais perspectivas pautam a produção de seu blog e a relação consigo.

Nos textos de “Babi”, delinear um si que é apreendido, aparentemente, com considerável clareza. Como afirmamos anteriormente, a escrevente faz, em alguns momentos, uma espécie de declaração do conhecimento exato da verdade de si. Aquilo que ela sente, pensa e seu o modo de agir, poderia causar estranhamento no outro, mas não em Babi. O conhecimento sobre como funciona e sobre o que se passa em seus “interiores” não permite que aflorem dúvidas ou incertezas. As explicações que porta a seu próprio respeito dão conta de exprimir com exatidão *quem ela é*; não há “regiões” de ignorância sobre si. É justamente por ter um entendimento integral a seu respeito que Babi pode afirmar “Eu sou o que eu mostro aqui” e assim fazer do blog um espelho que reflete não menos que a pura verdade de si.

Acreditamos ter podido evidenciar aqui alguns efeitos de reconhecimento e desconhecimento na produção de si em blogs. Após este percurso, passemos à algumas considerações finais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

- **O material e o imaterial na construção de si**

Em função de nosso tema, incluiremos em nossa discussão algumas ideias do pensador Pierre Lévy. É importante evidenciar que este autor não faz parte daqueles que integram, com seus conceitos, nossa estratégia de pensamento. Isso significa dizer que em nenhum momento nos pautamos em Lévy (2014, 2010) para operar nossas análises. Se ele aparece neste momento é com o intuito de servir-nos de contraponto e permitir reverberar um pouco mais nossos resultados.

Como dissemos no início desta jornada, a noção de virtual de Lévy não se opõe a ideia de existência, ou de realidade, mas sim a de atualidade. Virtual diz respeito àquilo que é em potência. Além disso, o virtual também está associado ao imaterial, ao que não é apreensível fisicamente, ao que não está presente, ao que mostra um desprendimento em relação ao aqui e agora. O virtual existe, mas sem ter uma presença sensível (LÉVY, 2014).

Para Lévy (2014), processos de virtualização não são contemporâneos ao mundo da informática e ao da Internet, mas os antecedem. A imaginação, a memória, o conhecimento, a religião seriam vetores que já há muito tempo facultam ao ser humano abandonar a presença e a materialidade (LÉVY, 2014). Por outro lado, também se pode dizer que o processo constante e reversível de atualização e virtualização é uma das principais dimensões da world wide web.

Após essa breve e interessada aproximação em relação às ideias de Lévy, encontramo-nos munidos de um vocabulário um pouco mais específico para falar do virtual. Podemos agora nos afastar deste autor para discutir como se configuram em nossas análises as dicotomias presença/não presença, material/imaterial, empírico/virtual, sensível/não sensível.

Um dos aspectos que nossos esforços analíticos puderam delinear foi que o reconhecimento de si nos blogs, em geral, tomava como referência as vivências que se davam em um âmbito virtual. Expliquemo-nos melhor.

Em “Apenas Ana”, a memória de que Ana tinha registro dizia respeito às experiências mediadas pelo computador. Sua história acabava por coincidir com a história de seu blog. Além disto, após a criação do blog, as

ações que realiza, tais como descobrir pessoas, transmitir "coisas boas", ter melhores amigos, ser a melhor versão de si mesma, acontecem todas sem a presença física ou o contato material de outrem.

Em "Mundo dos Depressivos", o blog é reconhecido como o âmbito onde "Superman" pode se inserir, sentir-se a vontade, resistir, mostrar-se forte, instruir seu interlocutor e fazer-se representante de uma classe. A partir de sua escritura pudemos delinear um "si" constituído como uma categoria, um "eu" múltiplo, que é todos e nenhum ao mesmo tempo, um "eu-depressivos".

Em "Uai Babi", Babi apresenta uma equivalência entre o que o blog mostra e o que ela é. Falar do blog é o mesmo que falar de Babi e vice-versa. Ocorre uma virtualização de si por meio da indiferenciação entre ela e o blog. O que se passa no "espaço" do blog dá conta de expressar a verdade sobre ela em sua totalidade.

Em "Ana e Mia Sempre" opera-se a virtualização do corpo, pois este perde sua materialidade por meio do discurso e das imagens. Ele faz-se visível, aumenta, diminui, altera suas dimensões constantemente, mostra-se volúvel, sempre a espera da forma que as palavras e as fotos podem lhe dar.

Em "Lenitivo" configura-se também um "si" sem contornos definidos, que aparenta corresponder ao mesmo tempo ao "eu" do enunciador e ao "eu" de um personagem de uma triste ficção romântica, colocando o leitor do blog como plateia e não como interlocutor.

Ao que tudo indica, a constituição de um "eu" nos blogs toma como referência o imaterial, o impalpável, operando, das mais diferentes maneiras, uma virtualização de si. No entanto, este tipo de produção de subjetividade que se dá nos blogs apresenta um movimento paradoxal de prescindir da dimensão material da experiência e ao mesmo tempo fazer com que o empírico apareça de outra maneira.

Um dos modos como isto acontece está ligado ao modo como o blog é reconhecido. Sem o *menor* indício de estranhamento por parte dos usuários do blog, a plataforma digital que se projeta na tela do computador é reconhecida como um *lugar*. Não só. É visto como um *lugar físico*.

Os escreventes e seus comentadores referem-se constantemente ao blog como um lugar que se pode entrar, sair, visitar, habitar. Não são raras colocações como "Benvindos e voltem sempre!" ou "Gostei de sua nova casa." Além disso, atribui-se uma materialidade ao blog pelo próprio uso que se faz do discurso, como se pode perceber pela utilização constante de embreantes espaciais ("aí", "aqui") que permitem interpelar um interlocutor como se ele estivesse presente no mesmo ambiente que o enunciador.

Para retomar um exemplo, a escrevente do "Apenas Ana" atribui às vivências virtuais o status de experiência sensível, algo possibilitado pelo blog reconhecido como um *lugar* que se pode habitar juntamente com o outro. O "sentir", que aparece em seu texto fazendo referência às amizades construídas graças ao blog, apresenta praticamente o mesmo valor do sentir presencial, do abraço, do contato físico. Constrói-se, na enunciação, o blog como um lugar empírico e coabitável.

Em "Ana e Mia para Sempre", a personificação da anorexia e da bulimia faz com que sejam reconhecidas como uma presença, como amigas que, quando "juntas" à escrevente, podem ajudar e ter efeitos sobre o corpo.

Mas a dimensão empírica se faz sentir também de outra maneira. O modo como se toma a palavra faz com que seu aspecto material fique muito em evidência. Basta lembrarmos a forma de "Tauu" escrever ao nos contar

sua história. “Bom vamos começar, **beeem** do comecinho”; “to me odiando **muuuuuuuuuuuuuuuito**” (ANA E MIA SEMPRE – grifos nossos)

Pode-se também perceber que o forte recurso à dimensão gráfica dos caracteres integra uma estratégia discursiva que leva ao paroxismo a possibilidade do texto ser também imagem. Aspas, negrito, itálico, caixa alta, sinais de pontuação agregam ao texto um grande valor expressivo. Por meio destes elementos as palavras podem ser tristes, alegres, “piscar um dos olhos” :-) :-(;-). Mas também podem ser raivosas ou agressivas:

> MEU BLOG E PUBLICO ENTRA E LÊ QUEM QUER, SO QUE ACEITA OU NAO LEVAR A ANA E A MIA NA SUA VIDA, CADA UM TEM A SUA MANEIRA DE ENCARAR A VIDA, A MINHA E ESSA [...] MAIS CADA UM E CADA UM NE, E CADA UM FAZ OQ TEM VONTADE, SE A MINHA VONTADE E ESSE E O BLOG E MEU, CABE A CADA UM QUE ENTRA AQUI ACEITAR A MINHA DECISÃO!” (ANA E MIA SEMPRE – caixa alta do autor).

O texto pode ser preenchido por tonalidades afetivas e emocionais diversas, não por seu conteúdo, mas pelo modo de enuncia-lo. Pelo próprio modo de se construir o texto pode mostrar-se carregado de força, causar impacto, pode ser usado como arma.

A enunciação se dá de modo a permitir visualizações, mas também outras dimensões sensoriais. Vimos em “Ana e Mia Sempre” que o texto se monta de forma a parecer que as palavras têm cheiro, sabor, podendo por isso, expressar nojo... Como estamos vendo, o discurso é capaz de se mostrar sensorial, sensível de diversas maneiras.

A materialidade também se pode sentir pelo fato da escritura imitar a oralidade. Ela mostra-se informal, despreocupada em relação às normas cultas, faz uso de gírias. Além disso, as palavras também podem ter sotaques regionais. “Babi”, por exemplo, pelo próprio modo de escrever, pode mostrar “quenhé”.

Por vezes o discurso se faz usando como estratégia discursiva o modo de ocupar o espaço do blog. Nem sempre o texto é para ser lido, muitas vezes ele é para ser visto.

Tudo isso se dá como se as palavras não funcionassem como signos. *As palavras são a coisa em si.* São imagem, são emoção, são ação, são substância.

A partir do que apontamos neste item, autorizamo-nos a dizer que nos blogs se dá uma *produção de subjetividade* que se constitui como uma *desmaterialização da experiência* e *do eu* simultaneamente a uma *materialização do discurso*.

Com isso, autorizamo-nos também a pensar com Foucault alguns aspectos de nosso tema.

- **Esboçando alguns contornos de subjetividade**

Como apontamos anteriormente, Foucault (1982/2014) em seu texto “O sujeito e o poder” se propõe explicitar qual teria sido o objetivo de seu trabalho ao longo de seu percurso como pesquisador e pensador. Ao contrário do que se poderia imaginar, o tema geral de suas investigações não foi o poder, mas sim o sujeito. Ou melhor, sua meta era a de “produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano em nossa cultura” (FOUCAULT, 1982/2014 – p. 118).

Vimos que o autor fez uso da a noção de poder como um operador analítico que lhe permitiu estudar a

objetivação do sujeito no discurso. (FOUCAULT, 1982/2014)

O autor adverte que para que seu trabalho tivesse um caráter analítico, não poderia lançar mão de uma teoria, pois uma teoria já traz uma objetivação prévia, já traz um sujeito objetivado. Se por um lado é preciso recusar uma teoria e seu sujeito já estabelecido, considera que não se pode prescindir de uma conceitualização dos problemas em questão. E essa conceitualização implicaria uma verificação constante, uma consciência histórica da situação em que vivemos (FOUCAULT, 1982/2014).

Ao conduzir nossas análises procuramos nos manter na esteira do pensamento de Foucault, especialmente no que diz respeito a esta concepção de metodológica apresentada acima. Nosso trabalho implicou também fazer uso de uma conceitualização dos problemas trabalhos, ou seja, lançar mão de um arsenal conceitual que não trouxesse um sujeito já objetivado, como seria se desejássemos, por exemplo, fazer uma leitura psicanalítica dos fenômenos digitais. Para que nosso trabalho fosse uma análise, como propõe Foucault (1982/2014) tomamos a decisão de trabalhar com a AID, tendo como principais operadores conceituais as noções de: discurso como ato, poder, cena enunciativa, cenografia, *ethos* e efeitos de reconhecimento e desconhecimento – como argumentamos anteriormente.

Discorramos agora a respeito de mais algumas considerações sobre a produção da subjetividade delineadas.

Um dos aspectos que foi possível pensar diz respeito da relação entre existência e a produção do blog. Como vimos no capítulo de discussão, reconhece-se como vida aquilo que acontece "no" do blog.

É importante atentarmos também para o interlocutor produzido na escritura do blog. A não ser pelo blog "Lenitivo" o "tu" a quem o escrevente interpela diretamente por meio de seu texto é um semelhante. É alguém que compartilha da mesma condição existencial (deprimido, "a favor da Ana e Mia", alisa os cabelos cacheados, mora no mesmo país de origem ou fala a mesma língua materna) e por isso é capaz de compreender o que é enunciado, mesmo quando se faz uso de uma linguagem particular ou de códigos específicos a um nicho.

Algumas vezes, como no caso do "Apenas Ana" e do "Mundo dos Depressivos", este igual também é alguém que pode ser ajudado, esclarecido, libertado ou transformado. Ao construir tal tipo de relação, o escreve acaba por se atribuir uma espécie de função social.

Como pudemos ver, o interlocutor se constrói tanto pela maneira como o enunciador o interpela, mas também pela construção do *ethos*, que é um convite àqueles que venham a se identificar com determinado modo de existir.

Foi possível configurar da escrita presente nos blogs a produção da imagem de um "terceiro", alguém que tem como principal característica engendrar na relação com o enunciador uma espécie de antagonismo. Trata-se de alguém que critica, desqualifica ou tenta submeter o enunciador. Frente a isto, produz-se um eu que enfrenta, resiste, mostra força, mostra não precisar fingir ser quem não é, revela poder de superação e de transformação. Ou seja, produz-se um "eu beligerante".

Outra dimensão deste eu combativo é a produção de si como uma forma de elogio. Seja em oposição ao terceiro antagônico ou por meio da negação de expectativas atribuídas a outrem, produz se uma imagem valorosa de si que permite ao sujeito colocar-se como modelo. A própria construção do *ethos* já é, por si só, a valorização de

um modo de existência, seja ela a de alguém que assume os cachos, a de alguém que tem como "amigas" a Ana e a Mia, a de alguém depressivo, a de alguém sincera que se mostra tal como é, ou a de alguém que pode considerar seus sofrimentos como uma forma de arte.

Em praticamente todos os blogs o exercício da função enunciativa se mostrou com uma forma de potência, pois ele permitia construir um modo de ser como um valor, mas também garantia de resistência e anulação de uma ideia ou de um outro opositor. Nos blogs as palavras podem ser usadas como autoafirmação, como denúncia ou como arma. Constitui-se uma força também o fato do sujeito colocar limites àquilo que deseja expor ao outro. Por vez, é capaz de ocultar e expor-se no mesmo ato.

Por fim, foi possível desenhar no discurso dos escreventes um modo de escrever onde não aparecem dúvidas a respeito do que se é ou de que se passa consigo próprio. Justamente por estar apoiado em saber sobre si ou sobre outros assuntos, que o sujeito pode orientar, transmitir conhecimentos, esclarecer, conclamar. Por mostrarem-se portadores de uma espécie de autoconsciência é que o blog acaba sendo reconhecido como um espelho que reflete a verdade de si.

Vimos no início deste trabalho que Nicolaci-da-Costa (2005) apresenta o blog e outras plataformas como formas de autoconhecimento, pois segundo ela, a medida que o escrevente se expõe, pode receber retornos do outro a respeito de sua própria subjetividade e incorporar isto como um novo saber sobre si.

Em função de nossas análises, preferimos compreender a relação do escrevente com o blog e com seus interlocutores de outra maneira. Consideramos que o escrevente do blog é alguém que se põe ao olhar do outro e ao fazer se apresenta; diz: "sou isto e não sou aquilo". Neste processo, toma aquilo que julga saber sobre si como uma verdade que não deixa brechas e esgota as possiblidades de novos conhecimentos. Plagiando algumas expressões foucaultianas, é um sujeito que se liga a sua própria identidade por meio do conhecimento de si. Aparentemente o blog produz um sujeito que se auto impõe uma identidade, se auto impõe a tarefa de dizer quem é, mesmo que este dizer seja parcial ou que não se "mostre o rosto".

Depois destes apontamentos, podemos agora organizar em tópicos alguns contornos da subjetividade delineada por nosso discurso a partir dos *corpora* dos blogs. Configuramos:

- um sujeito que reconhece como vida aquilo que se passa no ambiente virtual do blog, o qual, por sua vez pode pautar as experiências no âmbito "off-line", pois as vivências não mediadas podem vir a ter a função de alimentar o blog. Ao mesmo tempo, pode-se fazer uma reorganização da rotina cotidiana para poder administrar o blog e assim fazer da designação "blogueira(o)" um traço identitário.
- um sujeito que pode atribuir-se uma "função social" mediada pelo blog.
- um "eu-beligerante", entendido como um sujeito que constrói a imagem de si a partir de uma oposição em relação a um terceiro.
- uma subjetividade como um elogio de si; ou seja, a produção de um "eu" que representa a valorização de um modo específico de ser.
- um sujeito potente pelo próprio exercício da função enunciativa; no blog, ao que tudo indica, o lugar de fala constitui-se como um lugar de força.

- um sujeito que pode se constituir por meio de um jogo de revelar/esconder-se, ou seja, ao mesmo tempo mostra-se e produz segredos.
- um sujeito consciente da verdade plena de si.

Acreditamos que ao delinear alguns contornos de subjetividade pudemos também evidenciar modos de objetivação do sujeito. Somando isto ao fato de que no item anterior estabelecemos como a escrita de si em blogs opera apropriações do discurso, transformando-o, agregando-lhe materialidade, tornando-o pessoal, autorizamo-nos a dizer que por meio desta pesquisa realizamos o desenho de, como diria Foucault (1982/2012) processos de *subjetivação do discurso e objetivação da alma*.

- **A identidade e o poder de falar**

É preciso continuar, eu não posso continuar, é preciso continuar, é preciso pronunciar palavras enquanto as há, é preciso dizê-las até que elas me encontrem, até que me digam – estranho castigo, estranha falta, é preciso continuar, talvez já tenha acontecido, talvez já me tenham dito, talvez me tenham levado ao limiar de minha história, diante da porta que se abre sobre minha história, eu me surpreenderia se ela se abrisse

Michel Foucault

Se, como diria Foucault (1970/2002) toda sociedade tenta controlar a produção do discurso, conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, seria o blog um "lugar" onde isso não acontece, campo de abertura no discurso? Seria o blog um "ambiente" onde uma pessoa pode dizer tudo ou falar de qualquer coisa? Ou haveria um preço a se pagar para poder falar o que quiser nos blogs? Nossas análises permitem pensar que o indivíduo pode sim falar "o que, como e onde quiser", inclusive "desconectado" do tempo e do espaço, sem atender às exigências da norma culta de enunciar. Desde que ele diga quem é e que se fale a partir da mesma posição discursiva que o faz ser sempre igual a si mesmo. Desde que aceite submeter-se a uma *identidade* e assim tornar-se sujeito. Este parece ser o preço. Esta parece ser a coerção imposta à temível materialidade do discurso. O fato do blog reunir elementos suficientes para permitir a construção de um *ethos*, uma imagem do escrevente, aparentemente, comprovam nossa tese (ele poderia ser uma mídia que não permitisse uma imagem de si).

Como pudemos ver em nossas análises, o discurso dos blogs, produz um sujeito ao mesmo tempo forte, potente, mas assujeitado a sua própria identidade. Se, como Foucault (1982/2014) aponta ao longo da história; muitos se levantaram contra este tipo de poder que tenta individualizar o sujeito, no caso dos blogs, se aceita de bom grado a tarefa de "mostrar" quem se é e tornar-se preso a si mesmo.

No entanto, o "Lenitivo" é um blog que parece colocar em cheque essa nossa ideia. A escrevente do

“Lenitivo” mostra-se resistente a esta coerção à medida que constrói um “si” pouco definível, ambíguo, quase inapreensível. Insere-se nesse jogo de forças de forma galhofeira e zomba dos esforços em lhe atribuir um contorno, um eu. “Para que continuar sendo a mesma sempre?” (LENITIVO). Entretanto, parece trair-se quando, por meio da repetição insistente da mesma cenografia, do mesmo lugar de fala, da recusa em abrir mão da autoimagem de amante não correspondida (“só se ama uma pessoa na vida” (LENITIVO), estabelece um ponto de fixação, um ponto que permanece sempre idêntico a si mesmo, constitui um tipo de identidade.

O que queremos apontar com isto é que o discurso dos blogs tem duas dimensões, uma positiva (produtiva) e outra negativa (coercitiva): negativa por que restringe, delimita, dá forma, submete o indivíduo a um modo de falar e de existir. Positiva por que cria um lugar de fala. Ainda que restrito e condicionado à singularidade do indivíduo, mas um lugar que faculta ao sujeito a possibilidade de pronunciar palavras. Tantas quantas puder digitar ou fazer soar. Ou seja, legitima uma forma de exercer a enunciação, função esta muito disputada em nossa sociedade, segundo Foucault (1970/2002).

Assim, não podemos concordar com Komesu (2005) quando afirma que o novo não é possível no discurso dos blogs. Em meio às interdições e rarefações discursivas em nossa sociedade, o novo já é a instauração de um lugar de fala e de uma possibilidade de reconhecer-se sujeito. O blog atesta a força de quem pode pronunciar palavras. O blog cria um lugar de fala que permite ao sujeito enunciar e ser potente ao mesmo tempo, ainda que submetido a uma identidade.

Talvez também não precisemos pensar estes fenômenos de escritura de si em termos de vaidade ou desejo irrefreável de se mostrar. Do nosso ponto de vista, parece ser suficiente considera-los como uma forma de apropriação de um lugar de fala por meio da assunção de uma identidade. Parece-nos que isto é o essencial: pronunciar palavras, do modo como for possível.

- **O ethos e a análise institucional do discurso**

Gostaríamos de discorrer agora sobre o modo como trabalhamos o conceito de *ethos* a partir da perspectiva da AID.

Primeiro tomamos o conceito de ethos como complementar ao de cenografia na produção de sentidos. Consideramos que juntos permitiam fazer emergir uma instância subjetiva, uma “voz” que conferia ao blog uma “personalidade” (que, aparentemente, encena a “própria” personalidade do dono blog). Para nós o ethos foi tomado como um dos elementos da imagem de si desenhada nos blogs e um dos elementos que permite pensar efeitos de reconhecimento e desconhecimento.

A partir do modo como o escrevente se reconhece (como depressivo, mais “verdadeira” por não fingir ser o que não é, referência para quem quer assumir os cachos) produz-se simultaneamente uma imagem de si, um ethos e um universo de sentidos que sucita a adesão e a identificação do interlocutor. O leitor pode então se

reconhecer como tal. Este processo, é uma "incorporação" do discurso do blog ao do leitor, mas também um forma de interlocução entre os coenunciadores.

Outra forma de pensar o ethos foi a atenção a forma como os escreventes faziam uso da linguagem. Ana mostra correção na escritura de seus textos, como se as palavras merecessem o mesmo cuidado que ela direcionava para a aparência. Ou com se sua escrita também fosse sua "aparência"

O recurso ao *ethos* para poder pensar as imagens, o que se mostrou muito rico. Foi possível identificar como o escrevente, ora "presentifica-se" por meio da própria imagem, ora constrói verdadeiros convites à interlocução.

Outro modo de trabalhar o ethos foi positivar a dimensão multimodal deste discurso visual, evidenciando que isto pode ser usado como estratégia eficaz de construção de uma imagem de si e de um mundo que permita a adesão do leitor.

- **A escrita como uma experiência**

Meu problema é o de fazer eu mesmo – e de convidar os outros a fazerem comigo, por meio de um conteúdo histórico determinado – uma experiência daquilo que nós somos, daquilo que não é somente o nosso passado mas também o nosso presente, uma experiência de nossa modernidade de tal maneira que saiamos transformados.

Michel Foucault

Desde a escritura de nossa dissertação de mestrado (LIMA, 2007) um conceito foucaultiano nos chama a atenção, pois permite o ato de se voltar ao próprio processo de escritura de um trabalho acadêmico. Referimo-nos ao que Foucault chamou de *experiência*.

Este trabalho foi para nós uma experimentação em função de trabalharmos com o conceito de ethos, de nos debruçarmos este corpus, da conta de suas especificidades que exigiram quase uma reaprendizagem no modo de analisar. Representou a assunção de um risco, tomar um barco sem saber onde poderíamos encontrar terra firme novamente.

De certa forma, o trabalho de análise é também uma experiência-limite, na medida em que nos deparamos com o desconhecido, em que se mergulha em um discurso familiar (no sentido de que faz parte do dia a dia) e ao mesmo tempo desconhecido (pois não se sabe o que pensar a respeito dele). É uma experiência-limite pois não se tem no momento da partida (por escolha metodológica) a segurança de uma verdade já estabelecida. Analisar representa a experiência limite de deparar-se com o acaso do discurso e a decisão de encará-lo como tal (sem recorrer às reasseguradoras verdades das teorias já prontas). Significa a decisão de encarar, para retomar a fórmula foucaultiana, a temível materialidade do discurso.

Este trabalho representou uma experimentação no sentido de perguntarmo-nos se era possível trabalhar

esse discurso com a AID (e assumir o risco de ao final da jornada ter uma resposta negativa) e como fazê-lo. O que fizemos foi uma aproximação e uma apropriação em relação aos termos do discurso de Dominique Maingueneau e a circunscrição de nosso objetivo como consoante ao objetivo da AID, o implicou estar o tempo estar atento às relações, tal como desenhadas nos discursos tomados em análise, bem como os efeitos de reconhecimento e desconhecimento constitutivos de seu dizer.

Tomar tal corpus como alvo de análise, fazer uso de um conceito como o de ethos, implicou não saber, no início da jornada, se a análise que produzíamos ia poder ser chamada, ao final, de Análise Institucional do Discurso.

Contávamos, porém, com os princípios, com as estratégias conceituais que caracteriza esse recorte metodológico e apostávamos que a exploração de termos mais afeitos à linguística do discurso de Dominique Maingueneau, só poderia trazer de volta para a AID contribuições e novas orientações para a análise. Isto se, rigorosamente nos mantivéssemos nas exigências de fazer aproximações pertinentes e cuidadosas, visto se tratarem de áreas do saber diversas.

Com os pés fincados em um campo conceitual mínimo e o olhar voltado para um horizonte de possíveis produções, seguimos pensando os blogs.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, A.; MONTARDO, S. P.; RECUERO, R. *Blogs: mapeando um objeto*. *Em*: VI Congresso Nacional de História da Mídia – Universidade Federal Fluminense, 2008.
Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/AmaralMontardoRecuero.pdf.> Acesso em: 20/01/2016.

AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Ruth Amossy (org.) São Paulo: Contexto, 2005. 194p.

ANA E MIA SEMPRE! A PERFEIÇÃO DE SER ANA E MIA (2012). Disponível em <http://tauuanaemia.blogspot.com.br/>. Acesso em 01 de junho de 2014.

BIRMAN, J. *Entre o gozo cibernético e a intensidade ainda possível: sobre Denise está chamando, de Hal Salwer*. Em: Estilo e modernidade em psicanálise. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 221-233.

BOGAERT, C.; LEJEUNE, P. *Un journal à soi: histoire de une pratique*. Paris: Les Éditions Textuel, 2003. 215 p.

BLOOD, R. *Weblogs: a history and perspective*. 2000. Disponível em: <http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html>. Acesso em 12/12/2015.

CALLIGARIS, C. *Verdades autobiográficas e diários íntimos*. Estudos Históricos, vol. 11, n. 21. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

CORREA, D. *Estudos sobre Comunicação e Cibercultura no Brasil: Conceitos, Tendências e Clusters*. Razón y Palabra, vol. 11, núm. 53, octubre-noviembre, 2006. Pp. 1-12. Disponível em: <http://www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=199520728005>. Acesso em 12/08/2012.

COSTA, A.C.A. *IRC: uma nova alternativa para as relações entre as pessoas.* Dissertação (Mestrado) – Curso de

Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2011. 698 p.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, M. *Dicionário de análise do discurso* / Patrick Charaudeau, Dominique Maingueneau. 3ª edição., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014. 551 p.

CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. Roger Chartier. Tradução de Fulvia M. L. Morreto. – São Paulo: Editora Unesp, 2002. 145p.

DI LUCCIO, F.; NICOLACI-DA-COSTA, A. M. *Blogs: De Diários Pessoais a Comunidades Virtuais de Escritores/leitores.* PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2010, 30 (1), 132-145.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. José Luiz Fiorin. São Paulo Ed. Ática, 1996.

FOUCAULT, M. (1988) "As técnicas de si" em: FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos, volume IX: Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a. 264-296.

_____. (1982) "O sujeito e o poder" em: FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos, volume IX: Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b. 118-140.

_____. (1983) "A escrita de si" em: FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos, volume V: Ética, Sexualidade, Política*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a. 141-157.

_____. (1975) *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. 40ª.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012b. 291p.

_____. (1988) *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003. 152p.

FOUCAULT, M. (1970) *A ordem do discurso*. 8ª. edição. São Paulo: Edições Loyola, 2002. 79 p.

GUIRADO, M. *A análise institucional do discurso como analítica da subjetividade*. São Paulo: Annablume, 2010. 222p.

_____. *Psicanálise e análise do discurso: matrizes institucionais do sujeito psíquico.* São Paulo: EPU, 2006. 134 p.

_____. *Psicologia institucional*. 2. ed. São Paulo: EPU, 2004b.133 p.

_____. *A clínica psicanalítica na sombra do discurso: Diálogos com aulas de Dominique Maingueneau*. Marlene Guirado. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. 132 p.

HOUAIS, A. *Dicionário eletrônico Houais da língua portuguesa*. Versão 2.0a. Instituto Antônio Houais. Editora Objetiva, 2007.

KANT, I. (1783) *Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento?* Traduzido por Luiz Paulo Rouanet. Disponível em: <http://www.uesb.br/eventos/emkant/texto_II.pdf>. Acesso em: 14/08/2014. 1-9.

KOMESU, F. C. *Entre o público e o privado : um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet*. Tese de doutorado apresentado no Instituto de Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) Campinas, SP, 2005. 269p.

LEJEUNE, P. *"Cher écran...": Journal personnel, ordinateur, Internet*. Paris: Éditons du Seuil, 2000. 444p.

_____. *"Le moi des demoiselles: enquete sur le journal des jeunes filles.* Philippe Lejeune. Paris: Éditons du Seuil,

1993. 454p.

LEMOS, A. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. André Lemos. – 6ª edição – Porto Alegre: Sulina, 2013. 269 p.

_____. *A arte da vida: diários pessoais e webcams na internet*. Em: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, XXV, Salvador/BA, 2002. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/109986911192793762783072499970909167230.pdf.> Acesso em: 20/01/2016. 1-17.

LIMA, M. A. *O paciente e o término da análise no discurso de psicanalistas: uma análise institucional de discurso* / Dissertação de mestrado. Departamento de Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo -- São Paulo, 2007. 230 p.

LÉVY, P. (1990) *As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Pierry Lévy; tradução de Carlos Irineu da Costa. – São Paulo: Ed. 34, 2011. 208 p.

_____. (1997) *Cibercultura*. Pierry Lévy; tradução de Carlos Irineu da Costa. – São Paulo: Ed. 34, 2010. 272 p.

LIMA, N. L.; SANTIAGO, A. L. B. *Do diário íntimo ao blog: o sujeito entre a linearidade e a espacialidade*. Revista Mal-estar e Subjetividade – Fortaleza – Vol. IX – Nº 3 – p. 939-962 – set/2009.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. Dominique Maingueneau; tradução Sírio Possenti. 1ª ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 192 p.

_____. *Análise de textos de comunicação*. Dominique Maingueneau; tradução de Maria Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. - 6ª ed. ampl. – São Paulo: Cortez Editora, 2013a. 304 p.

_____. "Genres de discours et web: existe-t-il des genres web?" em BARATS, C. *Manuel d'analyse du web en Sciences Humaines et Sociales*. Paris: Armand Colins, 2013b. 74-93.

_____. *Gênese dos discursos*. Dominique Maingueneau; tradução Sírio Possenti. - São Paulo: Parábola Editoral, 2008. 184p.

_____. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editoral, 2010.

_____. Sobre o discurso e a análise de discurso. (p. 21-32) Em: GUIRADO, M. *A clínica psicanalítica na sombra do discurso: Diálogos com aulas de Dominique Maingueneau*. Marlene Guirado. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. 132 p.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas, São Paulo: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

_____. Conferência. Discurso, corpo e voz: o ethos como vetor de análise. São Paulo. IP/CAC – Escolar Universidade de São Paulo. Março, 1995. 31 p.

MALINI, F. *Por uma genealogia da blogosfera: considerações históricas (1997 a 2001)*. Lugar Comum Nº23-24, pp.33-47. 2001 Disponível em <http://uninomade.net/wp-content/files_mf/110810121131Por%20uma%20genealogia%20da%20blogosfera%20-%20F%C3%A1bio%20Malini%20.pdf>. Acesso em 20/12/2015.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. Em: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. *Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Luiz Antônio Marchuschi, Antônio Carlos Xavier (orgs.). – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2010. 240 p.

MUNDO DOS DEPRESSIVOS (2009). Disponível em <http://mundodosdepressivos.blogspot.com.br/> Acesso em

02/07/2015.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. *Primeiros contornos de uma nova configuração psíquica*. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 65, p. 71-85, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 30/10/2015.

_____. *Ciberespaço: nova realidade, novos perigos, novas formas de defesa*. Psicologia: ciência e profissão, Brasília, DF, v. 23, n. 2, p. 66-75, 2003.

_____. *Internet: a negatividade do discurso da mídia* versus *a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito?* Estudos de Psicologia, Natal, v. 7, n. 1, p. 25-35, 2002a.

_____. *Quem disse que é proibido ter prazer* online*: identificando o positivo no quadro de mudanças atual*. Psicologia: ciência e profissão, Brasília, DF, v. 22, n. 2, p. 12-21, 2002b.

_____. *Na malha da rede: os impactos íntimos da internet*. Ana Maria Nicolaci-da-Costa. Rio de Janeiro: Campus, 1998. 284 p.

PRANGE, A. L. *Da literatura aos blogs : uma passeio pelo território da escrita de si.* Ana Paula Lobão Prange; dissertação de mestrado. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Psicologia, 2003. 129 p.

PRIMO, A. *Blogs e seus gêneros: avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa*. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, XXXI, Natal, 2008. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/50_blogs.pdf.> Acesso em: 20/06/2013.

_____. *Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera*. Revista FAMECOS, Porto Alegre, número 36, 2008. Disponível em <www.ufrgs.br/limc/PDFs/revista_famecos.pdf>. Acesso em 20/07/2015.

OLIVEIRA, R.M.C. *De onda em onda: a evolução dos ciberdiários e a simplificação das interfaces*. Faculdade Integrada da Bahia, 2003. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-De-onda-onda.pdf>. Acesso em 10/12/2015. 12p.

_____. *Diários públicos, mundos privados: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade*. Dissertação (Mestrado) em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação. Bahia: /s.n./ 2002

REVEL, J. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. – São Carlos: Claraluz, 2005. 96 p.

ROMÃO-DIAS, D. *Nossa plural realidade: um estudo sobre a subjetividade na era da internet*. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

SCHITTINE, D. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. 235 p.

SIBILIA, P. *Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica*. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB6.PDF>. Acesso em 10/11/2015

SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.

TAVERNARI, M. *Blogs íntimos: gêneros emergentes no meio digital*. Revista Fronteira – Estudos midiáticos. Unisinos. 15(1): 43-52 janeiro/abril, 2013.

XAVIER, A.C. Leitura, texto e hipertexto. Pp. 207-220. Em: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. *Hipertextos e*

gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. Luiz Antônio Marchuschi, Antônio Carlos Xavier (orgs.). – 3 ed. – São Paulo: Cortez, 2010. 240 p.